19/9/17

John Carter Brown
Library
Brown University

D·JOSÉ ENDRES

Boston Library, Vol. I 1760
17.35

The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

Do Vzo

Do P.e P.e G.al Fr. Joãs dos Reys

VIRIDARIO EUANGELICO,

EM QUE AS FLORES DA VIRTUDE
se illuſtraõ com diſcurſos Moraes, e os frutos da Santidade ſe exornaõ com Panegyricos em varios Sermõer.

PARTE II.

DEDICADA, E OFFERECIDA'
AO REVERENDISSIMO PADRE

Fr. MANOEL DOS SARAFINS,

Meſtre Jubilado na Sagrada Theologia, e nella Doutor pela Univerſidade de Coimbra: D. Abbade do Real Moſteyro de S. Martinho de Tibaens: Geral da Ordem de S. Bento no Reyno de Portugal, e Principado do Brazil: Senhor Donatorio dos Coutos de Tibaens, Mendo, e Eſtella.

POR SEU AUTHOR
Fr. MATTHEUS DA ENCARNAÇAM PINNA;
Monge de S. Bento do Braſil, Jubilado em Theologia, e D. Abbade do Moſteiro do Rio de Janeiro.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de Pedro Ferreira Impreſſor da Auguſtiſſima Rainha N.S.

Anno M. DCCXXXV.
Com todas as licenças neceſſarias.

RBCB

AO REVERENDISSIMO PADRE.

Fr. MANOEL DOS SARAFINS,

Meſtre Jubilado na Sagrada Theologia, e nella Doutor pela Univerſidade de Coimbra: D. Abbade do Real Moſteyro de S. Martinho de Tibaens: Geral da Ordem de S. Bento no Reyno de Portugal, e Principado do Brazil: Senhor Donatorio dos Coutos de Tibaens, Mendo, e Eſtella.

NOSSO REVERENDISSIMO PADRE.

PARECE *offerta, e he divida, a que neſte volume dedico a V. Reverendiſſima; porque ſe bem he offerecido por deliberaçaõ voluntaria, quer eſta naõ ſer excluza da ſugeyçaõ, que a V. Reverendiſſima devemos, ſem excepçaõ de materia;*

para o exercicio della. Quem goſta de obedecer, para os actos mais livres ſe conſidera menos izento: e faz V. Reverendiſſima tam goſtoza a obediencia em ſeus ſubditos, que dezejaõ todos multiplicar actos della, para ſacrificios da liberdade.

Naſce eſta coacçaõ voluntaria daquellas atractivas virtudes, que naõ cabendo em menor eſfera, elevàraõ a V. Reverendiſſima ao ſupremo lugar de noſſa Religiaõ, para gloria da dignidade, que a V. Reverendiſſima ſervio de premio, como em ſemelhante occurrencia dice o Grande Nazianzeno: Poteſtatem, tanquam virtutis præmium adeptus es, ut & ipſa redderetur glorioſior.

Comparada com V. Reverendiſſima a Prelazia, que tam dignamente occupa, bem pode contraverter-ſe: qual dos extremos foy o premiado? Porque tam relevantes foraõ em V. Reverendiſſima os merecimentos, para a eleyçaõ, que com elles fez premiada a meſma dignidade, que recebeu. Se bem, que a eſta ſerà V. Reverendiſſima ſempre devedor, de que collocado em mais alto cume, teve occaſiaõ, para oſtentar mais aquella erudiçaõ, com que nos acreditou muitas vezes na Univerſidade de Coimbra: e naõ menos, para que mais foſſe admirado aquelle exemplar dictame, com que V. Reverendiſſima era direcçaõ viva de noſſa profiſſaõ, ſendo D. Abbade do Moſteyro de Lisboa: onde me levou a Providencia, para aprender o que profeſſey; ainda que ſaiſſe com a culpa, de ſer o diſcipulo, que ſe aproveytou menos da doutrina, e exemplo de V. Reverendiſſima.

Com

Com tudo, naõ perco a esperança de aproveitar agora, o que entaõ perdi; porque ainda em Regiaõ tam remota, chegaõ com muyta efficacia as direcçoens de V. Reverendissima, que Deos nos guarde, como lhe pede toda a nossa Religiaõ. Mosteiro de Monserrate da Ordem de S. Bento do Rio de Janeyro, em 9. de Dezembro de 1732.

de V. Reverendissima

Subdito

Fr. Matheus da Encarnaçaõ Pinna.

LICENÇAS.

Da Ordem.

OS Muito Reverendos Padres Meſtres DD. Fr. Manoel da Aſcençaõ, Conventual no noſſo Moſteiro de S. Bento da Saude: e Fr. Jozè de JESU MARIA, Regente do Collegio de noſſa Senhora da Eſtrella, vejaõ o livro de que neſta ſe faz mençaõ, e ſendo por ambos approvado, damos licença para que poſſa imprimirſe. Tibaens 12. de Julho de 1733.

O Doutor Fr. Manoel dos Sarafins, D. Abbade Geral da Ordem de S. Bento.

Approvaçaõ do M. R. P. M. D. Fr. Manoel da Aſcençaõ, Conventual no Moſteiro de S. Bento da Saude.

NOSSO REVERENDISSIMO PADRE.

COm particular attençaõ, e ſummo goſto, vi com admiraçaõ os famozos, e fermoziſſimos frutos que do ſeu ameno, e fertiliſſimo Viridario, offerece a V.

Reverendiſſima; e por meyo da imprenſſa, quer fazer a todos manifeſtos o M. R. P. M. Jubillado, e Doutor Fr. Mattheus da Encarnaçaõ Pinna, Provincial actual da Provincia do Brazil. Vem-ſe certamente os fructos da Santidade, com ſoberanos panegyricos exornados; admiraõ-ſe as flores da virtude com diſcurſos moraes, grandemente illuſtradas, tudo bem fundado na doutrina dos SS. PP. de quem ſe preza taõ affeiçoado diſcipulo, ſendo em ſi taõ grande Meſtre; elogio ſingular de ſua Religioſa modeſtia, e piedoza doutrina, com que mais realçaõ as ricas prendas de ſeu caudaloſo engenho, de ſua profunda ſciencia, e exquizita erudiçaõ: mas que muito que aſſim ſeja, ſe he hum ſingular compoſto de todo o genero de virtudes, e de letras, aſſim pode ſer reprezentado naquella fermoza, e fertiliſſima arvore, regada das criſtalinas correntes de hum caudalozo rio, ſempre copada de folhas, ornada de flores, e enrequicida de frutos, de que fala David no Pſalm. 1. e Jeremias no cap. 7. ambos uzando dos meſmos termos, e palavras entendendo-as de hum varaõ perfeito em letras, e virtudes. *Et erit tanquam lignum quod plantatum eſt ſecus decurſſus aquarum, quod fructum ſuum dabit in tempore ſuo, & folium ejus non defluet, & omnia quæcumque faciet proſperabuntur.* Mayores excellencias, e origem mais ſuperior de ſua fecundidade, ſe diviza no M. R. P. M. Provincial, pois naõ ſó he arvore plantada, e regada pelas criſtalinas aguas de rio ſem nome, mas naſcido o natural do rio de mayor nome famozo, e bem conhecido mais pelos

grandes

grandes engenhos que fecundou, do que pelo muito, e melhor ouro, e preciozas, e finas pedras que produz; pois em comparaçaõ da ſabedoria, tudo he como hum graõzinho de area : *Venit in me ſpiritus ſapientiæ*, (diſſe o mais ſabio *ſapientiæ* 7.) *& divitias nihil eſſe duxi in comparatione illius, nec comparavi illi omnem lapidem pretioſum quoniam omne aurum in comparatione illius arena eſt exigua.* Aſſim fica glorioſamente excedendo ao rio Phiſon, ſe naõ he o meſmo, ſegundo os finaes que dà o Sagrado Hiſtoriador Geneſ. 2. *Fluvius egrediebatur de loco voluptati s nomen uni Phiſon ipſe eſt qui circuit omnem terram Hevilath ubi naſcitur aurum, & aurum terræ illius optimum eſt ibi invenitur bdellium & lapis Onychinus.*

Outro principio, e origem donde mais claramente ſe vê, que dimana a fertilidade do fecundiſſimo Viridario do M. R. A. ſe deſcobre na admiravel Viſaõ de Ezequiel Cap. 47. Vio o Profeta hum ameniſſimo Viridario ſempre veſtido de folhas, ornado de flores, e carregado de frutos, os quaes ſerviaõ de delicioſa comida dos que os goſtavaõ, e as folhas eraõ naõ ſó remedio de todas as queyxas, mas a meſma medicina: *Super torrentem orietur in ripis ejus ex utràque parte fluminis omne lignum pomiferum non deſtuet folium ex eo, & non deficiet fructus ejus per ſingulos menſes afferet primitiæ quia aquæ ejus de Sanctuario egredientur, & erunt fructus ejus in cibum, & folia ejus ad medicinam.* Naõ cuſtarà muito acommodar eſta Viſaõ com o Viridario do M.

R.

R. A. dando para todos em todos os tempos frutos mais fazonados, e perfeitos, fervindo qualquer das fuas folhas de medicina de mortaes queixas: mas que muyto fe as fecundas aguas que a fertelizaõ dimanaõ do Santuario, iſto he da Religiaõ, que guarda, e profeſſa, da qual dimanàraõ as Univerſidades mais famozas, que illuſtraõ o Univerſo, e mais celebres, que os Liceos, Muſeos, e Athenas, que tanto celebràraõ as antiguidades.

Mas nem da fertilidade do rio, donde o M. R. A. he natural, nem da fecundidade do Santuario da Religiaõ de que he filho, e juntamente pay, mas donde todo o bom procede, e toda a perfeiçaõ dimana, he a que fecundou, e fertilizou tanto eſte Viridario, como diz o Apoſtolo Santiago: *Primò omne datum optimum, & omne domum perfectum de ſurſum eſt deſcendens à Patre luminum*, o que em tudo he bom, e cabalmente perfeito do Ceo he originado do Pay das luzes, daqui procedem conceytos naõ vulgares, diſcurſos taõ elegantes, Sermões com taõ perfeita diſpoſiçaõ ordenados, tudo proprio, e natural do ſeu grande engenho, e muita erudicçaõ, aſſim tudo conforme a fé mais pura, e aos coſtumes mais louvaveis; tudo digno de imprimir para mayor gloria de Deos, e honra de noſſa Religiaõ eſte meu parecer. Saõ Bento da Saude 28. de Agoſto de 1733.

O M. Fr. Manoel da Aſcençaõ.

Appro-

Approvaçaõ do M. R. P. M. D Fr. Jozè de Jeſu Maria, Regente do Collegio de noſſa Senhora da Eſtrella.

NOSSO REVERENDISSIMO PADRE.

VOſſa Reverendiſſima me mandou reviſſe eſte livro de Sermões, que pertende dar ao prelo o Reverendo Padre Meſtre Jubilado Fr. Matheus da Encarnaçaõ Pinna, Provincial actual na Provincia do Brazil, e achando eu difficil a empreza, por ter lido em Santo Thomàs, que as cenſuras entre os Romanos, eraõ mais proprias aos anciaõs, do que aos modernos: *Cenſores apud Romanos veteres erant, quæ apud modernos, eſt dignitas initialis*, me reſolvi a pôr em execuçaõ eſte acto de obediencia, pondo os olhos no Cap. 68. da noſſa Santa Regra donde meu Padre Saõ Bento, manda que os ſubditos obedeçaõ ao ſeu Prelado, ainda que ſe lhe mandem couſas arduas, e difficultoſas: *Si cui fratri aliqua forte gravia, aut impoſſibilia injunguntur, ſuſcipiat quidem jubentis imperium, cum omni manſuetudini, & obedientia*, e principiando a ler com a tençaõ, continuey com goſto, e acabey ſatisfeito, ajuizando, que a remeſſa deſta empreza, foy mais favor, para q̃ eu dela aprendeſſe, do que neceſſidade do meu juizo para que approvaſſe, como diſſe Seneca em occaſiaõ ſemelhante

Div. Thom. Aquin. lib. 4. opuſc. 2. cap. 16.

Senec. Ep. 45. lhante: *Indulgentiæ ſcio iſtud eſſe, non juditij.*

E tambem me perſuadi poderia ſaír a luz a dita obra, ſem alguma cenſura (ſe fora permitido) tendo no principio eſtampado o nome do ſeu Author, porque ſó os nomes de alguns Authores, como diz Plinio, ſaõ muitas vezes ſufficientes para autorizarem ſuas obras: *Omnia dixi cum virum dixi*, e fazendo-ſe o deſte livro já conhecido por outros que compoz, os quaes ſem exageralos a lingoa, eſtaõ publicando, o grande talento do ſeu Author como diſſe S. Cypriano: *Habent enim opera ſuam linguam, habent ſuam facundiam etiam tacente lingua legentis*, naõ ſeria facil, achar-ſe em eſtes treze Sermoens, couſa que ſe pudeſſe notar, antes ſim muito que louvar, como diſſe Abſalam de outros que ouvio; *Videntur mihi ſermones tui boni, & juſti.*

Plin. lib. 1. Epiſt. 4.

2. Reg. cap. 15.

E difficultozamente podèra eu topar erro algum, que encontraſſe a noſſa Santa Fé, porque tendo o Author deſtes Sermoens, acrizolado os quilates da meſma Fé, em o tratado que compoz em defeza das propoſiçoens, que juſtamente condenou, o Santiſſimo Padre Clemente XI. ſeria mais arduo tropeçar em algum erro, tendo exercitado tantos actos meritorios em os impugnar, com os quais ſe pòde crer, faria mais intenſo o habito infuzo da Fé que profeſſa, para naõ cair nos erros que a impugnam.

Nem

Nem contra os bons costumes se poderia apartar, sendo o fim principal dos seus Sermoens, conciliar virtudes, com exemplos dos Santos de que ora; e desterrar vicios com as solidas doutrinas, que nas sinco tardes explana, atrahindo os animos dos que as principiaõ a ler, com as flores da eloquencia com que as adorna, a qual adequedamente inculca, no apropriado nome que dà ao seu livro, chamandolhe Viridario, para que este desse a conhecer a proprietade do seu elegante estilo de que via como dice Santo Izidoro: *Nomen dictum est, quasi notamen, quod nobis vocabulo suo res notas facit*, e tambem para se fazerem appeteciveis as medecinas doutrinais, as disfarçou prudentemente, em preciosas flores de subidos conceitos, imitando na ordem da graça a da natureza, de que jà uzou Plinio, quando disfarçou a amargura das medicinas com flores preciozas, para desterrar o fastio dos que as procuràvam: *Pinxit remedia in floribus, visuque ipso animos invitavit;* e assim me pareste esta obra digna de se imprimir, porque nella naõ acho cousa digna de nota, nem ponto, e virgula dignos de censura, affirmando della o que Plinio dice de outra: *In quibus censoriæ virgulæ nihil, laudis, & admirationis multa digna reperi.* Este o meu parecer. Estrella 20. de Outubro de 1733.

Div. Izid. lib. 1. etimolog. c. 7.

Plin. lib. 22. cap. 6.

Plin. junior.

O M. Fr. Jozè de Jesu Maria.

DO

Approvaçaõ do M. R. P. M. Dom Antonio Caet a nò de Souſa, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR:

VI o livro *Viridario Euangelico*, ſegunda parte dos Sermoens Panegiricos, e Moraes que prégou o R. P. Doutor Fr. Matheus da Encarnaçaõ Pinna, D. Abbade Provincial em a Provincia do Brazil, do Principe dos Patriarcas S. Bento. Nos diverſos aſſumptos que comprehende eſte livro, moſtra ſeu Author erudita liçaõ, na intiligencia da Sagrada Eſcritura, e Santos Padres, com que formalizando os ſubtiliſſimos penſamentos da ſua idèa, expoem as materias com tanta energia que comclue como Douto: e como tal naõ contèm eſte livro couſa alguma contra a noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes; eſte he o meu parecer. Lisboa Occidental na Caſa de noſſa Senhora da Divina Providencia 28. de Março de 1734.

D. Antonio Caetano de Souza.

VIſtas a informaçoens, pòde-ſe imprimir o livro intitulado *Viridario Euangelico*, de que he Author o P. Doutor Fr. Matheus da Encarnaçaõ Pinna, e depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 30. de Março de 1734.

Fr. R. Alamcaſtre. Teixeira. Silva, Cabedo. Soares.

DO

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Manoel de Santo Thomàs, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR:

POr mandado de Voſſa Eminencia, vi eſta ſegunda parte do *Viridario Euangelico*, de que he Author o M. R. P. M. Doutor Fr. Matheus da Encarnaçaõ Pinna, Jubilado em a Sagrada Theologia, e D. Abbade Provincial em a Provincia do Brazil, filho do Principe dos Patriarcas, e naõ notey nella couſa algũa repugnante à noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes, antes em todos eſtes treze Sermões, li, e achei altas ponderaçoens diſcorridas com penſamentos ſutis, Eſcrituras, Theologias, e authoridades ſolidas, e ultimamente flores, e frutos, quaes ſaõ as verdadeyras doutrinas, que em ſi inclue, mui proprias, e importantes para a boa reforma das vidas, pureza das conciencias, e converſaõ das Almas; motivos, porque ſe fazem dignos do Prelo, e merecedores de todo o aplauſo. Eſte he o meu parecer. Voſſa Eminencia mandarà o que for ſervido. S. Franciſco da Cidade de Lisboa Occidental 5. de Março de 1733.

Fr. Manoel de Santo Thomàs.

Appro-

DO ORDINARIO.

PODE-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 24. de Mayo de 1734.

Gouvea.

DO PAÇO.

Approvaõ do M.R.P. M. Doutor Fr. Jozè Pereyra de Santa Anna do Monte do Carmo, &c.

SENHOR:

SE os preceitos de Vossa Magestade naõ houvessem de ser taõ exactamente obedecidos, naõ me seria precizo ver, para crer o que vim a alcançar desta segunda parte do *Viridario* do P. M. Fr. Matheus da Encarnaçaõ Pinna, D. Abbade Provincial da Provincia do Patriarca S. Bento no Brazil, sugeito de taõ clara como glorioſa fama. Porque he tal o conceito, que de tempos muy distantes tenho feito das suas doutrinas, que agora me bastava ver nestes escritos o seu nome, para entender

que

que falava em tudo ajuſtado às Leys do Reyno. Confeſſo, que ſou do ſeu grande talento, naõ ſó fiel teſtemunha (por havermos ambos naſcido, e frequentado as Aulas, na meſma Patria) mas tambem declarado pregoeyro: e ſe podeſſe appropriar a mim as juriſdicçoens da Fama, ou uzar, para melhor explicarme, do ſeu clarim; diſcorrèra infatigavelmente pelo Univerſo, e em todo elle publicàra o que naõ ceſſo de referir, atè onde póde eſtender-ſe o ecco da minha voz. Mas poſto que para aſſumpto dos meus clamores baſtavaõ as ſolidas doutrinas eſpeculativas, que antiguamente lhe ouvi enſinar, às Dogmaticas, que de preſente vejo impreſſas; comtudo as Práticas, e Aſcéticas que agora leyo, me adminiſtraõ nova matèria para a exaggeraçaõ da ſua ſciencia; ſem que fique por encarecida, menos acreditada, porque naõ ſaõ incompativeis a ſeria exaggeraçaõ com a verdade. Julgo pois, Senhor, ſer eſta obra mui digna de eſtamparſe; porque em toda ella naõ ha couza, que encontre o Real ſerviço de Voſſa Mageſtade. Eſte he o meu parecer Voſſa Mageſtade mandarà o que for ſervido. Convento Real de de N. Senhora do Carmo de Lisboa Occidental 12. de Junho de 1234.

O Doutor Fr. Jozé Pereira de Santa Anna.

QUe se possa inprimir, vistas alicenças do S. Officio e Ordinario, e depois de impresso tornarà à Meza para se conferir, e tayxar, e sem isso naõ correrà. Lisboa Occidental 21. de Junho de 1734.

Pereira. Teixeira. Rego.

VIsto estar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 31. de Março de 1735.

Fr.R. Lancastre. Teixeira. Soares. Abreu.

VIsto estar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 31. de Março de 1735.

Gouvea.

QUe possa correr, e taixaõ este livro em 400. reis em papel. Lisboa Occidental 2. de Abril de 1735.

Pereira. Teixeira.

ERRATAS.

Que se acharão no primeiro tomo, e neste vão corregidas, por serem notadas depois que o primeiro corria.

SERMAM. I.

ERR.	*CORR.*
Num. 10. em que se abre	em que se abraza.
num. 12. pretendia	pertendia
num. 13. Salomaõ	Salamaõ
num. 31. Para o amor, he deffeito	Para o amor he deffeito;
num. 32. enfirmidades	enfermidades
num. 41. e na verdade	em verdade.
num. 52. de deixar os homens pelo Padre	de naõ deixar os homens pelo Padre
num. 65. que sendo constarà	constarà, que sendo
num. 67. atè a morte por obediencia	atè a morte
num. 80. o Espirito Santo falla na processaõ do Espirito Santo.	o Espirito Santo falla na processaõ do Verbo, e Christo falla na processaõ do Espirito Santo.
num. 111. se contiua	se continua

SERMAM II.

Num. 9. e eu	eu
num. 23. aos mais, porque os amava mais foy precizo manifestar-se.	aos mais porque os amava menos, pode occultarse; a Benjamin, porque o amava mais, foy precizo manifestar-se.
num. 68. *Sponsorum justorum*	*Spirita omnium justorum.*

SERMAM III.

Num. 5. Dezamparo	Dezemparo.
num. 9. se põe	se põem
num. 13. a oppoziçaõ, que tanto pode	a oppoziçaõ, que lhe faz a ignorancia que tanto pode.
num. 13. outra da siencia. Oh sabedoria	outra da siencia. E onde vos parece, que se poria a morte? Na arvore da siencia. Oh sabedoria, &c.
num. 14. Salomaõ	Salamaõ
num. 19. homem dou o	homem douto.

ERR	CORR.
num. 25. que applaudio	-- que o applaudio
num. 26. que brotou	-- que botou
num. 49. ſe enterneceſſemos	-- ſe enterneceſſem

SERMAM IV.

Num 19. bodas	-- vodas.
num. 21. menza	-- meza
num. 23. *poſſe*	-- *noſſe*
num. 25. pretendia	-- pertendia.
num. 43. pretenções	-- pertençoens.

SERMAM V.

Num. 5. Naõ reſpondem	-- Naõ. Reſpondem
num. 8. A neceſſidade naquelle	-- A neceſſidade naquelles.
num. 9. dar ao rico	-- dar aos ricos
num 9 o dar à hum	-- o dar à huns
num. 22. terribel	-- terrivel
num. 26. bodas	-- vodas
num. 45. *cumque*	-- *cumque*
num. 48. mais aceita	-- muy aceita

SERMAM VI.

Num. 11. Inſine	-- Inſigne
num 19. para que eſtas	-- para que eſtes
num 52. como o de Elias	-- como o de Elias.

SERMAM VII.

Num. 34. Aſſinados com a gloria	-- aſſinalados com a glorioza
num 36. Por Izaias ſeu	-- Por Izaias ſey.
num. 42. eſtrovaõ	-- eſtorvaõ

SERMAM VIII.

Num. 17. ficàra, ſó era	-- ficara ſó, era
item num. 19.	--
num. 19. que o ouviſſem.	-- que o ouviſſem ?
num. 25. ſe deſcobrio	-- ſe deſcobriraõ.
num. 28. *Dum noſter*	-- *Dux noſter.*
num. 31. mas devem	-- mais devem
num. 38. chegavalhe jà	-- chegavalhe jà
num. 47. nem hũa nem outra	-- nem hũa outra
num. 48. porque ſuppoſto	-- porque ſuppoſta

SERMAM IX.

Num. 3. communicar	-- comminar.

ERR.	CORR.
num.24 Christo Redemptor nos-	-- quando Christo Redemptor nes-
so resgatou o homem padecen-	-- so resgatou o homem padecen-
do a morte. Obrou como ho-	-- do a morte, obrou como ho-
mem passivel.	-- mem passivel.
num.34.na vida ou na morte	-- na vida,ou na morte.

SERMAM X.

Num. 16. se tanto á desfazer	-- se tanto chegou á desfazer;
num.21. *Angelorum peccato*	-- *Angelorum peccatum.*
num.36. sentando-se	-- assentando-se

SERMAM XI.

Num. 9. damnos	-- dannos.
num. 26. Thyreza	-- Thyrezis;
num. 50. e he sem duvida	-- e a razaõ he sem duvida;

SERMAM XII.

Num. 1. jurisdicçaõ	-- jurdiçaõ.
num.35.dezemparado do Padre,	-- dezemparado do Padre, já o
já o intitulava Pay	-- naõ intitulava Pay.
num. 35. dezampara	-- dezempara.
num.45.aquelle sempre se move	-- aquella sempre se move;

SERMAM XIII.

Num.47.que inaõ	-- que naõ.
num. 53. Pelo que naõ sem mi-	-- Posto que naõ sem milagre.
lagre	--
num. 59. *in sua Conceptionis*	-- *in sua Conceptionis.*
num.70. tanta graça na Con-	-- tanta graça na Conceiçaõ. Como
ceiçaõ, como na Encarnaçaõ;	-- na Encarnaçaõ.
num. 72. *quia nunc erit*	-- *quia nunquam erit;*

TABOA

TABOA
DOS SERMOENS,

Que ſe contèm neſta ſegunda parte.

SERMAM I. do Principe dos Patriarcas S. Bento.

SERMAM II. do meſmo Santiſſimo Patriarca.

SERMAM III. da Trasladaçaõ de ſuas ſagradas Reliquias.

SERMAM IV. da Glorioſa S. Anna.

SERMAM V. na Sexta feyra de Lazaro.

SERMAM VI. da Conceyçaõ da Máy de Deos.

SERMAM VII. do Archanjo S. Miguel.

SERMAM VIII. na tarde da Primeyra Dominga da Quareſma.

SERMAM IX. na tarde da Segunda Dominga.

SER-

SERMAM X. na tarde da Terceyra Dominga.
SERMAM XI. na tarde da Quarta Dominga.
SERMAM XII. na tarde da Quinta Dominga.
SERMAM XIII. da Soledade da Virgem N. S.

SER-

SERMAM I.
DO PRINCIPE DOS PATRIARCAS, e Pay do Estado Monastico, S. BENTO
No seu Mosteiro do Rio de Janeyro.
Anno de 1730.

Centuplum accipiet. Matth. 19.

§. I.

1 HUM memorial de Saõ Pedro, e hum despacho de Christo, he toda a materia do Evangelho prezente. A conveniencia, attendida no memorial, naõ mostra ser de hum Apostolo; a grandeza do despacho bem mostra que era de Christo. Tudo deyxàmos (dizia Saõ Pedro) para vos seguir: *Reliquimus omnia, & secuti sumus te*; e qual serà o premio daquella resoluçaõ, com que deyxàmos tudo, e deste amor, com que vos seguimos: *Quid ergo erit nobis?* No deyxar, e no seguir via-se o merecimento de Apostolo; mas no requerimento do premio faltava a perfeyçaõ de Discipulo; porque na escola Matth. 19. v. 27.

da Chriſto ſe enſinava, eſtimar por nada o mayor ſerviço, e avaliar em menos o mais importante merecimento: *Cùm feceritis omnia, quæ præcepta ſunt vobis, dicite Servi inutiles ſumus.*

Luc. 17. v. 10.

2 Deſpachou Chriſto o memorial, moſtrando no premio, que era Deos; porque a Saõ Pedro, e aos mais Apoſtolos prometteo thronos de Mageſtade: *Cùm ſederit filius hominis in ſede majeſtatis ſuæ, ſedebitis & vos*; e a todos os que o imitaſſem no deyxar, e no ſeguir, aſſegurou cento em dobro de premios neſta vida, e a bemaventurança na outra: *Et omnis qui reliquerit, centuplum accipiet, & vitam æternam poſſidebit.* Querendo porèm Deos (ao que parece) dezempenhar depois aquella menos politica de Saõ Pedro, para gloria da Divindade mandou ao Mundo hum aſſombro do deyxar, e huma admiraçaõ do ſeguir, meo Glorioziſſimo Patriarca Saõ Bento, heroyco no deyxar, e incomparavel no ſeguir.

3 Foy heroyco Saõ Bento no deyxar; porque foy o Santo, que para ſeguir a Chriſto deyxou mais que todos. Deyxou o Principado, e ſenhorio de Nurcia, e os Eſtados de Monferrat: deyxou a ſempre reſpeytada grandeza da caza Anicia, que às Reaes igualava na riqueza, como eſcrevem Arnoldo, e Caſſiodoro, excedendo-as na pompa, e na Mageſtade, como teſtifica Adrevaldo. Deyxou o Senado, e o Conſulado, que Roma coſtumava offerecer à caza Anicia como divida, e ella o recebia como tributo. Deyxou naõ ſò a pertençaõ ao Romano Imperio, mas tambem o direyto, que a elle tinha, como obſervou o famozo Chroniſta Robles.

Arnol. Caſſiod. apud Erhard. lib. 1. par. 1. c. 3.

Adrev. lib. 1. c. 1. de mir. S. Ben.

Rob. in Epit. vit. S. Bened.

4 No ſeguir foy Saõ Bento raro, e incomparavel; porque tam exactamente ſeguio a Chriſto na vida,

vida, nas acçoens, nas virtudes, e nos milagres tambem, que chegou ser huma aperfeytissima imagem do mesmo Christo; concorrendo a natureza, cooperando a diligencia, e empenhando-se a graça para a uniformidade entre o exemplar, e a imagem: *Natura, industria, & gratia vise sunt opes suas certatim contulisse, ut absoluta Christi effigies in Benedicto formaretur*: diz Erhardo. Erhard. in vit. S. Bened. prope finem.

5 Mas naõ está declarado ainda o fino deste deyxar, e o fino deste seguir. Sabeis em que consistio? Em deyxar, e seguir, como Bento, e naõ como Pedro. Naõ abato a Saõ Pedro, para exaltar a Saõ Bento. Attendo para o merecimento de cada hum, e vejo que Saõ Pedro deyxou, e seguio pelo interesse do premio: *Quid ergo erit nobis?* Saõ Bento porèm deyxou, e seguîo julgando-se indigno de merecer, e muyto mais indigno de pretender.

6 Por hum Anjo intimou Deos a Saõ Bento, lhe declarasse os premios, que por seos merecimentos esperava, porque attendendo a grandeza destes, determinava deferir-lhe, como pedisse. Ouvida tamanha expressaõ da benevolencia Divina, ficou Saõ Bento confuzo, atè que respondendo por elle a sua propria humildade, disse que tantas eraõ as mercès jà recebidas de Deos, que incitando-o para mais servir, o impossibilitavaõ para merecer mais. Oh quanto vay da petiçaõ de Saõ Pedro à reposta de Saõ Bento! Saõ Pedro requeria premios; porque naquelle tempo naõ tinha chegado ainda ao cume da perfeyçaõ evangelica. Saõ Bento recuzava novas mercès; porque nunca teve imperfeyçoens na virtude. De repente principiou logo por hum grão muy alto de Santidade: *Contingit quandoque quod unus homo* Argais Soled. y el campo C. 16 n. 3. ann. 518. D. Thomas: Quod lib 5. q. 9. a 5.

repente incipit ab altiori gradu ſanctitatis, quàm ſit ſummum, ad quod pertingit perfectio alterius hominis, ut patet de Beato Benedicto: diz o Doutor Angelico.

7 Parece que com Saõ Bento dezempenhou Chriſto grandiozamente a ſua promeſſa. Premio cem vezes dobrado promette o liberaliſſimo Rey: *Centuplum accipiet*; e a Saõ Bento offerecéo ainda mais; porque em ſua eſcolha poz quanto póde caber no immenſo dezejo do coraçaõ humano, e quanto ſe póde eſperar da Omnipotencia Divina. Porèm eu diſcorro, que ainda naõ eſtà dezempenhada a promeſſa do Evangelho; porque nella, naõ ſò diz Chriſto que de ſua parte darà; mas aſſegûra iambem, que da noſſa parte ſe receberà cento em dobro: *Centuplum accipiet*; e naõ ſe dezempenha a grandeza da promeſſa, quando na execuçaõ ſe limita? Em que pois moſtrarîa Chriſto ſatisfeyta a ſua promeſſa, e premiados os merecimentos de Saõ Bento.

8 Temos bem manifeſta a repoſta, na meſma que dèo Saõ Bento. Naõ ſe atreveo meo Patriarca Santiſſimo a pedir novas mercès, quando Deos lhas offerecia talhadas pelo ſeo goſto; porque julgava, excederem muyto ao ſeo merecimento, as que tinha jà recebido. Prometteo Chriſto premio cem vezes dobrado a quem para o ſeguir deyxaſſe o que poſſuhia: *Centuplum accipiet*: deyxou Saõ Bento, ſeguio; e da ſua confiſſaõ conſtava ter recebido jà de Deos; muyto mais do que havia merecido; logo tinha recebido mais de cem vezes em dobro. Reſta-nos porèm averiguar, que eſpeciaes mercès, e premios ſeriaõ os que no conceyto de meo Patriarca Santiſſimo excediaõ a todo o ſeo merecimento. Rezervemos eſte empenho, e eſta materia para o diſcurſo,

e im-

e imploremos a auxilio da graça, para o acerto, e dezempenho.

AVE MARIA.

§. II.

Centùplum accipiet.

9 TAntas, e tam raramente grandes foraõ as mercès, em que a Divina maõ se abrio, para exaltar, e encher a meo Santissimo Patriarca, que se naõ pode distinguir particular alguma, que se repùte, como especial premio de seos nunca depois igualados merecimentos. Aquella graça tam copioza, que prevenio a Saõ Bento, para que em sessenta e tres annos de sua vida, naõ perdesse a graça com que nacèo: o alimentar-se aos peytos da Mãy de Deos, na perda da propria mãy, que como flor desmayou, tanto que nos dèo o fructo: o ver a Divina essencia nesta vida, e outros iguaes privilegios, com que Deos honrou ao Principe dos Patriarcas, estaõ competindo hoje entre si, por ver qual haja de preceder, para se reputar como premio de merecimentos tam grandes. Nos mais Santos se empenham os merecimentos a subir, para se lhes dever o premio; em meu Patriarca Santissimo contendem os premios, dezejando cada hum delles ser a remuneraçaõ do muyto, que Saõ Bento chegou a merecer: sendo credito para o mesmo premio, haver correspondido a merecimentos tam grandes, que sò podem ser igualados pelo seu premio.

10 Vendo-me eu indecizo em tanta copia de premios, que mais offerecem materia para admiraçaõ, que para escolha, fiey o acerto da rezoluçaõ alheya, e descobri, que os grandiozos premios

com que Deos se anticipou a remunerar os merecimentos de meo Patriarca, todos se recopilàraõ, e comprehendèraõ na graça, com que no ventre foy santificado da culpa contrahida com a natureza. Como a graça he huma perfeyta amizade com Deos, e participaçaõ da natureza Divina, sempre comsigo leva ineffaveis prerogativas, e especiaes favores para os justificados: e como em Saõ Bento a graça se anticipou a santificallo no ventre; porisso julgava, que jà fora premiado antes de merecer: *Præmium, quia ab utero sanctificatus*, diz o Villarroel.

Villar. tom. 1. in Syiva Evang. Fest. 5. Ben. n. 1.

11 Em todos anda o premio desta primeyra graça anticipado ao merecimento; mas em Saõ Bento, ainda se anticipou muyto mais. (Tratemos por hora só da graça, e depois se iraõ manifestando os mais favores, que com ella recèbeo Saõ Bento.) Na ordem commua da graça, o nacimento precede à santificaçaõ: primeyro nos recebe o mundo com o contagio da culpa, doque nòs recebamos a graça na regeneraçaõ do Bautismo. Antes apparecemos filhos de Adam pela herança do seu delicto, doque filhos de Deos, pela remissaõ da culpa. Em Saõ Bento naõ foy assim. A graça se anticipou naõ sò ao nacimento, mas asi mesma tambem, variando a ordem com que costuma buscar-nos. Era Saõ Bento herdeiro do Ceo, antes de ser viador; porque era Santo antes de apparecer no mundo. Tantos saõ os Authores, que o escreveram, que naõ havendo de allegar com todos, naõ cito huns, porque se naõ queyxem outros; bastarà porèm, que o Author da verdade seja o que nos authorize esta: *Benedictus imitans illum, qui nondum natus, exultando intra viscera materna, cognovit adventum sui piissimi Redemptoris*; relevou Christo a Santa Brigida.

Lib. 3. Revel. cap. 20.

Da

12 Da graça, que o ſantificou, deo logo meo Patriarca Sanctiſſimo evidente ſinal antes de nacer; porque diſpoz Deos, que recluzo ainda nas entranhas maternas ſe alegraſſe, quando reconheceo, que no ventre o vizitava Chriſto com a ſua graça. Direy o como. He vulgar entre os Hiſtoriadores, e Panegyriſtas de meo Grande Patriarca, que eſtando ainda no ventre, cantàra louvando a Deos. E quem duvidarà, que aquella harmonia, com que Saõ Bento cantava antes de nacer, eraõ mellodias da graça, que o tinha ſantificado? Era ſobrenatural eſte canto, e precizamente devia proceder de cauza ſobrenatural: devia ſer effeyto da graça, e naõ da natureza. Symonet lib. 4. Epiſt. 20. Abbas Bonifac. ſerm. de S. Ben. Wion tom. 2. lign. vit. fol. 112. Monolog. Bened. die 11. Decemb.

13 Nos Cantares fallando o Divino Eſpozo a huma alma ditoza, a quem tratava por Eſpoza, lhe dizia aſſim: Levantate querida, e fermoza minha, vem ò minha pomba, do ventre onde eſcondida eſtàs: alegra meos olhos com a belleza de tua face, e meos ouvidos com a doçura de tua voz: *Surge amica mea, ſpecioſa mea, & veni; columba mea in foraminibus petræ in caverna maceriæ. Oſtende mihi faciem tuam, ſonet vox tua in auribus meis, vox enim tua dulcis, & facies tua decora.* O ventre he o carcere, em que nos prende a primeyra culpa; porque jà nelle nos fazemos rèos de tam antigo delicto. Pois ſe eſta Eſpoza eſtava recluza ainda no ventre: *in caverna maceriæ*, dis o Texto: (*caverna maceriæ eſt uterus matris*, expoem os Commentadores com Oleaſtro) como poderia aquella alma contrahir com Deos amizade, *amica mea*, no meſmo lugar em que devia contrahir a culpa? ſe eſtava preza por tam enorme delicto, como podia Deos achar nella tanta fermo- Cant. 2. v. 13. & v. 14. Oleaſt. Sanctius. A Lap. Forer. ſup. Iſai. cap. 51. v. 1.

sura, àlem de tanta sinceridade? *Speciosa mea, columba mea?* Porque ainda no ventre estando essa Esposa, *in caverna maceriæ*, cantava jà com muita suavidade aos divinos ouvidos: *Sonet vox tua in auribus meis, vox enim tua dulcis*; e Esposa, que assim cantava no ventre, jà da culpa devia estar santificada nelle, unida com Deos por graça, e formosa com a belleza desta: *Amica mea, formosa mea, facies tua decora.*

14 Muito reflectio S. Gregorio Niceno sobre aquelle preambulo, com que Deos fallou a esta sua Esposa *Surge* (lhe dizia) levanta-te. E de onde? Do lugar, e do estado da culpa original, em que cahio, enganada pela astuciosa serpente: *Surge, quæ lapsa es in lubrico peccati cœno: quæ à serpente fuisti impedita, & cecidisti*, diz o S. Doutor. Primeiro á fez levantar da culpa original: *Surge*; depois a incitou a que cantasse com doçura: *Sonet vox tua in auribus meis; vox enim tua dulcis.* Mysteriosamente! Porque sem estar no ventre santificada, naõ poderia aquella Esposa cantar no ventre, e fazer nos divinos ouvidos consonancia: *Surge, quæ lapsa es in lubrico peccati cœno, sonet vox tua in auribus meis.* No entender do Villarroel, taõ douto, como engenhoso, essa alma, com quem Deos tinha taõ amorosos colloquios no ventre, era por muytas circunstancias a de meu Santissimo Patriarca: *Animam Divi Benedicti alloquitur.* A S. Bento convidava Deos, para que ainda no ventre lhe cantasse: *Sonet vox tua in auribus meis.* Nas vozes deste menino, antes que a natureza lhe dèsse expediçaõ, para as articular, achava Deos doçura, e suavidade: *Vox enim tua dulcis*; porque antes de nacer, jà estava santificado: *Surge*

D. Greg. Nicæn. Homil. 5

Villar. tom. 1. Tautal. 4 Did. 14. n. 5.

quæ

quæ lapsa es in lubrico peccati cœno.

15 No ventre saltou o Bautista de prazer: *Exultavit infans in utero*: no ventre cantou S. Bento. Pois se os saltos (que he menos) indicavaõ a Santificaçaõ do Bautista, como dizem os Commentadores; o canto (que he mais) naõ podia de S. Bento publicar menos, antes mais. E de S. Bento poderia ainda este canto dizer mais? Sim. Dicera eu, que a milagrosa voz daquelle Infante ainda no materno ventre denotava, que o Santo, cuja voz se ouvia, naõ era só homem. Que era Santo sim; porèm mais que homem. Santo por graça, parecendo mais que homem por natureza. Fundome em hum discurso, em que se fundou S. Ambrosio, a quem primeiro occorreo este pensamento: *Devotio supra ætatem, virtus supra naturam, ut mihi videatur non hominis habuisse nomen.* A devoçaõ neste santificado menino excedia a idade propria: *devotio supra ætatem*; porque antes que o tempo lhe organizasse as faculdades, para a formaçaõ da voz, cantava já hymnos a Deos. A virtude lhe excedia a natureza: *Virtus supra naturam*; porque cantava no ventre, onde a todos falta naturalmente a voz. Pois diga-se, que naõ parece homem, quem assim cantava, ao mesmo tempo em que emmudecem todos: *Ut mihi videatur non hominis habuisse nomen.*

Luc. 1. v. 41.

D. Ambros. de virg. lib. 1.

16 Solicitou sempre o odio dos Judeos negar a Divindade a Christo, e para que se visse que era puramente homem, lhe tiràraõ a vida crucificando-o. Expirou em fim Christo bradando com alta voz: *Jesus autem emissa voce magna, expiravit.* Repara hum Centurio naquella voz de Christo ao mesmo tempo em que expirava, e diz assim: Este que morre

Marc. 15 v. 38.

morre bradando com taõ alta voz, era mais que homem, era Filho de Deos: *Videns autem Centurio quia sic clamans expiraſſet, ait Verè hic homo Filius Dei erat.* Notavel juizo, e notavel concluſaõ he eſta do Centurio! Infere, que Chriſto he mais, que homem; aſſenta em que Chriſto he Filho de Deos, por ſe lhe ouvir aquella voz, quando expirava? Sim, e com diſcriçaõ profunda; porque notou, que na morte, ao tempo em que a todos falta naturalmente a voz, a conſervava Chriſto: *Videns quia sic clamans expiraſſet*; e eſte prodigio, taõ ſuperior à natureza, naõ ſe podia achar em quem foſſe puramente homem; mas ſim em quem foſſe tambem Deos: *Verè hic homo Filius Dei erat.*

Ibid. v. 39.

17 Ajuſta damente para o noſſo caſo. No ventre a todos falta a voz; mas no ventre cantou S. Bento. E como ſe dirà, que hé puramente homem, eſte que já no ventre cantava? Se o Centurio, que no Calvario attendeo para a voz de Chriſto na Cruz, pudèra em Nurcia reparar naquella voz de S. Bento, julgaria tambem que era Deos quem aſſim cantava. Na Cruz eſtava Chriſto, para morrer ainda; no ventre eſtava ainda S. Bento ſepultado, e tinha mayor impoſſibilidade para cantar. Morrer fallando, naõ he prodigio taõ raro, que ſenaõ viſſe já repetido. Orando, e fallando expirou S. Bento, como diz S. Gregorio Magno: *Spiritum inter verba orationis efflavit.* O que em Chriſto ſe admirou ſómente, foy a valentia da voz: *Emiſſa voce magna.* O cantar porèm antes de nacer, he propriamente prodigio, por ſer nunca viſto, e contra as forças da natureza. Pois ſem duvida reſolveria o Centurio, e teria para ſi, ouvido eſte milagroſo, e anticipado canto, que tam-

D. Greg. lib. 2. Moral. c. 41.

tambem S. Bento era Deos: *Hic homo filius Dei erat.*

18 Ainda naõ eſtà totalmente concluido. Santificado o Bautiſta no ventre, e reconhecendo a Chriſto prezente, ſaltou de prazer: *Exultavit infans in utero*; mas naõ cantou. Era o Bautiſta voz: *Ego vox*; porèm emmudecida no ventre. Faltou a voz à meſma voz, porque he natural, que emmudeçaõ todos no ventre; e neſta generalidade, nem a graça deu privilegios ao Bautiſta, nem a natureza lhos conſentio. Mas S. Bento unico, e ſingular em tudo, ſuperior neſta maravilha ao Bautiſta, cantou no ventre, onde todos emmudecem como o Bautiſta. Diz S. Agoſtinho, que ſerà Deos, quem for ao Bautiſta ſuperior: *Quiſquis Joanne plus eſt, non tantùm homo ſed Deus eſt.* E diremos nòs com S. Agoſtinho, que ſendo S. Bento no ſeu canto ſuperior ao Bautiſta, he Deos? De nenhuma ſorte; mas diremos com S. Ambroſio, que o canto de S. Bento no materno ventre inculca, parecer meu glorioſiſſimo Patriarca, naõ homem, mas ſim ſuperior à natureza humana: *Devotio ſupra ætatem, virtus ſupra naturam, ut mihi videatur non hominis habuiſſe nomen.* D. Aug. ſerm. 23. de Sanct.

§. III.

19 ATè aqui ſó me enlevey na voz, com que S. Bento cantou. E que direy, ſe attendermos para a letra daquella muſica? Quem a ſaberà declarar? O canto de S. Bento, diz Symoneta, continha louvores, que elle compunha a Deos antes de nacer: *Benedictum in alvo matris ſancta præcinere auditum aiunt.* Eſte he o mayor prodigio daquella muſica. Todos naſcemos chorando; S. Bento antes Bonif. Symon. lib. 4. Epiſt. 30.

antes de chorar cantou hymnos, e mellodias a Deos: *Ante Dei ſpiritum meruit intonare, quàm hominis vagiret in fletu*, diz Bonifacio Abbade. Tam natural he em nòs o chorar naſcendo, como o cantar antes de naſcer foy proprio em S. Bento. Choramos nòs, e he penſaõ do peccado, com que naſcemos. Cantou S. Bento, e era effeito da graça, que anticipadamente o Santificou. A quem naſce em peccado, ſaõ indiſpenſaveis as lagrymas. A quem antes de naſcer foy ſantificado, era preciſo cantar; por iſſo jà me naõ admira eſta muſica. Mas, que eſſe canto foſſe louvando a Deos! *In alvo matris ſancta præcinere*! Que jà no ventre ſoubeſſe o tenriſſimo Infante compor hymnos, para que entoando-os louvaſſe a Deos! *Dei ſpiritum meruit intonare*! Jà me naõ enlevo tanto na muſica, como na letra della; porque, ſe meu Patriarca Santiſſimo compunha louvores a Deos no ventre, tinha jà claro uſo de razaõ, e cabal conhecimento de Deos. Aſſombro he; mas taõ evidente, que ſenaõ pòde duvidar que aſſim foſſe: *Donatus uſu rationis in utero matris*: diz Erhardo; e he commum entre os Hiſtoriadores do Principe dos Patriarcas. Aqui ſe vaõ agora deſcobrindo jà os mais favores, que juntos com a graça communicou Deos à S. Bento antes de nacido.

Abb. Bonif. ſerm de S. Ben.

Erhard. in Chronotax. libri 1. oper. 1. & latiùs in vit. S. Bened. n. 45.

2o Obſervou S. Agoſtinho, que Deos tem rezervado para ſi, fazer alguns prodigios fóra da ordem commua da natureza, para que à viſta da maravilha delles paſme a conſideraçaõ: *Servavit ſibi quædam, quæ faceret opportuno tempore, præter uſitatum curſum, ordinemque naturæ, ut.... in ſolita videndo ſtupèrent.* Em S. Bento ſe verificou eſta maxima da Providencia ſuprema. Quiz Deos ſair à luz com hum pro-

D. Aug. tract. 24. in Joan.

prodigio, e deu ao Mundo hum S. Bento, com intelligencia clara antes de nascer, com uso de razaõ ainda no ventre; para que a todos servisse de admiraçaõ, e de assombro ao Mundo, e à natureza: *Ut insolita videndo stupèrent.*

21 Pasma a natureza humana; porque, como ensina S. Thomàz, e suppoem a doutrina de Aristoteles, naõ podem haver actos de entendimento, sem que lhes preceda a expediçaõ dos sentidos, para os quaes se requer organizaçaõ perfeita: *Actus intellectus præsupponit actum sensus, qui esse non potest; sine convenientia organorum.* S. Bento porèm (abserta a natureza) antes que tivesse a organizaçaõ necessaria para o uso dos sentidos, jà formava actos de entendimento, com que conhecia a Deos. Naõ menos se admira a natureza angelica na ponderaçaõ deste prodigio; porque nelle parece ficou excedida por S. Bento. Ensina a Theologia, que nos Anjos, primeiro he o conhecimento, que tem de si, e depois o conhecimento, que tem de Deos: *Angelus prius naturà cognoscit suam essentiam, quàm Deum*; mas S. Bento antes que se pudesse conhecer a si, teve conhecimento de Deos, para no ventre o louvar.

D. Thom. 3. p. q. 34. a 2 n. 3.

Paul. Mezger. tom. 1. tract. 3. disp. 30. art. 2. n. 3.

22 David fallando em estylo de Profecia, se introduz a si mesmo, para representar, como cuido com Pinciano, a meu Santissimo Patriarca, e diz assim: *De ventre matris meæ tu es protector meus: in te cantatio mea semper, tanquam prodigium factus sum multis.* Jà no ventre, quando eu estava concebido, foy Deos o meu defensor: *De ventre matris meæ tu es protector meus*: là mesmo cantava hymnos, para o louvar, *In te cantatio mea*, ou, como verte Euthymio, *in te hymnos, ac laudes meas semper fero*; e fuy prodi-

Psalm. 70. v. 6. 7

Euthym in hunc loc.

gio

gio para muytos: *Prodigium factus sum multis.* Parece, que a mesma letra está fallando de S. Bento, sem dependencia de aplicaçaõ. No ventre foy S. Bento por Deos defendido do peccado; porque antes de nascer o santificou da culpa, que havia contraido. No ventre cantava S. Bento hymnos com que a Deos louvava; e por isso com muita propriedade foy S. Bento prodigio para muitos: *Prodigium factus sum multis.* Para os homens era verdadeiramente prodigio; porque antes de nascer, tinha uso de razaõ, e intelligencia clarissima. Era naõ menos prodigio para os Anjos; porque quando ainda se naõ podia conhecer a si, jà conhecia a Deos, a quem louvava: *Benedictum in alvo matris Sancta præcinere auditum aiunt. In te cantatio mea semper: tanquam prodigium factus sum multis.*

§. IV.

23 NA ponderaçaõ deste prodigio, mais se me arrebata o discurso; porque naõ chego a comprehender, qual fosse a providencia, com que em S. Bento a intelligencia tanto se anticipou à natureza. O mais apurado Historiador, que hoje venera Alemanha, entrou a examinar o fim, com que em S. Bento o uso da razaõ se adiantou ao nacimento, e concluhio ser; porque ao mesmo ponto em que Deos lhe infundio a graça no ventre, lhe quiz tambem dar logo a conhecer, em huma clarissima revelaçaõ, que o instituiria Patriarca, e Pay de huma Religiaõ, a mais celebre de todo o Mundo: as glorias, e os progressos della; a saber, a Santidade, e doutrina de seus Filhos, o sangue que derrama-

Erhard. in vit. S. Bened. num. 45.

ramariaõ pela Igreja, as vidas que dariaõ pela Fè, os povos que a ella converteriaõ; e ultimamente os sugeitos meretissimos, que da mesma Familia sairiaõ, para a presidencia da Igreja, e para as mayores dignidades della.

24 Quãdo Christo se dignou de apparecer a Saulo, e de o converter, logo que lhe infundio a sua graça, o poz em hum rapto, que lhe durou tres dias; e assentaõ os Santos Padres, e Expositores que neste tempo, e neste rapto lhe revelàra todo o progresso de sua vida, dando-lhe a conhecer a dignidade de Apostolo, para que o destinava, os fruttos de sua pregaçaõ, e doutrina, e a coroa do martyrio, que lhe estava preparada. O mesmo usou Deos com S. Bento. Tanto que o santificou no ventre, lhe revelou o progresso de sua vida, o estado, e a gloria da sua Religiaõ. Act. Apost. c. 9. & ibi Bed Glos. or. Nicol. de Lyr.

25 O Insigne Chronista Erhardo tocando geralmente no muito, que Deos revelou a S. Bento antes de nascer, tres cousas diz que lhe dèra a ver com muita especialidade, e clareza. Foy a primeira a estensaõ da sua Ordem, a qual encheria o Mundo de merecimentos, e o Ceo de Santos: *Ampliſſimum ſuum, qui Orbem meritis, Cælum Sanctis impleturus eſſet Ordinem vidiſſe.* Foy a segunda o empenho, que teriaõ os Reys, e Principes, naõ só em honrar esta Religiaõ, mas ainda em renunciar o Mundo, para com suas pessoas a dilatarem: *Regum quoque, & Principum ſtudia, pro ſceptris ligonem, pro purpurà cucullam, pro aulà anguſtam cellam ambientium.* Foy finalmente a terceira a multidaõ dos Mosteiros, que professariaõ a Regra illustre, e admiravel deste Patriarca: com os quaes se haviaõ de povoar tambem Erhard. ſup. citat.

aquel-

aquelles dezertos, onde naõ habitavaõ dantes mais que féras: *In divino hoc lumine conſpexiſſe jam illa beata tempora, quibus inculta ferarum latibula, in divorum tranſitura forent aſceteria.*

26 Confeſſo, que nem o affecto de Filho (poſto que o mais indigno, e por iſſo o mais obrigado a taõ grande Pay) pòde evitar-me o reparo, ou fazer, que naõ duvidaſſe eu, de S. Bento jà no ventre participar de Deos a noticia de huns ſegredos taõ profundos, e de humas diſpoſiçoens taõ ſecretas da Providencia inſcrutavel, que ainda naõ haviaõ ſaido fóra da Divina idea. Porèm revolvendo o Archivo de Deos, que taes ſaõ os livros dos ſeus Profetas, encontrey no capitulo 49. de Iſaias a hiſtoria toda deſta revelaçaõ feita a S. Bento antes de naſcer.

Iſai. 49. y. 1. 27 *Dominus ab utero vocavit me, de ventre matris meæ recordatus eſt nominis mei.* Antes que eu foſſe nacido, me chamou Deos, e tinha em ſua lembrança o meu nome, eſtando eu ainda no ventre. Eſta vocaçaõ de Deos antes do nacimento, e eſta Santificaçaõ ainda no ventre, vem taõ ajuſtada a meu Santiſſimo Patriarca, como impropria para Iſaias; porque S. Bento foy ſantificado antes de naſcer, como temos viſto; e Iſaias, naõ; como ſobre eſte lugar advertem os Expoſitores delle. Todos aſſentaõ que o Profeta repreſentava em ſi outro, de quem fallava; e notay que fallava de S. Bento: *Poſuit me ſicut ſagittam electam, in pharetra ſua abſcondit me.* Eu (dizia o Profeta) ſou a ſetta eſcolhida do meſmo Deos, eſcondida na ſua aljava. Tal foy S. Bento, diz o elegantiſſimo Eſcritor de ſuas Emprezas; porque como ſeta penetrava com ſua doutrina os coraçoens, e feria mortalmente os vicios.

Prazer. tom. 1. Empr. 27.

28 E ſe

28 E se puderamos ir notando no mais, q̃ Isaias foy profetizando, nos parecera naõ Profecia, mas Historia de S. Bento, pela clareza com que entenderiamos que delle fala. Porèm eu só intento descobrir por hora o que Deos revelou à S. Bento antes que nascesse: *Leva in circuitu oculos tuos, & vide, omnes isti congregati sunt, venerunt tibi.* Chamou Deos por Isaias, quando no ventre allegorizava a S. Bento; *Dominus ab utero vocavit me;* e a primeira cousa, que lhe disse, foy: Estende os olhos por todo o Mundo, e veràs a multidaõ de filhos, que congregados vièraõ para ti. Aqui se vè com evidencia ser S. Bento aquelle, a quem, estando no ventre, assim falava Deos. Por todas as quatro partes do Mundo se estende a Familia Benedictina, como a de Abraham: *Dici potest de Benedicto merito: Dilataberis ad Occidentem, & Orientem, & Septentrionem, & Meridiem,* diz Raulino. A Abraham antigo Patriarca prometteu Deos huma amplissima descendencia, e que lhe engrandeceria o seu nome, e seria Bento: *Faciamque te in gentem magnam, & benedicam tibi, & magnificabo nomen tuum, erisque benedictus.* Jà entaõ, como entende o Arcebispo Voragine, falava Deos de S. Bento, a quem deu huma Familia taõ esclarecida, como dilatada: *Leva in circuitu oculos tuos, & vide, omnes isti congregati sunt, venerunt tibi.* Notay aqui a propriedade do Texto, e o ajuste da Profecia. Diz que estes filhos se congregàraõ, para buscar a S. Bento: *Congregati sunt, venerunt tibi;* porque a Familia deste Grande Pay das Religioens està dividida em sessenta e seis amplissimas Congregaçoens, que abraçando a sua Santa Regra, vieraõ render-se à sua obediencia. Isto pois, que Isaias, servindo de allegoria, diz que

Isai. 49. v. 18.

Raul. Serm. de S. Bened.

Gen. 12. v. 2.

lhe revelàra Deos, eſtando no materno ventre, he o que revelou Deos a S. Bento antes de naſcer, moſtrando-lhe a extenſaõ vaſtiſſima da ſua Ordem: *Ampliſſimum ſuum, qui Orbem meritis impleturus eſſet, Ordinem vidiſſe.*

29 Proſſegue Iſaias dizendo que ainda no ventre continuàra Deos em lhe falar aſſim: *Deſerta tua, & ſolitudines tuæ, & terra ruinæ tuæ nunc anguſtæ erunt præ habitatoribus.* Os voſſos dezertos inhabitados, e as voſſas ſolidoens taõ deſpovoadas, e a terra da voſſa ruina, tempo virá, em que ſejaõ eſtreito mappa para os ſeus innumeraveis habitadores. Elles haõ de clamar q̃ naõ cabem em taõ apertado paiz, e haõ de pedir mais vaſto ambito para ſe dilatarem: *Adhuc dicent in auribus tuis filiis ſterilitatis tuæ: Anguſtus eſt mihi locus, fac ſpatium mihi ut habitem.* Admirado entaõ vòs meſmo à viſta de tanta multidaõ de filhos direis em voſſo coraçaõ: Quem me deu a mim taõ dilatada Familia: *Et dices in corde tuo: Quis genuit mihi iſtos?* Aqui acabey eu de me perſuadir que de S. Bento ainda no ventre, e jà ſantificado nelle, ſe devia entender eſta Profecia. Ella naõ carece de explicaçaõ, ſò lhe devemos dar applicaçaõ. Os dezertos de S. Bento ſaõ os de Sublaco, para onde ſe retirou de Roma. A terra da ſua ruina he notoriamente Caſſino, onde fundou S. Bento aquelle Sagrado Moſteiro, mais ſanto, e mais illuſtre de todo o Mundo; e porque eſte foy por duas vezes deſtruido, e arruinado, por iſſo he Caſſino a terra da ruina de S. Bento, aſſim como os dezertos de Sublaco ſaõ as ſolidoens de S. Bento.

Iſa. cap. 7 cit. v. 19.

ibid. v. 20.

v. 21.

30 Mas hoje taõ povoado eſtà de Monges aquelle Sacro ermo de Sublaco, as ruinas de Caſſino devota,

vota, e mageſtoſamente reedificadas, taõ habitadas ſe achaõ de Filhos de S.Bento, que naõ cabem neſſas reparadas ruinas, e neſſes habitados dezertos: *Deſerta tua, & ſolitudines tuæ, & terra ruinæ tuæ nunc anguſta erunt præ habitatoribus.* Por naõ caberem jà os Filhos de S.Bento nos confins de Caſſino, e nos limites de Sublaco: *Anguſtus eſt mihi locus*; là ſe foraõ eſtendendo por todo o Mundo em mais de trinta e ſete mil Moſteiros de Monges, em mais de quinze mil Moſteiros de Monjas, e em mais de quatorze mil Prioratos. O meſmo Patriarca Santiſſimo, vendo do Ceo tantos Filhos, me parece que em ſeu coraçaõ dirà: Como he poſſivel que fugindo eu para os dezertos, foſſe origem de huma Familia taõ numeroſa: *Et dices in corde tuo: Quis genuit mihi iſtos?* Mas jà hoje naõ farà S. Bento eſte reparo; porque jà no ventre lhe revelou Deos que a ſua Religiaõ havia povoar de Moſteiros os dezertos, como refere Iſaias repreſentando a S. Bento, e como provaõ os Eſcritores de ſua vida: *In Divino hoc lumine conſpexiſſe jam illa beata tempora, quibus incultaferarum latibula in Divorum tranſitura forent Aſceteria.*

31 Acabemos de notar no mais, que o Profeta diz lhe revelàra Deos, quando no materno ventre recluſo ainda: *Et erunt Reges nutritii tui, & Reginæ nutrices tuæ. Vultu in terram demiſſo adorabunt te.* Os Reys proſtrados por terra vos haõ de adorar: elles, e as Rainhas vos haõ de alimentar. Tambem ſe entende por Antiphraſis eſte Texto, e vem a dizer: Os Reys, e as Rainhas receberaõ de vòs alimentos, porque ſe haõ de criar com a voſſa doutrina: *Et erunt Reges nutritij tui, & Reginæ nutrices tuæ; in lacte* verbi, accreſcenta a Gloſſa Interlineal. v. 23. Interlin. ibid.

32 Ninguem ignora, que toda eſta Profecia ſe verificou de S.Bento ao rigor da letra. Totila Rey ſoberbo, feròz, e Arriano, apenas vio a meu Patriarca Santiſſimo, quando humilhado ſe lançou por terra, e ainda que por tres vezes lhe mandou S.Bento ſe levantaſſe, elle ſe naõ atreveo; atè que dando-lhe a maõ o meſmo Patriarca, lhe infundio alento, dara que ſe ergueſſe: *Cui cùm vir Dei bis, terque diceret, ſurge, ſed ipſe ante eum erigi de terra non auderet.. per ſemetipſum accedere dignatus ad Regem proſtratum, quem de terra levavit.* Aſſim o eſcreve S. Gregorio Magno.

D. Greg. Pap. Dialog. lib. 2 cap. 17.

33 Naõ he neceſſario, nem poſſivel que no complemento deſta Profecia, exponhamos tambem a liberal maõ, com que os Soberanos do Mundo tem enriquecido a Ordem de S.Bento. Azor, e A Lapide Eſcritores da Illuſtre, e Santa Companhia de JESUS, calculando o patrimonio de S. Bento, achàraõ que a ſua Religiaõ tem a terça parte de todas as rendas da Chriſtandade: porque nos Reys, e Rainhas andava muy fervente a emulaçaõ de alimentar a S. Bento, e a ſeus Filhos: *Et erunt Reges nutritii tui, & Reginæ nutrices tuæ*; e naõ ſatisfeitos com o muito, que lhes doavaõ, renunciando os thronos, faziaõ tambem de ſi perpetua doaçaõ a S. Bento, profeçando a ſua Santa Regra. Taes foraõ quatorze Imperadores, doze Imperatrizes, quarenta e ſeis Reys, ſincoenta e huma Rainhas, que deſpreſando a mayor grandeza do ſeculo, ſe encerràraõ nas clauſuras Benedictinas, cuidando ſó em alimentar o eſpirito com o leite ſuaviſſimo da doutrina de S.Bento: *Erunt Reges nutritij tui, & Reginæ nutrices tuæ: in lacte verbi.*

Azor tom. 1. lib. 12. c. 21. A Lap. in Prov. Salom. c. 30.

34 Eſte vaticinio, que ſe comprio em S.Bento, eſcre-

escreve Isaias que Deos lhe revelàra antes de nascer; porque falava representando a meu Santissimo Patriarca, ao qual antes que saisse do materno ventre revelou Deos o empenho, que haveria nos Principes em honrar, e exaltar a sua Ordem: *Regum quoque, & Principum studia pro sceptris ligonem, pro purpura cucullam, pro aula angustam cellam ambientiũ.* Querendo pois Deos que S. Bento, ainda no ventre recluso, tivesse conhecimento do progresso de sua vida, e das glorias de sua Religiaõ; preciso era que quando o Santificou no ventre, lhe dèsse tambem claro uso de intelligencia: e podemos jà concluir que com razaõ julgava S. Bento que os seus merecimentos, antes de nascer estavaõ jà premiados, em tanta copia de favores, recebidos com a graça, que o santificou: *Centuplum accipiet. Præmium, quia ab utero sanctificatus.*

§. V.

35 NAõ hà de parar aqui a nossa ponderaçaõ: ainda temos que examinar neste ponto. Quanto mais saõ elevadas as materias, tanto mais excitaõ a nossa especulaçaõ; porque naõ podem ser facilmente comprehendidas. Na prezente, como taõ sublime, quizera descobrir agora com que fim se anticipou Deos para santificar a S. Bento, e para lhe communicar antes de nacer taõ relevantes segredos? Naõ bastaria que a graça o santificasse depois do nacimento? Naõ seria bem que depois da infancia entrasse entaõ Deos a revelar a S. Bento o exercicio, e a gloria, para que o havia destinado? He possivel que ainda a natureza naõ aperfeiçoasse o ten-

o tenro corpinho de Bento, e jà ſe anticipem a graça em ſantificallo, e Deos em lhe deſcobrir os ſegredos da diſpoſiçaõ altiſſima, com que governa o Mundo, dilata a Igreja, e augmenta a ſua gloria? Sim; porque aſſim o pedia o fim altiſſimo, com que a Providencia Divina mandou ao Mundo S. Bento.

36 O verdadeiramente Eminentiſſimo Cardeal Ceſar Baronio diz que em S. Bento moſtràra Deos a grande Providencia, com que attende para a ſua Igreja: *In hac Sancti Benedicti vocatione ſumma Dei in conſulendo ſuæ Eccleſiæ innotuit Providentia.* As acçoens da Providencia ſempre ſe ordenaõ para execuçaõ do ſeu fim: *Providentia importat ordinem ad finem*, diz o Sol da Theologia Santo Thomàs: e o fim deſta Providencia foy naõ menos que com S. Bento reparar Deos, ou (por me explicar melhor) com S. Bento edificar toda a Igreja militante. Ouçamos a Guilhelmo Pepim, clariſſima luz da Ordem dos Prègadores: *Benedictus venit in nomine Domini, ideſt, ad honorem Domini, & ad ædificationem totius Eccleſiæ militantis.* Prometteo Chriſto que contra a ſua Igreja naõ hà de prevalecer o inferno: *Portæ inferi non prævalebunt adverſùs eam*; e porque as hereſias ſe achavaõ taõ dominantes, e poderoſas, que combatiaõ o Vaticano com preſunçaõ de arruinar, e demolir toda a Igreja; em dezempenho da ſua promeſſa acodio a Providencia Divina com hum S. Bento, e com a ſua Religiaõ, para que tiveſſe a Igreja huma colũna, q̃ a ſuſtentaſſe. Iſto meſmo revelou Chriſto a Santa Mechtildes: *Medium Eccleſiæ eſt Ordo B. Benedicti ſuſtentans eam, velut columna, cui tota domus initur.* E para eſte fim de ſer S. Bento a colũna de toda a Igreja, claro eſtà quam preciſa foy a ſua anticipada

Baron. ad an. 476.

D. Thomàs q. 5. de Verit. a 1. in reſp. ad 1

Guilhel. Pep. ſerm. de S Bened.

Matth. 16. v. 18.

B. Mechtild. lib. 1. de S. Ben.

pada santificaçaõ no ventre; e quam preciso era que no ventre lhe communicasse Deos os segredos, que jà entaõ lhe revelou.

37 Jeremias (e só elle atè a Ley da graça) foy santificado no ventre: *Antequam exires de vulva, sanctificavite*; e antes de nascer lhe cõmunicou Deos varios segredos: a saber, a dignidade de Profeta, para a qual o destinava, e as gentes que havia de converter com a sua prègaçaõ: *Et Prophetam in gentibus dedite.* E para que tanto se hà de apressar a graça a santificar Jeremias, e naõ menos se hàde anticipar Deos em lhe revelar seus designios? Se com Isaias, com Daniel, e com os mais Profetas observa Deos a congruencia dos tempos, e a ordem commua de sua Providencia na infusaõ da graça, e na revelaçaõ do exercicio, para que os destinou; como em huma, e outra cousa se mostra Deos taõ adiantado com Jeremias? Porque só este Profeta estava por Deos destinado para ser a columna, que sustentasse a Igreja daquelle tempo: *Ego quippe dedite in civitatem munitam, & in columnam ferream*; e pedia este fim toda aquella anticipaçaõ: *Antequam exires de vulva sanctificavite, & Prophetam in gentibus dedite.* Pois se para o mesmo fim escolheo a Providencia Divina a S. Bento, se o havia destinado para columna da sua Igreja: *Sustentans eam velut columna*, bem era, que, qual outro Jeremias, jà no ventre fosse santificado, e que antes de nascer lhe fossem taõ ocultos segredos revelados.

Jerem. 1. v. 5.

Ibid. v. 18.

38 Escolheo Deos a Jeremias para columna da antiga Igreja; porque o destinou para na Synagoga arrancar, e destruir, edificar, e plantar: *Constitui te super gentes, & super regna, ut evellas, & destruas, &* v. 10.

disperdas & dissipes, & ædifices & plantes. Hás de extirpar vicios, e destruir heresias, dizia Deos ao Profeta, como interpreta Lyra: *Ut evellas vitia, & destruas hæreses.* Hàs de edificar novamente a Igreja, e plantar nella pessoas dignas, e benemeritas: *Ut ædifices Ecclesiam, & plantes in Ecclesia bonas personas*, expoem a Interlineal. Tambem S. Bento, qual outro Jeremias, foy columna de toda a Igreja; porque o escolhera Deos para destruir vicios, e extirpar heresias: para edificar a Igreja, e plantar nella pessoas dignas de lhe augmentarem a gloria. Notay.

Lyr. in hunc loc.

Interl. ibid.

39 Foy S. Bento fortissimo dissipador de todos os vicios, *ut evellas vitia.* Sendo menino, (pois naõ passava de treze annos) por mandado de Deos reformou com a sua prègaçaõ o povo de Efide, assim como depois converteo o de Cassino. Na idade parecia outro Jeremias: *Puer ego sum*; tambem o parecia ser na efficacia com que prègava; mas ainda o excedeu no fruto da pregaçaõ: porque sendo tam numerozo o povo das duas Tribus, às quaes prègava o Profeta, os convertidos naõ foraõ muytos; mas em Efide com a prègaçaõ de S. Bento, e em Cassino tambem totalmente se extinguio a idolatria: *Eversis fanis, vanam superstitionem reliquerunt.*

Jer. 1. v. 6.

Erhard. in vit. S. Bened. num. 79.

40 Nas Almas com que S. Bento està enchendo o Ceo, ainda melhor se mostra destruidor dos vicios. Diz S. Joaõ, e sabemos todos que na Cidade Celestial naõ entra sombra de vicios: *Non intrabit in eam aliquod coinquinatum*; e tantos saõ os Filhos de S. Bento, quantas saõ as Almas purificadas de vicios; porque tem Deos promettido que entraràõ na Gloria todos os que acabarem na Religiaõ deste Santissimo Patriarca: *Nullus in Ordine morietur, nisi in sta-*

Apoc. 21. v. 27.

Arnold. Duac. in Ligno vit. Lib. 2. c. 1.

tu

tu salutis. Cansaõ-se os Chronologicos em contar a multidaõ dos Santos canonizados da Ordem de S. Bento, e como estes saõ innumeraveis, cansados paraõ na conta delles. A mim bastame saber, que a minha Religiaõ he huma estrada segura, que principia na terra, e vay acabar no Ceo. Vio se neste dia que a alma ditosa de meu Santissimo Patriarca subia à Gloria por hum caminho, que saindo da sua cella, hia dar no Ceo: *Via recto Orientis tramite ab ejus cella in Cælum usque tendebatur*, refere S. Gregorio Papa; e diz S. Bernardo que este caminho era a mesma Religiaõ instituida por S. Bento: *Quæ enim via ab ejus cella progrediens, nisi Ordo, quem vir Dei Beatus Benedictus instituit?* Falou S. Bernardo com razaõ, e com experiencia; porque o patrocinio do grande Patriarca para com Deos, e a Regra, que deyxou a seus Filhos, perennemente purificaõ de vicios tanta multidaõ de seus Monges, *ut evellas vitia.*

Div. Greg. Mor. lib. 2. Cap. 41.

D. Bern. in Declamat. super Ecce nos.

41 Tambem destinava Deos a S. Bento, como a Jeremias, para destruidor de heregias: *Ut destruas hereses.* Assim confessaõ todos os Escritores, que sabem o estado, em que se achava o Mundo quando a elle veyo S. Bento. No fim do quinto seculo, faltando as letras, e a santidade de hum Athanasio, de hum Bazilio, dos dous Gregorios Niceno, e Nazianzeno, e as do unico Agostinho, que atè aquelle tempo haviaõ defendido a Igreja, tanto se propagou a seyta dos Arrianos, que se temia huma quazi extinçaõ da Igreja. Floreciaõ em Santidade entaõ aquelles Exemplares da vida Cenobitica, e Anacoretica, Santo Euthymio, S. Joaõ Silenciario, S. Theodosio, S. Simeaõ Stylita, e S. Geraſmo, que com lagrymas, e instancia rogavaõ a Deos q̃ olhasse pela sua Igreja, e lhe

e lhe reparaſſe a ruina, que por todas as partes ameaçava. Ouvio Deos as oraçoens de ſeus ſervos, e mandou ao Mundo em S. Bento hum Deſtruidor de hereſias.

42 Cuydou meu Santiſſimo Patriarca em dezempenhar a eleyçaõ Divina. Inſtituhio duas cadeyras de Theologia Dogmatica nos Palacios Vaticano, e Lateranenſe, huma, e outra regidas por ſeus Monges; e eraõ ambas dous rayos daquella perniciosa, e voraz pravidade, com que pela bocca de Arrio falava o Inferno, e gritava o Demonio. Naõ cabem neſte diſcurſo, enchem huma grande Hiſtoria os triunfos da Fè Catholica, que os Filhos de S. Bento offereciaõ à Igreja Romana com a extincçaõ da heregia. Mas para que tenhais alguma noticia da grande exaltaçaõ, que S. Bento, e ſeus Filhos deraõ à Fè de Chriſto, ſò vos hey de repetir hum periodo, com que o Biſpo Succienſe concluhio a gloria mayor de toda a Ordem Benedictina, de cujos Monges diz: *Non ſolùm Romanam Eccleſiam, cui præfuerunt, à fundamentis reædificaverunt, verum etiam pro defendendâ Fide Catholica ita validiſſimè demicaverunt, ut poſſimus dicere cum Propheta: Niſi Dominus Sabbaoth reliquiſſet nobis ſemen, quaſi Sodoma fuiſſemus & quaſi Gomorrha ſimiles eſſemus.* Demos a perceber o muyto, que neſta noticia ſe comprehende.

Ronignus Epiſc. Succienſ. Lib. de Script. Eccleſiaſt.

43 Tres couſas diſſe juntamente o doutiſſimo Biſpo, e he a primeyra, que ſe naõ foraõ os Filhos de S. Bento, naõ haveria jà Fè, nem Igreja, tivera acabado qual Sodoma, e qual Gomorrha; porque o augmento da Fè, e a cõſervaçaõ da Igreja ſe deve ao zelo, e doutrina, com que os Monges de S. Bento deſtruiraõ as hereſias, como Filhos daquelle Pay, que

quẽ para dissipador dellas foy destinado por Deos: *Ut destruas hæreses.*

44 Tambem disse que S. Bento reedificou a Igreja, levantando a de seus primeyros alicerses por meyo de seus Monges: *Romanam Ecclesiam præfruerunt*; e bem pudèra eu dizer, como de Jeremias, (por naõ largarmos o Texto, que vamos ponderando) que S. Bento edificou a Igreja: *Ut ædifices Ecclesiam*; porque se reflectirmos no que diz S. Bernardino, a Religiaõ de S. Bento foy a que deu principio à Igreja: *Ordinem nostrum, Ordinem scilicet, qui prius fuit in Ecclesia, imò à quo cœpit Ecclesia.* Antes de S. Bento jà havia a mesma Igreja, que ha hoje edificada por Christo. O fundamento della he a Fè, sempre inextinguivel; mas a multidaõ das heresias fazia taõ grande sombra à luz da Fè, que naõ sabia distinguir o Mundo qual era a Fè, e qual a heresia. Nesta tenebrosa noyte appareceu o clarissimo Sol de Nurcia S. Bento, e consumindo a sombra dos erros, começou a brilhar a luz da verdade: a fugentou a heresia, ficou prevalecendo a Fè, porisso nelle parece que principiou a Igreja.

D. Bern. in Apolog. ad Guilhel. Abb.

45 Formou Deos o Sol, para delle ter seu principio o dia, e isto he o que no rigor de sua propriedade exprime o Texto do Genesis: *Luminare maius, ut præesset diei.* Ouvi a S. Agostinho: *Luminare maius in inchoationem, sive initium diei.* Mas, se bem repararmos no que o mesmo Texto diz, a luz, e naõ o Sol, he a que fórma o dia: *Appellavitque lucem diem.* Tanto que apparece a luz jà he dia, posto que o Sol naõ tenha apparecido ainda. E sem que nos apartemos do Texto, consta que o Sol foy formado no quarto dia; logo antes que houvesse Sol para dar prin-

Genes. 1. v. 16.

D. Aug. apud Bibliam Max. in hunc locum.

v. 5.

principio aos dias, jà eſtes o haviaõ recebido da luz. Aſſim he; mas eſſes dias que ſe contàraõ antes do Sol, naõ eram perfeytamente luzidos, porque a ſua luz naõ tinha actividade para ſe apartar, e dividir das ſombras: *Lux non habebat per ſe motum*, (diz o Correctòr Burgenſe) *& ideo non poterat de ſe dividere lucem à tenebris.* Formado porèm o Sol dividio logo a luz das ſombras, e o dia da noyte: *Dividant diem ac noctem*; e naõ parecia ſer dia aquelle, que naõ expellia totalmente a eſcuridade das ſombras. Eſta razaõ, ainda que tam clara, ſe farà mais com a experiencia. Quando começaõ a romper os primeyros crepuſculos no Horizonte, jà vemos alguã luz, e com tudo ainda naõ ha dia; porque as ſombras naõ eſtaõ de todo conſumidas, como inſinuàraõ dous Evangeliſtas S. Marcos, e S. Lucas falando ſobre a hora da Reſurreyçaõ de Chriſto; e mais proprio, e mais ajuſtado para o noſſo intento S. Joaõ: *Mane cùm adhuc tenebræ eſſent.* Como porèm apparecendo o Sol, affugenta de todo as ſombras, poriſſo nelle principiàraõ os dias: *Luminare maius in inchoationem, ſive initium diei.*

Burg. in addit. ſup. cap. 1. Gen.

Geneſ. 1. v. 14.

Joan. 20. v. 1.

46 Aſſim a Igreja; eſtava jà no fim do ſeu quinto ſeculo, quando a ella veyo S. Bento; porèm a luz da Fè ſe achava tam opprimida, e tam perſeguida, que ſe naõ podia dividir, e ſeparar das ſombras, e erros dos Neſtorianos, dos Pelagianos, e (ſobre tudo) dos Arrianos, que favorecidos de Geyzerico Rey dos Vandalos, e de muytos Imperadores perſeguiaõ, e deſterravaõ os Santos Biſpos, q̃ ſe oppunhaõ às ſuas hereſias: e o que mais he, deſterràraõ ao Papa S. Liberio, e o mandàraõ depòr do Pontificado, porque julgàraõ que na Fè tinha erros quem ſe naõ

acçom-

accommodava com os seus. Ao Papa S. Felix, que succedeu a Liberio, maltratàraõ, e pretendèraõ tirar a vida por naõ approvar o conciliabulo de Arimino celebrado pelos Bispos Arrianos em opposiçaõ do sagrado Concilio Nicèno. E como S. Bento, qual outro Sol com seus rayos, abrazou tantas heresias, apartando o que era luz da Fè do que eraõ sombras, e erros da heresia, porisso nelle principiou a Igreja a contar os seus dias: *Luminare maius in inchoationem, sive initium diei*; porisso naõ sò reedificou, mas tambem parece que edificou a Igreja: *Ut ædifices Ecclesiam*; *Ordinem nostrum, à quo cœpit Ecclesia.*

47 Ultimamente S. Bento (como Jeremias) foy destinado por Deos para crear, e plantar na Igreja sugeytos dignos de a governarem: *Ut plantes in Ecclesia bonas personas*; e isto he o que ultimamente tambem nos disse o Bispo Succiense: *Romanam Ecclesiam, cui præfuerunt.* E por ventura serà preciso mostrarmos a gloria, com que nesta parte dezempenhou S. Bento o seu emprego? Bem se vè que naõ. He credito singular de meu Patriarca Santissimo plantar na Igreja Filhos tam nomeados, e tam esclarecidos, que naõ carecem de Historia, para se conservarem na veneraçaõ, e memoria da Christandade. Mas ainda descobriremos alguma circunstancia, que por menos vulgar augmente a gloria de S. Bento. Fundou a sua Religiaõ aos trinta e hum annos de sua idade, aos sessenta e tres foy o seu glorioso tranzito para o Ceo, e nestes trinta e dous annos ultimos de sua vida, e primeyros de sua Ordem, nos quaes esta naõ podia lançar raizes, nem tinha tempo de florecer, e menos de fructificar, vio a summa Tiara Pontifical em quatro Monges Benedictinos,

os

os quaes foraõ de tanta utilidade para a Igreja, cõmo os mais, que debaxo de ſua Regra ſe criàraõ: cauſando admiraçaõ, que, ſendo em numero cento e trinta e hum, todos dezempenhàraõ cabalmente as obrigaçoens de ſubſtitutos de Chriſto, todos foraõ digniſſimos ſucceſſores de S. Pedro.

48 A vara de Aaraõ floreceu, e fructificou de repente, querendo Deos moſtrar neſte final haver eſcolhido Aaraõ, para da ſua familia ſairem os Sum-
Num. 17. v. 5. mos Sacerdotes do Teſtamento velho: *Quem ex his elegero, germinabit virga ejus.* Fez tambem Deos que a Familia de S. Bento floreceſſe tam de repente, para que ſe veja que eſcolheu a eſte Grande Patriarca para dar Prelados benemeritos da Preſidencia da ſua Igreja: *Ut plantes in Eccleſia bonas perſonas.*

49 Eſte, que ouviſtes, foy o deſtino, com que Deos ſantificou a Jeremias, e lhe revelou tantos ſegredos antes de naſcer: *Antequam exires de vulva ſanctificavi te, & Prophetam in gentibus dedi te.* E porque a Summa Providencia tinha deſtinado a meu Santiſſimo Patriarca para o meſmo fim, precizo foy que antes de naſcer o ſantificaſſe, e lhe dèſſe a ver aquelles tam profundos ſegredos, que lhe revelou no ventre, querendo tam ampla, como anticipadamente remunerar aſſim os grandes merecimentos de meu gloriozo Patriarca: *Centuplum accipiet. Præmium, quia ab utero ſanctificatus.*

§. VI.

50 ESte foy o premio, q̃ S. Bento conſeguio neſta vida. O Evangelho tambem promette outro mayor premio na Gloria: *Centuplum accipiet, & vitam*

tam æternam possidebit. Mas quem poderà comprehender a gloria, que em premio de seus merecimentos està meu Patriarca gozando no Ceo ha mil cento e oitenta e sete annos? Porque he grande, àlem de ser invizivel, naõ cabe nos discursos da intelligencia humana; mas nos apparatos exteriores, com que o Ceo festejou o recebimento, e a entrada de Saõ Bento, bem mostrou a grandeza da interior gloria, que lhe preparava. Huma nova estrada se abrio do Ceo atè monte Cassino, terminando-se na cella do Grande Principe dos Patriarcas, e alcatifada estava tam longa distancia com pallios preciosissimos. Por hum, e outro lado eraõ sem numero os alampadarios, que ardiaõ, com tanta copia de luzes, que a estrada toda resplandecia, e brilhava: *Strata palliis, & innumeris coruſca lampadibus viâ, recto Orientis tramite ab ejus cella in Cœlum usque tendebatur*: diz S. Gregorio Magno. Admiràraõ-se, como era preciso, os que viraõ tam magestosa pompa, naõ sabendo para quem se dispunha tam nunca visto apparato; mas hum dos celestes Principes lhes tirou o pasmo, declarandolhes que para S. Bento se abrîra aquella triunfal estrada: *Hæc est via, qua dilectus Domino Cœlum Benedictus ascendit.* Pois, se hum só rasgo extetior da gloria de meu Patriarca Santissimo causa admiraçaõ, e serve de pasmo, como se comprehenderà aquelle abysmo de gloria, em que sua Alma santissima se està banhando no Ceo com a vista clara de Deos? O' Patriarca glorioſissimo, por vòs achaõ os que vos veneraõ com devoçaõ entrada no Ceo, porto de salvaçaõ, e seguro asylo diante de Deos, como

D. Greg. M. lib. 2. Moral. c. 41.

D. Greg. ibid.

como coſtumava dizer o Chriſtianiſſimo Rey Hugo Capéto voſſo eſpecial devoto: *Benedictum apud communem Judicem ſalutis aditum, tranquillitatis portum, poſtque obitum ſecuritatis habiturus aſylum.* Oray pois efficazmente por nòs todos, amparaynos na hora da morte, para que vamos admirar a gloria, que lograis no Ceo, e por ella vamos louvar a Deos eternamente na Bemaventurança. Amen.

Hug. Caper. Rex Gal. apud Joan. à Boſco in Bibliot. Floriac.

SER-

SERMAM II.

DO GLORIOZO PRINCIPE DOS PATRIARCAS

SAŌ BENTO

No ſeu Moſteyro do Rio de Janeyro.
Anno de 1732.

In ſede maieſtatis ſuæ ſedebitis & vos.
Matth. 19.

§. I.

1 E a grandeza do premio infunde alento para os ſerviços, quem naõ ſervirà a hum Rey, e a hum Senhor, que dà em premio o throno da Mageſtade propria, poſto que a ſoberania ſempre o julgou incommunicavel? Muyto quiz Faraò exaltar a Joſeph no Egypto; mas naõ tanto, que o igualaſſe no threno: *Uno tantùm Regni ſolio te præcedam.* Querendo Aſſuero honrar a Mardoqueu, ordenou que nas praças de Suſan, Corte do ſeu Reyno, appareceſſe ornado com a Real coroa: *Regium diadema ſuper caput*

Gen. 41. v. 40.

Eſth. 6. v. 9.

caput ſuum; mas, aindaque lhe poz a ſua coroa, naõ o aſſentou em ſeu throno. Intentou Balthazar engrandecer a Daniel em Babylonia, e lhe concedeu que da purpura Regia ſe veſtiſſe: *Indutus eſt Daniel purpurâ*; mas quando muyto que no lugar foſſe o terceyro em todo o Imperio da Aſſiria: *Quod habere poteſtatem tertius in Regno ſuo.*

S.Dan.v. 29.

Ibid.

2 Scetro, Coroa, e Purpura ſaõ as inſignias, de que ſe orna a Soberanîa para mais reſpeyto. No Scetro ſe moſtra a juriſdiçaõ, na Coroa a ſuperioridade, na Purpura a Mageſtade. E ſem que ſe offendeſſe o reſpeyto da Soberanîa, Faraò fez a Joſeph participante do Scetro, porque lhe deu a juriſdiçaõ toda: *Ad oris tui imperium cunctus populus obediet.* Aſſuèro communicou a ſuperioridade a Mardoqueu; porque lhe poz a coroa: *Regium diadema ſuper caput ſuum*; e naõ duvidou Balthazar; que Daniel participaſſe da Mageſtade; porque lhe veſtio a Purpura: *Indutus eſt Daniel purpurâ.* Mas nem Daniel, arraſtando a Purpura, ſe aſſentou no throno de Balthazar, nem Mardoqueu, ornado com a coroa foy admittido ao throno de Aſſuèro; nem Joſeph, participando do Scetro de Faraò, participou do ſeu throno. Sò a Magnificencia Divina, que na liberalidade, com que diſpende, naõ diminue o que logra, faz a quem ſingularmente o ſerve participante do ſeu meſmo throno da Gloria: *In ſede maieſtatis ſuæ* (ou, como lè a verſaõ Syriaca, *ſuper thronum gloriæ ſuæ*) *ſedebitis & vos.*

Gen.ſup. cit.

3 Eſte he o premio, que entrou hoje a lograr no Ceo o eſpirito gloriozo de meu Santiſſimo Patriarca, ſegundo vio a Filha mais ſingular de ſeu eſpirito. Eſcreve a minha admiravel Madre, e inſigne Doutora

Santa

Santa Gertrudes, que em outro como o presente dia, louvando a Deos, e a S. Bento na hora de Matinas, fora em espirito arrebatada ao Ceo, e nelle vira ao Principe dos Patriarcas como Rey, assentado em hum magestozo throno, e que por Baculo Abbacial empunhava hum Scetro. A muyto mais se estendeu esta visaõ; mas atèqui temos o que basta: porque no throno, e no scetro se vé para com S. Bento dezempenhada a promessa de Christo, e applicada a letra do nosso thema: *In sede maiestatis suæ sedebitis & vos.* D. Gert. in fin. div. Pict. lib. 4. c. 11.

4 Eu naõ ponho duvidas à ineffavel gloria, que no Ceo logra meu Patriarca Santissimo, nem duvidarey acreditar as Revelações da minha Santa Gertrudes, muytas vezes approvadas pela Sè Apostolica; mas pela especulaçaõ da verdade se necessita o entendimento a difficultar assim,

5 Os Anjos saõ os espiritos mais nobres, que Deos creou, e no Ceo lograõ o titulo de Principes: *De Principibus primis*; diz porèm S. Joaõ que no Apocalypse os vira a todos de pè diante do throno de Deos: *Omnes Angeli stabant in circuitu throni.* Pois, (valhame Deos nesta duvida, em que me vejo perplexo) se os Principes estaõ de pè, assistindo ao throno, como está S. Bento assentado no throno com insignias de Magestade? Que merecimento foy o de S. Bento, se naõ mayor para mayor premio, mais especial ao menos, para huma honra tam especial? No Apocalypse tambem nos deyxou luz S. Joaõ para solvermos a difficuldade. Dan. 10. v. 13. Apoc. 7. v. 11.

6 A quem vencer diz Christo, que o assentarà cõsigo no seu mesmo throno, assim como elle por ter vencido se assenta com o Eterno Padre no seu thro-

Apoc. 3. v. 21. no: *Qui vicerit dabo ei ſedere mecum in throno meo, ſicut ego vici, & ſedi cum Patre meo in throno ejus.* E ſolicitando eu ſaber, quaes ſaõ os contrarios, cujo vencimento nos aſſegura tamanha honra, nos declàra o Lyra in cap. 3. Apoc. v. 5. & v. 21. Grande Expoſitor Nicolao de Lyra que o triunfo hade ſer dos tres inimigos de noſſas Almas, Mundo, Carne, e Demonio: *Qui vicerit Mundum, Carnem, & Diabolum.*

7 Reconheçõ agora com evidencia quam juſtamente com Chriſto ſe aſſenta meu Santiſſimo Patriarca no ſeu meſmo throno da Gloria; porque (eſte ha de ſer o Aſſumpto do Sermaõ) eſtando na terra, venceu valeroſamente os tres inimigos da Alma. Ninguem com mais gloria, que S. Bento venceu o Mundo; ninguem com mais admiraçaõ triunfou da Carne; e ninguem com mais valentia rendeu ao Demonio, poriſſo na Gloria eſtà com Chriſto aſſentado em hum meſmo throno: *In ſede maieſtatis ſuæ, ſedebitis & vos. Qui vicerit Mundum, Carnem, & Diabolum, dabo ei ſedere mecum in throno meo.* A materia pede ſer dividida em tres diſcurſos: mas por naõ ſer muy extenſo, a hey de reduzir a dous. No primeyro veremos a S. Bento vencedor do Mundo. No ſegundo vencedor da Carne, e Demonio juntamente; e por eſtes vencimentos enthronizado com Chriſto.

AVE MARIA.

§. II.

In ſede maieſtatis ſuæ ſedebitis, & vos.

8 APenas entrou Saõ Bento nos doze annos de ſua idade, quando venceu o Mundo. Naõ tẽdo pulſo para pelejar, teve eſforço para o vencer,

cer, e deyxar por morto: *Mundus ei erat mortuus*, disse a Máy de Deos a Santa Brigida, fallandolhe de meu Patriarca Santissimo. O Mundo he como o baziliſco, que mata, e he morto com a sua vista: *Venenum Basiliſci, & Mundi oculis concipitur, & infertur*, diz Pinciano. Lança o baziliſco pelos olhos o veneno com q̃ mata; mas, vendo-se em algum espelho, morre do seu mesmo veneno repercutido. Era Saõ Bento espelho de Santidade, que Deos formou, para nelle se ver o Mundo; assim o repete a Igreja no Officio, e Missa deste dia: *Speculum bonorum operum factus est Mundo.* Como venenozo baziliſco, olhou o Mundo para este espelho; mas resistindo S. Bento ao seu veneno, foy este repercutido, e matou o Mundo: *Mundus ei erat mortuus.*

Revel. L. 3. c. 20.

Pintian. tom. 3. T. 12. Did. 5. n. 25.

9 Està bem dito; mas tambem he certo que para o Mundo morreu S. Bento logo que principiou a viver, por isso de treze annos, como se estivera morto, se foy sepultar na sua cova de Sublàco: *Mundo moriens.... veluti ſepultus.* Sendo pois S. Bento o que morreu para o Mundo, como foy o Mundo o que para S. Bento morreu: *Mundus ei erat mortuus?* Por isso mesmo; porque naõ morreria o Mundo para S. Bento, sem que S. Bento morresse para o Mundo. O modo de pelejar entre o homem, e o Mundo he muy estranho, e muy novo para o Mundo: *Nova bella elegit Deus.* Ficando com vida, naõ fica vencedor o homem. Hade morrer, para matar, e vencer ao Mundo.

Ex Offic. Translis. S. P. Bened.

Judic. 5. v. 8.

10 Eu estou crucificado para o Mundo, dizia S. Paulo, e elle tambem para mim; porque eu estou morto para o Mundo, e elle para mim tambem: *Mihi Mundus crucifixus est, & ego Mundo*, dizia o Apostolo:

Ad Galat. 6. v. 14. D. Aug. apud Gloss. hic.

lo: *Ut in duobus mortuis*, commenta Santo Agostinho. Pois, se o Mundo estava jà morto para S. Paulo, que necessidade tinha elle de morrer tambem para o Mundo? O morrer he acabar. E se o Mundo tem acabado para o Apostolo: *Mihi Mundus crucifixus est*, naõ he escusado que tambem elle acabe para o Mundo: *Et ego Mundo*? Naõ; antes he preciso; porque naõ acaba, nem morre para nòs o Mundo, se nòs naõ acabamos, e morremos para o Mundo: *Mihi Mundus crucifixus est, & ego Mundo.* Agora se entende o como acabou, e morreu o Mundo para S. Bento: *Mundus ei erat mortuus*; e vem a ser, porque meu Santissimo Patriarca, qual outro Paulo, morreu, e acabou para o Mundo nos primeyros annos de sua vida: *Mundo moriens....veluti sepultus.*

11 Para o Mundo morreu S. Paulo; e como? Crucificando-se para o Mundo: *Mihi Mundus crucifixus est, & ego Mundo.* Quem se crucifica dà as costas ao patibulo, e consistîraõ as mortes do Mundo, e do Apostolo em que este lhe dèsse as costas. Da mesma sorte acabàraõ S. Bento para o Mundo, e o Mundo para S. Bento pela resoluçaõ, com que este lhe deu as costas, para nunca mais o ver.

12 Tanto que S. Bento deyxou o Mundo, e sahio de Roma, para se escapar às diligencias, com que o buscariaõ, trocou os seus ricos vestidos com os de hum pobre: e como atè elle se desconheceu a si mesmo; porque jà naõ parecia Principe, nem Anicio, nem Bento, cheyo entaõ de alegria disse: Fique-se jà desta vez o Principe Anicio Probo meu doce pay; fique-se para sempre Nurcia minha patria; o tu Roma tambem com as honras, que me promettes, e me asseguras; porque em quanto eu viva, naõ verey

rey mais nem honras, nem Roma, nem Nurcia, nem pay. Saõ palavras proferidas por Saõ Bento, e escritas por Erhardo: *Certus animi, non Romam amplius, non patriam, non parentem, non honores unquam se se visurum in vita.* E dando Saõ Bento ao Mundo tam heroycamente as costas, quando para elle morria, era infallivel que o Mundo ficasse morto para Saõ Bento: *Mihi Mundus crucifixus est, & ego Mundo: Mundus ei erat mortuus.* Erhard. in Vit. S. Bened. n. 67.

§. III.

13 E Que faria o Mundo, reputado por morto, vendo que Saõ Bento o deyxava, e que para sempre lhe dava as costas? Empenhou-se em vencer o seu mesmo vencedor, e lhe fez entaõ mais forte guerra. Lutava Hercules com Anteu na Libya, e segundo escrevem as Fabulas, tanto que o triunfador Hercules derribava Anteu, jà este se levantava, e com dobradas forças o avansava. Assim o Mundo, empenhando dobradas forças contra Saõ Bento, o intentou vencer depois de deyxado, jà que o naõ pode vencer, quando logrado. Entrou a fazer-lhe mayor bataria despresado; porque para nos cativar mais deliciozo parece o Mundo, quando lhe damos as costas deyxando-o, que quando o temos à vista possuindo-o.

14 Querendo a Escritura encarecer o deliciozo, e aprasivel daquellas terras, que o Jordaõ banha com as suas aguas, disse que pareciaõ hum Paraiso de Deos aos caminhantes, que de là sahiaõ, e vinhaõ para Segôr: *Sicut paradisus Domini venientibus in Segôr.* He sem duvida que quem da estrada olhasse Gen. 13. v. 10.

para a Provincia do Jordaõ, ſempre acharia a meſma perſpectiva, ou caminhaſſe de Segôr para o Jordaõ, ou vieſſe do Jordaõ para Segôr. Pois, ſe aquella Provincia naõ era Paraiſo, para os que hiaõ de Segôr para o Jordaõ, como podia ſer Paraiſo aos que hiaõ do Jordaõ para Segôr: *Paradiſus Domini venientibus in Segôr?*

15 A differença eſtà manifeſta, ſe bem notarmos na circunſtancia. Os que de Segôr caminhavaõ para a Provincia do Jordaõ, tinhaõ na diante dos olhos; hiaõ logralla. Os que vinhaõ para Segôr, deyxavaõ o Jordaõ; davaõ-lhe as coſtas. E eſtes paizes do Mundo mais deliciozos parecem, quando ſe deyxam, que quando ſe lograõ. Cativaõ mais quando ſe lhes daõ as coſtas, que quando os temos à viſta. Se ides de Segôr para o Jordaõ, vedes huns campos regados por hum rio, e naõ mais; porque empregais a viſta no ſeu paiz. Se deſte vos retirais, e vindes para Segôr, como dais as coſtas ao Jordaõ, o ſeu paiz vos parece hum Paraiſo de Deos: *Sicut Paradiſus Domini venientibus in Segôr.* Naõ de outra ſorte para o noſſo intento, quando meu Santiſſimo Patriarca deu as coſtas ao Mundo.

16 De Roma ſe retirou Saõ Bento para Sublâco. Roma viſta, e lograda foy por Saõ Bento deyxada, e deſpreſada. Naõ foy muyto; porque Saõ Bento reputava o Mundo por morto: *Mundus ei erat mortuus*; e devia fugir do ſeu horror. Mas como neſte retiro lhe deu as coſtas para nunca mais pôr nelle os olhos, ſe expoz a novo, e mayor conflicto. Deſpreſado, e naõ viſto o Mundo, entrou a combater a Saõ Bento com mais empenho; porque dahi em diante começou o Mundo a excitar taõ fina ſaudade na memo-

ria

ria de Saõ Bento, que se lhe representava como hum Paraiso de Deos: *Sicut Paradisus Domini.*

17 Em quanto meu Patriarca viveu em Roma, o Mundo o combatia pelos olhos; retirado porèm para Sublàco, entrou o Mũdo a combatello na Alma com a memoria do que tinha visto. O Mundo visto era inimigo, que pelejava de fóra: o Mundo lembrado era inimigo, que pelejava de dentro. Do Mundo visto de fóra podia triunfar Saõ Bento fugindo-lhe com a vista; do Mundo lembrado muy difficultozo era triunfar; porque se empenhava o Mundo em lhe naõ fugir da memoria. Fazia se o Mundo lembrado, e como naõ chegava a ser visto, excitava em S. Bento fortissimos dezejos, para que o tornasse a ver. Mas nem com a memoria pode vencer o Mundo a S. Bento, porque o naõ aballou a que deyxando o dezerto de Sublàco se voltasse para Roma.

18 Emfim resistio meu glorioso Patriarca ao Mundo lembrado tam heroycamente, como lhe tinha resistido quando visto. Ouvi agora o que fez o Mundo, experimentando esta resistencia. Ajuntou a vista com a lembrança, para que combatessem ambas em o mesmo tempo a S. Bento. A memoria por huma parte lhe prezentava as grandezas, em que viveu; a vista por outra parte lhe propunha a extrema necessidade, em que no dezerto vivia: e confederadas assim a vista com a memoria lhe faziaõ as seguintes comparaçoens de tam opposstas fortunas.

19 Em Nurcia (se bem te lembras) tens, o Bento, hum Palacio tam sumptuozo, que excede aos dos mais poderozos Reys. Assim o testemunha Adreval-do: *Tantæ quippe magnitudinis....ut quælibet palatia potentissimorum superaverit Regum.* Nelle dezerto porèm

Adrev. lib. 1. c. 1. de Mir. S. Ben.

porèm eſtàs recolhido em huma cova, na qual naõ chegas a recolher o corpo; porque nem o comprimento della contem mais de ſete palmos, nem a interior profundidade paſſa de quatro. Aqui eſtàs em taõ ultima neceſſidade, que, como experimentas ha largo tempo, jà Romano te naõ ſoccorre, como ao principio fazia. Parece, q̃ com o eſquecimento deſte Monge, quer o Ceo trazerte à memoria que es filho da Princeza Claudia Abundancia Riguardato, cuja familia com tanta abundancia foy por Deos provîda, que o deſpreſalla ſerà injuria da Providencia. Aqui (como vès) conſumido aquelle habito, ou aquella mortalha, com que neſta cova te enterraſte, hoje te veſtes de pelles. Olha para ti meſmo, e te pareceràs huma féra; porque aſſim tambem te julgàraõ aquelles paſtores, que por buſcar o ſeu gado rompèraõ eſta eſpeſſura, onde nem o Sol quer entrar: *Quem dum veſtitum pellibus inter fruteta cernerent, aliquam beſtiam eſſe crediderunt.* (Aſſim o refere Saõ Gregorio Magno.) A'viſta da preſente ſorte revolve em tua memoria a de teu avô Flavio Aniçio Probo Tertullo, que no eſplendor de ſeu trato fez competencia com os Reys: *Divitiarum ſplendore ſe ferme Regibus parem tuliſſe dicitur.* Levanta te pois deſte miſeravel incômodo, para onde te encaminhàraõ o erro de teus poucos annos, e tua indiſcreta virtude. Torna para a tua patria, e para a paterna caza, e vay conſolar as penas, em que ſe afflige o coraçaõ de teu pay com a tua auſencia. Oh que tentaçaõ, taõ forte como poderoſa para vencer a mais reſoluta deliberaçaõ, e para derribar o animo mais conſtante!

Omnia ex Erhard. in vit. S Benedicti n. 142.

D. Greg. Pap. lib. 2. Dialog. c. 1.

Monimenta Monaſt. Caſſinēſ.

20 Là ſe deliberou aquelle Prodigo moço a deyxar o pay, a caza, e tambem a patria; e auſentando-ſe

para

para huma Regiaõ diſtante, nella viveu eſtragadamente. Mas tornando em ſi, tornou tambem para a patria, para a caza, e para o pay, de cujo amor eſperava unicamente que o receberia na occupaçaõ de criado. Eſta ſegunda deliberaçaõ do Prodigio me admira mais que a primeyra. Naõ conhece o Prodigo quam gravemente eſcandalizou ſeu pay? Sim: *Pater, peccavi in Cælum, & coram te.* Naõ ſe julga por indigno de ſe nomear ſeu filho? Tambem ſim, pelo mal q̃ tinha vivido: *Non ſum dignus vocari filius tuus.* Pois como ainda ſe delibera a apparecer na patria, e a voltar para a paterna caza: *Surgam, & ibo ad patrem meum?* Porque para o fazer o combatiaõ ao meſmo tempo a viſta, e a memoria; e nem o ſeu brio, nem o ſeu fogo puderaõ reſiſtir à bataria, que juntas lhe faziaõ a viſta das calamidades preſentes, e a memoria das abundancias deſpreſadas. Luc. 15. v. 18. v. 19. v. 18.

21 A viſta reprezentava ao Prodigo a extrema neceſſidade, em que ſe achava: *Hîc fame pereo.* A memoria lhe reprezentava as abundancias, que deyxou na patria: *In ſe reverſus dixit:* (ou como verte o Arabico, *in ſemet ipſo cogitavit*) *Quanti mercenari in domo patris mei abundant panibus?* A memoria o combatia de dentro, acariciando a vontade com a reprezentaçaõ das abundancias, e dos regalos, que deſpreſou: *Cogitavit: Quanti mercenarii in domo patris mei abundant panibus!* A viſta o combatia de fóra, moſtrando-lhe a neceſſidade prezente: *Hîc fame pereo;* e tanto que eſta viſta, e aquella memoria conſpiràraõ ambas, e combatèraõ juntas, infallivel foy que o indomavel, e fogozo eſpirito do Prodigo ficaſſe rendido, e ſe dèſſe por vencido: *Surgam, & ibo ad patrem meum.* Ibid. v. 17. Ibid.

Oh

22 Oh eſpirito ſempre invencivel, e ſempre triunfador de S. Bento! Agora ultimamente ſe dezengana o Mundo que eſtá vencido por vòs; pois nem com a viſta das calamidades prezentes, nem com a memoria das felicidades, que deſpreſaſtes, vos pode mover o Mundo a que dizendo com o Prodigo: *Surgam, & ibo ad patrem meum*, voltaſſeis para a caza de voſſo pay.

D. Odo Serm. 3. de S. Bened. apud Biblior. Ratisb.

23 Diz S. Odo que quando S. Bento por diſpoſiçaõ Divina voltou a Roma para reparar as ruînas, que ameaçavaõ a Igreja, fugia o Mundo do Santiſſimo Patriarca: *Fugiebat Mundus ut ipſe apparuit Romæ.* Fugia vendo ſe corrido; porque de balde empenhou de huma vez todas as ſuas forças contra S. Bento, combatendo-o com a viſta, e com a memoria. Na ſegunda campanha, que fez David apenas o viraõ Filiſtheos, quando fugiraõ logo: *Fugerunt a facie ejus.* Eſta fuga ainda era effeito daquella primeyra vitoria pelo temor, que eſte havia deyxado nos animos dos Filiſtheos vencidos. Tambem para fugir o Mundo, baſtou que S. Bento lhe appareceſſe: *Fugiebat Mundus ut ipſe apparuit Romæ*; porque temerozo o Mundo do vencedor gloriozo, em o vendo fugia delle: *Fugierunt à facie ejus.* Mas quando aſſim fugia o Mundo confeçava a S. Bento por vencedor, e por iſſo digno de ſe aſſentar com Chriſto no ſeu meſmo throno da Gloria: *Super thronum gloriæ ſuæ ſedebitis & vos. Qui vicerit Mundum, dabo ei ſedere mecum in throno.*

1. Reg. 19. v. 8.

§. IV.

§. IV.

24 FOy a carne o segundo inimigo vencido por S. Bento. Pelejou meu Patriarca Santissimo taõ fortemente contra este inimigo, que ao seu mesmo corpo tratava, naõ como seu, nem como corpo, mas como hum facco, de q̃ o seu espirito se cubria, só para nelle exercitar o rigor da penitẽcia. Assim o revelou a Mãy de Deos a S. Brigida: *Corpus B. Benedicti erat quasi faccus, qui disciplinabatur.* A carne peleja contra o espirito quando appetece deleytes, e tambem quando os promette. Os primeyros se vencem pela abstinencia, e os segundos com a continencia. Mortificava S. Bento o corpo com tanta abstinencia, e com tanta continencia a carne, que huma, e outra virtude ou haõ de parecer incriveis, ou nos haõ de fazer horror. Revelat. lib. 3. c. 21.

25 Quando S. Bento entrou no seu ermo de Subláco, lhe sahio ao encontro o Monge Romano, que tomou a seu cuydado lançar là da eminencia, em que lhe ficava o Mosteyro, em huma cestinha, quanto bastasse ao menino, para tomar naõ mais de duas refeyçoens em cada semana. Oh que abstinencia em treze annos de idade! Mas naõ vos admireis ainda. A Providencia Divina deparou este meyo, para que naõ exhalasse aquella vida, que (como Christo revelou a Santa Mectildes) estava destinada por Deos para depois sustentar a Igreja toda: *Medium Ecclesiæ est Ordo B. Benedicti sustẽtans eam velut columna, cui tota domus innititur.* Mas ordenou tambem a mesma Providencia que lhe faltasse o Monge; ou fosse por ausencia, como entendem huns, ou fosse por morte, S. Mectil. lib.

com o

como escrevem outros. Neste desamparo se alimentava o menino Bento de humas raizes seccas, e de humas poucas hervas, tiradas da boca da sua cova. Porèm, como a esterilidade do anno atè desta refeyçaõ o privasse, ficou S. Bento, qual outro Christo no dezerto, sustentando-se da palavra de Deos, e dos colloquios, que com elle tinha: *Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.* Atèqui abstinencia! De nenhum Padre do Ermo lèmos o que se vio neste menino. Vamos agora à sua continencia.

Erhard. in vit. S. Ben. n. 142.

Matth. 4. v. 4.

26 Quando S. Bento conservava milagrosamente a vida em abstinencia tam rara, foy assaltado de hum pensamento contra a continencia. Por acaso, e sem advertencia vira em Roma huma Matrona chamada Priscilla, e là se guardàraõ as especies, que entaõ bebèraõ os olhos, para depois de quatro annos em veneno se converterem. Tam forte guerra fez a carne a S. Bento com a reprezentaçaõ de Priscilla, que o teve, naõ resoluto, mas aballado a deyxar o dezerto, e se voltar para Roma: assim o referem Saõ Gregorio Magno, Saõ Bernardo, e seguindo a estes Erhardo.

27 Notavel caso! Todos assentaõ com Saõ Gregorio que esta guerra da carne contra S. Bento fora movida pelo Demonio, que tambem entrou a fazer-lhe guerra, para tambem sair vencido por S. Bento, como iremos vendo. Elle foy o que lhe trouxe à memoria aquella vista inculpavel. Elle foy o que tomando a figura de huma ave, se botou voando, e ao passar por Saõ Bento bateu as azas, lançando hum halito pestifero, que lhe acendeu a colera, e alterou o sangue para aquella guerra da carne, que

D. Greg. Mag. lib. 2. Diaiog. c. 2.

tanto

tanto ſangue veyo depois a cuſtar. Porèm, ſe a carne em S. Bento eſtava pela abſtinencia taõ proſtrada, como a excita ainda o Demonio, para a incõtinencia?

28 Eu naõ eſtranho que o Demonio moveſſe a guerra com a tentaçaõ: admiro ſó a occaſiaõ della. Eſtà S. Bento entre delicias em Roma, onde tambem vive Priſcilla, e naõ he tentado; retira-ſe de Priſcilla, e de Roma para Sublaco, onde vive por milagre em abſtinencia naõ viſta em algum puro homem, e entaõ he pelo Demonio tentado, e combatido da carne! Eu cuydo que o Demonio, vendo tanta abſtinencia em S. Bento, entrou a duvidar ſe ſeria elle o Filho de Deos? E para ſair deſta duvida moveu a guerra, e induzio a carne a que o tentaſſe.

29 No dezerto tentou o Demonio a Chriſto, por inveſtigar ſe era elle o verdadeyro Deos: *Si Filius Dei es*; e ſobre eſta duvida ſe me offerece hum reparo, muytas vezes movido pelos Santos Padres. O Demonio tinha viſto varios prodigios, que com evidencia moſtravaõ ſer Chriſto o promettido Meſſias. Vio a Eſtrella, que appareceu aos Magos, e os levou a Belem. Vio a adoraçaõ deſtes Reys. Vio a morte dos Innocentes. Ouvio no Jordaõ a voz do Padre, que a Chriſto declarou por ſeu Filho: e ouvio finalmente o teſtimunho do Baptiſta. Pois, ſe com eſtas evidencias o naõ reconhece pelo Verbo incarnado, como vendo-o no dezerto, entra com mais vehemencia a preſumir, e a examinar ſe he Chriſto o verdadeyro Filho de Deos? Matth. 4

30 A razaõ he manifeſta, e funda-ſe no meſmo Texto. No dezerto obſervou o Demonio a ſumma abſtinencia de Chriſto. Paſmou quando o vio taõ auſteramente jejuar quarenta dias, e naõ pode negar entaõ

entaõ quẽ dava fortes indicios de ſer Filho de Deos; por iſſo entrou a tentallo, para ſe deſenganar, ſe era como preſumia. Temos a melhor authoridade no meſmo Texto, que literalmente ſe eſtà interpretando para o noſſo intento: *Cùm jejunaſſet quadraginta diebus, & quadraginta noctibus, poſtea eſuriit, & accedens tentator dixit: ſi Filius Dei es?* A'viſta de outros ſinaes, poſtoque mais evidentes, pode obſtinarſe o Demonio para naõ crer que Chriſto era Filho de Deos. A'viſta de tanta abſtinencia no dezerto: *Cùm jejunaſſet quadraginta diebus, & quadraginta noctibus*, eſteve precizado a inferir que ſeria Filho de Deos: *Si Filius Dei es.*

Ibid. v. 2. & v. 3.

31 Para o noſſo caſo. Foy S. Bento hum como Chriſto: *Velut Chriſtus*, lhe chamou S. Beda Veneravel; e com razaõ; porque foy huma perfeytiſſima imagem ſua: *Abſoluta Chriſti effigies*, o acclamou Erhardo. Vendo pois o Demonio que o como Chriſto jejuava em outro dezerto tam longo tempo, e tam auſteramente, *cùm jejunaſſet*; entrou a duvidar, ſe tambem ſeria Filho de Deos eſte, que aſſim jejuava em Sublàco: *Si Filius Dei es?* E para ſe dezenganar entrou a tentallo: *Accedens tentator.*

Beda apud Secul. 1. Ben. fol. 36. Erhard. in vit. S. Ben. prope finem.

32 Quando o Demonio tentou a Chriſto no dezerto, trouxe-lhe à memoria aquelle verſo do Pſalmo noventa, onde eſtà eſcrito que os Anjos traràõ a Chriſto nas mãos, para que naõ chegue a offender os pès: *In manibus portabunt te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.* Em Sublaco ſe lembrava eſtar eſcrito immediatamente no meſmo Pſalmo, que os Anjos guardàraõ a Chriſto em todos os ſeus caminhos: *Angelis ſuis mandavit de te, ut cuſtodiant te in omnibus viis tuis.* E como o Demonio obſervou

Pſ. 90. v. 12.

que

que caminhando S. Bento para o seu dezerto, dous Anjos o foraõ acompanhando, e guardando, como a Christo; ainda mais se estabeleceu na duvida, de que S. Bento seria tal vez o Filho de Deos, e para cair della o tentou: *Accedens tentator dixit, si Filius Dei es.* Arsen. Sulger in vit. Did. n. 10.

33 Para a tentaçaõ incitou o Demonio a carne; e fazendo entre si liga estes dous inimigos, por muitos dias combateraõ a S. Bento. Ao principio resistio o Santo com lagrymas, com Oraçaõ continua, e com asperas diciplinas; porém, quanto mais se esforçava a resistencia, tanto se empenhava mais a tentaçaõ. Até que, levado S. Bento de taõ divino impulso, que faz tremor à imaginaçaõ, e à natureza horror; despojado de seus vestidos se arrojou em huma çarça, largo campo, e cerrado bosque de grandes, e muy penetrantes espinhos: em os quaes por muitas horas se revolveu, e regetou todo o corpo, sem que lhe ficasse parte, onde pudesse entrar de novo hum espinho.

34 Oh que taõ sanguinolenta guerra! Mas oh que gloriosa victoria? Em todos os Seculos Benedictinos será sempre o dia desanove de Fevereiro o mais memoravel, e o mais plauzivel; por ser o consagrado à mayor façanha do General de todo o Estado Monastico. Naõ havia S. Bento completado mais annos, que dezaseis, quando alcançou tamanha victoria; e naõ sey como téve forças para sustentar em suas tenras maõs taõ grande palma. Erhard. in vita S. Ben. lib. 1. p. 1. c. 22. & 23.

35 Até os Anjos se admiràraõ desta peleja, e applaudiraõ este triunfo; e vendo ao victorioso Menino taõ mal ferido, acodiraõ logo a tirarlhe os sagrados espinhos, que lhe ficàraõ cravados, e Idem n. 167.

no meſmo inſtante lhe ſaràraõ as feridas; ſem lhe deixar cicatrizes. Tambem a çarça regada com tanta copia de ſangue celebrou o triunfo de S. Bento; porque paſſados ſete centos e vinte e cinco annos brotou em roſas à viſta do Serafim humano S. Franciſco, o qual admirado com a fama da vittoria foy adorar o campo, em que ſe deu a batalha. Os Eſcritores ordinariamente aqui reprehendem a çarça, por naõ haver florecido logo, para com as ſuas roſas tecer a triunfal coroa de S. Bento. Deixadas porém as razoens, que elles deſcobrem da myſterioſa tardança, que na çarça houve para florecer, eu cuido tal vez ſeria: porque meu Santiſſimo Patriarca antes de entrar à peleja tinha tinha já a coroa do vencimento. Vio o Ceo a reſoluçaõ de S. Bento, e por ella o julgou vencedor antes de pelejar, e lhe deu a coroa antes da vittoria.

Idem n. 173.

36 No Apocalypſe vio S. Joaõ hum Cavalleiro, que ſahia para vencer, mas hia já vencedor, e já ſe lhe tinha dado a coroa pelo triunfo: *Data eſt ei corona, & exivit vincens, ut vinceret.* Neſta viſaõ diz o Expoſitor das Tautologias que ſe reprezentava a guerra entre S. Bento, e a carne: *Præ ſe fertur articulus pugnæ, & victoriæ Benedicti urgente venere.* Poriſſo eſte Cavalleiro levando hum arco, para pelejar com elle, *habebat arcum*, naõ levava ſettas. O arco no entender de Alcazar, reprezentava o corpo: *Per arcum ſignificatur corpus*; e S. Bento ſahia a pelejar, e vencer o corpo com eſpinhos, e naõ com ſettas. Porém, ſe meu Patriarca Santiſſimo nèſta peleja entrava em taõ grande riſco, como hia já triunfador: *Exivit vincens?* Se ainda eſtava para vencer, *ut vinceret*, como ſe lhe tinha dado já a coroa pelo triunfo? *Data eſt ei corona?*

Apoc. 6. v. 2.

Villar. Pintin. tom. 6. Taut. 9. D. 4. n. 5.

Alcaz. apud Villar. cit.

37 Por-

37 Porque vio o Ceo a grande reſoluçaõ, com que S. Bento ſe arrojou aos eſpinhos. E valor taõ ſobre as forças humanas, já o fazia victorioſo antes de pelejar, e bem lhe merecia a coroa antes de conſeguir o triunfo: *Data eſt ei corona, & exivit vincens, ut vinceret.* Levar a coroa depois da vittoria, iſſo he commum; alcançalla antes de pelejar, iſſo he ſingular ſó de S. Bento; porque tambem foy ſingular ſó delle o valor, com que ſe arrojou aos eſpinhos.

38 Bem attendo a que lá houve hum S. Nicetas Martyr, que para vencer a carne cortou com os dentes a lingua. Muito mais fez S. Martiniano Eremita, que em ſemelhante combate acendeu huma grande fogueira, e ſe meteu nella: taõ aſſombrozo ao entrar, como prodigiozo ao ſair. Mas ha grande differença, e ventagem da fortaleza de S. Bento ao esforço dos mais Santos; porque os mais emprenderaõ taõ grandes façanhas quando os ajudavaõ os annos, e a experiencia; S. Bento porém, quando a idade o fazia ter mais horror aos eſpinhos, e menos aborrecimento à culpa; porque a penas completára dezaſſeis annos.

39 Singulares ſaõ os elogios, com que o livro do Eccleſiaſtico celebra a memoria ſempre ſaudoſa do Rey Joſias. Diz que ſerá a ſua memoria ſuave, doce, o agradavel. Suave, como a compoſiçaõ odorifera: *Memoria Joſiæ in compoſitionem odoris.* Doce, naõ menos que o mel: *In omni ore, quaſi mel indulcabitur ejus memoria.* Agradavel, como a muſica feſtival: *Et ut muſica in convivio vini.* E o que taõ ſaudoſa fez a memoria de Joſias, foy o zelo, com que expoſto a grandes perigos expurgou o ſeu Reyno de Eccleſ. c. 49. v. 1. v. 2.

2. Paral. c.34.v.3. vicios; e deſtruhio os Idolos, e ſeus templos: *Mundavit Judam, & Jeruſalem ab excelſis, & lucis, ſimulachriſque, & ſculptilibus.* Noto porém que o meſmo tinha feito ſeu ſegũdo Avò Ezequias no ſeu Reynado: *Fregerunt ſimulachra, ſuccideruntque lucos, demoliti ſunt excelſa, & altaria deſtruxerunt.* Mas nem poriſſo a Ezequias dá o Sagrado Texto os elogios com que honrou a Joſias. Antes he para admirar, que celebrando o livro do Eccleſiaſtico outras memorias do Santo Rey Ezequias, nem memoria faz deſtas ſuas acçoens taõ memoraveis, como ſantas.

Ibid.cap. 31. v.1.

Eccleſ.c. 48.

40 Pois ſe em Ezequias, e Joſias as acçoens, e os merecimentos ſaõ os meſmos pela extincçaõ da Idolatria, e deſtruiçaõ dos Idolos, como ſe fazem as glorias de Joſias taõ memoraveis, e applaudidas, ficando taõ eſquecidas as de Ezequias? A razaõ achada no meſmo Texto he: porque Ezequias era Varaõ quando entrou a reynar, e muito mais quando deſtruhio os Idolos, e ſeus Templos; Joſias porém era menino quando fez o meſmo. O Texto o declarou: *Octavo anno regni ſui, cùm adhuc eſſet puer, cœpit quærere Deum patris ſui David.* Taõ aſſombroſas ſe fizeraõ as acçoens de Joſias, quando menino: *Cùm adhuc eſſet puer*, que chegàraõ a pór em ſilencio outras, poſto que iguaes emprezas de Ezequias, executadas por elle quando já Varaõ.

2. Paral. 34. v. 3.

41 He o que em meu Santiſſimo Patriarca eſtamos admirando. Outros Santos fizeraõ o meſmo, que S. Bento (e tal vez mais) para vencerem a carne; mas obráraõ como Ezequias, ajudados tambem dos annos. S. Bento obrou como Jozias, ſendo menino: *Cùm adhuc eſſet puer.* E ajuſtadamente taõ menino, como Joſias. Entrou Joſias a reynar com oito annos

nos de idade: *Octo annorum erat Josias, cùm regnare cæpisset.* E no oitavo anno de seu Reynado empenhou todas as suas forças, e todo o seu zelo em destruir a Idolatria: *Octavo autem anno Regni sui, cùm adhuc esset puer, cæpit quærere Deum.* Segundo esta computaçaõ infallivel, tinha Josias dezasseis annos, quando mostrou ao Mundo os prodigiosos effeitos de sua Religiaõ. Consultemos agora a Chronologia Benedictina, e acharemos que tinha S. Bento dezasseis annos, quando venceu a guerra, que lhe fez a Carne excitada, e movida pelo Demonio. De doze annos era meu Santissimo Patriarca, quando sahio de Roma, e deixou o Mundo. Hum anno se deteve em Esíde, prégando, convertendo, e instruindo na Fé os seus moradores, para os quaes por Christo foy S. Bento destinado Apostolo, como outro Paulo. Treze annos contava de sua idade, quando de Esíde se retirou para Sublaco; e tendo tres annos de dezerto, e de vida dezasseis completos, se arrojou aos espinhos, para vencer o Demnoio, e triunfar da Carne. Pois se acçoens de Josias em taõ pouca idade puzeraõ em silencio as de Ezequias já Varaõ, posto que as acçoens de hum, e outro foraõ igualmente as mesmas; tambem os triunfos taõ celebrados de outros Santos ficaraõ em esquecimento à vista da victoria, que em sua puericia conseguio S. Bento contra o Demonio, e contra a Carne. Ibid. v. 1.

42 A mesma Carne, e o Demonio tambem ficàraõ corridos, vendo que os vencia hum menino de taõ poucos annos: porque a Carne, como refere S. Gregorio Magno, nunca mais pode tentar a S. Bento, e o Demonio fugia delle, conhecendo, que em excitallo para a peleja lhe dava occasioens para triunfar: D. Gregor. lib. 2. Dialog cap. 2.

Idem c. 10. unfar: *Cui pugnam quidem volens intulit; ſed occaſionem victoriæ miniſtravit invitus.* Porque S. Bento naõ conſeguiſſe mais palmas, o naõ incitavaõ para novas guerras, e porque ſe lhe naõ multiplicaſſem as coroas, lhe negavaõ os meyos para triunfar; mas com inutil cautela, porque vencida jà a Carne, e o Demonio, (depois de vencido o Mundo) ſeguro eſtava para S. Bento no Ceo o throno, em que ſe aſſenta com o Rey da Gloria: *Super thronum gloriæ ſuæ ſedebitis & vos. Qui vicerit Mundum Carnem, & Diabolum, dabo ei ſedere mecum in throno meo.*

§. V.

43 ASſim triunfa quem aſſim peleja; e aſſim ſeraõ premiados no Ceo todos os que na terra pelejarem, como pelejou S. Bento. De hum inimigo, que foy vencido o triunfar he mais facil; porque na primeyra guerra ou perdeu as forças, ou o valor: e o exemplo da precedente victoria infunde animo ao contendor, que ſe achava timido para lhe reſiſtir. Tendo nós em S. Bento hum exemplar taõ efficaz, fraqueza ſerà ſem deſculpa, ſe naõ reſiſtirmos, e naõ vencermos os inimigos por elle jà vencidos; porque a graça naõ he hoje menos poderoſa do que entaõ era, nem os contrarios mais fortes hoje do que foraõ dantes.

44 Bem ſey que naõ logramos todos tanta copia de graça, como teve S. Bento para reſiſtir, e poriſſo nem tanto eſforço como elle para pelejar. Mas tambem he certo que Deos he taõ juſto, e taõ fiel aos homens, que naõ permitte ſejaõ tentados ſobre as ſuas forças. O bom General ſó deſtina para hum

riſco

risco grande ao Soldado, em quem achou grande valor. Aos que saõ menos esforçados, rezerva para menores emprezas, porque os naõ dezeja perder. Tambem Deos como naõ quer a perdiçaõ dos homnns, só permitte que entrem naquelles perigos, de que pòdem sahir victoriosos. Assim o ensinou aquelle Apostolo apurado, e examinado em tantas tentaçoens: *Fidelis autem Deus, qui non patietur vos tentari supra id, quod potestis.* Se cada hum de nòs pelejar quanto pòde, segundo a graça com que se acha confortado, proporcionadamente venceremos tanto, como S. Bento; porque nem S. Bento fez mais do que podia, nem nòs viremos, em tal cazo, a fazer menos: e seremos participantes do Throno, que elle goza no Ceo pelos triunfos, que conseguio na terra. 1. ad Corinth. 10. v. 13.

45 Em quanto porèm militamos nesta perigoza, e arriscada vida, todos a vós, ò Bento Gloriozo Triunfador, cantamos vivas, e applausos pelos inimigos, que vencestes, e pelas vittorias, que ganhastes. Por triunfares do Mundo, tivestes a prerogativa de ver antes da morte a Divina Essencia, e nella o Mundo todo, que despresastes, com tanta claridade, que naõ houve creatura alguma invizivel aos vossos olhos: *Vidit quidquid Deus est, & quidquid à Deo est.* Hoje pede a gloria do vosso estado, que assim como vedes a Deos mais claramente, vejaes com mais claridade os vossos Filhos, e devotos. Ponde os olhos nelles, paraque conhecendo a vossa clemencia, confessem, que os vedes lá do Ceo. Erhard. in vit. n. 911.

46 Depois que nos espinhos, sagrados com o vosso sangue, vencestes a Carne, e o Demonio, vos foraõ por Deos concedidas ineffaveis prerogativas: *Sanctus Benedictus, superata Carnis & Dæmonis tyrannide,* Idem ante n. 166.

n. 174. *nide, miris gratiis donatur.* Huma dellas he a graça de conſeguirdes de Deos quanto lhe pedirdes: *A' ſuis ſpinis accepit privilegium omnia à Deo impetrandi.* Gozando deſte privilegio parecerá que falta em vòs a piedade, faltando vòs em pedir. Pedi a Deos, meu Santiſſimo Patriarca, a converſaõ para todos os infieis, a juſtificaçaõ para todos os peccadores, para todos os juſtos a conſervaçaõ na graça; e neſte dia de voſſo gloriozo tranzito ſeja com particular efficacia por todos os que profeçaõ a voſſa Regra, e militaõ debaxo de voſſas bandeiras. Diz o voſſo grande Filho S. Gregorio Papa que os Monges ſaõ os thronos de Deos na terra: *Throni Dei ſunt Monachi.* Fazei com Chriſto, que reyne enthronizado em todos os voſſos Monges na terra, jà que vòs na celeſte Gloria; vos aſſentais no ſeu throno: *Super thronum gloriæ ſuæ ſedebitis, & vos.* E compenſareis com tantos milhares de thronos, que tendes cà na terra, o mageſtozo throno, em que vos aſſentais na Gloria.

D. Greg. ſup. Daniel c. 7. apud Gloſſ.

SER-

SERMAM III.

DA

PRODIGIOSA TRASLADAC, AÕ das Reliquias milagrosas do Protopatriarca

SAÕ BENTO.

No seu Mosteyro da Bahia.
Anno de 1714.

Secuti sumus te. Matth. 19.

§. I.

SER Sol ainda no seu Occidente, prerogativa he daquelle Patriarca Santissimo, que ainda na morte resplandeceu como Sol: *Sicut Sol occubens... sic Beatus Benedictus occumbens*, diz Vorage. Mais que o Sol tinha resplandecido na vida o Patriarca mais illustre de toda a Igreja: *Benedictus in toto Mundo Sole clarius evibravit*, affirmou o Papa S.

Vorag. S. 1. de S. Bened.

Apud Leon. Ostiens. in append.

S. Zacarias: e devia naõ ser menos esclarecido que o Sol, quando sepultado. Os Persas adoravaõ ao Sol em huma cova: *Solem Persæ venerabantur in antro*; e se bem foy superstiçaõ, naõ deixou de ser discreto, e attenciozo este culto: porque quem foy Sol no curso da vida, naõ perde o resplandor ainda quando em huma cova enterrado. Mas que meu grande Patriarca S. Bento tambem seja Sol, quando deixa o sepulcro por meyo de sua milagrosa trasladaçaõ! Maravilha foy prodigiosamente calificada. Vamos ao succesſo, segundo a historia delle mais verdadeyra.

Vincent. Carth. in Apol. fol. 46.

2 Depois que pelos Longobardos foy destruido a primeyra vez o Sagrado Mosteyro de Monte Cassino, de cujo edificio foy Arquitecto o mesmo Patriarca S. Bento, ficaraõ as ruinas delle servindo de Mausoleo inculto, e sem Epitafio às reliquias do Principe Anicio, mais illustre, e mais Santo. Qual o centro, que occulta o preciozo da mina, escondiaõ aquellas ambiciosas ruinas o thesouro de taõ santas Reliquias. Com superior impulso ordenou o Abbade de Floriaco ao seu Monge Aygulfo, que partindo-se a Cassino buscasse os ossos do Glorioſſimo Patriarca.

3 Deu Aygulfo com felicidade principio a taõ santa empreza, servindo-lhe huma luz superior de indice ao que buscava. Acabava essa luz em huma alta neve, com a qual cubria o Ceo a sepultura de meu Patriarca Santissimo, e naõ bastou taõ denso vèo, para lhe encobrir as Reliquias. Tanta era a neve, que formava hum monte: *Nivei montis ad instar.* Mas como naquella cova se adorava hum Sol, à efficacia de seus ardentes rayos se desfez a neve, e appareceu o Sol: *Sol refulsit, qui prius erat in nubilo.*

Apud Alonſ. Victor. in tom. 1. Prel. 1. c. 18. n. 4.

1. Mach. c. 1. v. 22.

Tanto

Tanto foy o abalo, que sentio o Monte Cassino, quando se descobria o thesouro occulto nelle, que dezasete vezes tremeu. Escreve-o com energia o Cardeal Pedro Diàcono: *Mons etiam totus ab imo vsque ad summum quatiebatur, decem nanque & septem vicibus eo die à terremotu concussus est.* Mas sem que se atemorizasse Aygulfo com os terremotos tam repetidos, recolheu as Santas Reliquias, e com ellas se partio a Floriaco mais rico que os Colonas, quando se tornaraõ a Roma com os thesouros, que acharaõ entre os sepulcros de Corintho: mais afortunado, que o Papa Paulo III. quando no anno de 1543. achou entre os alicesses da Igreja de S. Pedro em Roma, nos sepulcros do Imperador Honorio, e duas espoſas suas, aquelle taõ celebre, como importante thesouro.

Petr. Diacon. Serm. de S. Bened. apud Arnold. die 18 Mart.

Strab. lib. 8.

Theatr. vit. Hum. v. Divit.

4 Muytos foraõ os prodigios, que taõ Santas Reliquias hiaõ obrando de Cassino até Floriaco, e naõ menos quando voltaraõ de Floriaco para Cassino; porque o rio Loyre em França, quando enregelado trocava as aguas em diamantes, liquido se tornou, para dar navegaçaõ às Reliquias daquelle Patriarca, que em vida teve dominio sobre todos os Elementos, como escreve o Veneravel Beda. Todas as arvores, mostrando-se obzequiosas, e reverentes, se vestiraõ de flores, quando o Inverno até da folha as despîra. Passando do insensivel ao racional, o numero dos milagres excedeu ao das petiçoens; porque tambem os mortos participàraõ delles, ressuscitando para a vida, que perderaõ; entre os quaes he mais memoravel hum, que ao contacto das Santas Reliquias cobrou vida em prova de serem as identicas do Patriarca, e distintas das de sua Glorioſa irmã Santa

V. Bed. Serm. de S. Bened. Utinus etiam, Serm. de S. Bened.

Santa Escolastica; que trasladadas tambem obraraõ especiaes maravilhas. Ponderay agora, e julgay; se nesta mysteriosa Trasladaçaõ naõ se calificou S. Bento por Sol, quando deyxava o sepulcro?

Sidon. apud Carthag. t. 1. lib. 10. hom. 9. n. 4.

5 Escreve Sidonio Apollinario que os moradores de Thracia retratavaõ o Sol despedindo de seu luzido corpo tres grandes rayos com tres diversas operaçoens. Dava o primeyro destes rayos em hum monte, e o abalava: tocava o segundo em hum cadaver, e logo o ressuscitava: feria o terceyro huma densa neve, e a desfazia. As mesmas operaçoens, como vimos, tiveraõ as milagrosas Reliquias de meu Patriarca illustre. Como Sol despedio hum rayo, e dando em monte Cassino, o fez tremer em hum dia dezassete vezes: *Decem nanque & septem vicibus eo die à terræmotu concussus est.* Despedio outro rayo como Sol, e tocando em hum cadaver o ressuscitou: *Exangue corpus suscitant.* Despedio finalmente outro rayo como Sol, com o qual se desfez a neve, que lhe cubria o Sepulchro: *Nivei montis adinstar.*

Ex Offic. in festo Transl. S. P. Bened.

Matt. 16. v. 2. Glos. Interl. ibid. Matth. 27. v. 52. Non hor. mortis Christi sed postea quando resurrexit Lyra hic Glos. Inter. & comm. DD.

6 Aqui parou com raro ajuste a comparaçaõ, mas naõ parou o mysterio. Passa este a mais; porque nestes prodigios passou S. Bento a ser em sua Trasladaçaõ imitador de Christo em sua Resurreyçaõ. Foy Christo Sol, quando deyxou o Sepulchro ressuscitando: *Orto jam Sole*, diz S. Marcos: *id est Christo* expoem a Interlineal. E se bem advertirmos nas circũstancias de taõ glorioſa Resurreyçaõ, acharemos com mystetio os effeytos, que aos rayos do Sol davaõ os de Thracia no seu retrato. Resurgio Christo, e a terra se abalou toda com hum terremoto grande: *Terræmotus factus est magnus.* Ressuscitou mortos, quando sahio de seu glorioso sepulchro: *Corpora Sanctorum,*

rum, qui dormierant surrexerunt. Ultimamente desfez Christo a neve, com que a terra se cubria na madrugada da Resurreyçaõ. Com a morte de Christo se descompos a ordem da natureza, e assim o tempo mudou o Veraõ em Inverno, como testemunhou Saõ Pedro na noyte da Payxaõ. Os calores do Veraõ se tornàraõ em neve, com que a terra toda ficou cuberta: *Tempus suas vices mutavit, vernum tempus suos calores in frigora, ac glacies commutaverit*, diz Sylveyra. Com sua Resurreyçaõ porèm desfez Christo a neve, de que se cubria a terra; porque com ella todos os Elementos despiraõ o luto, e se revestiraõ de gloria: *In Resurrectione Christi Elementa omnia gloriantur*, diz S. Maximo.

Sylv in Eran. tom. 5. l. 8. c. 5. q. 10. n. 70.

D. Maxim. Hom. de Resur.

7 Sempre S. Bento foy raro imitador de Christo, seguindo-o sempre, assim na vida, como depois da morte: *Secuti sumus te.* No imitar consiste a melhor fórma do seguir: *Sequere per imitationem*, diz Santo Agostinho. Na vida imitou S. Bento a Christo vivo; depois da morte imitou a Christo resuscitado, porque qnando S. Bento deyxou a sepultura por meyo de sua Trasladaçaõ, imitou a Christo, quando deyxou o sepulchro por meyo de sua Resurreyçaõ. Christo resuscitou do sepulchro como Sol; S. Bento foy trasladado da sepultura como Sol. Christo resuscitado mostrava as propriedades de Sol abalando a terra, dando vida a mortos, e desfazendo a neve. Nestes mesmos effeytos fundarey tres partes para o Sermaõ, ponderando os mesmos prodigios, que tambem se viraõ na Trasladaçaõ de S. Bento.

D. Aug. tract. 124. in Joan.

§. II.

§ II

Secuti ſumus te.

8 O Primeyro effeyto, que notamos na Reſurreyçaõ do Sol Divino, he o terremoto, cõm que ſe abalou todo eſte Globo terreſtre: *Terræmotus factus eſt magnus.* Eſte foy tambem o primeyro final; com que S. Bento portentozo Sol ſe moſtrou em ſua Trasladaçaõ imitador de Chriſto reſuſcitado; porque no dia, em que ſuas Reliquias ſahiraõ do ſepulchro, dezaſſete vezes tremeu Caſſino: *Decem nanque & ſeptem vicibus eò die à terræmotu concuſſus eſt.* Eſte taõ repetido terremoto naquelle ſagrado monte, deu ſempre aos entendimentos naõ menos motivo para admirar, que materia para diſcorrer: com tanta variedade nos juizos, como incerteza na cauſa.

9 Huns diſſeraõ que de prazer, e alegria ſaltava o monte. Outros que com aquelles extraordinarios tremores queria Caſſino certificar-nos deſta Trasladaçaõ; porque parece previa, quam convertida ſe faria depois com tanta authoridade em ambas as opinioens, que deyxaõ deſconhecida a verdade. Mas para que ſe haõ de explorar taõ remotos fins, quando no myſterio da Reſurreyçaõ de Chriſto ſe deſcobre a cauſa, que he mais propria?

10 Diz profundamente S. Joaõ Chryſoſtomo, que reſuſcitando o Redemptor do Mũdo, tremera a terra quaſi impaſciente do grande theſouro, que entaõ perdia: *Quòd Patris theſaurum accepiſſet, depoſitum cum tremore reddit.* No corpo de Chriſto recebeu a terra, como em depoſito, o precioſo theſouro do Eterno

D. Chryſt. in Pſ. 2.

Eterno Padre; e havendo de o entregar por meyo da glorioſa Reſurreiçõ, moſtrava no ſeu tremor o ſentimento da perda. Eſta foy tambem, e naõ outra a cauſa, porque dezaſſete vezes tremeu Caſſino, inſenſivelmente queyxoſo de lhe roubarem as Reliquias, que eraõ o ſeu melhor theſouro.

11 Eraõ aquellas Reliquias medicina infallivel para todo o Reyno de Napoles, e para quantos recorriaõ ao ſeu ſagrado ſepulchro, ultimo refugio de Italia, e firmiſſima protecçaõ de Roma. Com a traſladaçaõ dellas para Floriaco tambem ſe trasladavaõ para França os milagroſos effeytos, que lograva Italia. E como naõ ſentirîa eſta perda o inſenſivel monte? Eu bem ſey que a miraculoſa virtude de meu Patriarca S. Bento tem taõ dilatada esfera, como todo o Mundo: mas ſem duvida eraõ os ſeus oſſos huns penhores, que o obrigavaõ a ſer prodigioſo com Italia, em quanto ſe conſervavaõ no ſepulchro de Caſſino. Nas mais partes he S. Bento milagroſo, ſegundo a devoçaõ de quem o invoca; em Caſſino era prodigioſo por força do penhor que lhe deyxou.

12 Morto Joſé Vizo-Rey do Egypto bem pudera diſpôr que o foſſem enterrar em ſua patria, onde deſcançavaõ ſeus progenitores. Mas naõ, ordenou que quãdo o ſeu povo ſahiſſe do Egypto levaſſem os ſeus oſſos trasladados para a ſepultura de ſeus paes: *Aſportate oſſa mea vobiſcum*, diz o Texto. *Ut ſepelirentur in ſepulchro patrum ſuorum*, commenta Joſé Manſio. Pois ſe os oſſos de Joſé haõ de ſer depois trasladados, quando Iſrael apreſſada, e confuſamente ſahir do Egypto; ſe Joſé deſeja a conſolaçaõ de ſer com ſeus paes ſepultado, como naõ diſpoem que ſeu corpo ſeja enterrado no ſepulchro, para onde quis

Gen. 50. v. 24. Manſ. Bibliot. tom. 3. tract. 50. Diſc. 6.

quis que seus ossos fossem depois trasladados? Porque os ossos de Josè eraõ huns penhores, que asseguravaõ prodigios de Deos promettidos ao seu povo: *Ut promissionis velati pignus haberent illa ossa*; diz Estio, e o commum sentir dos Expositores. E como Josè queria fazer ao seu povo hum seguro daquellas promessas, deyxou-lhe os ossos em penhor daquelles prodigios: *Asportate ossa mea vobiscum, ut promissionis veluti pignus haberent illa ossa.*

Estius in citat. cap. Genes.

13 Naõ està ainda concluido, posto que o pareça. Ainda temos que reflectir neste caso. Encarece muyto S. Paulo a fé, com que o Grande Vizo-Rey do Egypto de seus ossos dispoz na morte: *Fide Joseph moriens de profectione filiorum Israel memoratus est, & de ossibus suis mandavit.* Mas eu nesta fé do Patriarca puzera antes duvida, ou no encarecimento della? Se Josè tinha por fé que Deos havia de tirar o seu povo do Egypto, e que para esse fim havia de obrar prodigios; se Josè tinha por fé que Deos havia de abrir o mar vermelho, para dar estrada a Israel, deyxando as ondas pasmadas: e que na entrada do Rio Arnon se haviaõ de alegrar os montes, fazendo obzequios milagrozos ao mesmo povo: se Josè tinha por fé estes, e outros prodigios, que ou expressa, ou implicitamente esperava; e se esta fé era, e só podia ser fundada na promessa, e revelaçaõ de Deos; como quer assegurar essa promessa, que era por sua natureza infallivel, com o penhor de seus ossos: *Ut promissionis veluti pignus haberent illa ossa?* Isto he fè, e encarecida fè: *Fide Joseph moriens?* Fiava por ventura Josè que se obrigaria Deos mais do penhor de seus ossos que da sua mesma palavra?

Ad Hebr. 11. v. 22.

Lyr. in Psal. 113.

14 Naõ; mas sabia muy bem Josè que para dezempenho

zempenho de ſuas promeſſas, muytas vezes quer Deos da noſſa parte hum penhor: *Nec inſolitum, velle Deum pignus aliquod, ut ad ipſius aſpectum, ad beneficia largienda, præſtandumque patrocinium moveatur:* diz o Illuſtrador de Jozè. Com eſte acertado fim, deyxando Jozè por morte o ſeu cadaver no Egypto, empenhava na Corte de Menfis o thezouro de ſeos oſſos: e diſpondo, que na ſaida do Egypto levaſſe o povo trasladadas as ſuas reliquias, tinha Iſrael pelos caminhos do dezerto o meſmo penhor, para à viſta delle ſe mover Deos, a pôr em execuçaõ os prodigios, que havia promettido: *Aſportate oſſa mea vobiſcum. Ut promiſſionis veluti pignus haberent illa oſſa. Ut ad ipſius aſpectum, ad beneficia largienda, præſtandumque patrocinium moveatur.* Alvar. illuſt. 368. ad cap. 50. Geneſ. num. 9.

15 Iſto meſmo ſe vio nas reliquias de meu Patriarca illuſtre, mais eminente na ſantidade, que Jozè. Eraõ aquelles oſſos huns preciozos penhores, com que ſe aſſeguravaõ os prodigios, que Deos continuamente obrava em teſtemunho da grande gloria, que no Ceo logra o Bemaventurado Eſpirito que os animou. Italia ſe conſiderava rica e ſe alegrava, tendo em Monte Caſſino eſcondido o valor deſtes penhores: *Terra reſultat gaudiis valore dives pignorum.* Mas como na trasladaçaõ deſtes oſſos, ſe trasladavaõ os penhores, com que os milagres, e prodigios ſe aſſeguravaõ; precizo era, que na falta delles moſtráſſe Caſſino o ſeu aballo, e ſentimento cauzado por aquella perda. Ex Offic. in Feſt. Transl. S. P. Bened.

16 Eſtando em Caſſino o penhor, lá ſe obravaõ as maravilhas. A Caſſino foy o Emperador S. Henrique gravemente enfermo, e recuperou ſaude, por beneficio de S. Bento. Lá foy o Papa Urbano ſegun- Leo Oſtienſ. lib. 2. c. 44. & 45.

do com naõ menor enfermidade, e do meſmo Patriarca receb:u igual favor. Finalmente a Caſſino hiaõ todos os neceſſitados, e vinhaõ todos remediados. Trasladaraõ-ſe as reliquias para França, e com ellas ſe trasladàraõ tambem os prodigios. Por onde paſſava eſte penhor, hia S. Bento dezempenhando o valor de ſuas reliquias, e moſtrando o ſeu valimento para com Deos, muito mayor que o valimento de Jozè; porque, ſe na trasladaçaõ das reliquias de Jozé o Jordaõ ſe abrio, para lhes dar eſtrada: *Steterunt aquæ deſcendentes in loco uno & ad inſtar montis intumeſcentes*: na trasladaçaõ das reliquias de S. Bento, o Loyre, que eſtava congelado, ſe desfez, para lhes dar entrada. Se à viſta daquellas reliquias os montes ſe alegrá aõ: *Montes exultavèrunt, ut arietes*: ao paſſar deſtas como alegres, ſe veſtiraõ os montes de primavera, na mayor força do Inverno. Se na trasladaçaõ dos oſſos de Jozé naõ havia enfermos pelo dezerto, *non erat intribubus eorum infirmus*; na trasladaçaõ dos oſſos de S. Bento, os enfermos recuperàraõ ſaude, os aleijados ſe moveraõ perfeitamente, os cegos vîraõ, e os mortos reſuſcitáraõ. Chegáraõ finalmente a Floriaco, e lá ficàraõ os prodigios pelo penhor, tam certos como evidentes, entre os quaes (ainda que muytos e perennes) pelas circunſtancias foy mais celebre hum acontecido no anno de 1562.

Joſue 3. v. 16

Pſal. 113. v. 4.

Pſal. 104. v. 37.

17 Inſolentes andavaõ os Calviniſtas, que por trayçaõ de Merlino, eraõ ſenhores de Mans (ou Cenomano) Cidade de França, que na trasladaçaõ de meu Patriarca intereſſou muyto nos prodigios, e naõ menos no thezouro, que lhe ficou, das reliquias igualmente milagrozas de minha Madre S. Eſcholaſtica. Tinhaõ os ſacrilegos Hereges aſſolado todo

o profano da Cidade, e tambem tinhaõ já profanado grande parte do sagrado, sem que a humana providencia tivesse meyos, para subsstar tam barbaras hostilidades. Chegou o dia 10. de Julho, e na hora de vespera, quando se começava a celebrar a Trasladaçaõ das santas reliquias se viraõ os Calvinistas occupados de hum profundo medo, e pavor, sem saberem o que temiaõ, e menos quem os preseguia. Puzeraõ-se dezordenadamente em fugida, e huns foraõ parar em Ingalaterra, outros nas partes mais remotas de França. Os libertados da hostilidade atribuíraõ sem controversia este prodigio às reliquias, cuja trasladaçaõ celebravaõ; pois as reconheciaõ como penhor seguriſſimo dos perennes milagres de S. Bento, e das maravilhas de Deos: *Pignus ut ad ipsius aspectum, ad beneficia largienda, præstandumque patrocinium moveatur.* Erhard. lib. 1. p. 3. c. 34. ad ann. 1143.

18 Notay agora, e achareis claramente, como na trasladaçaõ das reliquias de S. Bento, se trasladavaõ tambem os seus prodigios de Italia para França. No Pontificado de Sergio, e Imperio de Ludovico, huma armada dos Sarracenos assolou, e saqueou Roma. Chegáraõ ao Ceo as lastimozas lagrymas do povo Romano: e querendo S. Pedro castigar a insolencia, como injuria propria, veyo do Ceo trazendo em sua companhia a S. Bento, para o dezagravar: e recolhidos ambos em huma embarcaçaõ ligeyra, dezafrontou S. Bento a Roma com tanto brio, e castigou com tanta severidade os Barbaros, que a toda armada submergio nas ondas do Mediterraneo. Desorte que, os mesmos prodigios, que em Italia obrava S. Bento antes de sua trasladaçaõ, obrava em França depois de ser trasladado para Floriaco. Em Leo Ostien. Baron. Yep. Chron. Gener. 1. p. fol. 124. v.

Italia deſtruhio a armada dos Barbaros: em França desbaratou o exercito dos Hereges. E porque Monte Caſſino naõ queria perder os penhores que aſſegurava-vaõ tantos prodigios, e ſerviaõ de fiança à mayor protecçaõ de Italia, poriſſo os defendia com terremotos, e ſe aballava, quando o deſpojavaõ de tam preciozas reliquias: *Mons etiam totus ab imo uſque ad ſummum quatiebatur.*

§. III.

19 HOra vede manifeſtamente expoſta a cauza, que Caſſino defendia com os ſeus terremotos, no que obrou S. Pedro, quando as ſagradas reliquias de S. Bento ſe trasladavaõ. Já ſe punha Aygulfo a caminho levando para Floriaco o penhor dos milagres de meu Santiſſimo Patriarca; quando S. Pedro aparecendo em huma noyte ao Papa, que entaõ era S. Vitaliano, o reprehendeu como pouco diligente, em guardar a mayor protecçaõ de Italia: *Cur te, piger ſomnus temporibus præſſis, negat ſtratibus relictis cuſtodiam tuæ habere Provinciæ?* Deu-lhe a ſaber, que as reliquias de S. Bento, e S. Eſcholaſtica hiaõ trasladadas para França, ficando os Eſtados da Igreja privados do ſeo patrocinio tam poderozo: *Noveris te magnorum Virorum patrociniis carere, Benedicti ſcilicet atque Scholaſticæ Sororis ejus.* Deſpertou o Papa, e na meſma noyte ajuntando Tropas, ſe poz em marcha, ſeguindo, e perſeguindo a Aygulfo, com animo de lhe tirar à força de armas, as reliquias que levava. Mas quando a preça, e a deligencia lhe aſſegurava ô a preza, ſe cobrio o ar de huma ſerraçaõ de tal ſorte denſa, que o Papa ſe precizou

Adrevald. Hiſt. Floriaç. c. 6.

cizou a deziſtir do intento, pela impoſſibilidade de o conſeguir.

20 Oh que prodigios! oh que maravilhas! o Cèo, que com huma luz deſcobrio em Caſſino as reliquias de S. Bento, agora com huma eſcuridade as encobrio no caminho. Pois ſe Deos eſtá empenhado em trasladar os oſſos do Patriarca Santiſſimo, para que ſe canſa S. Pedro em eſtorvar a ſua trasladaçaõ? O certo hè, que obrou S. Pedro como bom Principe. Tinha a ſeu cuydado a protecçaõ de Roma, e dos mais Eſtados da Igreja, e como nos oſſos de S. Bento intereſſava a Tiàra Pontifical o mayor patrocinio das ſuas terras, e dos ſeos vaſſallos, devia aplicar todas as diligencias impedindo a trasladaçaõ deſtes oſſos, por naõ perder o penhor da protecçaõ de S. Bento.

21 Eſcreve o Profeta Ezechiel, que o levára Deos a hum campo, onde lhe moſtrou huma immenſa multidaõ de oſſos; e tomando-os por allegoria, para ſignificar o que lhe queria revellar, dice ao Profeta: *Oſſa hæc univerſa, domus Iſrael eſt.* Todos eſtes oſſos, que vez, he o povo de Iſrael. Elle ſe acha como ſepultado, porque vive no cativeyro; mas eu abrirey ſeus tumulos, e trasladarey eſtes oſſos dos ſeus ſepulchros, lembrado de que ainda he meu povo, eſſe meſmo, que eſtà cativo: *Ecce ego apèriam tumulos veſtros, & educam vos de ſepulchris veſtris, populo meus.* O Anjo defenſor do povo Iſraelitico ſe empenhava em pedir a Deos a promettida trasladaçaõ daquelles oſſos; porêm chegando-ſe o tempo para ella deſtinado, o Santo Anjo Principe, e Defenſor do Reyno dos Perſas ſe empenhou com Deos por eſpaço de vinte e hum dias, interpondo as ſuas oraçoens e merecimentos, e allegando cauzas, para que taes

Ezech. 37. v. 11.

v. 12.

Dan. 10. v. 13.

taes ossos naõ saissem do cativeyro, nem fossem delle trasladados para fóra: *Princeps autem regni Persarum, restitit mihi viginti & uno diebus.* Notavel confuzaõ encontro neste cazo!

22 A vontade de Deos era, que aquelles ossos se trasladassem; e que houvesse Anjo, ainda assim, tam empenhado em solicitar o contrario! A trasladaçaõ daquelles ossos era o alivio de hum cativeyro, e liberdade para hum povo dilatadissimo; e que o Anjo Defensor dos Persas, sendo Anjo, e sendo Santo, a quizesse impedir e estorvar! Sim, e com obrigaçaõ de o fazer assim; porque em quanto aquelles ossos estavaõ sepultados no cativeyro, resultava aos Persas grave utilidade. Huns se convertiaõ, outros melhorando as vidas, se dispunhaõ para largar a superstiçaõ. Ouvi a S. Gregorio Magno. *Interpellabat Deum, ut remanerent in Persida, ostendens in conspectu Dei bona, quæ ex hoc devenirent.* E como o Anjo Defensor daquelle Reyno estava obrigado a solicitar as utilidades dos Persas, devia para dezempenho da sua obrigaçaõ, impedir a trasladaçaõ de huns ossos em que os Persas interessavaõ tantos bens. *Princeps autem regni Persarum restitit mihi viginti & uno diebus.*

D. Greg. in Moral. apud. Lyr. in hunc. Locum. Dan.

23 Obrou S. Pedro da mesma sorte. Dispoz Deos, que se trasladassem os ossos de S. Bento: ou para que o grande Patriarca tivesse mayor gloria; ou para communicar a França os beneficios, que desta trasladaçaõ lhe resultàraõ. Mas como a S. Pedro estava recomendada a protecçaõ de Roma, e da mayor parte de Italia, inconveniente lhe vinha a ser esta trasladaçaõ. Se o Monte Cassino com seus termores, queria impedir a trasladaçaõ destes ossos, como a naõ pertenderia S. Pedro com mais razaõ impedir

impedir, por meyo do Papa seo successor? Se he S. Pedro, e cada hum dos seus successores, o mais poderozo Principe de toda a Italia, como naõ havia reziſtir, qual outro Principe dos Persas, à trasladaçaõ desses ossos, pelas utilidades da Italia? *Princeps autem regni Persarum restitit mihi. Interpellabat Deum, ut remanerent in Perside, ostendens in conspectu Dei bona, quæ ex hoc devenirent.*

§. IV.

24 COm tudo, eu ainda que (ou levado da razaõ, ou da gloria, que rezulta a meu Santissimo Patriarca) estimo, e louvo esta reziſtencia, com que S. Pedro se oppunha à trasladaçaõ das suas reliquias; heyde formar huma censura, ou hum reparo contra o empenho tam descuberto de S. Pedro. Saindo de Italia os ossos de S. Bento, ainda lá lhe ficavaõ as reliquias de S. Pedro. Pois que falta lhe faziaõ as de S. Bento? S. Pedro naõ he o fundamento da Igreja? Naõ lhe está promettido, que nem todo o Inferno junto poderá demolir este alicesse? Tudo he sem duvida. Pois deyxe trasladar as reliquias de S. Bento, para que sem fazerem falta na Italia honrem tambem a França? Parece justo, e bem fundado o reparo; mas o certo he, que os interesses da sua Roma, e da sua Italia, ninguem melhor os conhece, que S. Pedro. Para fundamento da Igreja ninguem se compára a S. Pedro; mas para defençaõ della, ninguem melhor que S. Bento. Escreve Leaõ Ostiense, que quando a Igreja padecia alguma perseguiçaõ, se via S. Pedro descer à Cassino, a consultar com S. Bento, como se defenderia a Igreja naquelle cazo?

Leo Ostiense. Chron. Cass.

D. Anton. Scip. in Elog. Abb. Cassin. fol. 1.

cazo? Antes que S. Pedro entraſſe à primeyra vez em Roma, ao pè de Caſſino deſcançou por alguns dias do caminho; como prevendo, que para ſi, e para a ſua Igreja, lhe fairia de Caſſino a defençaõ, e deſcanço nas perſeguiçoens. A huns peregrinos apareceu S. Pedro, e os acompanhou atè Caſſino dizendolhes; que là hia celebrar a feſta de ſua glorioza morte, em companhia de ſeo Irmaõ S. Bento, porque em Roma lhe faziaõ os vicios tam forte perſeguiçaõ, que pareſſe queriaõ opprimir a ſua Igreja. Pois ſe S. Bento ſe moſtrou tam ſingular Defenſor da Igreja, e do meſmo S. Pedro, faõ os oſſos de S. Bento, mais que os de S. Pedro, os que em Italia devem ficar, para protecçaõ della.

Apud Leon. Oſt. in Chron. caſſ. lib. 2. c. 67. Baron. tom. 11. an. 1087.

25 Morto Jacob no Egypto, mandou que ſeu corpo foſſe logo trasladado para Canaán. *En morior; inſepulchro meo, quod fodi in terra Chanaân ſepelies me.* Morre Jozè, e naõ quer apartarſe dos ſeus Iſraelitas. No Egypto ſe deyxou; e na companhia delles, ſe trasladàraõ os ſeus oſſos, por ordem de Jozè: *Aſportate oſſa mea vobiſcum.* Pois ſe Jozè ordena, que os ſeus oſſos acompanhem ſempre o ſeo povo: como deyxando-o Jacob, ſe manda ſepultar em Canaán? Aquelle povo mais era de Jacob, que de Jozè; porque Jacob era cabeça, e fundador do meſmo povo; pois ſe Jozè, com menos obrigaçaõ, quer os ſeus oſſos aſſiſtindo ao povo Iſraelitico, Jacob como lhe falta com a aſſiſtencia dos ſeus? Porque Jacob era o fundador do povo, Jozè era o defenſor: *Nolite timere* dizia Jozè aos ſeus, quando os vio ſem o emparo, e protecçaõ de Iſrael: Naõ temais, que tendes o meu emparo, e patrocinio: *Nolite timere, ego paſcam vos.* Bem; pois ahi temos jà notoria a razaõ, com que ſe faz

Ibid. v. 19.

v. 12.

faz precizõ, que os ossos de Jozè, mais que os de Jacob, fiquem servindo de companhia, e protecçaõ ao povo. Os ossos de Jacob pòdem hir para Canaàn; porque Jacob era fundador dos doze Tribus, e jà a esse tempo ficavaõ muy bem fundadas. Os ossos de Jozè defensor dos Tribus naõ deviaõ sair do Egypto; porque naõ ficassem os Israelitas sem o patrocinio, que os defendia: *Nolite timère. Asportate ossa mea vobiscum.*

26 Estamos em proprios termos para o nosso intento. S. Pedro era o fundamento da Igreja, e alicerse para a fundaçaõ della: *Super hanc Petram ædificabo Ecclesiam meam.* S. Bento era o defensor. S. Pedro se reprezentava em Jacob, que foy cabeça, e fundador dos doze Tribus de Israel, das quaes constava o corpo da antiga Igreja. S. Bento se reprezentava em Jozè, como largamente escreve huma gravissima penna da muy santa, e muy douta Ordem dos Pregadores: e mais precizo parecia, que para a defensa, ficassem na talia as reliquias de S. Bento, defensor como Jozè, do que as mesmas reliquias de S. Pedro, fundamento da Igreja, como Jacob fundador. Pois se tanto podia Cassino na trasladaçaõ destas reliquias, justamente se aballava, quando conheceu, que lhe tiravaõ tam grande bem: mostrando em seu terremoto o que a terra mostrou na Resurreyçaõ de Christo: e vendo se nesta parte, o como S. Bento em sua trasladaçaõ seguio, e imitou a Christo em sua Resurreyçaõ: *Secuti sumus te. Per imitationem.*

Matth. 16.v.18.

O Doutor Fr. Jacob. de S. Thomaz no livro Excellencias de muchos Padres Excellen. a. de S. Rento.

§. V.

§. V.

27 O Segundo effeyto do Sol Divino reſuſcitado, foy dar vida aos mortos, que reſurgiaõ com elle: *Corpora Sanctorum, qui dormierant ſurrexerum*: e eſte foy o ſegundo prodigio, com que S. Bento em ſua trasladaçaõ, ſe moſtrou imitando a Chriſto em ſua Reſurreyçaõ. Tocàraõ os milagrozos oſſos de S. Bento em hum cadaver, e logo lhe reſtituîraõ a vida: *Vt mortui mortua tetigère oſſa, per mortuum mortua vita redditur*, eſcreve o Croniſta da traſladaçaõ de meu Patriarca.

Adrevald. c. 8.

28 Imitou meu Patriarca neſte effeyto a Chriſto reſuſcitado; mas naõ me admira o effeyto do exemplar, admirame o prodigio do imitador. Que Chriſto reſuſcitado dèſſe vida a mortos, naõ he maravilha; porque era Deos vivo, em quem eſtá a fonte da vida: *Apud te eſt fons vitæ.* Naõ he de admirar, que as aguas corraõ da fonte donde nacem: nem he tambem de admirar, que a vida emâne da fonte donde tem o ſeu nacimento. Mas que de hum cadaver trasladado da ſepultura ſaiſſe a vida, a quem naõ ſervirà de admiraçaõ?

Pſal. 35. v. 10.

29 Vio o Evangeliſta Profeta aquelle livro celebre, e myſteriozo, pelos ſete ſellos, que enſerravaõ em ſi ſete prodigios. Aberto o primeyro, apareceo hum cavaleyro triunfante, e vencedor: *Equus albus, & qui ſedebat ſuper illum habebat arcum, & data eſt ei corona, & exivit vincens ut vinceres.* Neſte cavaleyro vencedor diz Gagneio, diz Hugo Cardeal, que ſe reprezentava Chriſto victoriozo em ſua Reſurreyçaõ: *Chriſtus ſcilicet Dominus, qui vicit reſurgendo.*

Apoc. 6. v. 2.

Gagn. in c. 5. Apoc.

Hug. in c. 6. Apoc. v. 2.

No

No quinto prodigio ſe viraõ huns cadaveres de Santos, clamando, e bradando com grande voz: *Vidi, ſub altare animas interfectorum, propter verbum Dei, & propter teſtimonium quod habebant, & clamabant voce magna.* Antes que notemos no myſterio, ouvi a interpretaçaõ de Arethas, Lyra, Haye, e outros? *Animas, ideſt cadavera, ſeu corpora interfectorum.* Agora reparemos na duvida, para ſe deſcobrir o myſterio. Apoc. 6. v. 9.

30 Aquelles cadaveres collocados debayxo do altar, produziaõ de ſi acçoens vitaes; porque clamavaõ, e proferiaõ vozes: *Clamabant voce magna*; porém he certo, que de Chriſto reſuſcitado ſaio mais prodigiozamente a vitalidade, quando foy reſurgir mortos em ſua Reſurreyçaõ: *Corpora Sanctorum, qui dormierant ſurrexerunt.* Pois ſe no quinto ſello ſe admiraõ as acçoens vitaes, que ſaiaõ daquelles mortos; como no primeiro, ſe naõ faz reparo em tantas vidas, que Chriſto deu aos mortos quando reſuſcitou? Adverte-ſe no menos, e fica o mais em ſilencio? Sim com boa, e clara razaõ; porque no quinto ſello, os que bradavaõ eraõ mortos: *Vidi ſub altare, cadavera ſeu corpora interfectorum*; mas no primeiro ſello, o cavaleiro triunfante era vivo; porque já tinha reſuſcitado. No quinto Myſterio, appareciaõ huns mortos trasladados das ſepulturas, para o inferior do altar, como advertio Alapide: *Poſt corporis immolationem, & ſepulturam in altari holocauſtorum translatæ ſunt.* No primeiro ſello apparecia Chriſto trasladado da morte para a vida. E ſuppoſto admire, que de Chriſto vivo ſaiſſe a vida, para os que com elle reſuſcitàraõ: muyto mais admira, que de huns cadaveres trasladados ſaiſſe a vitalidade, com que bradavaõ. Pinciano o diz com muita agudeza, depois Alap. in citat. locum Apoc.

Pintian. tom. T 8. de 3. n. 20. D. Baſ. ſel. orat. 23.

pois de o enſinuar S. Bazilio de Seleucia: *Mirum itaque quod a vivente vita donentur cadavera, cæterum a cadavere, maxima gloria.* Só admirou a Eſcritura o que era mais digno de ſe admirar. Naõ fez mençaõ da vida, que Chriſto deu aos mortos quando reſuſcitou; porque reſuſcitado tinha em ſi vida; advertio porém nas acçoens vitaes, que ſairaõ daquelles cadaveres trasladados de ſuas ſepulturas; porque eſtes careciaõ de vida: *Cadavera ſeu corpora interfectorum, clamabant voce magna*: e naõ era tanto para admirar, que de Chriſto vivo ſaiſſe a vida, como era que a vitalidade em vozes de vida, ſaiſſe daquelles cadaveres trasladados: *Poſt corporis immolationem, & ſepulturam, in altari holocauſtorum translatæ ſunt: Et clamabant voce magna.*

31 Entendo que na prodigioza trasladaçaõ de meu Patriarca Santiſſimo eſtaes admirando, e vendo, o que o Evangeliſta vio, e admirou nos mortos do quinto ſello, trasladados no Apocalipſe. Da ſepultura de Caſſino hiaõ trasladadas as reliquias de meu Patriarca para hum decente, e ſumptuozo altar de Floriaco: *In altari holocauſtorum translatæ ſunt.* Para o altar hiaõ como veneraveis, e como ſantas; mas ſem vida, porq̃ trasladadas, ſairaõ da ſepultura. E que ainda aſſim com o ſeu contacto cauzaſſem vida. Que Chriſto reſuſcitado deſſe vida a mortos, admira ſim; porém menos, porque em ſi tinha vida, e era Deos della; mas que trasladado S. Bento deſſe vida, admira mais; porque a dava ſem que a tiveſſe: *Mirum, itaque quod à vivente vita donentur cadavera; cæterum à cadavere maxima gloria.*

32 Podêra eu naõ me admirar na ponderaçaõ deſta maravilha, recordando-me das que em ſua vi-

da

da obrou o Patriarca sempre admiravel. Se vivo S. Bento resuscitou tantos mortos, como escreve S. Gregorio Magno; que muito resuscitasse outro em sua trasladaçaõ? Quizeraõ os Floriacenses examinar, se as reliquias trasladadas eraõ verdadeiramente as mesmas de seu Patriarca, e aos milagres entregàraõ a duvida, para que proferissem a sentença na cauza da identidade, controvertida pelo gosto, e pela admiraçaõ: *Illis non credentibus & mirantibus præ gaudio.* A pedra de toque foy hum cadaver, tendo-se por certo, que se as reliquias eraõ de S. Bento, ao toque destas havia resuscitar aquelle. Naõ disputo agora, se foy prudente este exame; porque traz a sua approvaçaõ, naquelle superior impulso, que o inspirou. Mas he certo, que a ocaziaõ fez discorrer assim: S. Bento em Cassino deu vida a hum morto, tanto que lhe tocou no cadaver; pois se o que vemos trasladado he S. Bento, fará o mesmo em Floriaco: resuscitará outro cadaver em tocando nelle.

D. Greg. M. lib. 2. Dial. 32. & c. 11. Alonſ. Victor. tom. 1. Prol. 1. c. 9. per tot. Luc. 24. v. 41.

33 Eu naõ posso approvar este discurso; porque da vida que se deu na vida, naõ se infere, que se possa tambem dar na trasladaçaõ depois da morte. Na vida obrava a alma chea de virtudes: obrava a deprecaçaõ do milagrozo, e obrava finalmente na vida a mesma vida, digna de obrar prodigios, pois era prodigioza na santidade. Mas na trasladaçaõ, onde pela morte, naõ concorria jà a santidade da vida prodigioza: nem a deprecaçaõ efficaz do milagrozo: nem as virtudes, que inherentes na alma, tinhaõ deyxado o corpo! Na trasladaçaõ, onde naõ concorria, mais que o contacto dos dezanimados ossos, haver ainda assim huma resurreyçaõ! He maravilha.

34 Diz o Sagrado Texto no livro do Eccleſiaſti-

co, que o Profeta Elizeo depois de morto obràra cou-
zas maravilhozas, ou dignas de admiraçaõ: *In mor-
te mirabilia operatus eſt.* E quem nos darà a ſaber com
clareza as maravilhas encarecidas de Elizeo morto?
Averſaõ Syriaca nos tira a ſuſpenſaõ, que pòde cau-
Eccli 48. v.15. zar o encarecimento do noſſo Texto.: *In morte ſua
vivificavit mortuum.* Diz, que morto Elizeo reſuſci-
tou hum cadaver: e foy o cazo como ſe refere no li-
vro quarto dos Reys levavaõ certos habitadores de
Samaria hum defunto para lhe dar ſepultura; mas co-
mo os atemorizaſſe o receyo de hum perigo, na ſe-
pultura de Elizeo lançàraõ apreſſadamente o cada-
ver: e apenas eſte chegou a tocar nos oſſos do Pro-
4. Reg. c. 13. v. 21. feta, quando logo reſuſcitou: *Projecerunt cadaver in
ſepulchro Eliſei, quod cum tetigiſſet oſſa Eliſei revixit
homo.*

35 Eſte foy de Elizeo o prodigio tam memoravel,
e a maravilha pelo ſagrado Texto tam encarecida.
*In morte mirabilia operatus eſt: in morte ſua vivificavit
mortuum.* Porem pareſſe que naõ ha razaõ da parte
da ſagrada Hiſtoria, para tanto exagerar eſta reſur-
reyçaõ cauzada pelo contacto daquelles oſſos; porque
ſe o Profeta reſuſcitou o filho daquella nobre matro-
na da Cidade de Suna, que admiraçaõ era reſuſcitar o
morto de Samaria? Muyta, e com grande cauza. A
4. Reg. c. 4. v. 33. primeyra reſurreyçaõ obrou o Profeta ſendo vivo;
a ſegunda depois de morto. Na primeyra quando vi-
vo obravaõ as oraçoens do Profeta: *Oravit ad Domi-
num.* Obrava a caridade, e virtude de Elizeo, e obra-
va finalmente a ſua Fé, e a da Sunamitis tambem:
Ad Hebr. c. 11. v. 35. *Fide acceperunt mulieres de reſurrectione mortuos ſuos.*
Nada diſſo porèm concorria na ſegunda reſurreyçaõ;
na qual obrava ſómente o contacto dos oſſos de Eli-
zeo:

zeo: *Cum tetigiſſet oſſa Eliſei revixit homo*: e dar por eſte modo vida a hum cadaver, he maravilha, he aſſombro: *In morte mirabilia operatus eſt.*

36 Aſſim Elizeo, e aſſim S. Bento na ſua trasladaçaõ. Tocàraõ os ſeus oſſos hum cadaver; e o reſuſcitàraõ. Obrado eſte prodigio em Caſſino naõ admirou tanto, como em Floriaco; porque em Caſſino obrava S. Bento vivo, em Floriaco S. Bento trasladado depois da morte. S. Bento vivo em Caſſino reſuſcitou os mortos a empenho de ſuas oraçoens: S. Bento trasladado para Floriaco reſuſcitou o cadaver ſó com o toque de ſeus oſſos: *Cum tetigiſſet oſſa revixit*: e depois de morto reſuſcitar mortos he maravilha, ainda que já dantes obrada em vida: *In morte mirabilia operatus eſt: in morte ſua vivificavit mortuum.* Era porèm precizo, que aſſim obraſſe S. Bento trasladado para Floriaco; porque na trasladaçaõ naõ perdia as prerogativas de Sol, e era imitador de Chriſto reſuſcitado: *Secuti ſumus te. Per imitationem.*

37 O terceyro effeyto, que admiramos em Chriſto, quando reſuſcitou como Sol, foy o diſſolver a neve, de que ſe cobrio a terra. Na variada ordem dos tempos, ſe via o ſentimento grande da natureza, pela morte do Creador. Quando o tempo da Primavera offertava à terra a melhor gala, para ſe viſtir, ella ſe amortalhou em hum lançol de neve; porque vio em ſi o Redemptor ſepultado: *Tempus ſuas vices mutavit, ut vernum tempus ſuos calores infrigora ac glacies commutaverit.* Mas como reſuſcitando Chriſto reſtituîa aos elementos a gloria, que haviaõ perdido: *In Reſurrectione Chriſti elementa omnia gloriantur*, reverberàraõ os ſeus rayos como do Sol na quella neve maravilhoza, e a desfizeraõ.

38 Se-

38 Semelhante prodigio concorreu tambem na trasladaçaõ de meu Santissimo Patriarca, para tambem neste terceyro effeyto se mostrar imitador de Christo resuscitado. De neve cobria o Ceo o thezouro das reliquias de S. Bento: e supposto que a neve deste crespo véo era tanta, que formava hum monte: *Nivei montis ad instar*: tam activos eraõ os rayos daquelle descuberto Sol, que a dissolvèraõ sem reziſtencia.

39 Aqui me occorre huma tam mysterioza, como difficultoza pergunta, que Deos fez ao Herôe de Hûs, e Principe da paciencia: *Numquid ingressus es thesauros nivis, aut thesauros grandinis aspexisti, quæ præparavi in tempus hostis?* Por ventura entrastes já pelos thezouros da neve, que eu preparey para a occaziaõ do inimigo? Que neve he esta, e que thezouro senaõ a do sepulchro de meu glorioso Patriarca? A neve que o cobria, era o thezouro, que encerrava em si os preciozos penhores de seus ossos. Preparou Deos este thezouro, ou esta neve para a occaziaõ do inimigo; porque quando a hostilidade dos Longobardos arrazou o sagrado Mosteyro de Monte Cassino, entrou o monte de neve a resguardar a riqueza das reliquias sepultadas nelle.

Job. 38. v. 22. & 23.

40 Fazia Deos essa pergunta a Job propondolhe na materia della huma enigmatica difficuldade, impenetravel ao entendimento humano: *Numquid ingressus es thesauros nivis?* E a quem naõ será imperceptivel, o como aquella neve em Cassino, tantos annos se conservou sobre o sepulchro de S. Bento Sendo elle Sol, como senaõ desfazia a neve? Como reziſtia à força, e ao ardor do mesmo Sol, que encobria? Ora eu naõ me quero demorar encarecendo, o

que

que alguma vez se yio jà: *Nix autem, & glacies sustinebant vim ignis, & non tabescebant*: Nem o discurso que sigo me offerece para ponderar o como endurecida se conservou a neve, em quanto servio de thesouro àquellas santas Reliquias; mas sim o como na trasladaçaõ dellas a neve se derreteu. Sap. 16. v. 22.

41 Abriaõ-se os thesouros da neve, entrou por elles o Monge Aygulfo, e tirando as preciosas Reliquias, a neve se derreteu. Parece, que se mostrou a neve mais ambiciosa, que reverente. Se encobrio ambiciosa o sepulchro, havendo nelle as Reliquias; tiradas ellas, como reverente naõ ficou cobrindo as cinzas que lhe deyxàraõ? Como naõ ficou resguardando tam veneravel sepulchro dos dezacatos, a que o deyxava exposto naquelle assolado Monte? Eu quero entender, que andou com discriçaõ a neve, naõ permanecendo mais sobre aquelle sepulchro sagrado.

42 Parece, que na trasladaçaõ daquellas Santas Reliquias, naõ sem mysterio se derreteu a neve, e foy desfazendo-se como em lagrymas, por lhe roubarem o seu thesouro. Queixàraõ-se os Cassinenses ao Papa Zacharias, que hum Monge vindo de França lhes roubàra as Reliquias do Santissimo Patriarca. Se assim naõ foy, diremos que os Cassinenses, para reforçarem a sua cauza, observàraõ em Aygulfo mais o genio da Naçaõ, que a piedade de Monge: e com a inclinaçaõ daquella, quizeraõ calumniar o merecimento deste. Sentindo pois a neve, que lhe roubavaõ os sagrados ossos, que no sepulchro guardava, se desfez em lagrymas, para chorar o roubo, que lhe fez Aygulfo. Yep. tom. 1. Eser. 18: Bened. Lusit. tom. 1. tract. 1. p. 4. c. 9.

43 Resuscitado Christo, foy a Magdalena ao

Sepulchro; e como nelle naõ achaſſe o Cadaver de ſeu Divino Meſtre, derretendo pelos olhos neve, dava a conhecer em lagrymas a penà que lhe anguſtiava o coraçaõ: *Maria ſtabat admonumentum foris plorans.* Foraõ aquellas lagrymas amoroſas; mas naõ diſcretas. Se eſtà reſſuſcitado Chriſto, e jà deyxou o Sepulcro; como ſenaõ alegra a Magdalena? De que Chora? Porque entendeu, que lhe roubàraõ o Cadaver da ſepultura. Ella o diſſe, declarando a cauza de ſuas lagrymas: *Quia tulerunt Dominum meum.* E tam grande perda, tam precioſo roubo, pedia tanto ſentimento, quanto expreſſava a Magdalena em ſuas lagrymas. Notou Santo Agoſtinho, que na morte de Chriſto, naõ diz o Texto, que a Magdalena choraſſe; ſendo que muyto lhe encareſſe as lagrymas, quando o naõ achou no Sepulcro: *Oculi amplius dolentes, quod fuerat de monumento Sublatus, quam quod fuerat in ligno occiſus.* Pois ſe tanta foy a conſtancia da Magdalena, vendo a Chriſto morrer na Cruz, como foraõ tantas as lagrymas, quando o naõ vio no Sepulchro? Porque ſe lhe propoz no ſegundo cazo, que lhe furtàraõ as reliquias do ſeu Meſtre: *Quoniam Magiſtri tanti, cujus, & vita ſubſtracta fuit, nec memoria remanebat.* Diz o meſmo S. Agoſtinho. Quando tiravaõ ao Redemptor a vida, achava a Magdalena razoens, para a conformidade; mas quando entendeu, que nem as reliquias lhe deyxavaõ: *Nec memoria remanebat.* Naõ deſcobria pretexto, para ſe conſolar: poriſſo chorou, quando vio o Sepulchro, e naõ vio nelle o Cadaver: *Maria ſtabat ad monumentum foris plorans. Quia tulerunt Dominum meum.*

Joan. 20. 11.

Ibid. v. 13.

D. Aug. tract. 121. in Joan.

Ibid.

44 Houve-ſe a neve de Caſſino, como a Magda-

lena

lena se houve. Em quanto naquelle sepulchro esteve S. Bento morto se conservou nelle a neve; mas tanto que aberto o sepulchro, naõ vio a neve o sagrado cadaver de S. Bento, se desfez em lagrymas, para chorar o roubo, que lhe fizeraõ: *Quia tulerunt Dominum meum*; e para lamentar a falta daquellas reliquias: *Nec memoria remanebat.* Imitou a neve o mesmo que tinha obrado o monte. Vio que Cassino tremeu, quando se descobriraõ as sagradas reliquias sepultadas nelle, e jà dissemos, que as agitaçoens deste monte, eraõ effeyto do grande abalo, com que sentia verse espoliado da sua mayor riqueza: e querendo a neve mostrar-se naõ menos condoîda què o monte, em lagrymas se desfez, para chorar o que tambem perdia. Quando a perda he grande, tambem o insensivel sente. Na morte do Pastor Daphnis, introduzio o Poeta, que atè os montes se lamentavaõ internecidos:

Interitum montes que feri, sylvaque loquuntur. Virg. Eclog. 5. v. 28.

Na trasladaçaõ das reliquias de S. Bèto, o dezanimado se interneceu. Assim o mostravaõ Monte Cassino em suas commoçoens tam repetidas, e a neve delle desfazendo-se derretida como em lagrymas. E para que se entenda, que naõ ha ficçaõ poetica nesta expressaõ, vamos ao sagrado Texto.

45 *Viderunt te, & doluerunt montes, gurges aquarum transiit.* Habac. c. 3. v. 10. Ou como diz a versaõ do Grande Padre Theodoreto: *dispergens aquas.* Vîraõ-vos os montes, e se condoèraõ, espalhando aguas. Sabem os Escriturarios a grande difficuldade, que em si contem este lugar de Habacuc, para se explicar; mas a materia prezente me dà luz, para o entender assim. Os montes condoîdos eraõ o monte Cassino, e o

monte de neve. Caſſino ſe moſtrou dohido, nos tremores, que o commoviaõ. O monte de neve ſe condohia tambem; e em final de ſentimento, ſe desfez em aguas. *Diſpergens aquas.* A neve, como diz Laureto na Sylva das allegorias, he ſymbolo das lagrymas. Eſtavaõ eſtas congelladas, e formàraõ hum monte, que ſe desfez com o ſentimento. Liquidouſe a neve, e começáraõ a correr as lagrymas; porque ſuppoſto que tam inſenſivel foſſe aquelle monte de neve, como era o monte Caſſino, a perda das reliquias, que lhe roubàraõ, para elles era tam grande, que os precizou a ſentimento, e lagrymas: *Dolu runt montes. Diſpergens aquas.* Quiz moſtrar derretida a neve de ſentimento; que naõ faltava às obrigaçoens com que reconhecia por Sol a S. Bento, quando apparecendo fóra do ſepulchro reverberava nella: e quiz em competencia moſtrar S. Bento neſte effeito admiravel, que em ſua trasladaçaõ imitava, e ſeguia a Chriſto em ſua Reſurreyçaõ. *Secuti ſumus te. Per imitationem.*

§. VII.

46 POnderado, e admirado aſſim, o como S. Bento em ſua Trasladaçaõ ſeguio, e imitou a Chriſto, pareſſe que com as meſmas palavras do thema, e da expoziçaõ delle, eſtá pedindo a gloria de Filhos, e a obrigaçaõ de Monges, de tam Illuſtre Pay, e de taõ S. Patriarca, lhe digamos todos os que ſomos ſeus Filhos, e ſeus Monges; *Secuti ſumus te: per imitationem.* A vida de S. Bento eſtá retratada ao vivo em ſua ſanta Regra, diz Erhardo, e a razaõ o moſtra; porque naõ podia viver de hum modo,

Erhard. in vita S. Bened.

modo; e enſinar a viver por outro modo. O imitar a S. Bento conſiſte em obſervar a ſua Santa Regra; a qual nos obrigamos, por força da Profiçaõ. Rezolvamonos a huma exactiſſima obſervancia do minimo documento della; porque depende de toda eſta integridade o noſſo perfeyto ſeguir, e o noſſo perfeyto imitar. Por eſte meyo ſe nos aſſegura tambem a noſſa trasladaçaõ para o Ceo a lograr com S. Bento os eternos goſtos da gloria.

SERMAM IV.
DA GLORIOSA
SANTA ANNA,
MÃY DA MÃY DE DEOS,
e Avô de Christo.
Na Igreja da Candelaria do Rio de Janeyro.
Anno de 1718.

Simele eſt regnum cœlorum theſauro abſcondito ::::
Simile eſt regnum cœlorum homini negotiatori ::::
Simile eſt regnum cœlorum ſagenæ miſſæ
in mare. Matth. 11.

§. I.

HE excellencia dos objectos ſuperiores, que os naõ poſſa a lingua explicar; por mais que o entendimento os penetre. Confeſſou o mais ſabio, e mais entendido entre os homens, que nas materias difficultozas, naõ acha o entendimento palavras, para ſe explicar: *Cuncta res difficiles; non poteſt*

Eccl. 1. v. 8.

poteſt eas homo explicare ſermone. He certo porèm na Filoſofia, que as palavras ſaõ huns ſinaes inventados pelo entendimento, para exprimir ſeus conceytos. Pois como naõ uza o entendimento deſtes ſinaes, ou naõ inventa novas palavras, para ſe explicar nas materias difficultozas? Porque eſſa he a limitaçaõ do entendimento, ainda que nobre. E levado para conhecer; e abatido para ſe explicar.

2 Com eſta prefacçaõ quiz eu prevenir hũa nobre deſculpa do pouco, que direy neſta hora de S. Anna. Todos, como he bem, fazemos de ſuas virtudes hum conceyto muy avultado, a cuja comparaçaõ, muy pouco ſerá quanto eu diſſer; mas ha grande diſparidade entre o entendimento, e a lingua, nem eſta poderá expôr com palavras, o que em S. Anna admiraõ os entendimentos; naõ ſó humanos, mas tambem Angelicos; porque a huns, e outros entendimentos, he S. Anna, mais objecto para admiraçoens, que aſſumpto para elogios.

3 Deſcreve ſe no livro todo myſtico dos Cantares, que ſobindo aos Ceos huma mulher virtuoza por extremo, admirados os Anjos, perguntavaõ, naõ huma ſó, mas tres vezes, quem ella era? *Quæ eſt iſta, quæ aſcendit? Quæ eſt iſta quæ progreditur? Quæ eſt iſta quæ aſcendit?* Ouvi a Gloſſa do Lyra: *Hæc commendatio ponitur ſub ſpecie mulieris virtuoſæ.* Se bem repararmos agora, no que entaõ já reparavaõ os Anjos, das ſuas meſmas perguntas entenderemos que he S. Anna eſſa virtuoza mulher, que ſobia da terra aos Ceos.

Cant. 3. & 6. & 8.

Lyr. in cant. cap. 3. v. 6.

4 Diziaõ perguntando a primeyra vez, que eſſa mulher parecia huma vara já ſeca; porque conſtava da confeyçaõ aromatica de myrrha, e incenſo: *Quæ* Cant. 3. v. 6.

eſt iſta, quæ aſcendit per deſertum, ſicut virgula fumi ex aromatibus mirrhæ, & thuris? Tal foy S. Anna em verdade. Vara de Aaraõ, que depois de ſeca, e deſecada com os annos, floreceo, quando gerou, e produzio a Maria flor da graça. Aſſim ſe declarou a meſma Senhora, revelando a S. Brigida o Myſterio de ſua Conceyçaõ em S. Anna. *Deus namque ſingulare quodam, & à ſæculo abſconditum facere voluit in opere ſuo, quemadmodum fecit in virga arida floreſcente.* De myrrha era primeyramente eſſa vara; porque naquella mulher virtuoza, eſtava já morta a concupiſcencia carnal: *Primo myrrham ponit; ... quia priùs eſt mortificare concupiſcentiam carnis*, diz a Gloſſa. Aſſim tambem S. Anna, floreſcente vara; porque quando della brotou a flor puriſſima de Maria tinha já morto todo o deleyte da carne: *Voluptas in eis erat mortua.* Conſta da meſma revelaçaõ. Era tambem de incenſo aquella vara; porque na fraze da Eſcritura, e dos Santos Padres, o incenſo he ſymbolo da oraçaõ: e tam continua foy a oraçaõ em S. Anna, que à força della conſeguio ter a Mãy de Deos por filha: *Dominus flexus Annæ precibus, miſit Angelum, qui prænunciaret filiæ conceptionem*: diz S. Germano.

Revel. lib. 6. c. 55.

Gloſſ. Ord. in hunc loc.

Cap. 9.

D. German. Encom. Virg.

5 Na ſegunda pergunta que os Anjos faziaõ, naõ ſe reprezentava S. Anna com menor clareza. Comparavaõ elles a virtuoza mulher à Aurora, à Lua, e ao Sol: *Quæ eſt iſta quæ progreditur, quaſi Aurora conſurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol?* Aurora foy S. Anna, que orvalhando todos os dias lagrymas, formou na concha de ſeu ventre a mais precioza, e mais rica perola: *Maria admodum Margaritæ, genita intra conchàm, ideſt uterum Annæ*: diz S. Antonino. Foy Lua, ſymbolo da fecundidade; porque

Cant. 6. v. 9.

D. Anton. in Sum. p. 4. tt. 15. c. 5.

porque gerou huma filha, tam fecunda, que sendo virgem foy Mãy, e Mãy do mesmo Deos. Foy finalmente S. Anna Sol, de que Maria Santissima se vestio, e cobrio, quando no materno ventre esteve encuberta: *Mulier amicta Sole.* Apoc. 12. v. 1.

6 Ainda na terceyra pergunta dos Anjos, se retratava S. Anna mais expressamente: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto, deliciis affluens, innixa super dilectum suum.* Ou como verte Theodoreto: *Super nepotem suum*: Quem he esta, que sobe recostada sobre o seu amado, ou sobre o seu neto? O amado, nos Canticos de Salamaõ, he Christo: pois se este era o neto; *Super nepotem suum*: logo a que nelle sobia recostada era sua avò, era S. Anna. Cant. 8. v. 5. Theodor. apud Ghisler.

7 He sem duvida; e apenas nasceo S. Anna, quando com infancia muda, respondeu aos Anjos, e declarou aos homens, que ella era a decifrada naquellas tres perguntas, e enigmaticas comparaçoens. Nasceo a illustre Infante, e trouxe escrito tres vezes em seu peyto o nome de Anna, com letras de finissimo, e resplandecente ouro: em cuja perfeyçaõ, tambem se lia a maõ Angelica, que o havia escrito. Respondèraõ os Anjos por escrito as suas mesmas perguntas. Por isso tres vezes lhe escrevèraõ o nome de Anna; porque como por S. Anna tinhaõ perguntado tres vezes, outras tantas se lhes devia responder. Quando empregàraõ os olhos em S. Anna, perguntàraõ tres vezes, Quem he esta? *Quæ est ista? Quæ est ista? Quæ est ista?* E tres vezes se lhes dava por resposta. Anna, Anna, Anna. Gualt. Born. in vit. S. An.

8 Bem o sabiaõ os Anjos; pois a S. Anna representavaõ em enigmas, e lhe escreviaõ o nome. Mas se sabiaõ, que era S. Anna, essa vara, tam aromatica

ca

ca de myrrha, e incenſo: *Sicut virgùla fumi, ex aromatibus myrrhæ, & thuris*: ſe ſabiaõ, que era S. Anna, eſſa que ſe levantava como Aurora, como Lua, e como Sol: *Quaſi Aurora conſurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol*: ſe ſabiaõ os Anjos, que era S. Anna, a feliz Avò, que tinha a Chriſto por ſeu Neto, e ſobia recoſtada nelle: *Innixa ſuper nepotem ſuum*: como perguntavaõ com tanto empenho, e com tanta repetiçaõ, quem ella era? *Quæ eſt iſta?* Todos os Commentadores dizem, que neſte cazo, ou neſte Myſterio, naõ houve pergunta; houve ſó admiraçaõ. Naõ era perguntar, era paſmar. *Obſtupeſcentes ejus pulchritudinem in hæc propuerint: Quæ eſt iſta?* Bem dito; porque atè para os Anjos he S. Anna, aſſumpto ſó para paſmos, e objecto ſó para admiraçoens.

Ghisl. in Cant. c. 3. v. 6. in Expoſit. lit. & Cõmua. Interp. ibi.

9 Naõ fora S. Anna taõ ſuperioor aſſumpto de noſſas ponderaçoens, quando ſem admiraçaõ, e ſem paſmo, poderamos diſcorrer; ſobre ſuas ineffaveis prerogativas; mas como ſempre o incomprehenſivel da materia deu argumento vaſtiſſimo para os diſcurſos: *Cum ipſa materia ex eo quod eſt ineffabelis fandi tribuat facultatem*, a meſma cauſa da ſuſpençaõ, me darà alentos para diſcurſar ſobre alguma parte das virtudes, e excellencias de Santa Anna. Imploremos a graça ſignificada em ſeu nome, por meyo de ſua Filha, e Mãy da graça. AVE MARIA.

D. Leo Serm. 11. de Paſſ.

§. II.

Simile eſt regnum Cœlorum, &c.

10 TRes ſemelhanças do Ceo nos propoz Chriſto no Evangelho ptezente, querendo nas multiplicadas comparaçoens, ou deſpertar o noſſo diſvelo,

disvelo; ou manifestar o seu insaciavel dezejo de nos communicar a gloria Celestial. He o Ceo semelhante ao thesouro escondido em hum campo: e tambem a huma perola de muyto preço. O que achou o thesouro tudo vendeu, para possuir o campo: o que achou a perola, tudo deu por ella. Assim nòs, para conseguirmos o Ceo, devemos reputar em pouco quanto ha no Mundo. Nem o de que a ambiçaõ faz apreço; nem o que a affeyçaõ estima, se ha de antepôr ao Ceo. Tudo se ha de perder, para que a salvaçaõ se naõ perca. He tambem o Ceo semelhante ao lanço da rede, que colheu no mar grande multidaõ de peixes, e recolhida na praya, se escolhèraõ os bons, e se desprezàraõ os maos. Que alegre, e que horrenda comparaçaõ! Para os maos horrenda; porque nunca entrarão no Ceo: para os bons alegres; porque estes saõ os escolhidos para o logro da eterna gloria.

11 Porèm se o Evangelho taõ empenhado se mostra em nos retratar o Ceo, propondo-nos tres semelhanças delle, para que de alguma sorte o cheguemos a conhecer; como o mesmo Evangelho solemniza a Igreja a Santa Anna? Aos Santos, que celebra, costuma a Igreja applicar aquella parte dos Evangelhos, que melhor retrata as virtudes com que elles resplandecèraõ na vida. Pois se he de S. Anna a celebridade, como he o Ceo, o que no Evangelho tam repetidas vezes se retrata? *Simile est Regnum Cælorum, &c.* Eu cuydo, que por este modo temos a Santa Anna manifesta no Evangelho; porque he o Ceo o mais expressivo symbolo de Santa Anna. Nunca Santa Anna mais propriamente assemelhada, que quando a comparamos ao Ceo; porque foy Santa

ta Anna o Ceo, em que se formou a Estrella do Mar Maria Santissima: *Anna est cælum excelsum, de quo stella maris processit*; diz S. Jeronymo.

D. Hieron. apud Lãspeg. Ser. de B. Ann.

12 Com esta reflexaõ me resolvi a escolher por assumpto desse Panegyrico, huma comparaçaõ entre o Ceo, e Santa Anna, deduzindo os seus elogios da semelhança que Santa Anna tem com o Ceo: taõ ajustada, e propria, como facil de se mostrar. He o Ceo a primeyra obra da creaçaõ Divina; principio de todas as produçoens do universo; nem antes delle se vê creatura alguma no vasto mapa da natureza: *In principio creavit Deus Cælum*. Na ordem da Graça he Santa Anna a primeyra creatura; porque em Santa Anna tiveraõ primeyro, e mais antecedente principio todos os Mysterios, por onde Deos se encaminhava a nos communicar a sua graça, e a sua natureza: *Beatissima Anna dicere potuit::: Dominus possedit me in initio viarum suarum antequam quidquam faceret à principio*: diz o meu Abbade Trithemio, com verdade, e sem encarecimento; porque em Santa Anna se edificou, e formou Maria Santissima, Officina em que se preparàraõ todos os Mysterios, e remedios, para a salvaçaõ do Mundo: *Maria est officina pigmentaria, medicaque, quæ nobis ex Sanctis Joachim, & Anna Structa est.* Disse Jacobo Monge.

Genes. 1. v. 1.

Trit. de Laud. S. Ann. c. 5.

Jacob. Mon. Serm. de Nativ. B. V.

13 Nas estrellas, com que se matiza o Ceo, ensinaõ as Escrituras, e observou Santo Agostinho, que se representaõ os Dons do Espirito Santo. Ornada de tam illustres, e innumeraveis dotes foy Santa Anna, que no luzimento pòdem escurecer as Estrellas, e excederlhes tambem o numero pela multidaõ. Vemos no Ceo huma Lua com suas manchas, e com seus minguantes. No Ceo de Santa Anna resplan-

Laur. v. Stella.

ce

ce Maria, Lua ſem mancha, ſempre fermoza, e ſempre cheya. O Sol primogenito da luz, he o mayor credito para todo o Ceo, por ſer delle o mayor luſtre: *Luminare maius.* Santa Anna ſe acredita, e ſe illuſtra, por ſer a fonte de que emanàraõ as aguas, em que bebeu a noſſa vitalidade mortal aquelle Sol Divino, Luz unigenita, da Luz ingenita; *Lumen de lumine.* Deſcubramos mais ſublime ſemelhança no que ſe naõ deſcobre com a viſta. Gen. 1. v. 16.

14 Foy reflexaõ de Santo Thomàs de Villanova, que ſendo o Ceo tam viſtozo para os noſſos olhos, tam claro para a noſſa viſta; ainda he mais fermozo no que em ſi tem eſcondido, ſem que o penetre o noſſo conhecimento: *Certè, neque omnimodam ejus pulchritudinem videmus, multo certè pulchrius eſt quam quod apparet.* Santa Anna, qual outro Ceo, tem mais relevantes excellencias ocultas á noſſa comprehenſaõ, que manifeſtas à noſſa ponderaçaõ. Villanov. Conc. 1. de S. Mich.

15 Admiraõ-ſe os Authores da Fè admiravel de Santa Anna: encarecem a ſua nunca aſſás encarecida Eſperança: a meſma Igreja, notando na graça com que Deos enriqueceu a Santa Anna, naõ achou termos para a explicar: *Deus qui Beatæ Annæ tantam gratiam conferre dignatus es.* A ſua Penitencia, Oraçaõ, Piedade, Abſtinencia, e Religião, excedem a noſſa capacidade. O ſer Máy da Máy de Deos; o ſer Avò do Filho de Deos encarnado, grandezas ſaõ, que tranſcendem a noſſa comprehenſaõ; mas ainda em Santa Anna ha huma prerogativa occulta, que a meu entender a faz mais ſoberana, e mais excelſa. Eu a declaro. Eccleſ. in Quad. orat. in honor. S. Annæ.

16 Diz o Doutiſſimo Orador Ozorio, que Deos, Senhor noſſo ornou a Santa Anna com perfeyçoens muy

muy raras, e virtudes muy superiores, para ser a idéa por onde se talhasse, e o espelho a que se comporia a mesma Máy de Deos; *Exemplar Mariæ, in quod illa intuens, opera virtutum præstaret.* Parece, que tirou Ozorio este conceyto do meu Abbade Trithemio: *Si Anna non fuisset Sanctissima, filiam tam diligenter, & devotè ad Dei honorem non instituisset. Quales matres, tales, & earum filias novimus instituisset. Quales matres, tales, & earum filias novimus institutas.* Incomprehensivel elogio! Farey com que o percebaes.

Ozor. t. 3. Conc. in fest. S. Ann.

Thrith. de Laud. S. An. c. 1.

17 Maria Santissima he a creatura mais perfeyta, que formou a Divina graça, entre as puramente creaturas. E sabeis vòs qual foy o molde em que se fundio, e por onde se tirou tanta perfeyçaõ de Maria? Foy Santa Anna. A Máy de Deos he de todo o Mundo a creatura mais santa. E sabeis qual foy o exemplar, e o original, que a Máy de Deos imitava, para ser tam Santa? Hey de tornar a dizello; porque me naõ canso de o repetir. Foy Santa Anna: *Exemplar Mariæ, &c.*

§. III.

18 HE tam alto elogio de Santa Anna o que ouvistes, que naõ pòde passar sem admiraçaõ, e sem reparo. Ninguem duvida, que Maria Santissima depois de Christo, he o exemplar mais perfeyto, e mais digno, que o Author da graça instituhio para imitaçaõ da Igreja toda. Este foy o exemplar, que Deos mostrou a Moysés no monte, quando nas sombras do Testamento velho delineava os Mysterios da Ley da Graça; porque só ha de subir ao monte da perfeyçaõ, quem imitar a Maria Santissima nas virtudes. *Maria fuit exemplar à Deo in monte monstratum*

Ern. Prag. in Mar. c. 84.

monſtratum iis, qui ſpiritu Dei aguntur, ut illud aſpiciant, & proficiant: diz Erneſto. Exemplar de toda a ſantidade, lhe chamou Santo Antonino: *Exemplar totius ſanctitatis.* E Bernardino de Buſto a intitulou exemplar de todas as virtudes: *Exemplar omnium virtutum.* Atè a meſma Santa Anna tinha muyto que aprender da ſua filha Santiſſima, porque o exceſſo de ſuas virtudes, muyto offereciaõ à Mãy que imitar. Como pois poderia Santa Anna ſervir de exemplar a Maria Santiſſima, para ſe augmentar nas virtudes? *Exemplar Mariæ, in quod illa intuens, opera virtutum præſtaret?*

D. Anton. in Sum. p. 4. tit. 15. c. 44. Buſt. Ser. 5. de Nat. B. Mar.

19 Tudo ſe concorda muy bem, ſuppoſta a grande Santidade da Mãy, e a humildade ainda mayor da Filha. Tanta foy a ſantidade na Mãy, que punha em admiraçaõ a Filha Santiſſima. Tanta era a humildade da Filha, que abſorbia, e eſcondia toda a ſua virtude na Santidade da Mãy deſaparecendo no conceyto da Filha a virtude propria, viſta, e admirada a Santidade da Mãy.

20 Huma fonte poz Deos no Paraizo, que ſobia da terra, e vendo-ſe exaltada, e ſublime, ſe deixou cair na terra: *Fons aſcendebat de terra, irrigans univerſam ſuperficiem terræ.* Fonte que jà naſcia ſobindo, ſem artificio! *Fons aſcendebat!* Miſterioza fonte! E para que buſcava depois humilde a terra, a eſconder nella humas aguas, jà de ſeu naſcimento, tam ſuperiormente elevadas? Para ſe regar a terra, eſcuzado era; porque o Paraizo eſtava regado com hum rio tam caudalozo, que ao ſair delle ſe divide, nos quatro mayores rios do Mundo; *Fluvius egrediebatur de loco voluptatis, ad irrigandum paradiſum, qui inde dividitur in quatuor capita.* Naõ ſe occultem pois outra

Geneſ. 2. v. 6.

Ibid. v. 10.

vez na terra as aguas, que ſobindo tanto em ſeu naſcimento, bem moſtravaõ a violencia, com que por ſuperfluas, foraõ deſpedidas da terra: *Fons aſcendebat de terra.* Ora deixay de examinar eſtes ſegredos da natureza, que jà deſcubertos eſtaõ entre os Myſterios da graça.

21 Aquella fonte era Maria Santiſſima, e a terra era Santa Anna, diz Ricardo de S. Lourenço: *Fons terram irrigat á qua oritur; Maria irrigavit matrem Annam, à qua data eſt.* A Fonte logo em ſeu naſcimento foy ſuperior à terra; *Fons aſcendebat*; porque Maria naſceu em graça muy ſuperior a Santa Anna; mas notando a Filha na rara Santidade da Mãy, lá ſe humilhava: e julgando-ſe na Santidade propria, inferior a Santa Anna, o ſeu humilde conhecimento (ou o ſeu deſconhecimento) fazia, que a propria Santidade ſe abſorbeſſe na de Santa Anna; e que naõ apareceſſe a ſua virtude, àviſta da virtude da Mãy: qual outra fonte do Paraizõ, que na terra de que naſceu eſcondia ſuas elevadas aguas: *Fons aſcendebat de Paradiſo, irrigans univerſam ſuperficiem tetræ. Maria irrigavit matrem Annam.*

Richard. a S. Laur. lib. 9. de Laud. B. V.

22 Com a Mãy uzava a Filha, o que com eſta uzou Chriſto. Tanto excedia Chriſto a Maria Santiſſima, quanto huma creatura he excedida por Deos: e com tudo diante de ſua Mãy Santiſſima, ſe humilhava Chriſto obzequiozo. Ouvi a S. Bernadino: *In ſe qui Deus erat, matri famulabatur in terra.* Com razaõ (diz o Santo) porque Chriſto, ainda que Deos, era Filho: e pedia a razaõ de Filho, que cedeſſe á que era Mãy. Com mais forçoza razaõ, e obrigaçaõ, para o noſſo intento. Mãy era Santa Anna, e Maria Santiſſima, Filha: logo ainda que San-

Div. Bernard. t. 4. S. 5. c 6.

tissima; ainda que elevada na graça, divia como Filha ceder, julgando a Mãy superior na virtude, para a imitar, e seguir, como exemplar.

23 Desta assim explicada superioridade de Santa Anna, a respeyto de Maria Santissima em quanto filha sua, descobrimos em Izaias, hum vaticinio muy proprio: *Erit in novissimis diebus præparatus mons, domus Domini, in vertice montium.* Sobre os mais elevados montes se levantará hum monte, e nelle a caza de Deos. Os montes saõ os Santos, e o monte superior a todos he a Mãy de Deos, que excedeu a todos os Santos na eminencia da graça. Tudo diz meu P. S. Gregorio Magno: *Mons quippe in vertice montium fuit; quia altitudo Mariæ supra omnes Sanctos refulsit.* E qual seria a caza de Deos preparada sobre tam alto monte? Deyxou de o dizer S. Gregorio Magno, dice o porèm Trithemio Abbade: *Domus Domini fuit beata Anna.* A caza de Deos he Santa Anna. Nova, e mayor admiraçaõ! Se a caza está sobre o monte, como pòde ser Maria o monte, e Anna a caza? A caza de Deos he a santidade: *In plenitudine Sanctorum detentio mea:* Pois se o monte da santidade he Maria, e a caza he a santidade de Anna; como pode estar esta caza superior a aquelle monte? Porque a santidade do monte o humilhou, para se exaltar a santidade da caza.

Isai. 2. v. 2.

D. Greg. Pap. Expos. in lib. Reg. c. 1.

Trith. de Laud. S. An. c. 12.

Eccli. 24. v. 16.

24 O mesmo Izaias, que nos reprezentou a Maria Santissima com a allegoria de monte; dice, que todo o monte se humilharia: *Omnis mons, & collis humiliabitur.* Humilhou-se pois o monte de Maria, para se exaltar a caza de Deos S. Anna. Ficou a santidade da Mãy parecendo mayor que a santidade da Filha; e desta sorte pòde a filha Santissima fazer-se

Isa. 40. v. 4.

imitadora das virtudes da Santa Mãy: póde servir Santa Anna de exemplar a Maria Santissima; a qual trasladou, e exaltou em si com dobrada luz as virtudes, que em Santa Anna admirava, *Exemplar Mariæ inquo dilla intuens opera virtutum præstaret.*

§IV.

25 DAqui infiro seu em erro, mas com admiraçaõ, e assombro, que quem quizer conhecer a Santa Anna, conheça primeyro a sua Filha; porque o conceyto desta lhe dará perfeito conhecimento da Mãy. A Filha he huma imagem da Mãy; porque as virtudes da Mãy, serviraõ de idèa, para as virtudes da Filha; logo o mesmo será vera Maria Santissima, que conhecer a Anna Santa, com proporcionado discurso.

Joan. 12. v. 46.

Cap. 14. v. 9.

26 A's turbas dizia Christo; *Qui videt me, videt eum, qui misit me.* O mesmo dice depois a Felippe: *Qui videt me, videt, & Patrem:* quem me vè a mim, vè tambem a meu eterno Pàdre. E a razaõ (que pareste tirada do Evangelho) dizem ser; porque o Padre está no Filho, assim como o Filho no Padre: *Non creditis, quia ego in Patre, & Pater in me est?* Eu a naõ julgo por razaõ intrinseca, ainda que a reconheço por verdadeyra; pois he bem possivel; que se veja o Padre, sem que se veja o Filho, naõ obstante a mutua existencia, que entre si tem * A'lem do que; no Evangelho naõ lemos, que quem vè o Filho veja tambem o Espirito Santo, posto que tambem o Espirito Santo está no Filho, assim como o Padre está. Pois qual será a razaõ especial, e propria de se ver o Padre, quando se vè o Filho? *Qui videt me videt, & Patrem?* Nem huma outra a meu entender, se naõ a mesma

* Scot. in 1. d. 1. q. 2. a. 2. Rad p. 1. c 6. Alarc. de Vis. d. 4. c. 2. Compt. de vis. d. 19. S. 1. Aguir. de Trin. d. 68. S. 3. n. 41.

meſma razaõ de Pay, e a meſma razaõ de Filho. Ora notay.

27 O Filho he por ſua natuzeza Imagem do Padre, gerado à ſua ſemelhança: *Imago Dei inviſibilis*, lhe chamou S. Paulo: *Eſt Filius imago Patris*, diſſe o Doutor verdadeyramente Angelico. Pois baſtarà verſe o Filho, para que ſe veja o Padre, de quem he Imagem, e ſemelhança natural. Naõ he porèm o Filho Imagem, nem ſemelhança do Eſpirito Santo; e eſſa he a razaõ, porque naõ baſtarà verſe o Filho, para que tambem ſe veja o Eſpirito Santo. Ad Coloſ. 1. v.

D. Tho in 1. diſt. 28. q. 2. a. 1. ad 3.

28 Agora para o noſſo intento, ainda que com menos força na paridade. He S. Anna o original, he Maria Santiſſima o ſeu retrato. A Mãy he o exemplar; a Filha, imitaçaõ delle: *Exemplar Mariæ*: Logo ver a Filha Santiſſima, ſerà ver a Santa Mãy: ver a Maria, ſerà ver a S. Anna! Quando Chriſto dizia, que quem o via a elle, via tambem a ſeu Eterno Padre: *Qui videt me videt, & Patrem*, fazia evidente prova com as ſuas obras: *Alioquin propter opera ipſa credite*: e com razaõ; porque as obras de Chriſto, eraõ as meſmas obras de ſeu Eterno Padre. Cada hum ſe conhece pelo que obra; pois no Filho ſe veja, e ſe conheça o Padre; porque no Filho ſe achaõ as obras do Padre: *Pater autem in me manens, ipſe facit opera*. Para prova tambem, de que Maria Santiſſima he hum retrato em que ſe vè S. Anna; confrontay as graças e prerogativas de S. Anna com as de Maria Santiſſima, e vereis na Filha o que ſe vè na Mãy: achareis na Mãy o que ſe acha na Filha. Joan. 14. v. 11. Ibid. v. 10.

29 Maria Santiſſima foy chea de graça: *Ave gratia plena*; S. Anna foy tambem chea de graça, como eſtà dizendo o ſeu nome, e depois delle Pelbarto Luc. 1. v. 28.

Pelbart. Serm. de S. An. Luc. 1. 30. Trith. de Laud. S. An. c. 12. Laur. Syl. Alleg. V. Anna. D. Germ. Encom. V. D. Hier. apud. Pelbart. Ser. de S. An. Nicol. Vernul. Orat. de S. An. Pelbart. citat.

seguindo a doutrina de S. Jeronimo: *Anna gratia dicitur, quia gratia erat plena.* Maria Santissima foy a que para nòs achou diante de Deos a graça: *Invenisti gratiam.* S. Anna com suas deprecaçoens acha a graça de Deos, para todos os peccadores: *Anna interpretatur gratia, per cujus intercessionem, gratia Dei fidelibus impetratur*: diz o Abbade Trithemio. He Maria Santissima a Mãy da Misericordia na declaraçaõ da Igreja: *Mater misericordiæ*: S. Anna he toda mizericordioza: *Anna interpretatur misericors*, diz Laureto. A Conceyçaõ do Filho de Deos, foy por hum Anjo annunciada a Maria, sua Mãy puríssima. A Conceyçaõ de Maria, Filha tambem do Eterno Padre, por hum Anjo foy annunciada a S. Anna, sua Glorioza Mãy: *Dominus flexus Annæ precibus, misit Angelum, qui ei prænunciaret filiæ conceptionem*: diz S. Germano. Em seu parto foy Maria Santissima assistida, e acompanhada dos Anjos: entre Anjos foy o parto milagrozo, e sempre feliz de S. Anna: *Inter Angelos quasi domestica peperit*, diz S. Jeronimo. Todos os Santos saõ incomparavelmente inferiores a Maria Santissima: Santa Anna excede na santidade a todas as Gerarchias dos Justos: *Tot Annæ virtutum merita apud Deum extiterunt, ut merito Sanctorum omnium ordines illi cedere debeant*, diz Vernuleo. Finalmente; Maria Santissima he Rainha dos Anjos, e dos homens: S. Anna sendo Mãy dessa Rainha, tambem he Senhora dos Anjos, e dos homens? *Quia est Genetrix Reginæ cæli Mariæ, ex hoc ipso est Domina Angelorum, & hominum*, diz Pelbarto: Pois se os prodigios da Mãy estaõ retratados nos prodigios da Filha, concluamos, que a Filha he huma imagem da Mãy: e assentemos, que o mesmo he ver a Maria

San-

Santiſſima, que ver tambem a S. Anna.

30 Se eu naõ confeſſara que a Filha tanto excede á Mãy na graça, e na ſantidade, quanto a excede na dignidade, atrevera-me a dizer; naõ ſó, que Maria Santiſſima he hum retrato de S. Anna; mas tambem, elevando o penſamento, que o eſpirito da Mãy eſtava na Filha, e que como herança paſſou à Filha a virtude que era da Mãy, para ſe exaltar nos prodigios. Vede ſe me faltava razaõ.

31 Pedio com inſtancia Elizeo a ſeu grande Meſtre Elias, lhe quizeſſe dar o ſeu eſpirito, e teſtemunhavaõ os condiſcipulos de Elizeo, que nelle ficàra o eſpirito, que pedia: *Requievit Spiritus Eliæ ſuper Eliſeum.* Grande difficuldade achaõ neſte cazo os Expoſitores do Texto; porque naõ he facil de deſcobrir o fundamento, com que no Carmelo ſe reconhecia trasladado o eſpirito de Elias para Elizeo. O Biſpo Abulenſe, grande luz da Heſpanha, nos deu a neceſſaria, para a intelligencia, tirando-o do meſmo Texto. 4. Reg. 2. v. 15.

32 Se com advertencia lermos a Sagrada Hiſtoria, acharemos no diſcipulo os prodigios do Meſtre; porque ſe Elias dividio as agoas do Jordaõ, Elizeo as ſeparou tambem. Se Elias chegando ſe ao cadaver de hum menino, lhe deu vida: ſe Elias multiplicou em abundancia a quantidade bem limitada de azeyte, e de farinha; o meſmo fez Elizeo. Bem; pois ſe nos prodigios de Elizeo, ha hum traslado dos prodigios de Elias; diga-ſe que tambem para Elizeo ſe trasladou o eſpirito de Elias: *Requievit ſpiritus Eliæ ſuper Eliſeum.*

33 Agora acabamos de ver em Maria Santiſſima os prodigios, que em S. Anna nos ſervem de admi-

raçaõ: pois quem naõ entenderia, que o generozo espirito da Mãy se havia trasladado para a Filha? Pareſſe que deſta Mãy, e deſta Filha fallava o meu Abbade Ruperto, quando de hum Pay, e de hum Filho aſcendentes de Maria Santiſſima, e de S. Anna, diſſe: *Erat autem in utriſque unus animus, par ſenſus, & ſimilis circa Deum affectus ut generoſitatem Patris in Filium transfuſam conſpiceres.* Ainda aſſim, ſuppoſto naõ digo, que o eſpirito da Mãy ſe trasladou para a Filha, direy para mayor gloria de ambas; que a Filha pareſſe hum traslado da Mãy: retrato a Filha, e original a Mãy.

34 Eu naõ quizera deyxar eſte ponto, ſem examinar outro. Na comparaçaõ deſtes dous extremos, qual terá mayor gloria? Para S. Anna he gloria, ſervir de exemplar a huma Filha, que eſtava deſtinada para Mãy de Deos. Para Maria Santiſſima he gloria, ter com exceſſo copiado em ſi hum exemplar tam ſanto. Para a Mãy he gloria, ver-ſe retratada na Filha. Para a Filha he gloria ſer hum retrato da Mãy. E para qual dellas ſerà mayor a gloria. Fique a queſtaõ indeciza, porque, ſendo Mãy huma, e Filha a outra, naõ pode em huma haver mayor gloria, que na outra. A mayor gloria da Mãy, ſerá para a Filha mayor gloria: e da meſma ſorte, ſerá mayor gloria para a Mãy, o que for mayor gloria para a Filha.

35 Notay neſta petiçaõ, que a ſeu Eterno Padre fez Chriſto: *Clarifica Filium tuum, ut Filius tuus clarificet te.* Ou com o vertem os Expoſitores com Caietano: *Glorifica Filium tuum, ut Filius tuus glorificet te.* Day gloria a voſſo Filho, para que eſte dè gloria a vós. Pois ſe a gloria era para o Filho; *Glorifica Filium*

Joan. 17. v. 1. Caiet. in hunc locum.

lium tuum; como havia ser para o Padre? *Ut Filius tuus glorificet te*? como havia o Padre receber gloria do Filho, se era o Padre o que a dava, e o Filho o que a recebia? Já está entendida a razaõ, e he; porque naõ podia deyxar de ser gloria do Padre o que era gloria do Filho: assim como precizamente, para o Filho havia ser gloria, o que para o Pay era gloria. E o fundamento desta razaõ he; porque a gloria do Filho, em quanto Filho, consiste em ser hum retrato, e imagem do Eterno Padre: a gloria deste em quanto Padre, consiste em ser hum exemplar, por onde se tirou, e retratou o Filho: logo a gloria de hum vinha a ser a gloria do outro. O que fosse gloria do Pay vinha a ser gloria do Filho; porque toda a gloria do Pay está retratada no Filho. Reciprocamente da mesma sorte; o que fosse gloria do Filho vinha a ser gloria do Pay; porque a gloria do Pay, he exemplar da gloria do Filho.

36 A esta imitaçaõ, entre a Máy, e a Filha tambem. He gloria de huma, quanto para outra he gloria. A Máy he original, a Filha he seu retrato: e quanto crece a fermosura no retrato, tanto crece no original. Santa Anna tem por gloria propria ver huma Filha Santissima; porque se ve retratada na Santidade da Filha Maria Santissima julga como propria, a gloria de ter huma Máy tam sublime na Santidade; porque Santa Anna tam chea de virtudes, e merecimentos, foy o molde por onde se tiravaõ as virtudes de Maria: e foy o exemplar a quem imitou a Máy de Deos nos progressos de sua incomparavel Santidade: *Exemplar Mariæ, in quod illa intuens opera virtutum præstaret.*

§. V.

37. ALta gloria, e alto elogio de Santa Anna! Mas será precizo examinarmos-lhe o fundamento. A mayor gloria de Santa Anna, como ouvistes, está em ser o exemplar de Maria Santissima: e daqui procede ser a Mãy de Deos, hum retrato de Santa Anna. Mas como esta gloria he tam grande, naõ se pode admirar sem alguma objeçaõ tambem grande; porque até as glorias da Santidade estaõ sugeytas ás contradiçoens do juizo humano.

D. Joseph: Steinfeldensis. D. Germanus. D. Mechtild. Lib. 1. grat. spir. c. 45.

38. Escreveraõ muitos Santos Padres, seguidos da minha Santa Mechtildes, que Maria Santissima fora viva imagem de Deos: *Imago Dei viva.* Pois se Deos he a imagem; como ha de ser o molde, e o exemplar Santa Anna. Ensina a Theologia, que a imagem de Deos he tirada pelo Eterno Padre; por isso delle procede o Verbo divino, que he imagem clara, e natural de Deos: *Imago Dei invisibilis.* Pois se Maria he viva imagem de Deos: *Imago Dei viva*; como ha de ser esta imagem tirada por Santa Anna? Seja o Eterno Padre o exemplar, e o molde, por onde se talhe Maria Santissima. Mas, ser imagem de Deos, e ser talhada por Santa Anna! Quem naõ reconhece esta improporçaõ?

Ad Colos. 1. v. 15.

39. Cuydo que me será precizo retratar de quanto tenho dito: e assentaremos, que Santa Anna, ainda que Mãy, naõ podia servir de exemplar a Maria Santissima. Oh quam temeraria fora tal rezoluçaõ! Entendo que nem a Filha permittirá, que se prive a Mãy dessa gloria. Antes, com mais acerto, e com mais gloria, para a Mãy, e para a Filha, digamos:

mos: que Santa Anna foy o exemplar de Maria Santiſſima, porque Santa Anna foy huma imagem do Eterno Padre: e ſahio Maria Santiſſima huma imagem do Eterno Padre, porque foy hum retrato de Santa Anna.

40. Supponho que me achareis razaõ, ſe fundires huma imagem, ſairá com as perfeyçoens do molde, em que derretido ſe lhe fundio o metal. Se no molde eſtiver aberta a figura de Cherubim, hum Cherubim hà de ſair na imagem: e ſairá hum Leaõ, ſe no molde houver a figura de Leaõ. como bem ſe vio nos Cherubins, e Leoens daquellas dez grandes conchas de metal, que havia no templo de Salamaõ. Ao noſſo intento. Maria Santiſſima já no ventre de Santa Anna, onde ſe lhe fundio o eſpirito, era huma imagem de Deos, que aſſim o diz S. Germano Patriarca de Conſtantinopla: *Imago Dei in viſceribus Annæ*; logo era S. Anna huma imagem daquella Peſſoa Divina de quem procede a Imagem de Deos. Do Eterno Padre naſce huma imagem de Deos; de S. Anna tambem naſce Maria Imagem de Deos: logo era S. Anna huma imagem do Eterno Padre. Parece que ſe infere bem, e a Eſcritura o approva.

3. Reg. c. 7. v. 29.

D. Germ. cit.

41 Para ſe effeytuar o myſterio da Encarnaçaõ expoz o Anjo à Senhora, que ſobre ella deceria o Eſpirito Santo, com mil enchentes de graça; e que por divina virtude, ficaria a Senhora ſendo huma figura, hum retrato, e huma imagem do Eterno Padre. *Spiritus Sanctus ſuperveniet inte; & virtus altiſſimi obumbrabit tibi.* Se vos parecî encarecido, ouvi ao Douto Sylveyra, ſeguindo a S. Athanazio: *Obumbrabit tibi; hoc eſt*, diz o Inſigne Expozitor dos Evangelhos: *Efficiet inte ut ſis puritate, & ſanctitate, ve-*

Luc. 1. v. 35.

D. Athan. Ser. de S. Deip. Sylv. in cit. loc. Luc.

luti

luti quædam ſculptura & pictura delineata divinitatis; & tanquam imago Patris. Pois para Maria Santiſſima ſe exaltar à dignidade dè Mãy de Deos, naõ era baſtante, que a dignificaſſe aquella copioza, e abundante graça, com que o Eſpirito Santo a enriqueceu, e dotou? Era neceſſario tambem, que ſe empenhaſſe Deos em fazella huma Imagem do Eterno Padre? *Obumbrabit tibi; ut ſis tanquam imago Patris?* Sim; porque Maria Santiſſima havia conceber hum Filho, que era imagem de Deos, que o gerou: *Imago Dej inviſibilis*; e para ſe conceber em Maria huma imagem do Eterno Padre, pedia a razaõ, que a Mãy foſſe huma imagem de Deos Padre: *Virtus Altiſſimi obumbrabit tibi: efficiet inte ut ſis tanquam imago Patris.*

42 A razaõ, que me ouviſtes, naõ he minha; foy dada pelo meſmo Archanjo, que annunciou o Myſterio da Encarnaçaõ *Ideoque, & quod naſcetur ex te ſanctum vocabitur Filius Dei.* A cauza, ou a razaõ final, de ſer Maria Santiſſima huma Imagem do Eterno Padre, dizia o Archanjo ſer, porque o Santo, que naſceria della, havia ſer nomeado, e chamado Filho de Deos; e naõ convinha, que quem era Filho de Deos, naſceſſe de quem naõ era Imagem do Eterno Padre. Boa razaõ: e muy ajuſtada para o noſſo intento. Maria Santiſſima ſe havia chamar Filha de Deos: por tal a nomeaõ S. Methodio, S. Agoſtinho, S. Germano, S. Joaõ Damaſceno, S. Bernardo, com outros innumeraveis Padres, e Authores: *Vocabitur Filia Dei:* pois por eſſa razaõ, *ideo*, ſeja ſua Mãy S. Anna, huma imagem do eterno Padre: *Virtus Altiſſimi obumbrabit tibi: efficiet intè, ut ſis tanquam imago Patris.*

Luc. 1. v. 35.

§. VI.

§. VI.

43 DEmos mais luz a esta sombra, e a esta imagem. Se atendermos para a Conceyçaõ de Maria Santissima no ventre de S. Anna, havemos achar huma sombra da conceyçaõ do Divino Verbo no ventre santissimo de Maria; porque o Verbo he natural Filho do Eterno Padre; Maria he adoptiva filha do mesmo Padre: *Filia Patris æterni* lhe chamaõ os Padres com S. Lourenço Justiniano. Mais: o Verbo foy concebido em Maria Santissima, sem concurso algum de varaõ: *Virum non cognosco.* O Espirito Santo, que he Amor, e caridade divina, suprio com sobrenatural virtude a falta de varaõ: *Spiritus Sanctus seminariam viri supplevit virtutem*, diz S. Ambrozio com S. Joaõ Damasceno. Passemos agora à Conceyçaõ de Maria.

D. Laurent. Just. D. Bonav. & alij. Luc. 1. v. 34. D. Ambr. D. Damasc. apud. Sylv. in Evang. t. 1. lib. 1. cap. 5. q. 46. n. 138.

44 He certo que Maria Santissima foy concebida em S. Anna, por concurso de S. Joachim; mas de tal sorte concorreo o Santo velho, que na sua cooperaçaõ, mais obrou o amor, e caridade divina, que o deleyte da natureza atenuada com os annos. Assim foy revelado pela Mãy de Deos a S. Brigida. *Quando pater meus, & mater mea matrimonialiter convenerunt, plus operata est ibi charitas divina, quam voluptas carnis.* Tendes visto a semelhança entre a Conceyçaõ do Verbo, e a Conceyçaõ de Maria? Entendo, que sim. Aquelle, Filho do Eterno Padre por natureza: esta, Filha do mesmo Padre por adopçaõ da graça, que he participaçaõ da natureza divina. O Verbo, concebido em Maria, naõ por obra de varaõ; mas só por operaçaõ do Amor, e Espirito Divino. Maria concebida

Revel: lib. 6. cap. 55.

cebida em S. Anna, naõ por natural deleyte; mas por operaçaõ do Amor divino. Pois se para a Conceyçaõ do Verbo, tam parecida à Conceyçaõ de Maria, foy a Mãy de Deos huma imagem do Eterno Padre: *Tanquam imago Patris*; para a Conceyçaõ de Maria, tam assemelhada à Conceyçaõ do Verbo, conveniente era, fosse S. Anna huma imagem do mesmo Padre.

45 Só aos que naõ tem noticia dos empenhos do Eterno Padre para com S. Anna, faria reparo, ser ella huma imagem sua; mas o Eterno Padre tomou tanto à sua conta engrandecer a S. Anna, como quem havia ser tam chegada ascendente de seu Unigenito Filho humanado, que nos mesmos empenhos com que lhe infundia as qualidades, para Avò de Christo, lhe communicava a propriedade de imagem sua. Ora notay.

46 Todos sabeis que quando S. Anna pela sua esterilidade, e tambem pelos seus muytos annos, era jà vara totalmente seca, sem humor, sem succo, e sem alento, concebeu, e brotou a melhor flor Ma-
Sup. cit. ria. Consta de huma revelaçaõ a S. Brigida: *Deus namque singulare quoddam, & à sæculo absconditum facere voluit in opere suo, quemadmodum fecit in virga arida floreſcente.* E que meyo buscaria Deos para que S. Anna, com tantos annos àlem de tanta esterilidade, podesse conceber? O meyo foy, que o Eterno Padre, a quem se attribûe a Omnipotencia conferisse fecundidade a S. Anna, suprindo a Omnipotencia milagrozamente o deffeyto dos annos, e da natureza. Se huma vara já seca, sem alentos vegetativos, brotar milagrozamente em flores, todos direis com acerto, que naõ obra entaõ a efficacia da natureza, mas

mas sim a virtude que se lhe infundio pela Omnipotencia. Pois da mesma sorte: naõ por virtude da natureza, mas pela actividade que lhe communicou a Omnipotencia do Padre, concebeu, e gerou S. Anna sendo, àlem de esteril, tam velha. E quem naõ dirá, que o Eterno Padre fez a S. Anna huma imagem sua, sendo elle tam empenhado em lhe dar actividade, e forças, para conceber, e gerar a Maria Santissima? Tornemos à quelle Texto in exhaurivel de S. Lucas.

47 Quando o Archanjo S. Gabriel declarou à Senhora o modo com que vencidas as impossibilidades que propunha, havia de conceber o Divino Verbo, dice naõ só mysterioza, mas tambem profundamente, estas palavras: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi.* A virtude do Eterno Padre, fará em vòs huma imagem sua. E assim dice o Archanjo; porque o Eterno Padre lhe daria virtude, para gerar sendo virgem; que essa he a virtude do Divino Padre: Ouvi ao Zerda: *Si Patrem intuearis, virgo fœcundus est: & concipit, & virgo manet. Hæc virtus Altissimi obumbrabit tibi.* Aqui reparo, e duvido. Pois porque o Eterno Padre communica a Senhora virtude para gerar, naõ obstante a impossibilidade de virgem, poriso ha de ficar Maria Santissima sendo huma imagem do Eterno Padre? *Virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ut sis tanquam imago Patris?* Sim; que imprime o Padre huma imagem sua, quando mysteriozamente communica a virtude de gerar, ordenada a fins sobrenaturaes. Esta maravilha hey de fazer perceberse, com outro mysterio incomparavelmente mayor, ainda que sem comparaçaõ mais difficil de se entender.

Luc. 1. 35.

Zerd. Acad. 11. Sect. 2. n. 20.

48 En-

48 Enſina a Theologia, (e tambem a Fé) que, o Verbo Divino he imagem natural do Eterno Padre; e logo adverte, que o Eſpirito Santo, nem he nem póde ſer imagem de Deos Padre. A razaõ deſta differença (que aos Padres do Concilio Niceno pareceu inſcrutavel, e ineffavel) todos os Theologos com S. Agoſtinho, e S. Anſelmo, reconhecem por difficillima. Naõ he menos provavel a que aſſenta, que o Eſpirito Santo naõ he Imagem do Eterno Padre, porque naõ recebe delle virtude, com que haja de produzir outra Peſſoa Divina, como produz o Padre. He porèm o Filho Imagem de ſeu Eterno Padre; porque delle participa virtude, para produzir huma Peſſoa Divina, qual he o Eſpirito Santo. Pois ſe em Deos eſſa razaõ he baſtante, para que o Filho ſeja huma Imagem natural do Padre; cà entre as creaturas, S. Anna; que do Eterno Padre recebeu a fecundidade com que gerou huma filha, havia tambem ſer imagem do meſmo Padre. Eſſa filha era tambem Filha do Eterno Padre, Mãy do Eterno Filho, Eſpoza do Eſpirito Santo; era verdadeyramente conſanguinea da Santiſſima Trindade; porque era verdadeyra Mãy do Filho de Deos: *Maria conſanguinea fuit SS. Trinitatis.* Diz Bonherba; pois naõ ſerà maravilha, que a Mãy de tal Filha, foſſe Imagem de tal Pay, pela fecundidade, que delle recebeu: *Virtus altiſſimi obumbrabit tibi, ut ſis tanquam imago Patris.*

Richard. Victorin. Alenſ. D. Bonav. Zunig. de Trinit. diſp. 2. Dub. 10. memb. 9. & 10.

Bonherb. tom. 2. Problem. in feſt. S. Joſeph. §. VI.

§. VII.

49 ESta Imagem do Eterno Padre, achada em S. Anna, ou eſta ſe melhança de S. Anna com o Eterno Padre, naõ ſerà bem fique ſó acredi-

acreditada com razaõ tam alta, a qual nem todos alcançaraõ. Vejamos alguma evidencia della nos limites da natureza. Todos os filhos sayem semelhantes a seus Paes; porque o fim da natureza he assemelhar os filhos aos Pays: *Tale alterum generat quale ipsum est*, diz Aristoteles. Sendo pois Maria Santissima Filha de Deos Padre, e Filha tambem de S. Anna, infallivel era, que ao Eterno Padre, e a S. Anna fosse semelhante. E como seria possivel, que a Mãy de Deos se assemelhàsse ao Eterno Padre e a Santa Anna tambem, naõ sendo o Padre, e S. Anna semelhantes entre si? Qnando dous extremos estaõ conformes com hum terceyro, ficaõ necessariamente os dous conformes tambem entre si: *Quæ sunt eadem unio in tertio sunt idem inter se*: pois se o Eterno Padre, por ser Pay, e S. Anna por ser Mãy, tem semelhança com Maria por ser Filha, entre si haõ de ter precizamente semelhança. Arist. lib. 2. de genrr. animal. c. 1.

50 Bem noto a differença neste cazo. Sey que Maria foy semelhante a Santa Anna por natureza, e ao Eterno Padre por graça, e por virtudes; porque foy natural Filha de S. Anna, e só a doptiva do Eterno Padre; mas para que as virtudes da graça fizessem a Maria Santissima semelhante ao Padre, ja era necessario, que S. Anna fosse em suas virtudes ao mesmo Padre semelhante.

51 Haveis de saber, que para Maria Santissima se sublimar tanto na santidade, lhe naõ valeu de pouco a educaçaõ de sua Mãy S. Anna; porque assim como o mao exemplo das mãys he estorvo para bons costumes nas filhas: assim o bom exemplo daquellas he auxilio para a virtude destas. Até Aristoteles penetrou esta doutrina, ainda que naõ conheceu mais

virtudes,

2. Æthic. c. 1. virtudes, que as moraes: *Vita humana futura bona vel mala, in hoc consistit, si mater bona vel mala sit.* Com esta providencia dispoz Deos, que dos exemplos de S. Anna, fosse aprendendo Maria Santissima o que devia naõ só imitar, mas exceder: *Exemplar Mariæ, inquod illa intuens, opera virtutum præstaret.* De sorte que, para a espiritual geraçaõ de Maria concorriaõ o Eterno Padre, e S. Anna. O Padre com a graça interior na Santidade; Anna com a graça exterior nos exemplos. O Padre com a regeneraçaõ da graça que he tudo; Anna com a educaçaõ dos costumes, que naõ he pouco. A graça do Padre he a que tudo obrava em Maria; mas a educaçaõ da Mãy sendo tam Santa ajudava muyto: *Si Anna non fuisset Sanctissima, filiam tam deligenter, & devote ad Dei honorem non instituisset. Quales matres, tales, & earum filias novimus institutas.* Pergunto agora: E poderia S. Anna ajudar de sua parte ao Eterno Padre, na creaçaõ que deu a Maria Santissima, para tam alto, e glorioso fim, sem que S. Anna fosse ao Eterno Padre semelhante? Cuydo que naõ.

Abb. Trithem. citat.

Genes 2. v. 18. 52 Entrando Deos à formaçaõ de Eva, propòz o seu intento nesta forma: *Faciamus ei adjutorium simile sibi.* Façamos para Adam hum adjutorio semelhante a elle. Notavel condiçaõ! Notavel circunstancia! Em Eva acharia Adam espoza, e acharia tambem quem o ajudasse. Como espoza bem era, que com Adam fosse parecida, para que a semelhansa entre ambos lhes aumentasse o amor. Mas, que o ser Eva o adjutorio de Adam, seja a cauza final da semelhança entre ambos! Que adjutorio he este, para o qual requer Deos tanta semelhança entre Adaõ, e Eva? *Adjutorium simile sibi?* A Glossa ordinaria,

dinaria, e tambem a Interlineal dizem que o dizignio de Deos era, que serviſſe Eva de adjutorio ao primeyro Pay na criaçaõ dos filhos: *Propter filios procreandos.* Eſtà bem gloſſado, e interpretado; porque precizamente ſe requeria, que foſſe ſemelhante a Adam quem o ajudaſſe na criaçaõ dos filhos: *Adjutorium ſimile ſibi: ad filios procreandos.* Gloſſ. Ord. & Interl. in hunc loc.

53 Com muyta propriedade para o noſſo intento. Maria Santiſſima era Filha do Eterno Padre, naõ por natureza, ſim por adopçaõ. Foy ſemelhante ao Eterno Padre por graça, e por virtudes; mas, como para eſſas virtudes concorria o exemplo da Mãy, como a educaçaõ de S. Anna tambem ſervia, para que Maria Santiſſima ſe aſſemelhaſſe ao Eterno Padre nas virtudes; precizo era que entre S. Anna, e o meſmo Padre naõ faltaſſe alguma ſemelhança: *Adjutorium ſimile ſibi: ad filios procreandos.* Oh que excellencias tam raras de S. Anna! Ser ſemelhança do Pay, e exemplar da Filha! Servir de exemplar a huma Filha, que he Mãy de Deos: ſer ſemelhante àquelle Pay, que he Deos: ſaõ prerogativas tam ſuperiores, (ainda que menos patentes) que juſtamente excedem o encarecimento de todas as mais virtudes de S. Anna, poſto que mais celebradas por mais notorias. Mas niſſo vemos a propriedade com que nas ſemelhanças do Ceo temos a ſemelhança mais propria de S. Anna: *Simile eſt Regnum Cælorum, &c. Cælum multò certè pulchrius eſt, quàm quod apparet.*

§. VIII.

54 EStas prerogativas de S. Anna por incomparavelmente ſuperiores, me attrahiraõ tanto a ponderaçaõ, que como dezejoza de ſe

manifeſtarem alguma vez, naõ deraõ lugar às mais virtudes, para que entraſſem no panegyrico. Nem era poſſivel coubeſſem todas, por ſerem muytas; pois as que pelos mais Santos repartidas os acreditaõ na Gloria, em S. Anna ſe achaõ recopiladas: *Cunctæ virtutes, quibus ſeorſim rutilant cæteri juſti, in una Anna coadunantur*, diz a voz de Tertulliano. Para gloria de S. Anna era eſcuſado outro elogio, porque todo o mais lhe ſerà inferior; mas para aumentar a ſua devoçaõ, naõ faltarey em noticiar-vos que, ſe tomares a S. Anna por Patrona, levareis ſeguro o negocio da ſalvaçaõ. Tenho por fiador ao meu doutiſſimo Abbade Trithemio: *Quicunque Annam in patronam elegerit, quicunque in ſervitio ejus devotus perманſerit, hic in æternum ſalvus erit.* E a razaõ dada pelo meſmo Author he eſta: porque naõ poderá Chriſto negar pelos merecimentos de ſua Avô S. Anna o que alguma vez concedeu por interceſſaõ de ſua querida Mãy: *Omnia enim quæ Dei Filius perdilectam Genitricem ſuam mortalibus beneficia ſolet concedere, meritis Aviæ non poteſt denegare.* Oh Divina Bondade! Oh excellencia de S. Anna! Buſquemos com todo o affecto eſta Patrona, ſirvamos com toda a pureza a eſta Medianeyra, para que o ſeja noſſa diante de ſeu Neto na Gloria.

Virgen, ſive Tertul. Prædic. c. 6. Com. de S. Anna.

Trith. de Laud. Anna. c. 1.

SER-

SERMAM V.
NA SESTA FEYRA DE
LAZARO

Em a Real, e Santa Igreja Patriarçal.
Anno de 1729.

Lazarus amicus noſter dormit; ſed vado, ut à ſomno excitem eum Joan. 11.

§. I.

1 SE prouveſſe a Deos que neſta hora tiveſſemos para Pregador o que temos para o Sermaõ! Que grande fruto ſe colheria delle! Se aſſim como Lazaro reſuſcitado huma vez nos deyxou o aſſumpto, reſuſcitàra outra vez para o proſeguir, que ouvinte deyxaria de ſe converter? Diz o Texto que os Judeos, vendo a Lazaro reſuſcitado, ſe convertiaõ: *Multi propter illum abibant ex Judæis, & credebant in Jeſum.* Lazaro reſuſcitado era o Prègador, Joan. 12. v. 11.

dor, e juntamente o Sermaõ; e quem senaõ converteria à vista de tal Pregador, e de tal Sermaõ? Tambem se cà tiveramos para Prégador a Lazaro, como o temos para o Sermaõ; tantos seriaõ os convertidos com o Sermaõ, quantos faõ os curiozos de ouvir o Prégador. Mas na falta desta occurrencia naõ desmaya a minha esperança, vendo no Evangelho prezente a Christo muy compassivo, e mizericordiozo. Vamos à materia do Evangelho.

2 Morre Lazaro, e chora Christo de sentimento, porque o amava: e das vizinhanças do Jordaõ, onde se achava, partio para Judèa a resuscitallo. Pois se Christo amava a Lazaro: *Diligebat autem Jesus & Lazarum*, se o havia de resuscitar depois: *Vado, ut à somno excitem eum*. como permittio que morresse: *Lazarus amicus noster dormit*? O mesmo Christo respondeu à duvida; porque nos prevenio à reposta: *Pro gloria Dei, ut glorificetur Filius Dei*. Para que assim (diz Christo) seja Deos duas vezes glorificado. Na morte de Lazaro glorificado a primeyra vez: *Pro gloria Dei*; e na sua resurreyçaõ glorificado segunda vez: *Ut glorificetur Filius Dei*. Declaremos este mysterio.

Joan. 11. v. 5.

3 O prezente Evangelho nos insinùa que nelle falou Christo metaforicamente, assim da morte, como da resurreyçaõ de Lazaro; porque à morte chamou sono; e ao resurgir chamou acordar: *Lazarus amicus noster dormit, sed vado, ut à somno excitem eum*: e com esta translaçaõ queria Christo mostrar que fallava naõ sem mysterio. Em Lazaro morto fallava Christo dos peccadores, adormecidos na culpa: *De peccatoribus, quia dormiunt in somno peccati*; expoz Hugo Cardeal. Em Lazaro resuscitado considerava Christo

Hug. Card. in hunc loc.

Christo ao peccador, que do sono da culpa acorda para a vigilia da graça: *In hac Lazari suscitatione latet spiritualis suscitatio peccatoris*, diz S. Thomàs de Villanova. Lazaro morto, sendo amigo de Christo, reprezentava a hum justo, que da graça de Deos cahio no estado da culpa. Lazaro resuscitado symboliza a hum peccador, que da morte da culpa resurge à vida da graça. Naquella morte de Lazaro aprende o justo a naõ se confiar em si, porque he fragil. Naquella resurreyçaõ aprende o peccador, a naõ desconfiar de Deos, porque he pio. Oh que documentos tam uteis, e tam convenientes para esta hora! D. Thom. à Villan. Conc. de hac fer.

4 Aqui temos com bastante clareza percebido o mysterio de se glorificar Deos na morte, e na resurreyçaõ de Lazaro. Naquella morte se glorifica Deos; porque com ella nos ensina, para a desconfiança propria, que tambem hum justo, e amigo seu, pòde cair no sono da culpa: *Amicus noster dormit in somno peccati.* Naquella resurreyçaõ se glorifica Deos; porque para confiarmos nelle, nos mostra a sua Misericordia, a qual resuscitarà com a graça a quem morreu pela culpa: *Vado, ut à somno excitem eum: latet spiritualis suscitatio peccatoris.* Estes dous pontos importantissimos da desconfiança em nòs, e confiança em Deos seraõ duas partes deste Sermaõ. Queyra Deos que seja para gloria sua: *Pro gloria Dei, Ut glorificetur Filius Dei.*

§. II.

Lazarus amicus noster dormit.

5 NAõ sabe o Demonio perder o tempo para nos tentar, mas antes se aproveyta delle para nos perder. Neste sagrado tempo, em que todos

todos entramos pelas portas da Confiçaõ, arma o Demonio seus laços em dous caminhos, repugnantes ambos ao fim da Penitencia Sacramental. A huns quer o Demonio introduzir a confiança propria, de outros quer tirar a confiança em Deos. Da confiança propria nace o naõ se fugir das occazioens da culpa: e jà falta para a Confiçaõ o propozito firme de emenda para o futuro. Da desconfiança em Deos nace a obstinaçaõ no peccado; e já naõ he verdadeyro o arrependimento delle. Por este modo tam sacrilego, furta o Demonio a huns, e quer restituir a outros. Aos màos tira-lhes a confiança em Deos, aos bons offerece-lhes a confiança propria. Por estes dous caminhos tam errados vaõ os primeyros como os segundos. Samsaõ foy vencido, e morto às suas proprias maõs; porque em si, e nas suas forças proprias confiou demaziadamente. Judas, porque desconfiou da Mizericordia Divina, acabou desgraçadamente.

6 Decendo a cada hum destes pontos em particular, e reflectindo na primeyra parte do nosso thema, vejo que Lazaro, sendo amigo de Christo, cahio no sono da morte: *Lazarus amicus noster dormit.* Pois como naõ temerá, ainda o que mais justificado for, descair da amizade, e graça de Deos no mortifero sono da culpa? No Evangelho temos huma rara insinuaçaõ desta doutrina.

7 Com a morte de Lazaro se alegrou Christo; porque com a sua resurreyçaõ confirmaria mais aos Joan. 11. v. 14. & 15. Apostolos na Fè: *Lazarus mortuus est; & gaudeo propter vos, ut credatis.* Entaõ se mostrou Thomè tam firme, que aos mais Condiscipulos animava a v. 16. dar com elle a vida pela Fè de seu Mestre: *Dixit ergo*

ergo Thomas, qui dicitur Didimus ad condiscipulos: Eamus & nos, ut moriamur cum eo. Com tudo foy Thomè o unico, a quem faltou a Fè na Resurreyçaõ de Chriſto. Antes da reſurreyçaõ de Lazaro tam conſtante: *Moriamur cum eo*; e depois della, com mais fortes motivos para crer, faltou a Fé da Reſurreyçaõ do meſmo, que reſuſcitou a Lazaro: *Non credam.* Com eſta experiencia quem ſerá tam temerario, que ſe atreva a confiar em ſi, expondo ſe aos precipicios da confiança propria? Joan. 20. v. 25.

8 Entra hum a examinar a ſua vida, e acha que muytas vezes, ou quazi ſempre murmura nas converſaçoens, que tem com alguns amigos. Conhece outro que he combatido interiormente, quando emprega os olhos naquellas viſtas, para as quaes conveniente fora cegar. E que remedio haverá neſtes, ou em outros cazos, para ſe atalhar o dano, que nace delles? Unicamente o da propria deſconfiança, fugindo das occazioens do perigo. Entra porèm o Demonio por outra parte, e a prezunçaõ deſmentindo o perigo; e introduzindo a confiança propria, diz: naõ he precizo, que te prives do goſto; baſta que te acautelles da culpa. Eis que muy confiado em ſi vay o mizeravel proſeguindo no ſeu coſtume, e naõ menos vay continuando nas ſuas culpas. Elle fiado, em que a ſua cautella o livrarà do laço, e ſem cautela ſe acha enlaçado nelle.

9 Viſtes a ſimples pombinha, que enganada do caçador olha para o laço, e com cuydado em livrarſe delle, tanto ſe vay entregando ao goſto do que apanha com o bico, que de repente ſe acha preza, ſem que ſe poſſa valer das azas, em que poz a confiança para eſcapar? Pois o homem tambem aſſim.

Fiado em que naõ ha de cahir na culpa, ſe vay entregando às occazioens de ſeu goſto, e quando menos cuyda, prezo de ſua liberdade propria, fica enlaçado nas cadeas de ſeu peccado. O Texto Sagrado ha de abonar a comparaçaõ.

Oze. 7. v. 8. & 11.

10 *Ephraim in populis ipſe commiſcebatur* (diz o Profeta Ozeas,) *& factus eſt Ephraim quaſi columba ſeducta.* Ephraim ſe ajuntava com os Egypcios, e communicava com os Aſſyrios, e veyo a cahir nos vicios de hum, e outro povo: veyo a ficar como a pomba, enlaçada, e preza por engano. A communicaçaõ, que a Tribu de Ephraim tinha com aquelles povos, naõ era vituperavel: fundava-ſe na habitaçaõ confinante: crecia com as ſuas mutuas utilidades, e dependencias. Pois porque Ephraim, ſem deſprezar tam ſufficientes pretextos, naõ evitou aquella communicaçaõ: *Ephraim in populis ipſe commiſcebatur*; por iſſo cahio enganado, e ſe enlaçou como a pomba: *Quaſi columba ſeducta?* Sim; porque todas eſſas conveniencias, aſſim como naõ baſtavaõ para tirar os vicios dos Aſſyrios, e dos Egypcios; aſſim naõ eraõ baſtantes, para livrar do perigo a quem com elles communicava. E quando hum fiado em ſua cautella, como a pomba em ſuas azas para voar, naõ foge o perigo da communicaçaõ arriſcada; hade cahir ſem remedio, prezo como a pomba nos vicios: *Ephraim in populis ipſe commiſcebatur, ... & factus eſt Ephraim, quaſi columba ſeducta.* Admiravelmente. A Lapide neſte Texto, e para eſte cazo: *Tales ſunt, qui occaſiones peccatorum, v. g. ſocietatem puellarum, & pravorum ſociorum non vitant, imo ambiunt, unde corruunt in peccata.*

A Lap. in cit. locum Oſe.

11 Quantos eſtiveraõ em muy alto grao de virtude,

tudẽ; e cahiraõ mizeravelmente, porque fiados em si naõ atalhàraõ ao principio o que depois naõ poderaõ evitar, nem fugir? A materia nos offerece hum Dilemma, que conclue sem deyxar meyo para algum effugio. Ou quereis evitar o que he offensa de Deos, ou naõ? Se naõ quereis, escuza y de buscar nos Sacramentos o remedio das culpas, com propozitos falsos, e enganozos arrependimentos. Se quereis, (como supponho) desconfiay de vos mesmos. Fugi sempre das occazioens de perigo, ainda das mais leves, e de menos risco: e destas, mais; porque saõ as mais enganozas, e porisso as mais perigozas.

12 David fazia a Deos esta periçaõ: *Custodi me ut pupillam oculi.* Defendey-me, Senhor, como no admiravel composto humano defendestes a pupilla, ou menina dos olhos. Parece, que naõ pedio bem. O reparo, com que a natureza defende a pupilla, he naõ mais de humas tunicas, tam finas, e tam transparentes, que nem pòdem fazer impedimento à vista. Pois com tam fraco reparo quer David ser defendido, e resguardado por Deos? Sim; e notay o acerto. Ensinaõ os Medicos, e Anatomaticos, seguidos dos Santos Padres, na expoziçaõ deste lugar, que com essas tunicas tam delgadas, ficaõ as meninas dos olhos reparadas, e defendidas deste ambiente invizivel, e destes àtomos indiviziveis, que introduzindo-se as offenderiaõ: *Ad pulveris, & aeris læsionem.* Pois eis ahi o de que David rogava a Deos, que o defendesse. De hum àtomo indivizivel da culpa, ou de hum ar ligeyro, que passa com sombras de peccado: *Custodi me ut pupillam oculi; ad pulveris, & aeris læsionem.* Pſal. 16. v. 8. PP. apud Lorin. in hunc loc.

13 Quando o perigo he notorio, quando o risco de

de peccar he grave, fogem facilmente os qoe temem a Deôs, ou abominaõ a culpa. Mas onde naõ he grave o perigo, arrisca-se facilmente o justo; porque enganado se ira engolfando até cahir. Bem o exprimentou o mesmo David. Era Santo, e huma vista ao longe bastou para o fazer peccar. Nas vistas de perto naõ cahio; porque conhecendo o perigo fugia delle; e huma vista de longe, que lhe pareceu como a seta, que chegaria sem força para o ferir, bastou para o derribar. Por isso depois atè de hum atomo, e de hum ar ligeyro se acautellava: *Custodi me ut pupillam oculi.*

§. III.

14 MAs aqui entra logo a malicia com prezunções de discreta, e com titulo de prudente, diz que naõ he necessaria tanta austeridade; porque só devemos evitar o perigo, sendo grave, e naõ temer couzas tam leves. Serà assim, serà; porèm como hade vencer o mais, quem naõ póde resistir ao menos? O que eu sey, e a experiencia mostra, he, que em huma pequena gota de agoa tem seu principio o naufragio de huma grande nao: e os mayores incendios se levantàraõ de huma desprezivel faisca. Naceu a nossa primeyra, e universal ruina (como ensinaõ alguns Theologos) de que Eva naõ resistisse à sua leve curiozidade. Se os filhos de Seth naõ olhàraõ para as filhas de Caim, naõ viera sobre todo o Mundo o lamentavel diluvio. Se Salamaõ atalhàra as primeyras inclinaçoens, com que se afeyçoou às Sidonias, e Ammonitas, nem havia adorar a Astarthen, nem idolatrar a Moloch. O certo he, que

V. Paul. à Concept. tom. 3. tract. 12. disp. 2. dub. 4. §. 12. ad num. 159.

que para a ſalvaçaõ eterna o melhor, e o ſeguro he fugir da mais leve occaziaõ de culpa.

15 No tempo dos Machabeos houve hum Illuſtriſſimo Sacerdote chamado Mathathias, q̃ voluntariamente ſe deſterrou da Corte com toda a ſua familia, e foraõ viver mizeravelmente nas brenhas, deyxando quanto poſſuhiaõ em Jeruſalem: *Fugit ipſe, & filii ejus in montes, & reliquerunt quæcumque habebant in civitate.* E porque cauza? Por naõ ouvirem o que ElRey Antiocho praticava: *Non audiemus verba Regis Antiochi.* E que prejuizo faz a Mathathias o que falla Antiocho? Ouça embora o que diz o Rey; o ponto he, que ſe dizia mal, naõ foſſe aconſelhado, nem approvado, nem ſeguido por Mathathias. Mas deyxar a Corte, e as conveniencias proprias! Parece que naõ he neceſſario tanto. Na eſcola do Mundo ſerà aſſim; mas naõ na eſcola do temor de Deos. O que eſta enſina he, que nos devemos retirar, e fugir da mais leve occaziaõ da culpa: *Fugit ipſe, & filij ejus.* 1. Machab. c. 2. v. 28. Ibid. v. 22.

16 Oh que exemplo tam cheyo de gloria para Mathathias, como de confuzaõ para nòs! Os Sacerdotes do Velho Teſtamento eraõ ſombras dos Sacerdotes do Novo Teſtamento: mas quando eu atendo para o que fez Mathathias, e para o que obramos eu, e os mais Sacerdotes, que devem ſer a parte mais ſanta da Ley da Graça: quando noto o quam pouco nos abſtrahimos do que muyto nos diſtrahe da uniaõ com Deos; venho a concluir que nem ſombras temos da noſſa ſombra. Como tam raro, e tam grande exemplo comprehende a todos, ſabey que a todos eſtà prègando, e perſuadindo que, ſe quereis naõ offender a Deos, fujaes da menor ſombra da culpa, e naõ

enaõ vos fieis, em que a podereis vencer. Em Lazaro vos dezenganay, que muy facilmente podeis cahir na morte da culpa, aſſim como elle cahio no ſono da morte. *Lazarus amicus noſter dormit. Dormiunt in ſomno peccati.*

§. IV.

Vado ut à ſomno excitem eum.

17 DEpois da propria deſconfiança ainda fica para os peccadores a confiança em Deos; pois a Lazaro morto reſuſcitou Chriſto, para nos enſinar, que reſuſcitarà tambem os peccadores, que dormem no lethargo da culpa: *In hac Lazari ſuſcitatione latet ſpiritualis ſuſcitatio peccatoris.* Entre Deos offendido, e o Homem aggravado ha eſta differença grande. Do Homem aggravado fugis; porque temeis a ſua vingança. Devemos porém buſcar a Deos offendido; porque devemos confiar em ſua Miſericordia.

18 Admira-vos eſta clemencia, e bondade? Pois ainda he mais. Naõ ſó podemos com muyta confiança em Deos, buſcallo para o perdaõ; mas tambem devemos confiar, que para nos perdoar, ſe anticiparà Deos em buſcar-nos. He laſtima, que o diga Seneca, que ſó conheceu a Deos como Gentio: *Miraris hominem ad Deum ire? Deus ad homines venit.*

Senec. Ep. ſt. 73.

19 Nunca o peccador delinquente buſca a Deos para a miſericordia, ſem que Deos offendido, o buſcaſſe primeyro para lhe perdoar. A meſma rezoluçaõ, com que o peccador buſca a Deos, he evidente prova de que Deos primeyro o buſcou; porque naõ poderia o peccador buſcar a Deos arrependido, ſem

que

que Deos primeyro o buscasse mizericordiozo: *Trahe me, post te curremus*; dizia a Espoza dos Canticos. Nòs, ainda quando nos apressamos, *Curremus*; buscamos a Deos depois, *Post te*; porque somos escandalozamente omissos, para buscar a Deos. Elle primeyro nos busca attrahindo-nos a si, *Trahe me*; porque he tam grande o impulso de sua mizericordia, que sem socego parece estar, em quanto nos naõ perdoa. Pecca o homem, e fica muy descançado: *Peccavi, & quid mihi accidit triste?* Digaõ no aquelles que vivem annos, e ânnos em peccado, tam descuydados de sua salvaçaõ. Pelo contrario està Deos offendido, e parece que naõ descança antes de nos perdoar. Eccli. 5. v. 4.

20 Creou Deos o homem no sexto dia do exordio deste Universo, e logo no seguinte dia diz o Texto que descançàra Deos: *Requievit die septimo.* Tinha Deos creado o Ceo, e a Terra, e naõ descançou. Tambem naõ descançou tendo creado o Sol, a Lua, e as Estrellas, como bem reparou S. Ambrozio: *Fecit Deus Cælum, & non lego quòd requieverit. Fecit Solem, Lunam, & Stellas, nec ibi lego quod requieverit.* Formou o Homem, e descançou entaõ: *Lego quòd fecit hominem, & tunc requievit*, diz o mesmo Padre. Pois se o Homem foy entre as creaturas a unica, que nos caminhos do Mundo fez cantar a Deos depois que por nòs se fez homem: *Jesus ergo fatigatus ex itinere sedebat*; como entaõ descançava Deos tanto que vio formado o Homem: *Requievit die septimo?* O reparo foy de S. Ambrozio, seja tambem sua a reposta. Genes. 2. v. 2. D. Ambros. lib. 6. in Examer. Joan. 4. v. 6.

21 Só descançou Deos tanto que formou o homem; porque só nelle acharia peccados, que perdoar.

doar: *Lego quòd fecit hominem, & tunc requievit; habens cui peccata dimitteret.* Formando os Ceos, creou juntamente os Anjos: eſtes haviaõ de peccar; mas naõ deſcançou Deos, quando creou os Anjos; porque naõ haveria perdaõ para a ſua culpa, em que ſe obſtinaraõ. Creou depois o homem, que o havia de offender infinitas vezes; mas como Deos havia de perdoar as culpas dos Homens, deſcançou: *Requievit.* Antes diſſo, naõ; por moſtrar Deos, que naõ deſcança, em quanto naõ acha empregos para oſtentar a ſua mizericordia; e ſò tem ſocego, quando acha culpas, que perdoar: *Fecit hominem, & tunc requievit, habens cui peccata dimitteret.*

22 Segundo eſta doutrina de S. Ambrozio, parece, que ſe os peccados faltaſſem no Mundo: parece, que naõ havendo eſta materia para o acto da Mizericordia Divina, naõ eſtaria Deos em perfeyta Bemaventurança, como eſtà; porque parece que em tal cazo naõ deſcançaria Deos: *Overè neceſſarium Adæ peccatum*, exclama a Igreja em tudo acertada. Oh peccado verdadeyramente neceſſario! Se naõ he locuçaõ de Antifraſes, naõ ſey como ſe poſſa entender eſta doutrina. Nem huma cauza tam eſcuzada, nem ainda tam deteſtavel, como o peccado; porque em ſi foy a perdiçaõ do Mundo, e he huma infinita injuria contra Deos. Pois de tam abominavel acto quem pòde neceſſitar? Quem? O meſmo offendido com a culpa: o meſmo Deos, para que tenha que perdoar. Admiravelmente o Douto Bonherba: *Oh quem neceſſarii ſunt Deo peccatores! Quo fine? Ut ignoſcat iis.*

In Sabbat. Sancto.

Bonh. Sacr. Probl. 1. p. de Theſaur. Pœnit. n. 22.

23 Foy, pois o peccado neceſſario, para que Deos tiveſſe que perdoar; porque ſem eſte acto tam proprio da Divindade como deſcançaria Deos? Todos

dos ſabemos, que Deos deſcança em ſi meſmo; porque tudo contèm em ſi. Porêm he certo, que a Mizericordia naõ acha em Deos culpas, que perdoar, nem motivos para ſe compadecer. Todas as virtudes em Deos eſtaõ ſempre em exercicio perfeyto: o entendimento ſempre eſtà conhecendo, a vontade ſempre eſtà amando, a Providencia ſempre eſtá diſpondo, e ordenando; nem foraõ perfeytos os attributos Divinos, ſe aſſim naõ fora. Tambem a Mizericordia devia ter empregos de perdoar. Imperfeyçaõ fora em Deos, ſe faltara o acto para a ſua Mizericordia, e por iſſo foy o peccado neceſſario: *Overè neceſſarium Adæ peccatum*; por iſſo tambem, ſò moſtra Deos ter deſcanço quando acha culpas, que perdoar: *Requievit habens cui peccata dimitteret.*

§. V.

24 ASſim deſcançou Deos tanto que creòu o homem, a quem havia de perdoar; poſto que naõ houveſſem ainda neſſe dia ſetimo peccados, que ſe perdoaſſem. E que ſerà agora depois que o homem peccou, e depois que com innumeraveis culpas eſtà o Mundo mais que com o diluvio ſubmergido? Sobrevièraõ os delictos, e com elles advièraõ a Deos novos empenhos, para nos reduzir à ſua graça por meyo do noſſo arrependimento; porque depois de commettida a culpa, naõ he ſò a Mizericordia a que move a Deos para nos perdoar; he tambem o ardente zelo de conſervar o reſpeyto de ſua Divina Soberania. Notay.

25 Quando offendemos a Deos contra elle conſpiramos, e quanto he da noſſa parte lhe tiramos a honra,

honra, a gloria, e a Divindade. Tam atrôs, e tam execranda he a malicia de hum peccado! Tiramos a Deos a honra; porque o affrontamos: *Omne peccatum per prævaricationem Deum exhonorat*, diz S. Anſelmo. Tiramos-lhe a gloria, porque a damos às creaturas: *Mutaverunt gloriam ſuam.* Tiramos-lhe a Divindade; porque o peccado (quanto em ſi) he deſtructivo da Divindade, como enſinaõ os Theologos com S. Bernardo: *Quantum in ſe Deum perimit voluntas propria.* Mas por meyo do noſſo arrependimento reſtituimos a Deos a honra, a gloria, e a Divindade, que lhe uzurpàmos.

D. Anſel. Pſal. 105 v. 20. D. Bern. Serm. 3. de Reſurr. Dom.

26 Ouvio S. Joaõ, que toda a Corte Santa com alta voz dizia, que o Cordeyro Divino era digno de receber Divindade, honra, e gloria: *Dignus eſt Agnus, qui occiſus eſt, accipere Divinitatem & honorem, & gloriam.* Se Deos he o que ſò tem Divindade: ſe na propria natureza tem infinita honra: ſe he gloriozo em ſi meſmo; de quem poderà receber, ou quem lhe poderà dar gloria, honra, e Divindade? O peccador, que o offendeu, reſponde o Inſigne Carthuziano; porque, ſe eſte na offenſa, que cõmetteu contra Deos, quanto de ſua parte lhe tirou a Divindade, a honra, e a gloria; tudo lhe reſtituirà, quando arrependido o buſcar. *Tunc iſta Deus accipit à nobis, cùm eum laudamus, & per cordis pœnitentiam ei confitemur.* Agora para concluzaõ do noſſo intento. Deos he ſummamente zelozo da honra, e gloria da ſua Divindade: *Dominus Zelotes nomen ejus, Deus eſt æmulator*: logo (quando naõ fora movido do ſua Mizericordia) incitado de tanto zelo buſcaria ao peccador, para em ſua graça o receber arrepen-

Apoc. 5. b. 12. Dion. Carth. in hunc loc. Apoc. Exod. 34. v. 14.

dido, e recuperar delle a honra, a gloria, e a Divindade; que

que lhe tirou, com a offensa, que commetteu.

27 Em todo o Testamento velho só por duas vezes se diz que Deos buscasse alguma cousa. Andou em busca do primeyro Homem ainda no Paraizo: *Vocavitque Dominus Deus Adam, & dixit ei: ubi es?* E depois andou em busca da honra, e veneraçaõ, que como a Deos se lhe deve: *Ubi est honor meus?* Onde estàs, Adam? Onde està a minha honra? Assim perguntava Deos. Porèm se tam solicito busca Deos a sua honra, naõ busque a Adam, antes se retire delle; porque Adam tirou a Deos a honra com o seu peccado. Mas o certo he que por essa mesma razaõ, Deos, que tam zelozo he da sua honra, devia buscar a Adam; porque, se este com o peccado lhe tirou a honra, só delle a podia recuperar, dando-lhe a sua graça, para que com o arrependimento lhe restituisse a gloria, a honra, e a Divindade uzurpada: *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere Divinitatem, & honorem, & gloriam. Tunc ista Deus accipit à nobis, cùm eum laudamus, & per cordis pœnitentiam ei confitemur.* Genes. 3. v. 9. Malach. 1. v. 6.

28 Se pois em Deos he tanta a Mizericordia, que mostra só ter descanço, quando tem a quem perdoar: *Requievit, habens cui peccata Dimitteret*: e se a conversaõ dos peccadores rezulta em gloria, honra, e Divindade para o mesmo Deos; confiemos nelle; porque nos ha de resuscitar do sono da culpa, assim como do sono da morte resuscitou a Lazaro: *Vado ut à somno excitem eum: latet spiritualis suscitatio peccatoris.*

§. VI.

29 COnfiay em Deos; mas seja para remedio dos delictos já commettidos: naõ

para aumentar novas culpas. Tem a Divina Clemencia eſta condiçaõ, que he muy benigna para os mizeraveis, e punitiva contra a malicia. O que cahio por fraco, eſpere em Deos mizericordia; mas fiado neſta, ninguem multiplique os delictos, porque ſe naõ faça indigno de perdaõ. Vendo-ſe Caim arguido por Deos pelo fratricidio, reſpondeu aſſim: Genes. 4. v. 13. *Maior eſt iniquitas mea, quàm ut veniam merear.* Grande he, Senhor, a voſſa mizericordia; mas a minha culpa (dizia) he mayor ainda: *Maior eſt*; porque o meu crime he indigno de perdaõ: *Quàm ut veniam merear.* E com que fundamento limitava eſte peccador a Mizericordia Divina para o ſeu perdaõ? S. Ambroſio o foy deſcobrir no Texto. Caim já havia peccado na ira, e inveja contra ſeu irmaõ Abel: *Iratusque eſt Cain, & concidit vultus ejus,* Ibid. v. 5. mas Deos, uzando com elle de ſua mizericordia, o naõ caſtigou; ſó o reprehendeu: *Dixitque Dominus ad eum: Quare iratus es, & cur concidit facies tua?* v. 6. Fiado entaõ neſta piedade, aumentou Cahim a ſua culpa com a execuçaõ do homicidio. Ouvi a S. Ambrozio: *Admonitus ergo ut quieſceret Cain, auget inſolentiam.* Eſſa pois foy a razaõ de naõ merecer a ſua culpa mizericordia: *Maior eſt iniquitas mea, quàm ut veniam merear.*

30 Attendey, Fieis, para Lazaro, e tambem para Caim. Em Lazaro tomay exemplo, para confiar em Deos; em Cahim, para naõ peccar. Se abuzando da Mizericordia Divina peccares como Caim, tereis a condenaçaõ eterna: e ſe cahires como miſeraveis, recorrey a Deos, que aſſim como reſuſcitou a Lazaro, vos reſuſcitará tambem para gloria ſua: *Pro gloria ſua; ut glorificetur Filius Dei.*

SER-

SERMAM VI.
DA
CONCEIÇAÕ
PURISSIMA, E IMMACULADA
da Mãy de Deos.

Rio de Janeyro, em o Anno de 1717.

Liber generationis Jesu Christi, Filii David, Filii Abraham. Matth. 1.

§. I.

1 HE sem duvida, que os Mysterios da Mãy Santissima de Deos mais devem ser assumpto para admiraçoens, que materia para discorrer: *Virginis gloria magis cogitari debet, quàm describi*; diz S. Thomàs de Villanova; porque a excellencia de qualquer delles tanto excede as nossas comprehensoens, quanto admira as nossas intelligencias. Villan. Ser. 2. de Nativ.

E ſendo o miſterio da Conceyçaõ puriſſimà de Maria o mais admiravel de todos os myſterios da Mãy de Deos, ainda ſe faz o mais incomprehenſivel pela circunſtancia do Evangelho, com que a Igreja o celebra.

2 Principiou a Igreja neſte dia a liçaõ de hum livro, no qual (pois o julgamos proprio da feſtividade prezente) eſperava eu, e poderamos eſperar todos, ſe trataſſe da vida, e acçoens da Mãy de Deos; porque ſem duvida ſe deſcreveria nas primeyras regras delle eſte ſeu primeyro Myſterio, que celebramos. Porèm logo no titulo do meſmo livro nos declara o ſeu ſagrado Eſcritor, que o argumento de toda a obra he a geraçaõ temporal de Chriſto: *Liber generationis Jeſu Chriſti.* Pois ſe eſta materia he tam diverſa da que celebra a Igreja, como poderey eu inſtruirme com eſte livro, para diſcorrer ſobre a Conceyçaõ puriſſima da Mãy de Deos?

3 Que Maria Santiſſima ſeja o livro melhor da geraçaõ de Chriſto, iſſo diſſe Ricardo de S. Lourenço: *De Beata Virgine dici poteſt, liber generationis Jeſu Chriſti hæc eſt.* Mas que no livro da geraçaõ de Chriſto hajàmos nòs de ler a Cõceyçaõ immaculada de ſua Mãy puriſſima! Sim: (ainda que nos pareça difficultozo, ou improporcionado) porque tudo o que do Filho ſe eſcreve neſte livro, vem ſingularmente applicado para a Mãy: *Quod exponitur de Chriſto, poteſt exponi de Beata Virgine*: diz o meſmo Ricardo.

Richi. de S. Laur. lib. 12. de Laud. Mar.

Ibid.

4 Inſtruido aſſim abri o livro do Evangelho prezente, e na primeyra folha delle buſquey o Myſterio da Conceyçaõ, como primeyro de todos os da Mãy de Deos. Porèm achey naõ mais que huma eſtampa,

eſtampa, na qual ſe viaõ Chriſto, David, e Abraham: *Liber generationis Jeſu Chriſti, filii David, filii Abraham.* E haverà por ventura mais proprio emblema, ou figuras mais expreſſivas da Conceyçaõ de Maria? Venho a reſolver que naõ; e notay.

5 Em Chriſto (primeyra figura da noſſa eſtampa evangelica) ha duas naturezas, huma Divina, outra humana, e ambas entre ſi unidas. Aqui temos a Conceyçaõ de Maria Santiſſima nobremente debuxada; porq̃ nella tambem a natureza Divina ficou reconciliada, e unida com a humana. David proſtrou aquelle gigante fero, em que ſe reprezentava o Demonio. A Máy de Deos em ſua Conceyçaõ o venceu tambem. Abraham, ſendo o progenitor, que a natureza eſcolheu, para dar a vida a Izac, foy tambem o que dezembainhou a eſpada, para lhe dar a morte; mas ſuſpendeu o braço, e naõ ſe atreveu a deſcarregar o golpe. Em Abraham vejo, como a natureza dando a vida a Maria Santiſſima, armou tambem o golpe, para lhe dar a morte da culpa; mas anticipando-ſe a graça, a natureza ficou ſuſpenſa, e ſe retirou ſem effeyto. Ainda me declaro mais.

6 Na Conceyçaõ humana tres contrarios topamos todos os que nos comprehendemos no decreto da culpa original; porque todos achamos contra nòs a Deos, ao Demonio, e a noſſa meſma natureza. Deos he na Conceyçaõ contrario noſſo, por offendido; porque neſſe primeyro inſtante, em que principiamos a vida, nos fazemos complices daquella injuria taõ grave, que commetteu Adam cõtra Deos. O Demonio he noſſo contrario por adverſaõ, que tem ao homem, fragil por ſi, mas por Chriſto exaltado na redempçaõ. A natureza finalmente nos he

tambem opposta na conceyçaõ; porquè no mesmo passo, em que nos dá a vida corporal, nos sugeyta à morte da culpa.

7 Porèm, como a Mãy de Deos se concebia com izençaõ da culpa, fez pazes, e liga com o primeyro, venceu o segundo, e poz o terceyro em fugida; porque teve em sua Conceyçaõ paz firme, e uniaõ com Deos: isto veremos significado em Christo; venceu ao Demonio: isto se expressará na figura de David; e fez, que ficando a natureza suspença, se retirasse, como se vio em Abraham. Estes tres mysterios tam principaes, achados no titulo do Evangelho: *Liber generationis Jesu Christi, filii David, filii Abraham*, contem em si as tres mayores prerogativas da Conceyçaõ purissima da Mãy de Deos, e nos offerecem tres partes para discorrermos; mas porque seja com o acerto, que a materia, e á devoçaõ pedem, imploremos o auxilio da Divina Graça por intercessaõ da unica, que foy concebida em graça.

AVE MARIA.

§. II.

Liber generationis Jesu Christi.

8 NAõ sò com os caractères da estampa; mas tambem com os bronzes, e marmores de suas figuras, escreveu a Antiguidade as acçoẽs mais glorioſas de seus Heroes. Digaõ no tantas estatuas, que enchiaõ o Capitolio Romano; digaõ-no tantas emprezas, com que se ornàraõ os arcos triunfaes de Cesar, e de Pompeyo, para se eternizarem os seus triunfos. Parece que com figuras tambem nos quiz S. Mattheus vivamente reprezentar os triunfos

unfos da Mãy de Deos em ſua Conceyçaõ, e a primeyra, que nos propoem, he Chriſto: *Liber generationis Jeſu Chriſti.*

9 Eſte he o primeyro Symbolo da Conceyçaõ de Maria. Sempre nos filhos ſe retratàraõ os pays, e na Conceyçaõ do melhor Filho, ſe devia retratar a Conceyçaõ da melhor Mãy: *Conceptio Matris generatio eſt Filii*, diz o meu Santo Anſelmo. Na Conceyçaõ (ou temporal geraçaõ) de Chriſto ſe unio a natureza Divina com a humana; na Conceyçaõ de Maria Santiſſima a natureza humana teve uniaõ, e paz com a Divina. Depois que peccou o primeiro homem ficou toda a ſua poſteridade em guerra, e inimiſade com Deos; ſó Maria Santiſſima ſenaõ aliſtou neſte exercito inimigo: porque, como pela graça teve a prezervaçaõ da culpa, foy logo concebida em paz, e uniaõ com Deos. A meſma Senhora o declarou aſſim: *Ex quo facta ſum coram eo tanquam pacem reperiens.* Deſde que fuy formada (diz a Immaculada Senhora) achei diante de Deos a paz: com razaõ, e com myſterio; porque, como a graça he paz, e uniaõ perfeita com Deos, com elle devia ter pazes na Conceyçaõ a que era concebida em graça: *Ex quo facta ſum coram eo tanquam pacem reperiens.* Ouvi ao Douto Garàõ na expoſiçaõ deſte Texto: *Nam ex quo concepta cunctis pacem reperit, & invenit.*

D. Anſel. Epiſt. ad Epiſc. & Orth. Angl.

Cant. 8. v. 10.

Gar. Deip. elucid. nº 640.

10 A meſma graça da Conceyçaõ he a mais forte pregoeira deſta paz. Foy Maria Santiſſima concebida em tanta copia de graça, que (como dizem os Padres, e Expoſitores) lhe chama o Sagrado Texto Claridade da Eterna Luz, e Eſpelho ſem macula da Mageſtade Divina: *Candor eſt lucis æternæ, ſpeculum ſine macula Dei Maieſtatis.* E ſe bem advertirmos na

Albert. M. Serm. 2. de Nat. B.V. Zerd. Acad. 1. ſect. 5.

Sap. 7. v. 26.

propriedade, com que fala o Texto, ficarà sem duvida, que jà em sua Conceyçaõ era a Mãy de Deos Espelho da Divindade. Este he o mysterio, com que o Texto a Maria Sàtissima chamou Espelho immaculado: *Speculum sine macula.* A mesma luz, que a fez immaculada na Conceyçaõ, a fez tambem Espelho em que a Divina Magestade se via, e se retratava: *Candor est lucis æternæ, speculum sine macula Dei maiestatis.* E deste Espelho puríssimo, ou retrato sem macula da Divindade que havia de resultar, senaõ huma paz firme, e huma uniaõ perfeita entre Deos, e Maria Santissima?

11 Concebe o Padre em seu Entendimento o Filho na geraçaõ eterna, e de ambos resulta o Espirito Santo, a quem chamaõ os Theologos com Saõ Bernardo a Paz, e uniaõ entre o Padre, e o Filho: *Imperturbabilis pax, gluten firmum, indivisibilis unitas.* Assim o pedia a natureza daquelle mysterio incomprehensivel; porque o Filho he o Resplandor da paterna Luz; he hum Espelho, no qual se retrata o Padre: *Splendor gloriæ, & figura substantiæ ejus*: e desta luz, e puríssimo Espelho da Divindade preciso era que resultasse aquella Paz, e uniaõ entre o Padre, e o Filho concebido nelle: *Imperturbabilis pax, gluten firmum, indivisibilis unitas.* Concluamos agora para o nosso intento. Maria Santissima, sendo pura, e immaculada em sua Conceyçaõ, era tambem hum Espelho da Magestade Divina, Retrato do mesmo Deos: *Candor est lucis æternæ, speculum sine mucula Dei Maiestatis.* Pois sem duvida resultaria da Conceyçaõ desta Senhora aquella paz, e uniaõ entre Deos, e Maria Santissima: *Ex quo facta sum coram eo tanquam pacem reperiens.*

D Bern. Ser. 8. in Cant.

Ad Hebr. 1. v. 3.

12 Paſſemos ao Sagrado Texto. Diz o Eccleſiaſtico, que o Altiſſimo, Creador, e Omnipotente creou a Maria Santiſſima no Eſpirito Santo: *Unus eſt Altiſſimus, Creator. Omnipotens, ipſe creavit illam in Spiritu Sancto.* Parece que o meſmo Texto ſe implica. O attributo de Creador he commum às tres Divinas Peſſoas; porque he proprio de Deos em quanto Uno: *Unus eſt Altiſſimus Creator*; pois como ao Eſpirito Santo ſe attribue particularmente a creaçaõ, ou Conceyçaõ de Maria: *Creavit illam in Spiritu Sancto*? Já ſe deſcobrio a razaõ. He o Eſpirito Santo a Paz entre o Pay, e o Filho; e porque a Immaculada Senhora foy concebida em paz, e uniaõ com as Peſſoas Divinas, ao Eſpirito Santo ſe apropriou eſta Conceyçaõ: *Creavit illam in Spiritu Sancto.* Eſta he a ſingular energia, com que naõ dizendo o Texto que o Eſpirito Santo creou a Maria Santiſſima, diz advertidamente que Deos a creou em o Eſpirito Santo: *Ipſe creavit illam in Spiritu Sancto.* Eſta fraſe naõ exprime tanto a cauſa efficiente da Conceyçaõ de Maria, quanto explica a circunſtancia della. Foy Deos o Creador de ſua Mãy Santiſſima; *ipſe creavit illam*; mas ſua Conceyçaõ foy eſpecialmente no Eſpirito Santo: *in Spiritu Sancto*; porque foy em paz, e uniaõ com Deos: *Imperturbabilis pax, gluten firmum, indiviſibilis unitas. Creavit illam in Spiritu Sancto.*

§. III.

13 TEr paz com Deos na Conceyçaõ, bem ſe vé que foy ſingular privilegio de Maria Santiſſima; era porém neceſſaria conſequencia

da

da graça, em que esta Senhora foy concebida; e naõ menos da Maternidade, para que estava predestinada: e nem comtudo se diminue em si o prodigio, ou em nòs a admiraçaõ: porque, se bem notamos, a paz, que a Máy de Deos achou em sua Conceyçaõ, foy, naõ unicamente para si, mas geralmente para os homens todos: *Nam ex quo concepta, cunctis pacem reperit, & invenit.* Ser Maria Santissima concebida em paz, e uniaõ com Deos, isso he ser Maria purissima concebida em graça, como sabemos todos. Mas que jà entaõ conseguisse esta immaculada Senhora taõ geral paz entre Deos, e toda a natureza humana, este he o prodigio, que sobre tudo admiro nesta Conceyçaõ milagrosa. Grandemente applaudem os Santos Padres com o Devotissimo Idiota, que Maria Santissima fosse Medianeira da paz entre Deos, e os homens: *Pacificatrix Dei, & hominum.* Como em seu Ventre purissimo se unio a naturaza humana com a Divina, tambem se reconciliàraõ ambas; mas entaõ desempenhava a Senhora a dignidade excelsa de Máy de Deos, e para mayor credito de sua Conceyçaõ jà nella pacificou a Deos com os homens.

Idiot. in Contép. de B. V.

14 Andáraõ às lutas toda huma noyte hum Anjo, e o Patriarca Jacob: *Vir lactabatur cum eo usque mane.* Sahio Jacob maltratado, porq̃ as suas forças naõ podiaõ igualar-se às de hum Anjo: *Tetegit nervum femoris ejus, & statim emarcuit.* Eis que rompendo a Aurora, o Anjo victoriolo commette pazes a Jacob rendido: *Dimitte, me jam enim ascendit Aurora.* Todos os Padres, e Expositores admiraõ o caso, e o mysterio delle. Quem vio já mais solicitada a paz pelo vencedor? quem discorreu, que hum Anjo taõ empenhado

Gen. 32. v. 24.

v. 25.

v. 26.

penhado na luta por toda a noyte, trataſſe pazes, porque apparecia a Aurora? Que connexaõ tem o fim da luta com o principio da Aurora, ou que myſterio arrayar eſta, e conſeguir-ſe a paz?

15 S. Boaventura o penetrou ſingularmente. A luta, que houve entre Jacob, e o Anjo, era aquella forte diſcordia, que pelo peccado houve entre Deos, e o homem; e para que eſta ſe concluiſſe com a paz, baſtou que Maria Santiſſima Aurora da graça dèſſe os primeyros paſſos em ſua Conceyçaõ, para vir ao Mundo: *Lucta fuit inter Jacob, & inter Angelum; diſcordia fuit inter Deum, & inter homines* (diz S. Boaventura) *Sed, adveniente Aurorâ, adveniente Mariâ pacificati ſunt.* Aurora foy Maria Santiſſima, e tambem foy Sol. Depois de ſeu nacimento foy Sol, que com ſeus rayos illuſtrou o Mundo. Foy Aurora, quando ſahio a ſe conceber no Orizonte do materno ventre. Na Aurora, quando rompia, contemplava o Anjo a Conceyçaõ immaculada deſta Senhora: ouvi a Martinho Burgenſe: *Auroræ aſcenſio Mariæ eſt immaculata Conceptio.* Eſſa pois era a razaõ, porque no ponto, em que ſubia a Aurora, ſe acabava a luta entre Jacob, e o Anjo, e ſe ajuſtava a paz entre Deos, e o Homem; porque na Conceyçaõ de Maria Santiſſima ſe ajuſtou logo huma paz geral entre a natureza Divina, e toda a natureza humana, ainda que para ſe effeytuar dependeſſe da Incarnaçaõ: *Dimitte me, jam enim aſcendit Aurorâ. Adveniente Aurorâ, adveniente Maria, pacificati ſunt. Auroræ aſcenſio Mariæ eſt immaculata Conceptio.*

D. Bonav. in Specul. c. 3.

Burg. in Criſi Dam. append. Illuſtrat. 3. n. 30.

16 Bem ſey que para haver uniaõ, e paz entre Deos, e o homem, incarnou o Divino Verbo; mas naõ devemos duvidar que deſte fim participaſſe a

Mãy

Mãy de Deos em ſua Conceyçaõ puriſſima; porque naõ desfaz na gloria do Filho quem della faz participante a Mãy. Antes, porque o Filho em ſua Conceyçaõ unìo, e pacificou as duas naturezas, devemos colligir que ao meſmo fim ſe ordenou a Conceyçaõ da Mãy. Diz Salamaõ em ſeus Canticos myſteriozos que Maria Santiſſima foy eſcolhida como o Sol: *Electa ut Sol.* Os Sagrados Expoſitores applicaõ eſte lugar à Conceyçaõ da Senhora; porque jà nella foy a Mãy de Deos pura como o Sol, pela Divina Graça. Mas quem naõ vê a falta, que ha de propriedade neſta comparaçaõ? He certo que o Sol foy eſcolhido pelo Author da natureza para hum fim, e Maria Santiſſima pelo Author da Graça foy eſcolhida para muy diverſo fim. Logo attendida a eleyçaõ do Sol, e a eleyçaõ de Maria, ſem propriedade diz o Texto, fora eſta eſcolhida como aquelle: *Electa ut Sol.*

Cant. 6. v. 9. Apud Gar. in Deipara Elucid. n. 315.

17 Aſſim parece, diz o Burgenſe; mas, porque Chriſto tambem he Sol, a eſte, e naõ a outro Sol, ſe aſſemelhou Maria Santiſſima em ſua Conceyçaõ: *Si Chriſtus juſtitiæ Sol eſt, Maria ad conceptum electa fuit ut Chriſtus.* Douta, e engenhoſamente; porque Maria Santiſſima em ſua Conceyçaõ foy eſcolhida para o meſmo fim, a que foy deſtinado Chriſto: *Et æquali prædeſtinatione ad mundiſſimam Conceptionem vocata per gratiam, quam habiturus erat Chriſtus.* Chriſto verdadeiro Sol de Juſtiça foy deſtinado pelo Eterno Padre para unir, e pacificar a natureza humana com a Divina: logo Maria Santiſſima foy deſtinada por Deos para em ſua Conceyçaõ ajuſtar a paz entre as meſmas naturezas, e para eſſe fim concebida em graça: *Electa ut Sol. Si Chriſtus Sol eſt, Maria ad conceptum electa fuit ut Chriſtus, & æquali prædeſtinatione*

Burg cit. num. 32.

Ibid.

tione ad mundissimam Conceptionem, &c. Por isso logo em sua Conceyçaõ achou Maria Santissima a paz para o Mundo todo, ainda que esta em Christo se effeytuou.

18 Percebo agora o dizer Saõ Vicente Ferreira (ou fosse revelaçaõ, ou contemplaçaõ sómente) que na Conceyçaõ de Maria Santissima os Anjos se alegràraõ no Ceo, celebrando a com grandes jubilos: *Quo instanti concepta fuit Virgo, eodem Hierarchiæ Cœlestes omnes vehementer in Cœlo, ut festis maximis solet jubilarunt.* Na Conceyçaõ da Mãy celebràraõ as Jerarquias no Ceo o mesmo, que depois vieraõ a celebrar na terra com o Nascimento do Filho. Diz S. Lucas, que nascido Christo; desceu sobre Belem a grande multidaõ da Celestial milicia, e com festivos jubilos celebrou à Paz entre Deos, e homem: *Facta est cum Angelo multitudo militiæ Cœlestis, laudantium Deum, & dicentium: Gloria in altissimis Deo, & in terra pax hominibus.* E porque na terra sómente se havia de celebrar entaõ esta paz? Porque no Ceo se tinha celebrado jà na Conceyçaõ de Maria. Primeiro se festeja a paz nas Cortes, que nas Conquistas remotas; a paz entre Deos, e o homem primeyro se celebrou na Corte Celestial, e depois na terra. O Ceo a celebrou na Conceyçaõ de Maria, a terra em o Nascimento de Christo. A Mãy, e o Filho foraõ os pacificadores do Mundo. O Filho nos trouxe a paz à terra, quando nasceu: *In terra pax hominibus;* a Mãy a ajustou no Ceo diante de Deos, quando se concebeu: *Ex quo facta sum coram eo, tanquam pacem reperiens.* A paz do Filho foy publica, e consummada no Nascimento; a paz da Mãy foy ajustada sómente pelo mysterio da Conceyçaõ: *Ex quo concepta*

D. Vinc. Fer. in tom. 2. Bibliot. Virg. fol. 271.

Luc. 2. v. 13. 14.

ta cunctis pacem reperit, & invenit. E isto he o que nos reprezenta a uniaõ das duas naturezas em Christo: *Liber generationis JESU Christi.*

§. IV.
Filii David.

19 PAssemos de Christo a David, e nesta segunda figura veremos a Maria Santissima triunfante do Demonio em sua Conceyçaõ purissima. Sabemos todos, que David Pastor animoso, e valente sobre si mesmo, venceo, tirando a vida a hum Gigante. Era David figura de Maria Santissima, no Gigante se reprezentava o Demonio; e neste triunfo taõ celebre vinha a reprezentar-se o que Maria Santissima conseguio contra o Demonio: *Maria est David, Diaboli totali superatione*, diz Bartholomeu Pizano, depois Santo Antonino: e o mais he, que de taõ soberbo inimigo triunfava a Mãy de Deos especialmente no Mysterio de sua Conceyçaõ.

Bart. de Pis. lib. 1. de Laud. V. fruct. 4. D. Anton. in Sum. p. 4. tit. 15. c. 6.

20 Entrou David à peleja com cinco pedras: *Elegit quinque limpidissimos lapides*: E nellas se descobrio já doutamente, que escrevera David o nome da Mãy de Deos; porque em virtude, e nome desta Senhora sahia a pelejar vizivelmente com o Gigante, e com o Demonio invizivelmente. Bastou porém a primeira pedra para vencer: *Tulitque unum lapidem, & funda jecit, & circumducens percussit Philisthæum.* Pois, se bastava a primeira pedra para o ttiunfo, para que he a prevençaõ das cinco? Se o caso fora disposto pela providencia humana, diceramos que foy cautela, porque, faltando o acerto da primeira, naõ faltassem outras, com que se repetissem os tiros; mas

1. Reg. 17. v. 40.

Vicyr. tom. 6. Curado tom. 3. v. 49.

mas se a disposiçaõ delle toda foy ordenada pela Providencia Divina, que assegurou a felicidade na primeira pedra, como naõ escusou a superfluidade das cinco?

21 A razaõ he; porque nas cinco pedras havia hum mysterio, e na primeira se encerrava outro. O mysterio das cinco pedras com o nome da Mãy de Deos, mostrava ser Maria Santissima a que vencia o Gigante infernal. O mysterio da primeira pedra indicava a Conceyçaõ purissima da Mãy de Deos; porque alèm de ser essa pedra limpissima, como foy a Conceyçaõ da Senhora, *limpidissimos lapides*; era tambem a primeira, assim como entre todos os Mysterios da Mãy de Deos he o de sua Conceyçaõ o primeiro. No numero das cinco pedras estava o nome de quem venceu. Na sorte da primeira pedra estava o mysterio, em que foy vencido o Domonio; porque no Mysterio da Conceyçaõ triunfou Maria Santissima do Demonio.

22 Entenderemos agora huma circunstancia, pela qual o triunfo de David sempre se fez admiravel. David fez tiro à cabeça do Gigante, e nella empregou a pedra, que foy o mais. *Percussit Philisthæum in fronte, & infixus est lapis in fronte ejus.* Aqui se admiraõ os Sagrados Expositores. Se o Gigante defendia a cabeça com hum capacete de ferro: *Cassis ærea super caput ejus*; como por elle pode romper, e entrar a pedra, para se lhe pregar na cabeça? Porque assim o requeria o mysterio, que nella se reprezentava. Já do principio do Mundo estava comminado por Deos, que Maria Santissima em sua Conceyçaõ quebraria a cabeça do Demonio, infernal ferpente: *Ipsa conte ret caput tuum*: diz o Texto de Genesis. *In tua*

1. Reg. c. 17. v. 49.

v. 51.

Gen. 3. v. 15.

tua Conceptionè, commenta Ruperto Abbade. E para que se visse, que na sorte daquella pedra se retratava o triunfo da Máy de Deos em sua Conceyçaõ contra o Demonio, por isso sem resistencia pode entrar a pedra, e pregar-se na cabeça de Goliat. *Ipsa conteret caput tuum. Percussit Philisthæum in fronte, & infixus est lapis in fronte ejus.*

§. V.

23 ESte triunfo de Maria Santissima em sua Conceyçaõ tanto tem de prodigioso, quanto se faz incomprehensivel. Que Maria fosse purissima em sua Conceyçaõ, e que nella nem por hum instante contrahisse escravidaõ ao Demonio, já hoje senaõ duvida; mas que no mesmo instante, em que foy concebida, pòdesse vencer o Demonio, como David ao Gigante! Quem o poderà perceber? O primeiro instante he para ser, naõ he para obrar. Nem os Anjos obràraõ no seu primeyro instante; pois no seu, como triunfou a Máy de Deos?

Gonet. tom. 1. tract. 7. disp. 13. a. 5. Navar. tom. 3. disp. 8. dub. 2.

24 Deyxay a admiraçaõ, e sabei, que em Maria Santissima o vencer foy independente do obrar. O ser, e o vencer foraõ a mesma cousa na Máy de Deos: por isso a victoria, e a Conceyçaõ ambas foraõ no mesmo instante. Tanto que foy Maria Santissima concebida, empregou nella o Demonio a vista, para lhe infundir o seu contagio mortal; e com esta sua vista ficou o Demonio vencido, e morto. Se o Basiliseo fita os olhos na crystallina luz de hum espelho, fica morto; e succedeu assim ao infernal Basiliseo tanto que empregou a vista em Maria Santissima, a quem a graça da Conceyçaõ immaculada

fez

fez eſpelho da Divindade: *Speculum ſine macula Dei Maieſtatis.* Baſtou que a Mãy de Deos foſſe concebida, para que pudeſſe ſer viſta, e baſtou que o Demonio viſſe a Mãy de Deos, para que ficaſſe morto.

25 Quando a Arca do Teſtamento paſſou o Jordaõ, houve huma rara confuſaõ em ſuas aguas. As ſuperiores paràraõ, e formando cryſtallinos muros, abriraõ huma nova eſtrada, pela qual em ſeguimento da Arca paſſou todo o Iſrael a pè enxuto. Porèm as aguas inferiores com grande impeto, corriaõ a ſepultar ſe no Mar morto: *Quæ autem inferiores erant, in mare ſolitudinis (quod nunc vocatur mortuum) deſcenderunt.* Até aqui a Hiſtoria, vamos ao myſterio della. As aguas (como expoem a Internelial) reprezentaõ os Anjos: *Aquas ideſt Angelos.* As aguas ſuperiores, que paràraõ firmes, ſaõ os Anjos ſuperiores, que perſeveràraõ firmes na graça. As aguas inferiores ſaõ aquelles Anjos rebeldes, que obſtinados na ſua apoſtaſia cahiraõ na parte mais inferior do Mundo, qual he o Inferno. Eſtes Anjos pois à viſta da Arca ficàraõ mortos, e por iſſo correraõ a ſepultar-ſe no Mar morto: *Quæ autem inferiores erant, in mare ſolitudinis (quod nunc vocatur mortuum) deſcenderunt.*

Joſue 3. v. 16.

Interl. in c. 1. Geneſ.

26 Faço agora hum reparo, e huma pergunta. Naõ lemos no Texto que a Arca do Teſtamento concorreſſe com acçaõ alguma nas aguas do Jordaõ, pois de que fogem as aguas infriores? Ou porque razaõ vay o Demonio, que ſe reprezentava nellas, a ſepultar-ſe morto? Todos ſabemos que a Arca era figura de Maria Santiſſima; porèm naõ menos he certo que na milagroſa Vara de Moyſés ſe reprezentava a meſma Senhora (como dizem Santo Athanaſio,

naſio, Saõ Joaõ Chryſoſtimo, Saõ Joaõ Damaſceno, e Saõ Pedro Damiaõ.) Comtudo, para que ſe dividiſſem as aguas do Mar vermelho, obrou a vara; porque as ferio: *Eleva virgam tuam, & extende manum tuam ſuper mare, & divide illud, ut gradiantur filii Iſrael in medio mari per ſiccum.* Pois como no Jordaõ, ha nas aguas o meſmo, e ainda mais prodigioſo effeito naõ havendo na Arca do Teſtamento operaçaõ alguma?

Exod. 14. v. 16.

27 Singularmente me illuſtra Fabro Celeſtino, para a reſpoſta. A Arca do Teſtamento reprezentava a Maria Santiſſima eſpecialmente no Myſterio de ſua Conceyçaõ: *Arca Divini, humanique fœderis ab initio ſui eſſe, & immaculatæ Conceptionis.* E para que a Mãy de Deos em ſua Conceyçaõ Puriſſima vença ao Demonio, e o deixe morto, naõ he neceſſario que empregue de ſua parte operaçaõ alguma, baſta que o Demonio empregue nella a viſta: *Mare vidit, & fugit*, diz o Real Profeta. Fugiraõ as aguas do que tinhaõ viſto. Viraõ a Maria Santiſſima concebida em graça, e naõ foy neceſſario mais, para que o Demonio repreſentado naquellas aguas inferiores fugiſſe, buſcando no Mar morto a ſua ſepultura, *Arca Divini, humanique fœderis ab initio ſui eſſe, & immaculatæ Conceptionis. Vidit, & fugit. In mare ſolitudinis, quod nunc vocatur mortuum.*

Dion. Fabr. Cæleſt. tract. 1. de Cõc. B. V.

Pſalm. 113. v. 3.

28 Agora percebo eu huma comparaçaõ difficilima de ſe entender, com que o Eſpoſo Divino explicava, e encarecia a graça, e formoſura de Maria Santiſſima ſua Eſpoſa: *Pulchra es amica mea, ſuavis, & decora ſicut Jeruſalem, terribilis ut caſtrorum acies ordinata.* Sois muitas vezes formoſa, ò Eſpoſa minha, (dizia o Eſpoſo) e cauſais terror como hum exercito

Cant. 6. v. 3.

exercito formado para pelejar. Naõ ha mais eſtranha comparaçaõ. Terror, e formoſura! Que extremos mais repugnantes? Mas em Maria Santiſſima ſe conciliàraõ eſtas duas qualidades contrarias; porque a graça, que a fez taõ formoſa, era para o Demonio terror. Notay agora a propriedade mais ſingular deſta comparaçaõ. A formoſura he objectõ da viſta, ſó aos olhos ſe communica, e tanto que Maria Santiſſima foy viſta pelo Demonio, logo lhe cauſou terror. O exercito, com que a Mãy de Deos triunfou do Demonio, foy a formoſura de ſua incomparavel graça; porque apenas lhe appareceu taõ chea de formoſura, quando ficou vencedora: *Pulchra es amica mea, ſuavis, & decora ſicut Jeruſalem, terribilis ut caſtrorum acies ordinata.* Deſta formoſura, e deſta graça logrou Maria Santiſſima em ſua Conceyçaõ immaculada: *Tota pulchra es amica mea, & macula non eſt in te*; e preciſo era que com a viſta de tanta formoſura da graça ficaſſe morto o Demonio, e a Senhora triunfante delle, como David do Gigante. *Filii David.* Cant. 4. v. 7.

§. VI.

Filii Abraham.

29 ENtremos à ultima parte do Sermaõ com a ultima clauſula do noſſo thema, e com a terceira figura da noſſa eſtampa. *Filii Abraham.* O grande Patriarca Abraham nos dà materia para eſta terceira ponderaçaõ ſobre os triunfos de Maria immaculada. A penas ſoa em noſſos ouvidos o nome de Abraham, quando ſe nos deſperta a memoria, e ſuſpende o entendimento com aquelle eſtupendo exa-

ame, em que Deos quis tentar a Fé, e apurar a obediencia de Abraham. Mandou-lhe que lhe sacrificasse o unico filho, a quem ternamente amava, unica esperança da sua casa, no qual se estabeleciaõ tantas promessas feitas a Abraham, e importantes ao Mundo todo.

V. Paul. Mezger. lib. 1. tract. 1. c. 3. sect. 1. n. 12.

30 Na mesma noyte, em que Abraham ouvio o preceito, se preparou para a execuçaõ, e sem esperar pelo seguinte dia, sahio de Barsabee para o monte Moria, destinado para o sacrificio de Izac. A jornada era de hum dia; mas adverte o Sagrado Texto, que tres dias gastou Abraham neste caminho: *Die autem tertio elevatis oculis, vidit locum procul*; porque a natural consideraçaõ de que hia tirar a vida ao filho, precisamente o impedia, embaraçando-lhe os pès para caminhar. Dava hum passo, e suspendia o outro. A obediencia bem instava para se apressar; mas a natureza se retardava, e parece que retrocedia; porque lhe faltava o animo para dar a morte a quem dera a vida.

Gen. 22. v. 4.

31 Chegàraõ ao Moria, onde Abraham mais amante de Deos, que de seu filho, dezembainha a espada para lhe tirar a vida. Aqui he sem duvida que mayor golpe sentio o coraçaõ do Pay, quando empunhou a espada, do que sentiria o filho, se com effeito a descorregàra nelle. Em fim, ainda que o animoso Pay com o braço tremulo armava o golpe, quando à innocencia do filho, e à compassiva tyrannia do Pay acodio o Ceo; porque o braço de Abraham lhe ficou suspenso, e o talho da espada parou no ar.

32 Entendamos agora (e veremos logo) que esta mesma repugnancia, e suspensaõ tinha a natureza, quando pela mesma acçaõ, em que dava a Maria

ria Santiſſima a vida, lhe havia communicar a morte. Sendo que, para melhor dizer, toda a repugnancia da natureza conſiſtiria mais racionavelmente em que houveſſe ella de communicar a morte da Alma à meſma Senhora, de quem eſperava participar a vida da graça.

33 Neſta indeciſaõ ſe alentava a natureza a dar hum paſſo, para ſe communicar a Maria Santiſſima; mas quando devia dar mais a diante outro paſſo, para lhe communicar tambem a culpa original, ſe anticipou a graça, e ficando a natureza tremula, e ſuſpenſa, (qual outro Abraham) ſe retirou; e neſta retirada a graça prezervou da culpa a Mãy de Deos. Naõ vos pareça iſto diſcurſo, ou contemplaçaõ minha; he juizo do meu grande Damaſceno: *Natura gratiæ cedit, ac tremula ſtat, progredi non ſuſtinens.* Damaſc. Orat. 1. de Nat. Virg. Parece que muy de molde para a occaſiaõ interpoz o Santo a ſua authoridade; mas naõ parou aqui, vay continuando, e com o meſmo ajuſte diz: *Natura gratiæ fœtum antevertere auſa non eſt, ſed tantiſper expectare, donec gratia produxiſſet ſuum effectum.*

34 A primeira razaõ, com que eu abono eſta retirada da natureza, taõ temeroſa de ſe chegar a Maria Santiſſima, para lhe communicar o ſeu natural contagio, he: porque a Mãy de Deos foy concebida de Pays muy carregados de annos, e atè ali infecundos; o que ſem duvida foy diſpoſto pela Providencia inſcrutavel, para que ſe viſſe naquella eſterilidade decrepita o quanto a natureza retrocedia, e ſe retirava, como fraqueando por temeroſa de ſe chegar a Maria Santiſſima para a infuſaõ do ſeu geral contagio.

35 Fez Deos que huma vara jà ſecca, ſeparada

do tronco, e depositada no antigo Tabernaculo flo-
Numer. 17.v.7. 8. receſſe repentinamente: *Quas cùm poſuiſſet Moyſes coram Domino in tabernaculo teſtimonii, ſequenti die regreſſus invenit germinaſſe virgam Aaron.* E, ſe bem ſe adverte, o florecer de repente ſempre ſeria milagre, ou a vara eſtiveſſe unida ao tronco, ou já totalmente ſecca. Pois com que myſterio obra Deos eſte prodigio mais em huma vara já cortada, e ſecca, e naõ em alguma outra unida à ſua raiz, e ainda reverdecente? Já vemos ſer; porque em huma vara ao ſeu tronco unida, a natureza ainda vay em diante, porque ainda ſe augmenta; mas em huma vara já ſecca, falta, e retrocede a natureza vegetativa; e naquella vara queria Deos moſtrar o prodigio de florecer, quando nella a natureza retrocedia, naõ podendo já ir em diante. Penetremos agora o myſ-
Revel. lib. 6. c. 55. terio repreſentando neſta maravilha. A vara florente repreſenta a Conceyçaõ da Mãy de Deos, ſegundo o que ſe revelou a Santa Brigida. Santa Anna foy a vara, e Maria Santiſſima concebida nella a flor, em que eſſa vara brotou. E querendo Deos moſtrar, que na Conceyçaõ deſta Senhora, a natureza timida retrocedia, retratou a natureza na vara ſecca, e ſymbolizou na flor a Immaculada Senhora, que ſe concebia: *Deus nanque ſingulare quoddam, & à ſeculo abſconditum facere voluit in opere ſuo* (diz a Mãy de Deos revelando o myſterio de ſua Conceyçaõ) *quemadmodum fecit in virga arida floreſcente.*

36 Todos aquelles annos da myſterioſa eſterilidade, com que ſe affligio Santa Anna, que eraõ, ſe naõ humas demoras, em que a natureza timida, receava chegar-ſe a Maria Santiſſima? Mas obrigada da Providencia, ſe reſolveu a dar-lhe a vida, e o

ſer.

ser. Com tal cautela porèm, que ficando atraz a natureza, como parada hum pouco, e retirando-se como temerosa, se adiantou a graça, com que Maria Santissima triunfou da natureza em sua Conceyçaõ: *Natura gratiæ cedit, ac tremula stat, progredi non sustinens.* Descubramolo no Euangelho.

37 Apurado Sam Mattheus em escrever a Genealogia de Christo, começa de Abraham, e levando as Geraçoens direita, e successivamente atè Mathan, primeiro Avô da Mãy de Deos, em Mathan deixa o fio, que levava, e sem falar em Joaquim filho de Mathan, e Pay de Maria Santissima, passa a introduzir nesta Genealogia a Jacob, Pay de Jozè, Esposo da Immaculada Virgem: *Mathan autem genuit Jacob. Jacob autem genuit Joseph Virum Mariæ.* Pois se o Historiador Sagrado escreve a Geraçaõ de Christo, e faz Catalogo de seus Progenitores, como deixando o mais proximo ascendente de Maria, que o era tambem de Christo, passa a falar em hum ascendente de Jozè, do qual naõ descendia Christo? Se a natureza humana, pela estirpe Regia de David, se encaminhava atè Christo, chegando primeiro a Mathan, passando deste a Joaquim, de Joaquim a Maria, e de Maria a Christo; como neste Euangelho de Mathan se passa a Christo, sem se declarar o como a natureza humana chegou primeiro a Maria, e depois a Christo?

Matth. 1. Et ibi D. Ambros. D. Justin. D. Beda Nicephor. Theophil. Euthym. & alii docentes Mathan fuisse patrem Joachimi, & B. V. avum.

38 O certo he que, sendo Sam Mattheus tam mysterioso na sua Historia Euangelica, naõ só devia escrever a ascendencia de Christo, e de Maria, senaõ tambem os mysterios mais occultos della. Bem; pois essa he a razaõ, porque calla o nosso Euangelista o como se communicou a Maria Santissima a nature-

za humana; querendo assim que entendamos se retirava, ou se encobria a natureza com a graça, quando se communicava à Máy de Deos. Diga-se o como a natureza foy buscando de Abraham a Izac, deste a Jacob, e assim aos mais descendentes; naõ se descreva porèm o como a mesma natureza passou de Mathan a Joaquim, e de Joaquim a Maria. Divirta-se o fio da Historia, dezencaminhe-se a descendencia neste ponto; para que assim se veja que a natureza buscando a Maria immaculada, para se lhe communicar com o seu contagio, ou se occultou com temor, ou se retirou; naõ se atrevendo a dar passos contra Maria Santissima, nem tam pouco a chegar-se a ella: *Natura gratiæ cedit, ac tremula stat, progredi non sustinens.*

§. VII.

39 PArecerà tal vez que se naõ faz perceptivel da razaõ este discurso; porque se na Conceyçaõ de Maria Santissima a natureza se retirava della, como lhe podia communicar a humanidade? Certo he que a Máy de Deos foy concebida em graça; mas a esta precede a natureza, porque primeiro devia a natureza dar o ser, do que se infundisse a graça prezervativa da culpa. Primeiro he a materia, que a fórma; o sugeito, que os accidentes: logo antes que Deos infundisse a graça a sua Máy Santissima, a natureza lhe devia dar a humanidade, naõ retirando-se, mas sim communicando-se a ella.

40 Tudo concedo, porque naõ ha razaõ para o negarmos absolutamente. Mas respondendo à difficuldade

culdade pelos termos de argumento; he de saber que na ordem da conceyçaõ humana duas acçoens se distinguem na natureza. Na primeira recebemos a humanidade; na segunda se nos infunde a culpa de Adam: porque assim como primeiro he a natureza, que o attributo, assim he primeiro a humanidade, que a culpa, como seu attributo, ou miseravel tributo, a que está sugeita a posteridade do primeiro homem. O que supposto, he bem certo que a natureza buscou a Maria Santissima para lhe communicar a humanidade; mas na segunda acçaõ, em que lhe havia communicar tambem o tributo da culpa, ahi entaõ achando-se a mesma natureza timida, se occultou, e se retirou, Ahi parou, e ficando hum pouco suspensa, a graça se adiantou, e santificando a Maria Santissima a prezervou do original contagio: *Natura gratiæ cedit, ac tremula stat, progredi non sustinens. Gratiæ fætum antevertere ausa non est, sed tantisper expectare, donec gratia produxisset effectum suum.*

41 No monte Horeb vè Moysés hum espinheiro, o qual se naõ abrazava, ainda que nelle o fogo ardia em chammas vivas: *Videbat quòd rubus arderet, & non combureretur.* Que prodigio, e que contradiçaõ he esta? Se arde o fogo, como naõ abraza? Porque no fogo arder, e abrazar saõ cousas muito distintas. O arder he natureza no fogo; o queimar, ou abrazar he propriedade. O arder he causa, o abrazar he effeito, sem o qual bem pòde conservar-se o fogo: e de facto lá na sua regiaõ celeste arde naturalmente o fogo sem consumir, e sem abrazar o Ceo, e ares vizinhos. Na Carça pois, ou espinheiro de Horeb o fogo se empregava, quanto à natureza de arder; retirava-

Exod. 3. v. 2.

V. Aguir. in Physiol. tom. 2. disp. 58 sect. 2. à n. 35.

retiravâ-se porèm quanto à propriedade, ou effeito de abrazar.

42 Tambem o fogo voràs da culpa original da meſma ſorte ſe houve com a Immaculada Senhora na Conceyçaõ; porque jà na Carça prodigioſa eſtava reprezentado eſte admiravel myſterio da Conceyçaõ, como nos diz Damaſceno: *Maria eſt rubus, igni complexum miraculum, ipſa peccato inacceſſa.* Chegava-ſe a natureza a Maria Santiſſima, communicando-lhe a humanidade; mas ao paſſo de lhe infundir a culpa a meſma natureza ſe retirava. Davalhe a natureza, e impedia-lhe a reſultancia. Communicava-lhe o ſer, e ſuſpendia-lhe o effeyto; qual outro Abraham, ſuſpendendo o effeito do golpe, que armou contra o filho, a quem deu o ſer: *Filii Abraham.*

D. Jo. Damaſc. orat. 4. de Nat. B. Mariæ V.

§. VIII.

43 Estes, poſto que mal decantados, e rudemente ponderados, ſaõ os triunfos de Maria Santiſſima em ſua Conceyçaõ ditoſa. Glorioſos para Deos, para Maria, para a natureza toda, e ſó para o Inferno triſtes. Para Deos glorioſos, porque eraõ triunfos de ſua Divina graça, e vittorias de ſeu Omnipotente braço. Glorioſos tambem para a Mãy de Deos, porque em ſua Conceyçaõ immaculada teve a gloria de conſeguir pazes com Deos; fazer que a natureza ſe retiraſſe, e que o Demonio ficaſſe vencido. Glorioſos finalmente para a natureza, porque na Conceyçaõ deſta Senhora começava jà a ſe reconciliar com Deos, ajuſtando-ſe nella a paz univerſal do Mundo. Só para o Inferno foraõ triſtes os triunfos de Maria Santiſſima,

ma; porque nella se concebia a Jahel mais valerosa para destruiçaõ do Demonio. Mas ao passo que se entristece o Inferno, a Igreja toda se alegre, e a terra nesta solennidade cante vivas a Maria, atè que em mais suave harmonia lhe và festejar os seus triunfos nos còros da eterna Gloria.

SER-

SERMAM VII.

DO

GLORIOSO ARCANJO

S. MIGUEL

Na Sé do Rio de Janeiro
Anno de 1730.

Hic eſt maior. Matth. 18.

§. I.

Angeli aſſiſtuni quotidie in altari Corpori conſecrato. Hug. Card. in Luc. 1.

DISSE profundamente Saõ Paulo (Senhor, neſſe Sacramento auguſtiſſimo ſabemos que vos aſſiſtem innumeraveis Anjos; porque aſſim o pede a grandeza de Mageſtade taõ alta: mas tambem vemos que no meſmo Sacramento aſſiſtis à feſta do mayor Arcanjo; o que, ſe bem he impulſo de voſſa bondade propria, naõ deixa de ſer preciſa correſpondencia aos grandes merecimentos de Sam Miguel.) Diſſe profundamente Sam Paulo, que

que êm cada huma das creaturas ſe eſtà vêndo, e manifeſtando a Divindade: *Inviſibilia enim ipſius à creatura Mundi per ea, quæ facta ſunt, intellecta conſpiciuntur, ſempiterna quoque ejus virtus, & Divinitas.* E ſem que o enſinàra a Fè, aſſim o dicta a razaõ; porque todas as obras perfeitas ſahem ſemelhantes àquella idèa, em que foraõ por ſeu artifice delineadas. E como a Divindade foy a idèa, em que o Mundo ſe retratou antes de ſahir à luz, preciſo era que em cada huma das creaturas ſe viſſe alguma ſemelhança da Divindade. Ad Rom. 1.v.20.

2 Se attendermos para os dilatados corpos dos Elementos, e muito mais para a vaſtiſſima Esfera celeſte, de que eſtaõ cercados, là vemos huma ſemelhança da immenſidade. Alèm de que, ſe o expreſſivo da Divindade he o proprio ſer: *Ego ſum qui ſum:* Tambem os Ceos, e os Elementos tem ſer participado de Deos. As plantas, que a terra veſtem, as arvores, que a cobrem, e os animaes, que a pizaõ na vida, ou vegetativa, ou ſenſitiva, que logràõ, ainda mais ſe aſſemelhaõ àquelle Deos vivo, que he a fonte de toda a vida: *In ipſo erat vita.* Exod.3. 14. Joan.1. v.4.

3 O homem, como obra, em que ſe moſtra admiravel a ſabedoria Divina: *Mirabilis facta eſt ſcientia tua ex me.* Taõ ſemelhante ſahio a Deos, que ſegundo a força do Texto, a Divindade foy original, e o homem hum ſeu retrato: *Deus creavit hominem, & ſecundum imaginem ſuam fecit illum.* Tambem os Anjos, como enſina Sam Dionyſio Areopagita, ſaõ imagens de Deos: *Angelus eſt imago Dei*, os quaes por ſerem totalmente eſpirituaes, e intellectivos, taõ aſſemelhados ſaõ ao Creador, que naõ duvida o Sagrado Texto nomeallos filhos de Deos: *Filii Dei id eſt* Pſal.138. Eccleſ. 17.v.7. Areop.de Cæleſt. Hierarc. Gloſ. in c 6. Gen. & in c. 1. Job. & in c.8.ejuſd.

eſt Angeli Dei. E acharias, ſe bem foſtes reparando, que quanto for a creatura mais ſemelhante a Deos, tanto ſerà mais nobre, e mais perfeita; porque tanto mais creſce nas creaturas a petfeiçaõ, quanto mais ſe aſſemelhaõ à Divindade.

4 Aqui temos jà ſem queixa, nem aggravo dos contendores decidido o litigio do Euangelho preſente por parte daquelle Eſpirito nobiliſſimo, daquelle Principe da celeſtial Milicia, daquelle Triunfador de Lucifer, e ſeu infernal exercito, daquelle Deffenſor da antiga Synagoga, e da preſente Igreja, daquelle Protector das Almas do Purgatorio, o Seraſim por natureza, e Arcanjo por officio Saõ Miguel. Eſte he no Reyno do Ceo o mayor: *Hic eſt maior in Regno Cælorum*; porque aſſim como entre todas he eſta a creatura mais nobre, aſſim he entre todas a mais ſemelhante a Deos.

5 No meſmo nome deſte Soberano Arcanjo temos a melhor prova deſta concluſaõ: *Michael, quis ut Deus?* Quem como Deos? He a interpretaçaõ do nome de Miguel. De ſorte que ſe buſcais quem ſe poſſa dizer, e appellidar ſemelhante a Deos, jà no conceito proferis o nome de Miguel. He Saõ Miguel prodigioſa, e quaſi incomprehenſivel reſpoſta do ſeu nome; porque ſe perguntarmos quem ſeja ſemelhante a Deos? ainda que a pergunta parece de ſuppoſiçaõ impoſſivel; com ſigo traz a Saõ Miguel por reſpoſta. O Doutor Angelico diz, que chegando huma creatura a aſſemelhar-ſe com Deos, jà naõ tem a que mais ſubir: *Nec poteſt creatura ad maius promoveri, quàm quòd ſuo aſſimiletur Creatori.* Saõ Miguel he o mayor no Reyno do Ceo, porque naõ tem a que mais ſubir. Os mais Corteſoens do Ceo ficaõ inferiores

Divi Thom. opuſc. 58. c. 25.

feriores a Saõ Miguel, porque todos pòdem ſubir a mais; Saõ Miguel he ſuperior a todas as Jerarquias, porque ſubir elle a mais he impoſſivel, viſto ſer huma ſemelhança de Deos, na qual ſe eſtaõ reprezentando a Mageſtade, e attributos Divinos. Ouvi a voz de Tertulliano: *Michael, quis ut Deus? Quia ſcilicet ejus attributa & Maieſtatem repræſentat.* Agora a Santo Thomàs: *Nec poteſt creatura ad maius promoveri, quàm quòd ſuo aſſimiletur Creatori.* Vivien tom. 1. v. Angel. Perf. Cõt. 3.

6 Funda-ſe a mayoria de Saõ Miguel na ſemelhança, que tem com Deos; em que conſiſta porèm eſta ſemelhança, naõ he facil de ſe deſcobrir; mas na meſma difficuldade havemos achar com facilidade eſta ſemelhança. Notou Saõ Clemente Alexandrino q̃ Deos he taõ ſuperior a toda a intelligencia creada, q̃ quanto mais o pretendemos comprehender, tanto mais foge, e tanto mais ſe aparta do noſſo conhecimento; porque ſempre he mayor, e muito mayor, que todo o noſſo conceito: *Deus eſt quædam res, captu ac venatu difficilis, ſemper recedens, atque à perſequente procul ſe removens.* Pois tambem aſſim Saõ Miguel. Por mais que nos empenhemos a engrandecello, ſempre he mayor que todo o noſſo conceito. A razaõ he: porque naõ deſcubriremos huma ſingular excellencia, por onde nos pareça que Saõ Miguel he o mayor, ſem que logo nos occorra outra preminencia, que o faz ainda mayor do que ſe reprezentou na ponderaçaõ daquella primeira excellencia. Quero declarar melhor o meu conceito. Clem. Alex. Strom. lib. 2.

7 Naõ façamos comparaçaõ de Saõ Miguel com os mais Cidadões da Gloria; porque no entender dos Santos Padres, e Expoſitores, como ouvireis depois, na Celeſte Curia ninguem ſe compàra com

Saõ

Saõ Miguel; todos o reconhecem mayor nos dotes da perfeiçaõ Angelica. Comparemos a Saõ Miguel com ſigo meſmo: a Saõ Miguel por hum titulo, com Saõ Miguel por outro, e por outros titulos; e achareis com evidencia, que nunca faremos cabal conceito de Saõ Miguel; porque quanto mais o formos comparando, tanto nos irà parecendo cada vez mayor, e iremos ſempre dizendo que Saõ Miguel ainda he mayor: *Eſt maior.* Por mais que o vamos exaltando por hum titulo, confeçaremos que ainda he mayor por outro, e por outro ainda mayor, e mayor ſempre: *Eſt maior.* Eſtà deſcuberto o aſſumpto; para o dezempenharmos, imploremos a Divina graça por interceſſaõ da Raynha dos Anjos, e por meyo da Saudaçaõ Angelica.

AVE MARIA.

§. II.
Hic eſt maior.

8 SUppoſto pois que Saõ Miguel he o mayor no Reyno do Ceo, entra a eſpeculaçaõ, ou a devoçaõ a ſaber, qual ſeja o fundamento deſta mayoria, e exceſſo? Para que a reſoluçaõ ſeja bem fundada, tiralla-hemos do Sagrado Texto. Depois que declarou Chriſto, ſer o Bautiſta o mayos de todos os naſcidos, accrecentou logo, que o menor dos Anjos, era mayor ainda q̃ o Precurſor: *Qui autem minor eſt in Regno Cælorum, maior eſt illo*: E tanto excede o menor Anjo ao mayor dos homens, quanto o Sol excede à Lua: *Quantum differt à Luna Sol tantum ſplendet Angelorum, præanimarum humanarum ſubſtantia*: diz o Doutor Angelico.

Matth. 11.v.11.

Divi Thom. 2.Cont. Gent. 93.

9 Com-

9 Compoem-se o numero deſtes Anjos de innumeraveis milhares de milhoens. A formoſura, o poder, a grandeza, e a Mageſtade de cada hum delles naõ cabe na comprehenſaõ humana. Por iſſo as letras Divinas para os darem a conhecer, excogitando titulos mais ſublimes, os nomeàraõ Principes do Solio Divino: *Ex Principibus, qui miniſtramus ante ſolium Gloriæ*: alampadas do throno de Deos: *Lampades ante thronum*: Aſtros da manhãa: *Cum me laudarent ſimul aſtra matutina.* E porque naõ baſtaõ eſtes ſymbolos explicativos, a meſma Eſcritura os intitulou muitas vezes Filhos de Deos: *Et jubilarent omnes Filii Dei.* De todos eſtes Eſpiritos taõ incomparavelmente excellentes, he Saõ Miguel o mais nobre, o mais illuſtre, e ſupperior a todos. Aſſim o conſideraõ Saõ Baſilio, Saõ Lourenço Juſtiniano, Santo Ambroſio, Saõ Pantaleaõ Diàcono Martyr, Ruperto Abbade, e os ſeguem muitos Expoſitores. Aqui paremos, porque eſta he a excellencia mayor de Saõ Miguel.

Tob. 12. v. 15. juxt. verſ. Hcb. Apoc. 4. v. 5. Job 38. v. 7. Job ibid. D. Baſil. D. Laur. Juſt. D. Ambroſ. D. Pantaleon. Rup. & alii cum Vieg. in Apoc. 12. com. 1. ſect. 18.

10 Sobre Saõ Miguel ſómente Deos, tudo o mais he inferior a eſte Soberano Arcanjo: *Sanctus Michael, veriùs dicendus ſoli Deo minor*, reſolve o eſtudioſo, e douto Vivien. Ser ſuprior entre infinidades de Anjos taõ ſublimes! Tantos milhoens de Eſpiritos todos nobiliſſimos, todos ſoberanos, e todos inferiores a Saõ Miguel! Oh maravilha! Oh excellencia! E por ventura a que a Saõ Miguel faz no Reyno do Ceo o mayor.

Vivien ſup. cit.

11 Eu naõ engrandeço as mayorias pela eminencia, a que chegaõ; mas ſim pelas inferioridades, que excedem. As mayorias ſaõ como os montes, cuja eminencia ſe conhece entaõ, quando do cume delles

les olhando vemos a grande altura, que lhes fica inferior. Entre os Seberanos da terra saõ mais illustres, os que tem de bayxo de seu dominio mayores Principes. Aquelle Centurio que rogava a Christo pela saude de hum criado, que tinha paralytico, encarecia a nobreza do seu posto pelos soldados, que
Matth. 8. v. 9. tinha debayxo do seu mando: *Ego homo sum, sub potestate constitutus, habens sub me milites.* David exalta muito o throno de Christo, e seu Imperio, por
Psalm. 88. v. 28. lhe serem inferiores todos os Reys da terra: *Primogenitum ponam illum excelsum præ Regibus terræ*; porque na grandeza dos inferiores, melhor se conhece a mayoria do superior. Se Deos naõ creàra outro Anjo mais que Saõ Miguel, ainda fora em natureza tanto como agora he; mas naõ tivera a mayoria, que agora tem; porque lhe naõ seriaõ inferiores tantas ordens de taõ soberanos Principes: que por serem, quando taõ soberanos, inferiores a Saõ Miguel, muito lhe encarecem a mayoria.

12 Em sonhos por duas vezes, mostrou Deos a Jozè, quanto o exaltaria no Egypto. Vio no primeiro sonho, que as suas pavèas se levantavaõ, e que as pavéas de seus irmãos reverentes as adoravaõ:
Genes. 37. v. 7. *Quasi consurgere manipulum meum, & stare; vestros autem manipulos, circunstantes adorare manipulum meum.* Vio depois que o Sol, que a Lua, e que as Estrellas o adoravaõ: *Quasi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me.* Em hum, e outro sonho mostrava anticipadamente a Providencia Divina, que no throno do Egypto seria Jozé por seus irmãos adorado. Porèm, se isso reprezentava o primeiro sonho, para que era a reprezentaçaõ do segundo? Se isso estava jà significado na adoraçaõ das pavéas, naõ

era

era escusada a adoraçaõ dos Astros? Naõ; que no primeiro sonho era Jozè adorado sómente de inferiores humildes; no segundo era adorado de inferiores illustres. No primeiro sonho se vio Jozè exaltado sobre pavéas do campo: *Vestros manipulos circunstantes adorare manipulum meum.* No segundo estava superior aos astros mayores, e mais luzidos: *Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me.* Ter inferiores humildes, naõ he superioridade grande: ser exaltado sobre as creaturas mayores, mais altas, e mais luzidas, essa he a eminencia mayor, e essa era a exaltaçaõ, que Deos queria dar a Jozè.

13 O que em Jozé foy sonho, e significaçaõ, he realidade para Saõ Miguel. Astros saõ os Anjos: *Cùm me laudarent simul astra matutina*: naõ saõ Astros do concavo do Ceo, que olhaõ para a terra alumiando os homens; saõ Astros do convexo do Firmamento, que olhaõ para Deos alumiando o throno da Divindade: *Lampades ante thronum.* Todos porèm ficaõ inferiores a Saõ Miguel, e confessando a mayoria deste grande Arcanjo, superior às creaturas mais nobres, que produzio a Omnipotencia.

14 Quando cheguei a este ponto, me pareceu que estava no ultimo ponto das excellencias de Saõ Miguel; porque, se este Supremo Arcanjo he superior a todas as creaturas, se he inferior só a Deos: *Soli Deo minor*: Impossivel he que suba a ser mais, tanto, como lhe he impossivel ser Deos. Mas enganeime; que por outro titulo, ainda Saõ Miguel he mayor: *Est maior.* A razaõ he: porque toda a superioridade, que ouvistes de Saõ Miguel, he excellencia de sua natureza propria, como bem advertio o Doutor Angelico; na ordem porèm da graça,

como sabemos, naõ he Saõ Miguel a creatura mais eminente. Os dotes da graça tanto saõ mais excellentes, que os da natureza, quanto vay do natural ao sobre natural: recorramos pois às prerogativas, com que a graça enriqueceu a Saõ Miguel, e veremos que este grande Principe he mayor ainda, do que atè agora o vimos: *Est maior.*

§. III.

15 PAra descobrirmos outro titulo, por onde Saõ Miguel ainda he mayor, basta que nas suas imagens se empregue a vista. As insignias, por onde a Saõ Miguel distinguimos de outro qualquer Anjo, saõ espada, e balança, reprezentando-se neste simulacro, que no Juizo particular, he Saõ Miguel o Julgador de nossas Almas. No geral, e final Juizo, será Christo o Juis tremendo, para concluir as causas de Adaõ, e de toda a sua posteridade; mas no Juizo particular, he Saõ Miguel o que a cada huma das Almas examina o processo de suas vidas; e pezando em sua balança de huma parte as culpas, e de outra parte os merecimentos, dezembainhada a espada da justiça, profere a sentença da Gloria, ou condenaçaõ eterna. Este he o commum sentir dos Doutores, como diz hum dos que melhor escreveraõ de Saõ Miguel: *Plerique Doctores censent, Sanctum Michaelem vice Dei, præesse in Judicio particulari, & ob hanc causam, cum gladio, & statera pingi.*

Viven sup. cit.

16 Quando eu adverti neste supremo, e honrozo officio de Saõ Miguel, fiquei taõ absorto por entaõ, que me pareceu tinha nelle achado, o que dantes

dantes julgava por impoſſivel. Porque depois de havermos dito que Saõ Miguel por natureza ſó a Deos he inferior: *Soli Deo minor*; pelo officio de Julgador das noſſas Almas tanto mayor fica do que era que me parece igualar-ſe a Deos nas honras da Divindade.

17 Diz Saõ Joaõ que o Eterno Padre a ninguem ha de julgar, mas que ſim commettera ao Filho o exercicio de Julgador do Mundo todo: *Neque enim Pater judicat quemquam, ſed omne judicium dedit Filio.* Joan. 5. v. 22. E porque razaõ dimitte de ſi o Padre taõ honroſo emprego? Naõ temos neceſſidade de examinar a reſpoſta, porque a deu o meſmo Euangeliſta: *Ut omnes honorificent Filium, ſicut honorificant Patrem*: Para que todos (diz Saõ Joaõ) honrem ao Filho com aquella honra, que he devida ao Padre. Ibid. v. 23. He bem certo que o Filho, por ſer Deos, igual ao Padre por natureza, tem toda a honra da Divindade; mas como os Judeos a negàraõ a Chriſto, foy pelo Padre conſtituido Julgador do Mundo, para que quando o virem no throno de Juis, o confeſſem por Deos, como he o Padre: *Omne judicium dedit Filio, ut omnes honorificent Filium, ſicut honorificant Patrem.* Oh que temeroſo ſe acha hum entendimento profeſſor da Fè, vendo-ſe para fechar eſte conceito! Que cautelas ſeràõ baſtantes para ſem erro fazer accommodaçaõ do Texto, q̃ ponderamos? Dà tambem Deos a Saõ Miguel o officio de Julgador dos homens, e quem naõ diria ſer, para que tambem a Saõ Miguel tratemos com honras de Divindade?

18 Ora eu bem vejo que Saõ Miguel he ſó Anjo por natureza, infinitamente inferior a Deos, e ſó a Deos inferior; mas julgay vòs ſe Saõ Miguel

pelo officio de Julgador das Almas todas: naõ ſe equivòca muito com Deos. Sentenciadas as noſſas Almas, ſeraõ humas condenadas ao eterno fogo: *Ite in ignem æternum*: outras iraõ lograr dos reſplandores daquella eterna luz, que he o meſmo Deos: *Erit tibi Dominus in lucem ſempiternam.* E ſendo Saõ Miguel o que no ſeu juizo deſtina para huns o fogo, e para outros a luz, naõ ſe vos aſſemelha muito com Deos? Cuido que ſim, e recorramos ao Oraculo da infectivel verdade.

Iſai. 60. v. 19.

19 Diz o Pſalmiſta, que a voz de Deos corta, e ſepàra a chamma de fogo: *Vox Domini intercidentis flammam ignis.* E por ventura poder-ſeha dividir a chamma do fogo? Por virtude natural, certo he que naõ; mas pela voz de Deos, certo he que ſim: e Saõ Baſilio Magno declàra o como pòde ſer. Na chamma de fogo, diz eſte grande Padre, ha duas qualidades; huma de luzir, outra de queimar: *Duo ſunt in igne potiſſima, uſtiva vis, & illuſtratoria.* Temos exemplo. No Inferno a chamma queima os peccadores ſem luzir; no Ceo clarifica os Juſtos ſem queimar. Admiravelmente Santo Athanaſio: *Ut hic luceat juſtis, illic peccatores cremet.* A efficacia porèm de ſeparar no fogo a luz, e a chamma, o queimar, e o luzir, he taõ Omnipotente, que ſó pòde naſcer da voz de Deos: *Vox Domini intercidentis flammam ignis.* Oh voz de Deos! Mas oh voz do ſemelhante a Deos Saõ Miguel! Parte o fogo, porq̃ quando julga, reparte as qualidades do fogo. A huns dà chammas, em que ſe abrazaõ no Inferno: dà luz a outros, com que reſplandecem na Gloria: *Vox Domini intercidentis flammam ignis. Ut hic luceat juſtis, illic peccatores cremet.*

Pſalm. 28. v. 7.

D. Baſil.

D. Athanaſ. apud Lorin. in hunc locum.

20 Ainda

20 Ainda naõ appliquei plenamente o diſcurſo a Saõ Miguel, vamos dezentranhando mais o Texto. Se attendermos para o literal, de que falou o Rey Profeta, alludia ao ſucceſſo da fornalha milagroſa de Babylonia. Ardendo eſta em chammas, mandou Nabuco, que lhe lançaſſem os tres conſtantes meninos, que naõ quizeraõ idolatrar a ſua precioſa Eſtatua: e ſuccedeu (caſo maravilhoſo!) que os Santos meninos andavaõ illezos na fornalha ardente cantando a Deos no meyo de toda aquella incendida luz: *Ambulabant in medio flammæ laudantes Deum.* Sahindo porèm a chamma em linguas pela boca da fornalha, em diſtancia de quaſi cincoenta covados de labaredas, conſumio os idolatras, que alli aguardavaõ, atè que os ſervos de Deos em cinzas ſe tornaſſem, como eſperavaõ: *Effundebatur flamma ſuper fornacem cubitis quadraginta novem, & erupit, & incendit quos reperit juxta fornacem de Chaldæis.* Aqui foy (diz Saõ Baſilio) a ſeparaçaõ entre a luz, e a chamma de fogo; a luz ficou na fornalha eſclarecendo os meninos, ſahio chamma, e conſumio os idolatras. Daniel. 3. v. 24. Ibid. v. 47. v. 48.

21 Examinemos agora quem foy o author deſta ſeparaçaõ entre a luz, e a chamma? O Real Profeta affirma que fora Deos: *Vox Domini.* O Rey Nabuco, como teſtemunha de viſta, diz que fora hum Anjo do Senhor: *Benedictus Deus eorum, Sidrach ſcilicet, Miſach, & Abdenago, qui miſit Angelum ſuum, & eruit ſervos ſuos.* Pois, ſe era Anjo, como era Deos? Tudo era. Na verdade Anjo: *Miſit Angelum ſuum,* mas Anjo ſemelhante a Deos: *Similis Filio Dei.* Aſſim ſe explicou o barbaro Monarca dos Caldeos. Mas porque ſemelhante a Deos? Porque aquelle Anjo dividio o fogo entre os juſtos, e os peccadores. Deu a Ibid. v. 95. Ibid. v. 92.

claridade aos Santos, e a voracidade aos idolatras: e quem faz esta justiça distributiva, senaõ he Deos, parece Deos: *Similis Filio Dei.*

D. Panthal. apud Lipom.

22 E que Anjo seria este? Saõ Pantaleaõ Diàcono diz que era Saõ Miguel, o mesmo segue a opiniaõ commum dos Doutores com fundamento grande: porque Saõ Miguel he o Anjo, que no juizo particular entre os bons, e màos reparte a chamma, e luz do fogo condenando os màos às chammas do eterno fogo, e conduzindo os bons para a luz da eterna Gloria. Pois por isso (concluamos jà) he Saõ Miguel semelhante a Deos no officio de Julgador das nossas Almas: *Similis Filio Dei.*

23 Naõ deixemos taõ grave ponto ponderado só por mayor, e quasi confusamente. Procedamos com distincçaõ, attendendo para os requisitos, que em Saõ Miguel devem concorrer para o exercicio de Julgador das Almas, e reconhecereis quanto este emprego do nosso Arcanjo he proprio da Divindade.

24 Para que Saõ Miguel possa com rectidaõ julgar todas as Almas, he necessario que veja, e saiba o que passa em toda a parte do Mundo; he preciso que esteja prezente em todo o lugar para comprehender o que acontece em todo o Orbe; aliàs seria possivel que no seu juizo intervieste engano: mas he taõ impossivel que hum Anjo esteja escrutinando sempre a vastidaõ toda creada, como lhe he impossivel ser immenso. Alèm do que: nòs havemos ser julgados, naõ só das obras que fizemos, e das palavras, que proferimos, senaõ tambem dos mais reconditos pensamentos, que se forjàraõ em nossos coraçoens; he porèm certo que os segredos do coraçaõ humano saõ inviziveis à perspicacia dos mes-

mos

mos Anjos, como enſina a Theologia com aquelle Meſtre, que por ſer Angelico ſoube muy bem a quanto ſe eſtende a esfera do conhecimento Angelico. O interior do coraçaõ humano rezervou Deos para ſi: *Tu ſolus noſtri corda filiorum hominum.* Pois como ha de julgar eſtes penſamentos ſecretos, ou como ha de condenar por elles hum Anjo, ſe os ignora? 2. Paralip. 6. v. 30.

25 Vós direis, e bem; que Deos communica a Saõ Miguel huma clara noticia, ou revelaçaõ de tudo quanto ſabe pertencente ao proceſſo de noſſas vidas, e por ella póde ſentenciar com juſtiça. He aſſim; mas o que eu diſſo infiro he: que neſſe caſo parece eſtimar Deos a Saõ Miguel, como ſe fora o ſeu unigenito Filho. Diz Saõ Joaõ que Deos Padre ama a Chriſto, como a Filho que he ſeu, porque lhe dà a ſaber todas as couſas: *Pater enim diligit Filium, & omnia demonſtrat ei.* De ſorte que a cauſa de communicar o Padre a Chriſto quanto ſabe, he porque o ama como Filho, a quem ſempre eſtà gerando: *Dilectio eſt cauſa demonſtrationis*, commenta Caietano. E para que communica o Padre a Chriſto o que ſabe? Reſponde promptamente o Euangeliſta: Para o conſtituir Julgador do Mundo: *Neque enim Pater judicat quemquam, ſed omne judicium dedit Filio*: diz no meſmo lugar do noſſo Texto. Divinamente! Por que o meſmo he communicar o Padre a Chriſto quanto ſabe, para que julge o Mundo, que dar huma manifeſta prova de o amar como a Filho ſeu: *Pater enim diligit Filium, & omnia demonſtrat ei. Neque enim Pater judicat quemquam, ſed omne judicium dedit Filio.* Joan. 5. v. 20. Cai hic. Ibid. v. 22.

26 Tambem revela Deos o que ſabe a Saõ Miguel,

guel, para que possa julgar as nossas Almas. Pois digamos, que mostra Deos amar a Saõ Miguel, como a seu Filho. Por natureza communica Deos necessariamente ao Filho tudo quanto sabe, porque o ama necessariamente como a Filho. A Saõ Miguel communica livremente o que sabe à cerca do processo de nossas culpas, quando o constitue Julgador nosso; por isso; ainda que Anjo, o reputa neste privilegio, como a filho de seu amor: *Pater enim diligit Filium, & omnia demonstrat ei.*

27 Aqui pedia a razaõ (mas naõ o assumpto) parassem as exaltaçoens de Saõ Miguel, por ser este o ultimo grão a que podia subir, quando mayor; mas he bem claro naõ ser esta a excellencia mayor do nosso Arcanjo: porque a mayoria que acabamos de ponderar em Saõ Miguel, he huma jurisdicçaõ delegada nelle por Deos; e as preminencias do Ceo naõ se avaliaõ tanto pelas dignidades, que Deos confere aos seus Ministros, como pelos merecimentos da graça em cada hum delles.

28 A Christo pedio a mãy dos Zebedèos para os seus dous filhos os dous primeiros, e mayores lugares do Ceo: *Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram, & unus ad sinistram in Regno tuo.* Matth. 20. v. 21. Christo lhes respondeu huma cousa, e perguntou outra. A resposta foy, que naõ sabiaõ o que pediaõ: *Nescitis quid petatis.* Notavel resposta! A petiçaõ suppunha nos pretendentes conhecimeato do Reyno de Christo, e estimaçaõ dos primeiros lugares delle; pois como responde Christo, que naõ sabiaõ o que pediaõ? *Nescitis quid petatis?* Porque prezumiaõ levar as mayorias do Ceo pelos primeiros assentos, e as precedencias da Gloria pela nobreza das cadeiras: *Dic ut sedeant.*

ſedeant. Aquelles lugares eraõ de Miniſtrõs, aquellas cadeiras eraõ de Julgadores de todo o Mundo: *Sedebitis, & vos judicantes*: e cuidar que a honra de Julgador do Mundo ſe deve à mayor exaltaçaõ do Ceo he ignorancia: *Dic ut ſedeant: neſcitis quid petatis.* Matth. 19.

29 Notemos agora na pergunta, que fez Chriſto aos dous pretendentes: *Poteſtis bibere calicem, quem ego bibiturus ſum?* Podeis padecer, e morrer por mim, como eu por vòs eſtou reſoluto a fazer? E que circunſtancia he eſta para a ſupplica dos Zebedèos? Muy propria do caſo, e muy neceſſaria para o deſpacho. O padecer, e morrer por Chriſto he o mayor merecimento, que ſe lhe pòde aprezentar; as duas cadeiras eraõ precedencias, e mayorias no Ceo: e moſtrou Chriſto na ſua pergunta, que para as mayorias, e precedencias do Ceo, ſó ſe attende à grandeza, e mayoria dos merecimentos: *Dic ut ſedeant. Potis bibere calicem.* Eſtà facil a concluſaõ do diſcurſo. Eminente he Saõ Miguel no Ceo pela honra de Julgador do Mundo; mas pela grandeza de ſeus merecimentos he mayor: *Eſt maior.* Ibib. v. 22.

§. IV.

30 OS merecimentos de Saõ Miguel ſaõ taõ raros, como incomparaveis. Mereceu com circunſtancias taõ nobres, que excedem a toda comparaçaõ: porque mereceu pelejando contra o inimigo mais poderoſo, e contra o exercito mais feroz, qual era Lucifer, e o Inferno todo. Todos os que reziſtem às tentaçoens, vencem tambem ao Demonio, e naõ he muito; porque hoje eſtà o Demo-

nio

nio alèm de vencido prezo no inferno; pouco menos que impossibilitado para contender comnosco: *Apprehendit draconem, serpentem antiquum, quid est diabulus, & Satanas, & ligavit eum per annos mille: & misit eum in abyssum, & clausit*, diz o Apocalypse. Tem hoje o Demonio astucias, e naõ tem esforso; mas quando Saõ Miguel pelejou com elle, estava poderoso, solto, e soberbo, pizando com arrogancia a nobre Esfera do Ceo Empyreo, onde foy creado. Vencer a quem jà alguma vez foy vencido, naõ he façanha; porque a lembrança do que foy rendido he bastante descõfiança para lhe tirar o animo. Vencer a hum poderoso Campeador he gloria, porque só nasce do esforso proprio.

Apoc. 20.v.2. & v.3.

Divi Thom. 1.p.q. 202.art. 4.

31 Na primeira vez que Judas, Macabèo invictissimo, sahio a campo, e tomou armas contra seus inimigos, diz a Sagrada Historia que adquirio grande gloria para o seu povo: *Et dilatavit gloriam populo suo.* Fez segunda campanha, e conseguindo mayor victoria, naõ se lhe attribuhio taõ grande gloria; ainda que o desejo de conseguir esta lhe encendia o animo, e augmentava o esforso, com que pelejava para merecer mais gloria para Deos, e para o seu povo. Eu dicera que a segunda victoria devia ser mais decantada que a primeira; porque na segunda o exercito dos Macabèos, era limitado ò dos inimigos porèm taõ grande, e taõ esforsado, que o triunfar delles era impossivel, e o acometellos temeridade. Assim se discorria, e se julgava por todo o exercito dos Macabèos: *Quomodo poterimus pauci pugnare contra multitudinem tantam, & tam fortem?* Pois, se a victoria he mais celebrada, onde o perigo, e a resistencia he mayor, como se dilata a gloria dos

1. Mach. 3.v.3.

Idib.v. 17.

Macabèos

Macabèos pelo primeiro triunfo, onde menos oſtentàraõ ſeu valor, e naõ pelo ſegundo, em que o eſforſo dos inimigos vencidos reforçava o eco da ſua fama por toda a parte? Porque da ſegunda vez Judas pelejava depois de ter triunfado, e naõ era muito que os inimigos dos Macabèos foſſem vencidos ſegunda vez, ſe foraõ deſtruidos da primeira. No primeiro triunfo naõ foy tam forte a peleja; mas como nas forças contrarias naõ havia deſconfiança interna, que as abateſſe, (como no ſegundo triunfo ſe conſidera) deſtruidas ellas, ſe ennobreceu a vittoria, e ſe dilatou a gloria dos vencedores: *Dilatavit gloriam populo ſuo.*

32 Como o primeiro triunfo dos Macabèos, foy o triunfo de Saõ Miguel, ainda que para mais ſe acreditar o ſeu esforſo, naõ deixou de ſer tambem como o ſegundo. Pelejou Saõ Miguel contra huma multidaõ, alèm de grande, muy forte: *Contra multitudinem tãtam, & tam fortem*; porque ſe poz em campo contra todo o infernal exercito de Lucifer: mas entaõ eſtava Lucifer poderoſo, e o ſeu exercito arrogante; porque naõ haviaõ experimentado a ruina, e deſtruiçaõ, que nelles fez Saõ Miguel; o qual por eſta razaõ ſe acredita pelo mayor triunfador da Triunfante Igreja: *Hic eſt maior.*

33 Boa razaõ da mayoria de Saõ Miguel, ſe naõ padecèra huma objecçaõ tam forte, como notoria. Se bem ſe adverte, naõ foy Saõ Miguel ſò, o que triunfou de tam ſoberbo, como poderoſo inimigo; porque naõ foy Saõ Miguel o unico, que pelejou. Com elle tambem pelejàraõ todos os mais Anjos Celeſtiaes, como bem nos declara o Texto do Apocalypſe: *Michael, & Angeli ejus præliabantur cum* Apoc. 12. v. 7.

cum dracone. Pois se neste merecimento os mais Anjos se igualaõ com Saõ Miguel, nem huma mayoria lhe grangèa o seu merecimento por esta circunstancia. Porêm eu descubro jà outra, por onde ficarà Saõ Miguel pelo seu merecimento ainda mayor: *Est maior.*

34 Saõ Miguel foy o primeiro que pelejou, e se poz em campo para defender, e exaltar a honra de Deos. Todos os mais têm exemplo para pelejar, porque imitaõ a Saõ Miguel; só elle pelejou sem imitar, porque foy o primeiro que acometeu contra os que aspiravaõ à Divindade. Os Anjos saõ batalhoens de Deos: *Castra Dei sunt hæc*: e sendo tanta a multidaõ delles: *Multitudo Militiæ Cælestis*, nem hum se avançou ao Demonio primeiro, que Saõ Miguel. Depois delle acometeraõ todos: *Michael, & Angeli ejus præliabantur.* Fez Saõ Miguel o que nem hum Anjo fez; porque fez o que, segundo as experiencias, naõ ha quem faça, ainda que alguns presumaõ de o ter feito. Succedeu no exercito do Ceo o que nos da terra acontece. Para acometerem juntos estaõ promptos os que saõ briosos; mas para ser primeiro, ninguem, quando o inimigo he poderoso.

Genes. 32.2. Luc. 2.v. 13.

35 O povo de Galaad tinha guerras com o de Ammon, e assentàraõ os Principes, e nobres que seria General (que entaõ era tanto como Rey) de Galaad, quem primeiro avançasse contra Ammon: *Qui primus ex nobis, contra filios Ammon cæperit dimicare, erit Dux populi Galaad*: e naõ havendo entre elles quem se quizesse singularizar, para conseguir tanta exaltaçaõ; se foraõ valer de Jepthe, a quem acclamàraõ por seu Principe, depois de o haverem expulsado de sua companhia; para que naõ aspiras-

Judic. 10. v. 18.

aſpiraſſe a ter alguma preferencia no povo, attendendo para a nobreza de Galaad ſeu Pay: *Perrexerunt maiores natu de Galaad, ut tollerent in auxilium ſui Jepthe de terra Tob, dixeruntque ad eum: veni, & eſto Princeps noſter, & pugna contra filios Ammon.* Os Galaaditas eraõ guerreiros, e valeroſos, nelles ſe comprehendia grande parte das Tribus de Iſrael, com experiencia de dezoito annos de guerras com os Filiſthêos, e Ammonitas; pois como naõ ha entre elles, quem acometa primeiro? Porque, como conheciaõ o poder, e esforſo dos Ammonitas, tambem previaõ o evidente perigo, a que hia expoſto quem primeiro acometeſſe; e baſtou à previſaõ do perigo, para que nem hum ſe atreveſſe a ſer primeiro. Cap. 11. v. 5. & 6.

36 Oh quam valeroſo ſe nos moſtra agora o Grande General dos exercitos de Deos! Entre tantos Anjos foy Saõ Miguel o primeiro, que ſe avançou contra Lucifer, e ſeu exercito: *Michael, & Angeli ejus præliabantur cum dracone.* Todos os mais Anjos pelejàraõ com Saõ Miguel, mas nem hum como Saõ Miguel. Os mais Anjos pelejàraõ juntos: *Angeli ejus præliabantur*; ſó Saõ Miguel com diſtincçaõ, ſó Saõ Miguel como primeiro: *Michael, & Angeli ejus.* Para Saõ Miguel obrar o que devia a ſi, baſtava que pelejaſſe como os mais Anjos: pelejando com diſtincçaõ, obrou mais do que devia a ſi, e tambem ſe excedeu a ſi meſmo. Eſte he o exceſſo, que dà a Saõ Miguel toda a mayoria, quando ſe compàra comſigo meſmo: *Eſt maior.*

§ V.

§. V.

37 MAs naõ disse bem. Por outra circunstancia, ainda Saõ Miguel por seu merecimento he mayor: *Est maior*; porque, se attendermos à causa, q̃ Saõ Miguel defendeu naquella guerra contra o Demonio, cresce o merecimento, com que se exalta. Huma das mais controvertidas duvidas da Theologia he (pela variedade de opinioens) qual fosse a materia, em que peccàraõ os Anjos. O mais seguido resolve foy a soberba. Meu Padre Saõ Bernardo, e com elle gravissimos Authores, entrando a examinar, qual seria o ponto desta soberba, dizem, que aos Anjos fora revelado, como o Verbo Divino se faria homem, e sendo-lhes mandado, que o adorassem, como a verdadeiro Deos, se elevàra Lucifer com os seus Anjos, tendo por affronta da natureza Angelica tam sublime, adorar a quem era homem, posto que tambem fosse Deos. Funda-se esta doutrina no Sagrado Texto, pois delle consta, que huns, e outros Anjos tiveraõ preceito de adorar a Christo: *Adorate eum omnes Angeli ejus*: diz David, e depois delle Saõ Paulo: *cùm iterum introducit Primogenitum in Orbem terrarum, & adorent eum omnes Angeli ejus.* De sorte que, assim como para o homem houve hum preceito, que lhe prohibio comer o frutto, que se produzia na arvore da sciencia: *De ligno autem scientiæ boni, & mali ne comedas*; assim houve outro preceito para os Anjos: *Adorate eum omnes Angeli ejus.* Na quebra daquelle esteve a perdiçaõ dos homens: na transgressaõ deste, consistio a ruina dos Anjos.

D. Bern. Ser. 17. in Cant. Alens. 3. p. q. 2. memb 3. Melch. Flav. lib. de Regn. Chr. cap. 6. Jacob Naclant. Trad. 4. Theolog. Sylva tom. 4. in 1. p. q. 3. a. 9. Psalm. 96. v. 7. Ad Hebr. 1. v. Et videndus Lardit. tom. 3. de Peccat. Angel. dub. 5. §. 1. n. 2. & n. 8. Genes. 2. v. 17.

38 Agora

38 Agora deſejàra eu ouvir, qual ſeria o myſterio, em que mais eſpecialmente foy Chriſto reprezentado aos Anjos, quando ſe lhes mandou, que o adoraſſem? Incarnou o Filho de Deos em Nazareth, naſceu em Belem, no Thabor ſe transfigurou, foy ſacramentado em Siaõ, morto no Calvario, e do Olivete ſubio ao Ceo. Qual deſtes ſeria o myſterio, em q̃ o Verbo encarnado ſe propoz como objecto da adoraçaõ Angelica? Qual deſtes ſeria o lugar, em que ſe lhes reprezentou Chriſto, para o acto da ſua adoraçaõ? Tanto que o Filho de Deos pela Incarnaçaõ ſe fez homem, ficou ſugeito às dependencias do lugar, e do tempo, e a outras circunſtancias, das quaes todo o corporeo depende para exiſtir, e ſem as quaes naõ póde perfeitamente ſer conhecido. Pois, ſe os Anjos conhecèraõ por revelaçaõ Divina, que o Filho de Deos ſe reveſtiria de noſſa carne mortal, preciſo era, que eſte ſe lhe reprezentaſſe em algum eſtado: em algum lugar, em algum myſterio; para que as meſmas circunſtancias do que viaõ confirmaſſem a verdade, que ſe lhes mandava adorar.

39 Eu me perſuado por boas congruencias, que o ponto da ſoberba controvertido entre os Anjos, debatia ſobre ſe adorar, ou naõ a Chriſto no Sacramento. Saõ Miguel defendia a adoraçaõ deſte Myſterio auguſtiſſimo. Lucifer o deſprezava, e cheyo de ſoberba repugnou adorallo. Julgai, ſe vou bem fundado. Santo Agoſtinho tem por infallivel, que Lucifer peccàra deſpreſando a Deos: *Amorem ſui uſque ad contemptum Dei, Diaboli regnum, ſeu terrenam civitatem ædificaſſe*, diz o Santo Doutor. Ruperto Abbade falando com mais individuaçaõ, declara, que eſte deſpreſo determinadamente ſe fez a Chriſto no Sacra-

Lib. 14. de Civit. Dei c. ult.

Sacramento. Pondèra o Douto Abbade aquellas palavras de Chriſto: *Ego ſum panis vivus, qui de Cælo deſcendi*, e as accreſcenta para o noſſo intento: *In quem deſiderant Angeli proſpicere: quod, quia contempſit Angelus, cecidit, & factus eſt Diabolus.* Foy Agoſtinho o Texto, e Ruperto a ſua Gloſa. Agoſtinho apontou a materia, dizendo que delinquiraõ os ſoberbos Anjos, deſprezando a Deos: *Uſque ad contemptum Dei.* Ruperto interpertou a Agoſtinho, e individuou mais a materia, declarando, que o deſprezo tocava no Sacramento: *Ego ſum panis vivus: in quem deſiderant Angeli proſpicere; quod quia contempſit Angelus cecidit, & factus eſt Diabolus.* Guiados de tam doutos Padres, e com a luz de ſua douttina, abramos o Sagrado Texto, no qual acharemos, quam bem ſe funda a noſſa intelligencia.

Rupert. lib. 3. in Exod.

40 No Pſalmo 96. depois de nos dizer o Real Profeta, como Deos mandàra, que os Anjos todos adoraſſem a Chriſto: *Adorate eum omnes Angeli ejus*, accreſcentou, que o monte Siaõ ouvira eſte preceito, e ſe alegràra: *Audivit, & lætata eſt Sion.* Aqui reparo. Pois em Siaõ ſómente foy eſte preceito? Nelle ſó houve alegria, quando ſe mandou, que Chriſto foſſe pelos Anjos adorado? David principiou eſte Pſalmo, excitando toda a terra a que ſe alegraſſe porque Deos reynou, e triunfou do Demonio: *Dominus regnavit exultet terra.* Ouvi o commento de Euthymio: *Dominus regnavit, deſtructo Dæmone.* Pois, ſe a ruina, e deſtruiçaõ do Demonio por toda a terra ſe devia feſtejar: *Exultet terra*: como Siaõ foy ſómente o que ouvio o preceito, e a materia da deſtruiçaõ do Demonio? Como ſó ſe alegrou Siaõ com o triunfo de Deos: *Audivit, & lætata eſt Sion?* A

Ibid. v. 1.

Euthym. in hunc loc.

razaõ,

razaõ, e a propriedade della naõ he difficil de se entender, e o nosso intento a descobre, e manifesta ainda mais.

41 Escreve Saõ Gregorio Nazianzeno, e he commum tradiçaõ entre os Expositores do Texto Euangelico, que Christo foy Sacramentado em Siaõ: e como o preceito posto aos Anjos, era para que adorassem a Christo no Sacramento; por isso diz o Real Profeta, que em Siaõ foy ouvido este preceito, e que com elle se alegrou Siaõ: *Adorate eum omnes Angeli ejus, audivit, & lætata est Sion.* Ouvio Siaõ este preceito, porque se entendia do Mysterio de Siaõ: e se alegrou com a sorte de ser destinado para theatro desta adoraçaõ. D. Greg. Naz. Cedren. Nicephor. Jasen. D. Bonav. de Vit. Chr. cap. 73.

42 Se o preceito fora, para que os Anjos adorassem o Verbo, só na reprezentaçaõ de encarnado, dicera David, que Nazareth se alegrou: dicera, que se alegrou Belem, se fora o preceito de se adorar a Christo nascido. Pela mesma razaõ naõ disse, que se alegràra o Thabor, o Calvario, nem o Olivete; porque aos Anjos naõ foy mandado, que adorassem a Christo na Transfiguraçaõ, na morte, ou na Ascensaõ; mas, como especialmente se lhes mandou, que adorassem a Christo no Sacramento da Eucaristia; por essa razaõ, diz David, que se alegràra Siaõ, onde o Sacramento foy instituido: *Adorate eum omnes Angeli ejus, audivit, & lætata est Sion.*

43 Costumaõ os Profetas reprezentar os lugares revestidos com os affectos, que saõ mais accommodados aos mysterios, que nelles se haviaõ de celebrar. Isaias introduz, que Jerusalem se alegraria com o Nascimento de Christo; porque nas vizinhanças de Jerusalem nasceria temporalmente o Divino Verbo. Ps. 96. v. 7. 8. Isai. c. 9.

Psalm. 88. David reprezentou o monte Thabor, e o Hermon, que lhe ficava defronte, cheyos de prazer pela gloria, que Chriſto havia de oſtentar na Transfiguraçaõ, porque no Thabor defronte do Hermon, ſeria transfigurado. Habacuc profetizando os Myſterios da Payxaõ de Chriſto, diſſe, que os montes ſe condoèraõ; porque orando no monte Olivete, ou ao pè delle, ſuou ſangue, e foy crucificado no Calvario. Deſte tropo de palavras uzou o Profeta Rey, no Texto, que ponderamos. Diſſe, que ſe alegrou Siaõ, ouvindo o preceito impoſto aos Anjos, para adorarem a Chriſto; porque a Chriſto Sacramentado ſe lhes mandava adorar: e parece que ſe alegrou eſte monte, como ſe reconhecera a dita, de que nelle ſe havia de ſacramentar Chriſto; e de que ſe mandàra aos Anjos, que o adoraſſem Sacramentado em Siaõ: *Adorate eum omnes Angeli ejus: audivit, & lætata eſt Sion.*

Habac. c. 3.

44 A guerra, em que Saõ Miguel triunfou de Lucifer, ſó ſe trata no Apocalypſe com expreſſaõ, e naõ ſerà bem que concluamos eſta materia, ſem que a exploremos entre as Revelaçoens de Parmos. Vio Saõ Joaõ hum Cavalleiro com huma balança na maõ: *Equus niger, & qui ſedebat ſuper illum habebat ſtateram in manu ſua.* Jà neſta inſignia eſtà bem declarado, que eſte Cavaleiro era Saõ Miguel, de quem he diviza a balança. Seguia-ſe hum cavallo amarello, em que a Morte vinha montada, e logo a traz vinha o Inferno todo: *Et ecce equus pallidus, & qui ſedebat ſuper eum, nomen illi Mors, & Infernus ſequebatur eum.* Ruperto Abbade, a quem os Commentadores veneraõ por ſingular na penetraçaõ das Eſcrituras, e na propriedade, com que as explica, diz,

Apoc. 6. v. 5.

Ibid. v. 8.

diz; que neſte cavallo ſe reprezentava Lucifer; e diz bem; porque elle foy o que no Mundo nos introduzio a morte: *Quia ſedebat ſuper eum, nomen illi Mors.* Elle foy a quem o Inferno todo ſeguio para a perdiçaõ: *Infernus ſequebatur eum.* Tereis lido em Hiſtorias da antiguidade, que quando os triunfadores entravaõ nas Cidades, levavaõ a traz de ſi os vencidos, para oſtentaçaõ mayor das vittorias, que haviaõ conſeguido. Sezoſtres Rey do Egypto, muitas vezes paſſeava a ſua Corte, levando os Reys, de quem triunfára, como apparato mayor de ſua gloria. Adonibezech vittorioſo de ſettenta Regulos, como dizem as Divinas letras, com taõ grande numero de vencidos, cuidava multiplicar os creditos de vencedor. Da meſma ſorte appareceu Saõ Miguel no Apocalypſe vittorioſo, levando a traz de ſi o Demonio, e todo o Inferno vencido; como ſe neſta viſaõ, o eſforſo do inimigo rendido, foſſe o pregoeiro mayor das glorias do vencedor.

Alex. lib. 6. cap. 6.

Judic. c. 1.

45 Mas com que propriedade ſe reprezentaria o Demonio neſſa viſaõ em hum cavallo amarello? *Equus pallidus?* Para que neſſa côr ſe reprezentaſſe a materia do ſeu peccado. Naõ quis Lucifer comer eſpiritualmente o Paõ do Sacramento, porque o naõ quis adorar: tem hoje por pena do ſeu delicto eterna fome do Paõ Sacramental; e porque os famintos moſtraõ na côr amarella o que padecem, por iſſo de amarello ſe reprezentava o Demonio, como faminto do Paõ, que deſprezou. Foy diſcurſo, e concluſaõ do inſigne Abbade Tuitienſe: *Hic enim eſt victus, & vita Angelicæ ſubſtantiæ,* (fala do Paõ do Sacramento) *nam in eum deſiderant Angeli proſpicere, quod quia contempſit Angelus, cecidit, & factus eſt Diabolus.*

Rupert. Abbas ſupracitat.

Notai agora o que ainda se prosegue, e faz mais para o nosso intento: *Qui hujus Panis sempiternam patiens inediam, semper est pallidus, & mors illum sequitur.*

46 Este desprezo do Sacramento foy a materia, em que peccou a soberba Luciferina: e esta adoraçaõ de Christo Sacramentado foy o ponto, que defendeu, e sustentou Saõ Miguel, abrazado em zelo da honra do mesmo Sacramento. Injuriando Lucifer a Christo Sacramentado, cahio no abysmo do mayor abatimento: *Cecidit, & factus est Diabolus.* Saõ Miguel defendendo a honra do Sacramento, conseguio a mayor exaltaçaõ no Ceo: *Hic est maior in Regno Cælorum.* Costuma Deos exaltar os seus servos na Gloria, segundo estes o glorificaõ no Mundo: *Quicumque glorificaverit me, glorificabo eum*: e nem hum Angelico Espirito adquirio para Deos mayor gloria, que Saõ Miguel; porque sustentou a honra daquelle Sacramento, em o qual só parece tem Deos a sua gloria: *Sola Eucharistia dicitur gloria Dei.* Era pois devido, que na Gloria tivesse Saõ Miguel por este merecimento a sua mayoria. Por honra deste Sacramento havemos concluir, que com este ponto se finaliza a mayor exaltaçaõ do nosso grande Arcanjo; ainda que se fora licito continuar com o discurso, facilmente descobriramos, que por outros titulos he Saõ Miguel ainda mayor, e sempre mayor: *Est maior:*

1. Reg. c. 2. v. 30.

Fideli de Euchar. Theor. 5. ex tit. n. 4.

§. VI.

47 ARcanjo Glorioſiſſimo, o tempo jà naõ permitte, que se remontem os vossos elogios: e agora vejo quam gravemente errei na disposiçaõ do assumpto, que escolhi. Foraõ subindo sempre

sempre a mais as vossas mayorias: e como neste mais, e neste subir, vim facilmente a pôr termo, naõ cheguei a ponderar o mais alto, a que podia subir ainda. Quando a materia, que se louva, he inexhaurivel, preciso he que desfaleça o Orador, antes de a concluir. A insufficiencia deste fez aquella incomprehensivel: *Ideo nunquam materia deficit laudis, quia nunquam sufficit copia laudatoris.* O vosso merecimento he o mayor elogio vosso: a vossa grandeza, a ostentaçaõ cabal de vossas mayorias. Olhai para a vossa grandeza, e confiai nos vossos merecimentos. Chegando com elles ao throno da Divindade, por quem pelejastes contra Lucifer, e todo o Inferno, defendei a nossa debilidade, e fraqueza dos impetos furiosos deste inimigo: *Sancte Michael Archangele, defende nos in prælio*; para que no tremendo Juizo sejamos salvos: *Ut non pereamus in tremendo Judicio*: mas sim com o vosso patrocinio sejamos por vós introduzidos na Gloria.

D. Leo Pap. Serm. 9. de Natiuit.

SERMAM VIII.
NA TARDE DA Primeira Dominga DA QUARESMA.

Cogitaverunt, & erraverunt. Sap. 2.

§. I.

1 ABRAÇAR o mal, porque falta o conhecimento do bem, he desculpavel desgraça da ignorancia humana. Conhecer o bem, e abraçar o mal, he da nossa malicia abortiva resoluçaõ, sempre condenada, e reprehendida por Deos.

2 Isto he o que nas palavras do nosso Thema está exprobrando o Espirito Santo. Diz no livro da Sabedoria, que os homens cegos de seus appetites erràraõ de pensado; porque considerando com discriçaõ, erràraõ com malicia. Discorreraõ por cinco pontos muy convenientes para a reformaçaõ dos costumes; porque ponderàraõ, que a nossa vida he muy breve: tambem viraõ, que he muy chea de afflicçoens a

nossa

nossa vida. Puzeraõ os olhos no fim della, e reconheceraõ, que tudo na morte ha de ser angustia. Observàraõ, que naõ resurgirà do Inferno, quem se condenou huma vez. Finalmente comprehenderaõ, que de nada fomos creados: *Exiguum, & cum tædio est tempus vitæ nostræ: & non est refrigerium in fine hominis: & non est qui agnitus sit reversus ab inferis, quia ex nihilo nati sumus.* Sap. 2. v. 1. 2. Naõ ha ponderaçaõ mais digna do entendimento humano; porque alèm de ser muy verdadeira, he muy santa. He porèm desgraça, que erremos no que imaginamos com tanto acerto: *Cogitaverunt, & erraverunt.*

3 E onde estaria o erro desta ponderaçaõ? Nas consequencias, que deduziraõ destas premissas: *Venite ergo, & fruamur bonis, quæ sunt, & utamur creaturâ, tanquam in juventute celeriter. Vino pretioso, & unguentis nos impleamus, & non pertranseat nos flos temporis.* Ibid. v. 7. 8. Discorria eu, que daquellas ponderaçoens se seguiria huma resoluçaõ de aborrecer o Mundo, e deixar para sempre os vicios; hum dezengano da vida, e huma preparaçaõ para a morte. Mas pelo contrario, o que deduziraõ foy, que durante a vida, se engolfariaõ em todo o genero de vicios, e empregariaõ em cheyo o tempo todo em deleites.

4 Ha consequencias mais barbaras, ou mais erroneas? Certo he que naõ. Oh quantos dezenganados jà conhecem no Inferno (mas sem remedio) o erro destas consequencias, e dizem: *Ergo erravimus!* Sap. 5. v. 6. Nòs pela mizericordia de Deos, que nos està soffrendo, e esperando a nossa emenda, ainda nos podemos aproveitar do que conhecemos taõ claramente. Da vida (Fieis) jà que he taõ breve, das suas afflicçoens, das angustias da morte, da eternidade das penas

penas no Inferno; e do nada, de que fomos creados, colhamos huma reſoluçaõ verdadeira para vivermos, como quem deſeja ſalvar-ſe.

5 Iſto he o que contra o dictame dos vicios pretendo nas tardes deſtas cinco Domingas. Os vicioſos, e amantes do Mundo ponderaõ na breve duraçaõ da noſſa vida: *Exiguum eſt tempus vitæ noſtræ*: e daqui ſe apreſſaõ a empregalla em vicios. Niſſo erraõ: *Cogitaverunt, & erraverunt.* Nós havemos ponderar neſta primeira Dominga, na brevidade da noſſa vida, para a empregarmos toda no arrependimento de noſſas culpas. Elles ponderaõ nas affliçoens, com que paſſamos o tempo da noſſa vida: *Cum tædio eſt tempus vitæ noſtræ*; mas he para ſe engolfarem naquelles vicios, que o Mundo chama divertimentos. Niſſo erraõ: *Cogitaverunt, & erraverunt.* Nós na ſegunda Dominga, havemos ponderar nas afflicções, e mizerias da vida temporal; para ceſſarmos de appetecer ſuas delicias. Elles ponderaõ nas anguſtias da morte: *Et non eſt refrigerium in fine hominis*; mas he para as aumentarem com os vicios, em que vivem. Niſſo erraõ: *Cogitaverunt, & erraverunt.* Nós, na terceira Dominga, havemos ponderar nas agonias da morte, buſcando meyos para que a tenhamos alegre, e feliz. Elles ponderaõ, que as penas do Inferno ſaõ eternas: *Et non eſt, qui agnitus ſit reverſus ab inferis*; mas he para empregar o tempo em culpas dignas de eterna pena. Niſſo erraõ: *Cogitaverunt, & erraverunt.* Nós, na quarta Dominga, havemos ponderar na eternidade das penas do Inferno para as temermos, e para as fugirmos. Elles finalmente ponderaõ, que ſomos creados de nada: *Ex nihilo nati ſumus*; mas para obrarem como dignos de

ſerem

serem anniquilados, e nisso erraõ: *Cogitaverunt, & erraverunt.* Nòs, na quinta Dominga, havemos de ponderar o nada, que foy o nosso principio, para conhecermos o muito, a que Deos nos tem exaltado, e o mal que lhe havemos correspondido.

6 Estes cinco pontos ponderados seraõ utilissimos para a nossa salvaçaõ; mas seraõ de pouca importancia, faltando-nos o influxo da Divina graça. Vòs Senhor, que sois a fonte della, regai, e fertilizai nossos coraçoens, attendendo para a vossa gloria, e para que se naõ encha o Inferno daquellas Almas, que Christo vosso Unigenito remio com o seu sangue, e chamou para o gremio da sua Igreja.

§. II.

Cogitaverunt, & erraverunt.

7 O Primeiro motivo, de que os depravados abuzaõ erradamente para se entregarem aos vicios, he o conhecimento de ser a nossa vida muy breve: *Exiguum est tempus vitæ nostræ.* Este conhecimento he muy verdadeiro, faz porèm a malicia, que erremos no aproveitamento delle: *Cogitaverunt, & erraverunt.*

8 Que cousa ha em verdade mais breve, e de menos duraçaõ, que a nossa vida? Chamàraõ os mundanos ao tempo da nossa vida flor: *Flos temporis.* E por ventura vistes comparaçaõ menos propria? A flor he a belleza dos prados; o tempo he o desmayo delles? A flor pela suavidade, he a delicia do olfato, e pela formosura he o recreyo da vista; o tempo he improporcionado a hum, e outro sentido. Pois se entre a flor, e o tempo a imporporçaõ he tanta,

como

como póde ſer o tempo flor? *Flos temporis.* No Texto achamos a propriedade. Falavaõ do tempo, reparando na ligeireza, com que nos paſſa: *Non pertranſeat nos flos temporis*: e taõ veloz he eſta, que nos naõ concede mais duraçaõ, que a de huma flor: *Flos temporis.*

9 Diſcorrei pelas Eſcrituras, e taõ repetida achareis eſta comparaçaõ, que vos parecerà o Sagrado Texto empenhado em perſuadilla. Job comparou todo o tempo da noſſa vida à duraçaõ de huma flor: *Quaſi flos egreditur, & conteritur.* David entendia o meſmo: *Dies ejus tanquam flos agri.* Muitas vezes o affirmou Izaias. *Omnis gloria ejus quaſi flos agri.* Saõ Tiago, e Saõ Pedro quaſi pelas meſmas palavras o diſſeraõ ambos: *Gloria ejus, tanquam flos fæni.* E reparai, que a flor, à qual ſe compàra o tempo da noſſa vida, he a flor do campo: *Flos agri*: he a flor do feno: *Flos fæni.* A flor, que ſe planta em caſa, póde dever mais duraçaõ ao deſvelo do jardineiro; mas a huma flor agreſte entregue à inclemencia dos Elementos, dura menos o ſeu vegetativo alento. A eſta pois he que ſe compàra a duraçaõ de noſſa vida: *Tanquam flos agri; tanquam flos fæni.*

Job 4. v. 2 Pſalm. 102. v. 15. Iſai. 40. v. 7. Jacob. 1. v. 10. 1. Petr. v. 24.

10 Examinai agora, que tempo dura huma flor no campo? Muy pouco. A ſua duraçaõ naõ paſſa de hum dia. O Sol, que naſcendo a vio abrir-ſe, tambem a vio murcha antes de ſe pôr no Occaſo. Pois entendei, que naõ he mais o tempo da noſſa vida. Quando Job comparou a flor ò tempo da vida humana, tambem aſſemelhou a noſſa duraçaõ à ſombra: *Quaſi flos egreditur, & conteritur, fugit velut umbra.* David com mais expreſſaõ uzou da meſma ſemelhança: *Dies noſtri quaſi umbra ſuper terram.* O

Jobcit. 1. Paral. 29. v. 15.

Rey

Rey Sabio fez a mesma comparaçaõ, *velut umbra præterit.* Tambem o livro da Sabedoria comparou a nossa vida à sombra, que vay passando: *Umbræ enim transitus est tempus nostrum.* Parece que, com esta segunda comparaçaõ da nossa vida com a sombra, quiz a Escritura corroborar aquella primeira semelhança da nossa duraçaõ com a flor; pois a sombra, e a flor tem a mesma permanencia. Começaõ as sombras, quando o Sol nasce; acabaõ quando o Sol se ausenta. Em quanto o Sol apparece, faz hum corpo sombra: posto o Sol, já nem hum corpo faz sombra. Pois tal he a nossa vida. Nasce na manhãa, e na tarde acaba, he como a flor, he como a sombra, que naõ dura mais, que hum dia. Eccles. 7. 1.

11 Numerando o Historiador Sagrado em sua Chronologia os primeiros dias, que no Mundo houve, disse advertidamente assim: *Factumque est vespere, & mane dies unus.* Da tarde, e da manhãa se fez hum dia. Proseguindo depois diz, que de outra tarde, e de outra manhãa se fez o segundo dia: *Factumque est vespere, & mane dies secundus*: e vay assim numerando o terceiro, e mais dias atè o settimo. Pois, se o segundo dia he segundo, o seu precedente como he hum, e naõ he primeiro? O segundo, o terceiro, e os mais dias numerados atè o settimo, todos diziaõ deducçaõ, e origem do primeiro; pois como, supposta a ordem numeravel, se naõ conta por primeiro o que em si foy primeiro dia, assim como por segundo se contou, o que era em si segundo dia? Genes. 1. v. 5.

12 Naõ vos pareça, que foy acaso, ou synonimo, diz Ruperto Abbade, foy profunda sciencia, com que Moysés ao dia mais antigo chamou hum, devendo

devendo chamar primeiro: *Sciens Scriptor nolait dicere, factumque eſt veſpere, & mane dies primus, ſed factumque eſt, ait, veſpere, & mane dies unus.* Aquelle dia inteiro compoſto de manhãa, e tarde, ſignificava toda a vida de cada hum de nòs: aſſim o dizem Saõ Baſilio, Saõ Joaõ Chryſoſtomo, e Origenes com outros muitos: *Tota dies eſt totum tempus hujus vitæ.* Bem; pois por iſſo ſe diz hum, e naõ ſe diz primeiro eſſe dia: *Dies unus*; porque todo o tempo da noſſa vida, naõ paſſa de ſer hum ſó dia: *Tota dies eſt totum tempus hujus vitæ.* Se Moyſés olhando para a noſſa vida, vira algum dia ſer primeiro, preciſamente lhe havia contar ſegundo dia; porque onde falta ſegundo, naõ pòde haver primeiro: e, como o eſpaço da noſſa vida naõ excede ao de hum dia inteiro: *Tota dies eſt totum tempus hujus vitæ*; por iſſo aquelle dia, em que a noſſa vida ſe reprezentava, naõ devia contarſe por primeiro, mas por unico: *Dies unus.*

Ruper. Abb. lib. 9. de de operib. Spir. S. c. 2.
D. Baſ. in Pſalm. 31. D. Chryſoſt. ſup. Gen. hom. 29.
Orig. ſup. Joſ. hom. 21.
Laur. in in Sylv. v. Dies.
Aloiſ. Victor. tom. 2. Diſc 10.
Lyr. in Pſ. 89.

§. III.

13 COmtudo, eu entro a deſconfiar do meu diſcurſo; porque cuido, que me empenhei debalde. He poſſivel, que vos haja eu de perſuadir o meſmo, que a razaõ, a natureza, e a experiencia eſtaõ contradizendo? Se a noſſa vida naõ paſſa de hum dia, como pòdem huns ſer mais antigos, que outros? Se hontem vimos o Sol naſcendo, e tambem hoje, como naõ contaremos dous dias? Se cada hum de nòs tem muitos annos, como deixarà de ter muitos mais dias? Naõ vos parece difficultoſo eſte argumento? Naõ vos parece inſoluvel? Eu digo, que forçoſo naõ; enganoſo ſim.

14 Tinha

14 Tinha El-Rey Ezequias trinta e nove annos de vida, os quaes julgava elle por meya idade: *Ego dixi in dimidio dierum meorum*; ouvindo então a sentença de sua morte, que lhe intimou Isaias, disse por duas vezes: *De mane usque ad vesperam finies me*; e tambem disse: *Dum adhuc ordirer succidit me.* He possivel Senhor, (dizia o Rey) que dentro em hum dia vindes a cõcluir a minha vida? Ainda agora começo a teya de meus annos, e já cortaes o fio de minha vida? Ha tal embaraço de cõtas! Ha tal implicancia de termos! Se Ezequias tinha vivido muitos dias, *in dimidio dierum meorum*; se contava taõ crescidos annos, *residuum annorum meorum*, como acha que toda a sua vida era hum dia só, e naõ passava de huma manhãa com a sua tarde? *De mane usque ad vesperam finies me*? Eraõ muitos annos, mas por engano, o mesmo, que por dezengano já naõ era mais que hum dia. Na vida contava Ezequias de huma sorte os seus annos, e de outra sorte estando para morrer. Na vida tam enganosa, como he a dos Principes, hum dia lhe parecia muitos annos: *Residuum annorum meorum*; mas quando já nos dezenganos da morte, trinta e nove annos estavaõ conhecidos por hum só dia: *Dum adhuc ordirer succidit me: de mane usque ad vesperam finies me.* Isai. 38. v. 10. & ibi Glos. v. 12. 13.

15 Oh se nòs quizeramos olhar agora para a nossa vida, com o mesmo dezengano, com que na morte viremos a conhecella! Concluiramos sem duvida, que naõ he mais que hum dia, o que nos parecem annos, e muitos annos. Mas naõ he necessario que recorramos à ultima hora, para o conhecimento, e dezengano destas, em que taõ enganados vivemos. Bastarà, que com reflexaõ olhemos para a vida, em que nos achamos. Digaõ-me os vinte annos,

nos, digaõ-me os quarenta, digaõ-me os oitenta; e finalmente reſponda-me qualquer idade, que me ouve. Por onde ſe paſſàraõ os vinte anos que tendes? Que he dos quarenta, que viveſtes? Eſſes voſſos oitenta annos, que vos parecem? Que julgais delles? Que tudo he, e foy nada. Parecem o dia, que paſſou hontem. Hora tiremos eſta illuſaõ, com que ao noſſo entendimento enganaõ a natureza, e a razaõ, e vejamos o que julga do tempo da noſſa vida o Author da natureza, e a primeira regra da razaõ.

16 David (a quem Deos revelou os mais occultos ſegredos da Divina Sabedoria: *Incerta, & occulta ſapientiæ tuæ manifeſtaſti mihi,*) poz huma vez diante de Deos a vida, e duraçaõ do homem, e fez eſta conta, naõ achada atè agora nos principios da Arithmetica, nem nas regras de huma, e outra Algebra: *Mille anni ante oculos tuos, tanquam dies heſterna, quæ præteriit, & cuſtodia in nocte: quæ pro nihilo habentur, eorum anni erunt.* Diante dos Divinos olhos, diz o Profeta, a noſſa vida he hum nada; porque mil annos ſaõ como o dia de hontem com a ſua noyte. Pois, ſendo mil annos, *mille anni*, ſaõ como o dia de hontem? *Tanquam dies heſterna*? Mil annos; e vem a ſer nada? *Quæ pro nihilo habentur, eorum anni erunt*? Sim, e outra vez ſim. Oh que diſcurſo taõ bem atado! O dia de hontem com a ſua noyte, em ſi vem a ſer nada; porque naõ tem ſer. Pois mil annos, que vivamos, tambem ſeràõ outro nada; porque diante daquelles Divinos olhos, que tudo conhecem claramente, vem a ter a meſma reputaçaõ, que o dia de hontem: *Mille anni ante oculos tuos, tanquam dies heſterna, quæ præteriit.* Para nos conformarmos

Pſal. 50. v. 8.

Pſal. 89. v. 4. 5.

marmos pois com a primeira verdade tiremos a cegueira dos nossos olhos, e confessemos, que a nossa duraçaõ toda he muy breve: *Exiguum est tempus vitæ nostræ*; porque naõ passarà de hum dia, por mais que chegue a mil annos: *Mille anni ante oculos tuos tanquam dies hesterna quæ præteriit.*

17 Os nossos olhos facillimamente se enganaõ. Aos Egypcios as sombras da terra pareciaõ fantasmas. Os Maobitas vendo os reflexos do Sol nas aguas, que corriaõ por Edôm, diziaõ, que o campo estava alagado em sangue. Desorte que (se bem notastes) tanto se enganaõ os olhos com a luz, como se enganaõ com as sombras. Em pontos de salvaçaõ fora delirio guiarmo-nos pelo que dictaõ os olhos. Segui a olhos fechados o que Deos, e seus Profetas ensinaõ: guiay-vos pelo que dizem as Escrituras. Ensinaõ estas, e os Profetas, que a nossa vida he tam breve, como hum só dia? Pois estay nisso: confessay a nossa breve duraçaõ, e botay a conta, a que mil annos naõ he mais que hum dia: *Mille anni tanquam dies hesterna*; porque com este juiso, ainda que vos pareça errado, tendes certa a emenda da vida, e a conversaõ dos vicios. Sap. 17. v. 4. & 6. 4. Reg. 3. art. v. 20.

18 Naõ menos que a Deos, chama David pôr testemunha, e por Author, e lhe traz à memoria esta sua exhortaçaõ: *Dixisti: Convertimini filii hominum, quoniam mille anni ante oculos tuos, tanquam dies hesterna, quæ præteriit.* Senhor vòs disseste aos homens, que se convertessem, porque o mesmo que lhes parece a elles mil annos, visto por vòs naõ he mais que hum dia. Notavel assumpto, para prègar dezenganos, e conversoens! Se Deos queria converter os homens, para que cessassem de o offender, naõ Ps. 89. v. 3. & 4.

era mais proprio, e mais efficaz meyo; trazer-lhes à memoria aquelle grande Catalogo dos beneficios, que lhes fez, e está fazendo, de quando os creou de nada, atè o inſtante em que saõ prezentes? Naõ seriaõ mais fortes motivos, a fealdade horrenda da meſma culpa, e a pena da eternidade por ella merecida? Tal vez parecerà, que ſim; e o certo he, que nem hum argumento mais fórtemente nos poderà convencer, para a mudança da vida, que o reconhecimento da ſua brevidade.

19 Todos ſabemos, que de nada nos creou Deos; e que elle com ſuas mãos nos formou de lodo, e nos infundio a Alma racional, ſinalada com o lume de ſeu Divino roſto, e ſobre naturalmente ordenada, para ó ver, e gozar na Bemaventurança. Mas ainda com eſte conhecimento (oh ingratidaõ!) eſtamos a offendello repetidas, e infinitas vezes. Sabemos todos, que o peccado he huma fealdade tam horrenda, que nella ſe naõ atreve Deos a pôr ſeus olhos. Mais claros, que o Sol saõ os olhos de Deos, diz o Eccleſiaſtico. Eſtaõ vendo diſtintamente os caminhos todos dos homens: penetraõ a terra, atè o profundo do abyſmo: todos os coraçoens hum a nos lhe eſtaõ patentes: para a ſua viſta a parte mais occulta, e mais eſcondida, he manifeſta: *Oculi Domini multò plus lucidiores ſunt ſuper Solem, circunſpicientes omnes vias hominum, & profundum abyſſi, & hominum corda, intuentes in abſconditas partes.* Eccleſ. 23. v. 28. Sò para o peccado ſe naõ atrevem a olhar taõ claros olhos, pela horrenda fealdade, que ha nelle: *Mundi ſunt oculi tui, ne videas malum, & reſpicere ad iniquitatem non poteris.* Habac. 1. v. 13. Comtudo, deſſa meſma fealdade (oh miſeria!) tanto nos agradamos, que cegamente

amamos

amamos o peccado, tantas vezes, quantas saõ as que o commettemos. Finalmente: nem hum de nòs ignora, que por qualquer peccado mortal nos condenamos ao ardente fogo do Inferno; e comtudo (oh obstinaçaõ!) naõ pomos duvida, nem reparo, em ajuntar com nossas culpas a lenha, e com ella acender as chammas, em que por toda a eternidade nos abrazemos: *Ecce vos omnes accendentes ignem, accincti flammis, ambulate in lumine ignis vestri, & in flammis, quas succendistis.* Isai 50. v. ultim.

20 Pelo contrario porèm; sabendo qualquer, que se està concluindo o prazo da sua vida, porque o dezengana jà a infirmidade mortal, o naufragio inevitavel, ou a sentença executiva, faz quanto póde por detestar as culpas todas, em que cahio, e repete varios protestos de emenda, taõ certos na occasiaõ, como duvidosos em si. Pois, que mudança he esta? Aquelle mesmo coraçaõ tam perverso, e tam obstinado, a quem os beneficios de Deos naõ enternecèraõ; a quem o horror da culpa, e o temor da pena naõ abalàraõ; tam repentinamente cheyo de temor, e tam repentinamente mudado? Sim; que conheceu agora a breve duraçaõ de sua vida; jà se dezenganou, que esta naõ ha de passar de hum dia. Bem: pois eis-ahi tambem a razaõ, porque Deòs para nos converter, só nos propoem, que a nossa vida he tam breve, como o dia que passou hontem: *Dixisti: Convertimini filii hominum; quoniam mille anni ante oculos tuos, tanquam dies hesterna, quæ præteriit.* Hora abraçai senhores, jà de huma vez esta verdade, e se he que pretendeis salvarvos, day por certo, que a vossa vida naõ passarà de hum dia. Olhay para os annos, que jà vivestes, porque elles bastantemente

eſtaõ clamando; que a noſſa vida he como o dia de hontem, que paſſou: *Tanquam dies heſterna, quæ præteriit.*

§. IV.

21 Direis que fim a reſpeito dos annos, que jà paſſáraõ, porque jà naõ exiſtem, nem deixàraõ mais veſtigio, que o dia de hontem; mas naõ a reſpeito do tempo, que ainda temos para viver. Eſſe he o tempo, que ſe conta, eſſe he o tempo, que alegra; porque he o que nos reſta de vida. A fonte naõ conſerva as aguas, que jà verteu; mas he perenne com a copia das que lhe ficàraõ ainda para manar. Tambem aſſim cada hum de nós, conſiderando a boa diſpoſiçaõ, em que ſe acha, bem pòde ſem temeridade prometter-ſe baſtantes annos de vida: e eſtes, que eſtaõ por vir, naõ ſaõ como o dia de hontem, que jà he nada. Oh, que engano da noſſa vida! Oh, que cegueira da eſperança humana!

22 Quando o erro he commum, em quanto ſe naõ adverte, tem força de opiniaõ pela authoridade dos que geralmente o ſeguem: e he laſtima, que entre os Catholicos ſe admitta eſte erro, e eſta opiniaõ, que atè os Gentios a condenàraõ. Seneca ſem mais luz, que a da razaõ; ſem mais doutrina, que a da natureza, aſſentou que era loucura diſpor da vida para mais de hum dia; porque, ſe bem contamos o de hoje, naõ nos podemos prometter o de à manhãa: *Quàm ſtultum eſt ætatem diſponere: nec craſtino quidem dominamur.* Se os annos, que eu certamente vivi, ſaõ nada: *Quæ pro nihilo habentur eorum anni erunt*; os que hey de viver ainda (ſe viver) naõ haõ de ſer outro nada? Se perguntaõ a cada hum de

Senec. Epiſt. 101.

nós

nòs os annos, que tem; reſponde os que tem vivido, e com razaõ; porque ſó eſſes tem. Os que vivirà naõ diz, porque ainda os naõ tem. Pois, ſe os annos, que temos naõ ſaõ mais de hum dia; *tanquam dies heſterna*; como ſeraõ mais de hum dia, os que naõ ſabemos ſe teremos? Em concluſaõ ſenhores: os annos, que pòdem vir, haõ de ſer como os que jà paſſáraõ. Se tendes quarenta annos, ſabeis com experiencia baſtante, que os vinte ultimos foraõ, e foraõ-ſe como os primeiros vinte, e os quarenta que eſperais, haõ de ſer como os quarenta, que jà foraõ. O tempo deſſes muitos annos, que jà paſſáraõ por vòs, he hum nada; porque he como de hontem para hoje; *tanquam dies heſterna*; logo certamente os annos de vida, que eſperais, ou preſumis ter, ſeraõ outro nada; porque haõ de ſer tanto, como de hoje para à manhãa.

23 Quando o povo de Deos guiado por Joſuè; paſſou a pè enxuto o Jordaõ, mandou o famoſo, e aff. mado General, que ſe erigiſſem doze padroens, para eterna memoria de tam eſtupenda maravilha, dizendo: Aſſim o diſponho, para que quando à manhãa perguntàrem os voſſos filhos, o que eſtas pedras ſignificaõ, lhes reſpondais com a memoria do prodigio, que experimentamos agora neſta diviſaõ do rio: *Quando interrogaverint vos filii veſtri cras, quid ſibi volunt lapides iſti? Reſpondebitis eis: Defecerunt aquæ Jordanis, &c.* Duas vezes proferio Joſuè eſte ſeu prudente acordo, e eu muitas vezes reflecti nelle difficultando aſſim. Joſue cap. 4. v. 6. & 21.

24 Aquelles filhos, que à manhãa poderiaõ perguntar a ſeus pays a inſtituiçaõ daquellas pedras, bem viaõ hoje o myſterio dellas. Logo para elles era

escuzado erigir padroens. Naõ tem duvida; mas o intento de Josuè era, que os filhos que nasceſſem ainda, com toda a sua posteridade depois de muitos annos leſſem naquellas pedras o milagroso succeſſo, que no rio experimentàraõ seus ascendentes. Queria Josuè, que aquella memoria foſſe passando de humas vidas a outras, e de humas a outras gerações, de pays a filhos, deſtes aos netos, e à descendencia toda. Este he sem controversia alguma o literal do Texto, sobre o qual entro com hum reparo muy proprio deſte lugar.

25 Se estavaõ por nascer ainda os que ignoraſſem a divisaõ daquellas aguas, e reparaſſem naquellas pedras, para perguntarem a instituiçaõ dellas; como dizia Josuè, que este reparo, e esta pergunta se havia de fazer logo à manhãa? *Quando interrogaverint vos filii veſtri cras?* Havia passar huma vida nos pays, havia chegar outra vida nos filhos, para haver quem reparaſſe nas pedras, e Josuè dizia, que jà à manhãa haveria quem dellas inquiriſſe a instituiçaõ? *Quando interrogaverint vos filii veſtri cras?* Sim, porque bem entendeu Josuè, que de huma vida à outra vay tanto, como de hoje para à manhãa. Com discriçaõ, e com razaõ: porque, se tantos annos, que por nòs tem passado, vem a ser como de hontem para hoje: *Tanquam dies heſterna*; tambem os annos que estaõ por vir, haõ de ser, como de hoje para à manhãa: *Quando interrogaverint vos filii veſtri cras.*

26 Com a eternidade vos quero declarar o tempo, que na eternidade se inclue; e com este exemplo se convencerà o entendimento, e a razaõ. Toda a eternidade naõ he mais, que hum dia. Naõ ha na eternidade hontem, nem à manhãa; ha unicamente

sente hoje. Huma eternidade de tantos seculos, que jà passáraõ, e de outros muitos, que estaõ por vir, he hum só dia, he hum hoje só. Por isso o Padre, que em toda a eternidade está gerando o Filho, sempre diz, que o gerou hoje: *Hodie genui te.* Pois assim haveis de julgar do tempo da nossa vida, que em comparaçaõ da eternidade he hum quasi nada. Muitos annos, que cuideis ter de vida, nunca seraõ mais que hum; porque mil annos de preterito, seraõ como o dia de hontem: *Tanquam dies hesterna:* e mil annos de futuro, viràõ a ser como o dia de à manhãa: *Quando interrogaverint vos filii vestri cras.* Psal. 2. v. 7.

§. V.

27 QUem me dera, que levareis bem persuadida esta doutrina: chegarà a morte com brevidade: *Memor esto, quoniam mors non tardat.* Haveis de viver hum só dia, se là chegares; porque muitos annos, que vos pareça viver, naõ passaràõ de ser hum dia. Sustentai este ponto, que he importantissimo, e a chave de toda a nossa emenda; porque tenho alcançado, que a disposiçaõ mais, ou menos expressa, com que o Demonio assegura as Almas para o peccado, he persuadindo-lhes q̃ ainda lhes resta largo espaço para se arrependerem, e viverem bem. Julgue là cada hum dos que me ouvem; se naõ he este o primeiro empenho das tentaçoens? Eccli. 14 v. 12.

28 Descreve Salamaõ o como huma tentadora deshonesta induzia hum mancebo para peccar, e diz, que lhe falàra com este preludio: *Victimas pro salute vovi, hodie reddidi vota mea, idcirco egressa sum in* Prov. 7. vv. 14. & 18.

occurſum tuum. ... Veni, inebriemur uberibus, & fruamur concupitis amplexibus, donec eluceſcat dies. Eu prometti a Deos (dizia ella) alguns ſacrificios, para me dar boa diſpoſiçaõ, e ſaude: hoje ſatisfiz os meus votos: por iſſo vos buſquei agora, induzida do que me pede a laſcivia. Pois vem cà, mulher depravada, inſenſata, e ſem juizo: acabas de agradecer a Deos a vida, e ſaude, que te dà, e por iſſo buſcas occaſiaõ de o offender? *Idcirco*? Rendes a Deos as graças pela ſaude, e vida, que lhe pedias, e por iſſo vens a tentar? *Idcirco*? Sim; que ſempre a deliberaçaõ de peccar ſe funda na preſunçaõ de viver. Entendeu aquella deshoneſta, que tinha boa diſpoſiçaõ, para hum par de annos: *Victimas proſalute vovi*: por iſſo ſe reſolveu a tentar; por iſſo ſe deliberou a peccar: *Idcirco egreſſa ſum in occurſum tuum, &c.*

29 Comparay agora aquella voz de Deos, ouvida por David, com a voz deſta tentadora. A voz de Deos diz, que a noſſa vida ſe reputarà por hum dia: *Tanquam dies heſterna.* A voz da tentadora aſſegura a larga diſpoſiçaõ, e ſaude: *Victimas pro ſalute vovi.* E qual deſtas duas vozes ſoarà melhor em voſſos ouvidos, qual merecerà ſer acreditada? A de Deos; porque he de Deos. A de Deos, porque ſolicita a noſſa converſaõ: *Dixiſti convertimini filii hominum.* A da tentadora naõ, porque nos tenta para a ruina, e para o peccado: *Veni, inebriemur uberibus, & fruamur concupitis amplexibus, donec eluſceſcat dies.* Todas as vezes que, ou a naturèza, ou a malicia entrar a perſuadir-vos, que ainda tereis larga vida, entendey, que vos combate huma tentaçaõ. Naõ nos podemos aſſegurar, nem hum ſó inſtante de vida. Fugitivo de Saul, que o perſeguia, diſſe David, que entre

entre a sua vida, e a sua morte, naõ mediava mais que huma linha: *Uno tantùm gradu ego, & mors dividimur.* Consideray quantos contrarios assaltaõ a nossa vida, e achareis, que naõ dista da morte mais que huma linha. E que ainda haja, quem se prometta largos annos para viver! Naõ creamos estas mentirosas promessas, e assentemos jà de huma vez, que a nossa vida he brevissima: *Exiguum est tempus vitæ nostræ.* 1. Reg. 20. v. 3.

§. VI.

30 JA' que temos considerado a brevidade notoria da nossa vida, naõ sejamos como aquelles, que cuidando com acerto nella, ainda assim erràraõ: *Cogitaverunt, & erraverunt.* Elles attendendo para a breve duraçaõ da presente vida, tomàraõ o acordo de a empregar toda em deleites: *Venite ergo, & fruamur bonis, quæ sunt, &c.* mas hoje tem conhecido o seu erro: *Ergo erravimus.* Com este dezengano obremos nòs com acerto. A vida que nos restar, jà que he tam breve, seja toda para arrependimento do passado, e emenda do futuro: *Nemo ergo indulta pœnitentiæ tempora parvi pendat. Nemo curam sui dum valet agere negligat*: exclama neste ponto Saõ Gregorio Papa. Naõ percamos, nem deixemos passar huma hora; porque tal vez naõ seraõ muitas as que nos restaõ, e esperdiçar huma seria barbaridade. D. Greg. M. Hom. 29. in Euangel.

31 Là expressou Christo o desvelo, com que nos chama para o seu serviço, e para a nossa salvaçaõ, reprezentando-se na Parabola de Pay de familias, que buscava trabalhadores para a sua vinha: e tendo chamado a muitos em varias horas de hum dia,

jà

já na ultima hora delle, vendo huns operarios ociosos, os reprehendeu, e chamou para a cultura da mesma vinha: *Circa undecimam verò exiit, & invenit alios stantes & dicit illis: Quid hic statis tota die otiosi? Ite, & vos in vineam meam.* Reparo assim. O dia tem doze horas; pois se estes trabalhadores deraõ onze horas ao ocio: *Circa undecimam verò exiit, & invenit alios stantes:* para que haõ de trabalhar huma só hora? Haviaõ de aproveitar em huma só hora o que esperdiçàraõ em todo o dia? *Tota die otiosi?* Sim, diz Christo, e a razaõ he: porque naquelle dia todo se representava o tempo da nossa vida: *Tota dies est totum tempus hujus vitæ:* e sendo a nossa vida tam breve, nem huma hora se deve esperdiçar. Antes por isso mesmo; porque perdemos a mayor parte do dia, e da vida, e naõ sabemos se nos restará mais de huma hora, devemos empregar, e empenhar todo o resto no serviço de Deos, e na salvaçaõ propria; e naõ consumir todo o dia, e toda a vida ociosos, e descuidados da salvaçaõ: *Circa undecimam verò exiit, & invenit alios stantes, & dicit illis: Quid hic statis tota die otiosi? Ite, & vos in vineam meam.*

Matth. c. v. 6. & 7.

Ut suprà n. 12.

32 Qual de nòs he o que sabe, se ao dia da sua vida restaõ muitas, ou poucas horas? Pois que esperais? Que se acabe o dia, estando nòs ociosos? *Tota die otiosi?* Os Açores da Noruèga saõ mais velozes no voar, que os de qualquer outro clima; naõ porque sejaõ mais ligeiros naturalmente, mas porque la presentem que naquella Regiaõ, onde a luz do dia dura muy pouco, breve espaço lhes fica, em que vençaõ as distancias, para onde voaõ. Nòs já sabemos o quam brevemente se nos ha de acabar a luz da vida: pois em quanto ella dura, busquemos a todo

da a pressa aquelle fim, para que fomos creados: *Ambulate dum lucem habetis.* Se vos engana a esperança da vida, com a presunçaõ de que será larga, dezengane-vos o perigo de a poderes aproveitar mais tarde. Supponhamos, que tendes huma revelaçaõ de viver ainda muitos annos. Haveis de dilatar, fundados nesta certeza, a vossa emenda? Naõ, porque supposto tenhaes muitos annos para viver, quem vos assegura, que tendes muitos annos para vos arrependeres? Joan. 12. v. 35.

33 Para o arrependimento devemos entender, que naõ ha mais que hum dia, qual he o de hoje: *Hodie si vocem ejus audieritis nolite obdurare corda vestra:* dizia David. Hoje, se ouvires a voz de Deos, naõ resistais. Hoje mesmo, *hodie*, mudai de vida, porque à manhãa será tarde. Hoje, *hodie*; porque para o arrependimento naõ ha mais, que hoje. E ainda que chegueis ao dia de à manhãa; quem vos diz, que à manhãa tambem he dia para arrependimento? Quando o Pay de familias vio, que na ultima hora do dia estavaõ ociozos aquelles ultimos operarios, mandou que à sua vinha fossem trabalhar nessa hora ultima: *Ite, & vos in vineam meam.* Naõ sey se devemos approvar tanta diligencia, e cuidado. Attendendo para o augmento da vinha, he certo, que em huma hora se lhe poderia fazer muy limitada cultura. E se attendermos para a conveniencia dos operarios; naõ he menos certo, que muy pouco podiaõ trabalhar em huma só hora. Pois naõ fora mais acertado ajustallos para no seguinte dia começarem o seu trabalho? Naõ: responde Saõ Joaõ Chrysostimo; porque na agricultura da Alma naõ se deixa o trabalho para à manhãa. Trabalha-se hoje, ainda que seja huma só Ps. 94. v. 8.

só hora; porque sendo hoje, qualquer hora serve para o arrependimento: à manhãa já he feria para a cultura espiritual, e vem a ser tarde para o arrependimento: *Dies enim iste, dies operationis est: dies autem ille, qui sequitur, dies est feriarum*, diz o eloquentissimo Padre.

D. Chrysost. hom. 34. in Matth. in impef.

§. VII.

34 HA hum notavel, e bem desconhecido engano, com que o Demonio traz os peccadores quasi seguros da sua maõ; persuadindo-lhes huma esperança, e assegurando-lhes huma certeza. Esperaõ viver muitos annos: e tem por certo, que em todo o tempo se pòdem arrepender de suas culpas, entendendo que em toda a vida ha lugar para o arrependimento. E como se enganaõ! Os segredos da Predestinaçaõ ninguem os penetra; mas attendendo para a doutrina dos Santos Padres, o que eu tenho por mais verosimel he, que huns atè a morte se pòdem arrepender; porque destinou a Mizericordia Divina esperallos atè a morte. Outros porèm ha, que restando-lhes ainda muita vida, em castigo de suas culpas, e em pena de se naõ aproveitarem das inspiraçoens Divinas, jà estaõ deixados de Deos, e naõ tem lugar de se arrependerem. Parece-vos dura esta Theologia? Pois he de Authores muy graves, e muy Catholicos. Ouvi ao meu grande Padre Santo Isidoro Arcebispo de Sevilha: *Nonnulli ita desperiuntur à Deo, ut non possint mala plangere etiam si velint.* O mesmo tinha ensinado a mayor luz da Igreja Santo Agostinho: *Venit tempus, cùm peccator velit pœnitêre, & non poterit, quia quando potuit noluit.*

Abulens. Henric. Riffens. Armac. & alii apud Aguir. tom. 3. Theol. d. 125. S. 1.

D. Isid. l. 2 de sum. bon. c. 15.

D. Aug. apud Bernardes Exerc. espir. tom. 1. Exercit. 3. medit. 3. p. 2.

35 Là se abrio a terra, diz o Sagrado Texto, e tragou

tragou aquelles dous peccadores desgraçadissimos Dathan, e Abiron: e chegàraõ ao Inferno ainda vivos: *Descenderunt vivi in Infernum.* Pois antes da morte, e jà no Inferno! A quem naõ parecerà injustiça? Em quanto vivos, bem se podiaõ arrepender; no Inferno porèm jà naõ ha lugar de arrependimento: pois como saõ no Inferno sepultados antes da morte? *Descenderunt vivi in Infernum?* Porque nos quiz Deos mostrar, que nem todo o tempo da vida, he tempo de arrependimento. Antes que acabassem o prazo da vida, acabàraõ o prazo do arrependimento. Foraõ acabar o prazo da vida no Inferno, porque antes da morte se lhes acabou o prazo do arrependimento. Num. 16. v. 33.

36 Por ventura em Deos a Misericordia naõ he tanta como a Justiça? Sim. Pòde por ventura hum destes attributos servir de impedimento a outro? Naõ. Pois que razaõ pòde haver da parte de Deos, ou da nossa parte que privilegio, para que toda a nossa vida, seja espaço para a Misericordia, e o naõ seja para a Justiça? Assentay, que o tempo da nossa vida està repartido entre estes dous attributos, para o exercicio de ambos. Soffre a Misericordia, e perdoa; mas atè certo tempo: *Ad aliquod tempus, & mensuram tulit Deus contemptum delinquentis*, diz Saõ Cyrillo. O mesmo tinha dito Santo Agostinho: *Novit ille cui percat usque ad tempus.* Porem se acabado este, naõ acabaõ tambem as culpas, entra a Justiça a desaggravar a Misericordia, da qual o peccador se naõ quiz aproveitar, em quanto era tempo de soffrimento em Deos: e naõ quer Deos, que jà entaõ tenha a Misericordia lugar, posto que em nos ainda persevere a vida, porque jà entaõ serà só vida para viver- Cyril. in Ilai. c. 1. Aug. lib. 2. q. in Exod.

vivermos; mas naõ vida para nos arrependermos.

37 Digaõ-me agora os que me ouvem. Sabeis senhores, atè quando se estende o prazo de vosso arrependimento? Naõ. Sabeis até quando destinou Deos esperar a vossa contriçaõ, e a vossa emenda? Como; se ninguem o pòde saber? Pois como vos naõ anticipais a arrepender, antes que passe o tempo consignado por Deos, para vossa emenda? Desvella-se o lavrador sem temer o Sol; nem o trabalho; porque naõ passe o tempo da planta, vivendo elle ocioso: apressa-se o navegante por naõ perder a monçaõ, detido elle no porto: afflige-se o negociante para estar prevenido ao tempo da conveniencia. Pois como para a salvaçaõ da Alma propria mais importante, que todo o Mundo, tanta demora, tanta irresoluçaõ sem se advertir, que essa hora serà tal vez a ultima destinada por Deos para o arrependimento de muitos, que me estaõ ouvindo? Naõ sabeis que quanto mais peccares, tanto mais se difficulta a vossa emenda? Ignorais que quanto mais vos demorares na culpa, tanto mais vos fazeis indignos do arrependimento della?

38 Eu supponho que naõ ha Catholico algum, que naõ tenha propositos de viver bem; mas tudo he botar para diante esta resoluçaõ. Todos querem ser Catholicos reformadissimos de futuro, e de prezente nemhum. E o que se segue he, que nem de prezente, nem de futuro se emendaràõ: *Quæretis me, & non invenietis. Quæretis me, & in peccato vestro moriemini.* Vòs me haveis de buscar, e naõ me haveis de achar. Buscar-meheis, porèm morrereis no vosso peccado, diz Christo por Saõ Joaõ. Pois naõ diz Christo, que o acha todo o que o busca? Sim:

Joan. c. 7. v. 54. & c. 8. v. 21.

Omnis

Omnis qui quærit invenit. Mas com esta differença; que huns de prezente jà o buscaõ: *Omnis qui quærit:* outros querem buscallo para o futuro: *Quæretis me.* Quem de prezente buscar jà a Christo ha de achallo: *Omnis qui quærit invenit.* Quem para o futuro o quizer buscar, receyo muito que o naõ acharà: *Quæretis me, & non invenietis: Quæretis me, & in peccato vestro moriemini.* Matth 7. v. 8. Luc. 11. v. 10.

39 Isto he na supposiçaõ, que fizemos, de que fosse muy dilatada a nossa vida: mas se ella he tam breve: *Exiguum est tempus vitæ nostræ;* como dilatamos ainda a nossa conversaõ, e a nossa emenda? Comece jà, e pois temos conhecido a brevidade da prezente vida, acabe o erro, com que atè gora a empregàmos: *Cogitaverunt, & erraverunt, &c.*

OS

OS ERROS DO PECCADOR;

Discursos em cinco

SERMOENS;

NAS TARDES DAS CINCO Domingas da Quaresma,

Em o Mosteiro de Saõ Bento do Rio de Janeiro, Anno de 1731.

OS ERROS
DO
PECCADOR,

Discursos em cinco

SERMOENS,

NAS TARDES DAS CINCO
Domingas da Quaresma,

Em o Mosteiro de São Bento do Rio de
Janeiro, Anno de 1711.

SERMAM IX.

NA TARDE DA Segunda Dominga DA QUARESMA.

Cogitaverunt, & erraverunt. Sap. 2.

§. I.

1 DEU principio às ſuás obras o Artifice do Univerſo, creando o Ceo, e a Terra: *In principio creavit Deus Cælum, & Terram.* Diſpunha o Ceo para Palacio do Omnipotente, immenſa, e Divina Mageſtade: e a Terra para habitaçaõ dos homens: *Cælum Cæli Domino; terram autem dedit filiis hominum.* Sahiraõ os Ceos tam nobremente perfeitos, e tam maravilhoſamente ornados, que aſſim como a noſſa viſta naõ alcança a nobreza da materia delles, tambem o entendimento cega na ponderaçaõ de huma obra, que ao Divino Author ſerve de Gloria: *Cæli ennarrant Gloriam Dei.* A Terra aos noſſos olhos moſtra toda a formoſura, que encerra.

Gen. 1. v. 1.

Pſal. 113. v. 16.

Pſal. 18. v. 1.

cerra. Aqui a vemos horrida nos montes que a levanta; ali a mena em os vales que a dilataõ; freſca nos arvoredos que a cobrem; delicioſa nos fruttos de ſua fecundidade; viſtoſa nas flores da Primavera; murada das aguas, com que o Mar a cèrca, banhando-a tambem com rios, e refreſcando-a com fontes.

2 Toda a Terra era hum agradavel paiz, em o qual parece eſpalhàra Deos as meſmas delicias daquelle Paraiſo terreſtre, cuja cultura profanou Adaõ com a ſua culpa. Bem poucos dias contava de ſua creaçaõ a terra, quando para caſtigo do homem foy a maldiçoada por Deos, que lhe trocou as flores em eſpinhas, e as delicias em trabalhos: *Maledicta terra in opore tuo, ſpinas, & tribulos germinabit tibi.* Sò no Paraiſo ficàraõ as delicias, e fóra delle nem huma. Saõ as delicias do Mundo, como as flores do monte Etna. Em huma profunda cova eſtaõ recolhidas todas as flores do Etna, e fóra della huma flor ſe naõ acha em todo o monte. Aſſim as delicias do Mundo: todas ſe recluzàraõ no Paraiſo, mas deſte foy deſterrado o homem para ſempre, porque de toda a delicia do Mundo para ſempre foy privado.

Geneſ. 3. v. 17. & 18.

Ariſt. apud Momig. in Dict. fol. 466.

3 Iſto conhecem muy bem os meſmos, que cegamente amaõ eſtas miſerias do Mundo, e o confeſſaõ aſſim nas palavras, em que o livro da Sabedoria nos deu materia para a doutrina deſta hora: *Cùm tædio eſt tempus vitæ noſtræ*; mas como miſeraveis ainda querem achar entre as miſerias delicias: *Venite ergo, & fruamur bonis, quæ ſunt.... Nemo noſtrum exors ſit luxuriæ noſtræ, ubique relinquamus ſigna lætitiæ.* O conhecimento de que neſte Mundo tudo he afflicçaõ acertado he, mas a pertinacia em buſcar

Sap. 2. v. 1. v. 6. & 9.

entre

entre as afflicçoens delicias he erro: *Cogitaverunt, & erraverunt.* Eu nesta segunda tarde, e na materia della, hey de approvar aquelle acerto, e condenar este erro. Veremos quam acertadamente discorre, quem considera que tudo neste Mundo he afflicçaõ: *Cogitaverunt, cùm tædio est tempus vitæ nostræ.* Concluiremos que erra, quem pretende achar delicias no Mundo: *Erraverunt. Venite ergo, & fruamur bonis, quæ sunt, &c.*

§. II.

Cogitaverunt, & erraverunt.

4 TAõ cheyo de miserias, e calamidades he o theatro da nossa vida, que nelle nem tem lugar o contentamento, nem pòde caber o gosto. He cada respiraçaõ nossa huma fadiga, cada desafogo hum suspiro: podendo a mesma vida servir de martyrio, e de tormento para quem vive.

5 Diz o Sagrado Texto no livro do Ecclesiastico, que do ponto, em que nascemos, atè o instante da morte, carregamos todos hum pezado jugo: *Jugum grave super filios Adam, à die exitus de ventre matris eorum, usque in diem sepulturæ.* E que pezo, ou que pezado jugo he este, que carregamos em toda a vida? Entendèraõ alguns dos Expositores do Texto, que era o peccàdo original, a quem estaõ sujeitos todos os filhos de Adaõ: *Jugum grave super filios Adam.* Mas naõ advertem que desse pezo nos alivia o Baptismo, e jà nos naõ pòde opprimir atè a morte. Disseraõ outros serem as infirmidades este pezado jugo, mas naõ repàraõ, que estas nem sempre nos perseguem. Alguns tempos tambem se logra saude sem queixa, e Eccles. 40. v. 1.

aquelle jugo em nenhum tempo nos deixa: comnoſco naſce, e comnoſco acaba: *A die exitus de ventre matris eorum, uſque in diem ſepulturæ.*

6 Que jugo pois ſerà eſte, que ſendo tam pezado, tam mal conhecido he dos meſmos, que o ſupportamos? Diſcorrey como quizerdes, e achareis, que o unico accidente contrahido por todos os filhos de Adaõ, ſem que ſeja exceptuado algum, he a propria vida. Tem eſta o ſeu principio no dia do naſcimento: *à die exitus de ventre matris eorum*: concluеſe no dia da morte: *uſque in diem ſepulturæ.* Mas aqui naſce a difficuldade. Pois a vida, que he a fonte da noſſa liberdade, ha de ſer jugo para nòs: *Jugum grave?* A vida, que he o principio de todo o alivio humano, ha de ſer pezada, e violenta? *Jugum grave?* Sim, que tam penoſa, e afflicta he a noſſa vida, que baſta ter vida para ter penas, e afflicçoens: *Jugum graveſuper filios Adam, à die exitus de ventre matris eorum, uſque in diem ſepulturæ.*

7 Atè os que naõ tem mais lume, que o da razaõ, porque lhes falta o da Fè, muy bem conhecem por dictame claro da natureza, que o vario cataſtrofe da humana vida he mais digno de lagrymas, que de prazer. Por iſſo diſcretamente os de Thracia lamentavaõ o naſcimento dos filhos, e lhes feſtejavaõ a morte. Rezervavaõ os feſtejos para a morte, como fim de tantas mizerias: pranteavaõ-lhe o naſcimento como principio de huma vida tam penoſa: *Cum tædio eſt tempus vitæ noſtræ.*

Herod. lib. 5. c. 2.

Valer. Max. lib. 2. c. 6.

8 Naõ podia ſer gentilica ſuperſtiçaõ, o que alguma vez ſe obſervou em Chriſto. Com a noticia de ſer morto Lazaro, diſſe Chriſto, que ſe alegrava: *gaudeo*; e reſſuſcitando-o chorou: *Lachrymatus eſt.*

Joan. 11. v. 15. & v. 35.

E diz

E diz o Texto, que nisto viraõ os circunstantes o excesso, com que Christo amava a Lazaro: *Ecce quomodo amabat eum.* Porèm eu naõ sey, que outra cousa faria o odio em hum, e outro accidente. Alegrarse com a morte do Proximo, que he o mayor de todos os males! Entristecer-se com a sua vida, que era o mayor de todos os bens! No tribunal do Mundo se julgaria por refinado odio: no Juiso de Christo se avaliou por fino amor: *Ecce quomodo amabat eum*; e bem: porque com a morte se eximia Lazaro das penalidades da vida; e na resurreiçaõ tornava para as mizerias do Mundo. A morte lhe era alivio, e aflicçaõ a vida: por isso Christo comprindo as leys da amizade, tanto se alegrou na morte do seu amigo Lazaro: *Lazarus amicus noster dormit; gaudeo*: quanto se entristeceu, quando o ressuscitou para a vida: *Lachrymatus est.* v. 36.

9 Parece-me, que em abono da materia bem podiamos nòs às lagrymas de Christo ajuntar tambem as nossas. Em hum dezatado pranto dà o homem o primeiro testimunho de haver nascido. Parece improprio, porque o nascimento de qualquer homem, he de tanto gosto, e alegria para a natureza, que a faz esquecida das grandes dores, com que o deu à luz. He sentença do mesmo Christo: *Jam non memi-nit pressuræ propter gaudium, quia natus est homo in Mundum.* Pois como chora o nascido, alegrando-se a natureza com o nascimento? Porque com aquellas lagrymas quer a Alma, ainda que sem intelligencia, testemunhar os trabalhos, e as penalidades da vida a que dà principio. Notay a profunda elegancia, com que o diz Saõ Cypriano Martyr: *Ut vitæ mortalis anxietates, & labores, quos ingreditur, in exordio nordis Anima testetur.* Joan. 16. v. 21. D. Cyprian. S. de Patient.

10 Para que he acreditar com Textos; e abonar com ſucceſſos huma materia tam evidente, que comſigo traz a notoriedade do facto? Diga o pobre as mizerias que paſſa, as neceſſidades, e os deſprezos que ſoffre. Oh ſe o mendigo Lazaro nos repetira o que experimentou a ſua pobreza às portas do avarento! Diga o rico, quanto lhe cuſtou a riqueza. A que perigos da terra, e do mar, naõ expoz a vida para adquirir o cabedal, que ajuntou. E ſe o herdou, que trabalhos, e que invejas lhe naõ cuſtou conſervallo? Reſponda Naboth, que com deshonra perdeu a vida, naõ querendo perder huma vinha, que de ſeus pays herdou. Fale tambem o que he honrado, e o que he vil; mas naõ fale eſte, porque a vileza he bem notoria deſgraça. Attendamos para a honra, que he ſobre tudo. Oh quanto cuſta o ſer honrado! Que cuidados naõ tiraõ o ſonno para evitar hum accidente, em que a reputaçaõ poz a honra de huma familia inteira! Quantas vezes para ſe conſervar hum ponto de honra, ou de brio, quizera quem naſceu com obrigaçoens de honrado padeſſer antes a morte, do que ſoffrer a vida: como eſcolhèraõ Saul, Aquitofel, e com immortal gloria, Eleazaro, e muitos dos Macabèos generoſos!

11 E que diremos, ſe dos dotes da fortuna paſſarmos às prendas da natureza? Tenho reparado, que quanto he a natureza mais liberal, tanto he a fortuna mais oppoſta. Quanto hum he mais bem prendado, tanto he na vida mais perſeguido. Se ſois de gentil prezença, como Jozè, ainda que tam caſto, como elle foy, là encontrais em caſa de Putifar hum malvado animo, que vos calumnia innocente, atè dar comvoſco em hum carcere. Se ſois valente, qual

outro

outro David, naõ faltará hum Saul invejoso, que conspire contra a vossa vida, ainda que vos deva a sua. Se fores siente, ainda que pouco, correreis a fortuna, ou infortunio de Daniel: que tendo explicado hum sonho a Nabuco, foy parar em huma fornalha ardente; e depois de interpretar humas bem poucas letras a Balthazar seu filho, reinando Dario successor deste, foy lançado em o lago dos Leoens: nascendo huma, e outra conspiraçaõ contra Daniel, porque? *Scientia, & Sapientia inventæ sunt in eo.* Daniel 6. 5.v.11.

12 Ultimamente olhemos para aquelle estado, que pòde advir por natureza, ou conseguirse por fortuna. Taes saõ os thronos da Magestade, que em huns saõ herança da natureza, em outros exaltaçaõ da fortuna. Mas nem o docel lhes repara as molestias da vida, nem o throno se faz inacessivel às aflicçoens do tempo: antes na soberania combatem os desgostos com mais força, ou porque a materia delles he mais elevada, ou porque produzem imaginaçaõ mais vehemente.

13 Ninguem o pode testemunhar taõ bem, como Salomaõ. Foy o Rey mais lizongeado da fortuna, que no Mundo houve. Naõ houve Rey taõ sabio, taõ rico, e tam magnifico como Salomaõ. Baste dizer o Sagrado Texto, que todos os Reys da terra, absortos com o que delle ouviaõ, desejavaõ sahir de seus dominios, só por ver a gloria, em que Salomaõ vivia; *Omnesque Reges terrarum desiderabant videre faciem Salomonis.* Confessava este magnifico Monarca, que ninguem gozou tantas delicias como elle: *Quis ita devorabit, & deliciis affluet ut ego?* E com verdade, porque nunca negou a seus olhos cousa, que seu 2. Paral. c. 9. v. 23. Eccles. 2. v. 25.

coraçaõ

Ibid.v. 10. coraçaõ deſejaſſe: *Omnia, quæ deſideraverunt oculi mei, non negavi eis: nec prohibui cor meum, quin omni voluptate frueretur.* E comtudo dizia o meſmo Salomaõ, que em tantas delicias achàra ſómente vaidade, e afflicçaõ: *Vidi in omnibus vanitatem, & afflictionem.* O certo he, que tambem os Soberanos eſtaõ ſujeitos às afflicçoens, de que a vida humana eſtà chea: *Vidi in omnibus afflictionem. Cum tædio eſt tempus vitæ noſtræ.*

v.11.

§. III.

14 COmtudo a meu ver, a ſentença deſte grande Rey pede reviſta. Se Salomaõ diz, que abundou em delicias: *Deliciis affluet, ut ego*; como padecia afflicçaõ em tudo? *Vidi in omnibus afflictionem*? Por ventura tambem o affligiaõ as delicias, os goſtos, e os prazeres? Sim: *Vidi in omnibus afflictionem*; porque tam cercada eſtà de afflicçoens a noſſa vida, que atè nos goſtos ha anguſtias. Pudèra neſta parte hum Gentio ſer o interprete do texto de Salomaõ: *Gaudium habet neſcio quid mæroris, ac doloris ſibi conjunctum*, diz Xenofonte. Nem hum goſto, (vem a dizer) nem hum goſto ha, que naõ tenha hum naõ ſey que de pena, e de ſentimento. Reparemos niſto. Hum naõ ſey que de pena, hum naõ ſey que de ſentimento: *Neſcio quid mæroris, ac doloris.* Bem dito, porque, ainda quando o entendimento nas occaſioens de goſto, ſó acha materia para ſe alegrar, a natureza por hum inſtincto occulto, là tem preſente hum naõ ſey que de triſteza: *Gaudium habet neſcio quid mæroris, ac doloris.*

Xenoph. de geſtis Græc. lib.7.

15 Reparou Santo Ambroſio, que aſſim como ha lagrymas naſcidas de triſteza, e dor, ha tambem

outras

outras, que procedem de alegria, e se originaõ do gosto: *Tristitia sæpe lachrymas educit, sæpe & lætitia, sæpe & gaudium*: e a razaõ, porque hum mesmo effeito procede de duas tam contrarias causas; he, porque a natureza com o seu natural instincto muitas vezes penetra cegamente nos gostos materia de sentimento, ainda que o naõ penetre o entendimento com a sua luz. D. Ambr. sup. Apocal. c. 7. v. 17.

16 Nos mesmos gostos desta vida aprendemos esta tam natural, como secreta Filosofia. Là vem hum gosto, e o recebemos com alegria: vem outro, e se he mayor, com lagrymas o recebemos. Pois lagrymas na occasiaõ do mayor gosto? Sim, porque nesse caso entra o secreto impulso da natureza, ou a presagiar, ou a sentir, naõ sey que infelicidade, e amargura nos mesmos gostos: *Gaudium habet nescio quid mæroris, &c.*

17 Depois de destruido o celebre Templo edificado por Salomaõ, incomparavel foy o contentamento dos Judeos, vendo-o reedificado por Zorobabèl. Descreve o Sagrado Texto a solennidade dos Judeos, e diz, que com lagrymas, e com alegria tambem festejàra o povo Hebreo a abertura do novo Templo: *Flebant voce magna, & multi vociferantes in lætitia.* As lagrymas, e os jubilos faziaõ tal confusaõ, que a alegria se naõ podia distinguir do pranto: *Nec poterat quisquam agnoscere, vocem clamoris lætantium, & vocem fletus.* Pois, se a occasiaõ era de tanto gosto, se a celeberidade era de tanta alegria, como entraõ as lagrymas a confundilla? Por se mostrar no effeito o que havia na causa. O effeito era alegria, e tristeza; porque, se a causa era hum gosto desta vida, nelle precizamente se havia achar com 1. Esdr. c. 3. v. 12. Ibid. v. 13.

a materia

a materia do contentamento, occaſiaõ tambem para as lagrymas. O entendimento ſó alcançava naquella celebridade motivos para prazer, por iſſo ſe alegravaõ; mas o natural inſtincto naõ ſey que preſſentia de lamentavel, miſturado com o plauſivel, por iſſo tambem choravaõ: *Flebant voce magna, & multi vociferantes in lætitia.* E he de notar, que correndo os annos vio a experiencia depois o preſſagio daquellas lagrymas, que naõ debalde entràraõ com o goſto à celebridade.

18 Dizia Salomaõ, que o prazer andarà miſturado com o ſentimento: *Riſus dolore miſcebitur.* E eu me contentàra ſe eſte miſto ſe fizera em partes iguaes; mas ſe lhe tomamos bem o ſabor, achamos, que quando menos, duas partes ſaõ de agro, e huma de doce quando muito. O meſmo Rey Sabio com a ſua experiencia tirou para ſi a prova, e a deixou para nòs: *Riſus dolore miſcebitur, & extrema gaudii luctus occupat.* Sendo certo, que o goſto anda ſempre miſturado com os pezares, he de reparar, dizia Salomaõ, que a triſteza occupa os extremos, ou as extremidades do goſto. Todas as couſas caducas ſe compoem de principio, meyo, e fim. O principio, e fim ſaõ os extremos daquelle meyo; pois ſe os goſtos, e os pezares do Mundo andaõ juntos, porque dà Salomaõ aos deſgoſtos lugar no principio, e no fim, e ſó o meyo aos prazeres? *Extrema gaudii luctus occupat?* Para enſinar que neſte continuo, ou neſta compoſiçaõ da vida huma ſó parte he, quando muito de goſto, as duas ſaõ de deſgoſto: *Extrema gaudii luctus occupat.* Prov. 14. 13.

19 Oh ſe nos dezenganaramos do que ſaõ os goſtos da noſſa vida, e ſe lhe conheceramos bem os lados!

lados! Nós fugiramos de taes gostos, porque encontraramos dobrados pezares em cada gosto: desgostos ao principiar, e ao acabar desgostos. O mayor gosto, e a mayor ventura que houve para Jacob, foy o merecer, e conseguir a sua amada, como formosa Raquel, e se bem atendermos para este gosto acharemos, que custou a Jacob tanto desgosto principiando, como acabando. Diz o Texto, que Jacob chorára grandemente a primeira vez que vio a Raquel: *Quam cum vidisset Jacob elevata voce flevit.* Que Jacob chorasse quando perdeu a Raquel, bem; porque justo era lamentasse a perda do mayor gosto da sua vida. Mas que chore quando a primeira vez nella emprega os olhos! Se o principio de seus gostos foy aquella vista, como sahio acompanhada de tantas lagrymas? *Quam cum vidisset flevit?* Naõ temos que estranhar no caso: succedeu nelle manifestamente o que nos gostos do Mundo sempre acontesse, ainda que com menos evidencia. Chorou Jacob naõ só na morte de Raquel, se naõ tambem na primeira occasiaõ, em que nella empregou a vista; porque nesta lhe principiava a mayor dita, e nem huma ha no Mundo, que naõ custe hum pezar principiando, assim como outro acabando: *Extrema gaudii luctus occupat.* Genes. 29. v. 10. 11.

2o O grande Tertulliano entendeu, que neste Mundo he necessaria tanta paciencia para soffrer as adversidades, como para tolerar as felicidades: *Quorundam bonorum, sicut & malorum intolerabilis patientia est*; porque tam cheyas de afflicçoens andaõ tambem as felicidades, que o lograllas demanda huma intoleravel paciencia: *Intolerabilis patientia.* Na Dominga passada ponderàmos a breve duraçoõ da Tertul. de Batient.

nossa

noſſa vida: *Exiguum eſt tempus vitæ noſtræ*; mas atendendo para as ſuas afflicçoens diſſe Plinio, que abreviando-nos a natureza tanto a vida, ſe moſtrára com noſco muy benigna: *Natura nihil hominibus brevitate vitæ præſtitit melius.* Diſſe bem, porque beneficio he grande da natureza encurtarnos huma vida tam penoſa, que ainda com os ſeus prazeres cauſa multiplicadas auguſtias: por iſſo os Judeos no ſeu mayor goſto choravão: *Flebant vocifrantes in lætia*: por iſſo tambem Chriſto chorou reſuſcitando a Lazaro para huma vida tam penalizada: *Lachrymatus eſt Jeſus*: e por iſſo finalmente acertàraõ os que entenderaõ ſer a noſſa vida muy cheya de afflicçõeſ: *Cum tædio eſt tempus vitæ noſtræ.*

Plin.lib. 7.c.50.

§. IV.

21 COnhecida eſtà jà a noſſa miſeravel, e afflicta vida, mas ainda erraõ os que a conhecem: *Cogitaverunt, & erraverunt*; porque ainda pertendem gozar delicias neſta vida: *Venite ergo, & fruamur bonis quæ ſunt.... Nemo noſtrum exors ſit luxuriæ noſtræ: ubique relinquamus ſigna lætitiæ.* Muy poucos ſaõ os que neſta vida naõ apetecem goſtos, e prazeres, e ſaõ muy poucos os que os buſcaõ onde ſe pòdem achar: *Omnis homo gaudere deſiderat*, diz Santo Agoſtinho; *ſed non omnes ibi quærunt gaudium, ubi oportet inquiri.* Solicitar delicias no Mundo he tam notorio erro, ou loucura, como buſcar a flor mimoſa na penha eſteril: o fogo no Elemento da agua, ou o Sol nas ſombras da noyte. Senhores meus erra, e erra muitas vezes, quem neſta vida tam cheya de miſerias pertende achar mais, do que tribula-

D. Auguſt. S. 20. de San.

tribulaçoens, e anguſtias: *Erras, erras, ſi aliud quæris, quam pati tribulationes, quia tota iſta vita plena eſt miſeriis*, diz o Abbade Gerſon. Erra huma vez, porque buſca na vida o que nella naõ pòde haver. Erra outra vez, porque ſe buſcàra ſómente anguſtias, e fizera goſto das tribulaçoons, acharia em todas as couſas contentamento, porque acharia afflicçaõ em todas ellas. Gerſ. aut quiſquis Author eſt libelli de Imit. Chriſt. lib. 2. cap. 12.

22 Aquelle Ethnico tam prudente, que aos Catholicos pòde muy bem enſinar a Filoſofia Moral, recomendava que aprendenſſem a ter goſtos: *Diſce gaudere.* E quanto mais devem os Chriſtãos aprender a buſcar, e ter contentamentos? Eſtes por toda a noſſa vida ſe achaõ nas tribulaçoens ſómente. He doutrina naõ menos, que de Saõ Paulo: *Gaudeo in paſſionibus*: acho goſto no que padeço, dizia o Apoſtolo; e querendo explicar a grandeza deſte ſeu goſto accreſcentou, que ſobreabundava em goſto, quando padecia: *Superabundò gaudio in omni tribulatione.* O Idioma Portugez naõ tem algum vocabulo, com que bem exprima a força daquelle *ſuperabundo*; uſou porèm Saõ Paulo deſte termo para melhor nos intimar a grandeza do goſto, que tambem nòs poderemos achar nas afflicçoens deſte Mundo. Ad Coloſ. cap. 1. v. 24. Ad Cor. c. 7. v. 4.

23 Levantemos mais o penſamento para o empregarmos em Chriſto. Delle diz o meſmo Apoſtolo, que ſe lhe propoz ineffavel goſto em ſoffrer os tormentos da Cruz: *Propoſito ſibi gaudeo, ſuſtinuit Crucem.* Pois ſe ſomos Chriſtãos ſigamos, e imitemos a Chriſto. Neſta vida ſó façamos goſto de padecer com Chriſto: *Communicantes Chriſti paſſionibus gaudete*, dizia Saõ Pedro. A Gentilidade pòde ſómente alcançar, que o goſto he origem do ſentimento. Ad Hebr. c. 12. 2. 1. Petr. c. 4. v. 13.

Gaudia

Gaudia concipiunt lachrymas, dant gaudia fletùs. A profiſaõ Chriſtãa ſuba mais alto, e alcance mais, que nas tribulaçoens ſe achaõ os mayores goſtos: *Superabundo gaudio in omni tribulatione.*

24 Digaõ aquelle Eſpirito de Xavier, inſaciavel de adverſidades. Propunha lhe Deos as deſhonras, os perigos, as feridas, e a morte, que encontraria no Mundo; e a todas eſtas propoſiçoens reſpondia o invicto Apoſtolo: *Amplius Domine, amplius*: mais Senhor, e mais. Aquelle humano Serafim Santa Thereza de Jeſus continuamente fazia a Deos eſte requerimento: *Aut pati, aut mori*: ou padecer, ou morrer. Aquelle achava tanta delicia no padecer, que as anguſtias ſe lhe faziaõ apeteciveis: *Amplius.* Eſta no que padecia, tinha a conſolaçaõ unica de ſua vida: *Aut pati, aut mori.* Ainda ſobia mais de ponto a Magdalena Carmelitana: *Pati, non mori*; padecer ſim, morrer naõ; porque ſe pela morte entraria as delicias eternas, a eſtas parecia antepôr ella as delicias do padecer neſta vida.

25 Eſte aborrecimento tem as temporaes delicias, e eſte apreço faz das tribulaçoens, quem ſabe as utilidades, que da fragoa das mortificaçoens tira o oiro das virudes. Das infelicidades do Mundo naſce o conhecimento da humildade propria; o aborrecimento da vida tam caduca; e ſobre tudo, valor para ſe naõ temer a morte. Antioco em quanto viveu florente, ſe deſconhecia tanto, que ſe atreveu a competir com a Divindade. Vio-ſe afflicto, e logo ſe conheceu a ſi meſmo: *Cæpit ex gravi ſuperbia deductus, ad agnitionem ſui venire, Divina admonitus plaga.* Oh como as afflicçoens da vida ſervem muito para o conhecimento proprio! Job ſendo hum Varaõ muy

2. Machab. c. 9. v. 11.

muy Santo, naõ lemos, que se desagradasse da vida em quanto a logrou com felicidades, antes suspirava pelos primeiros tempos, em que o lisonjeou a prosperidade: *Quis mihi tribuat, ut sim juxta menses pristinos.* Vio-se perseguido, e logo o viver lhe causava tedio: *Tædet Animam meam vitæ meæ.* Oh como as afflicçoens do Mundo, conduzem para o aborrecimento da vida! Elias em quanto nas Cortes humilhava Reys, e fazia tremer os Scetros, fugia da morte: *Timuit ergo Elias, & surgens abiit.* Tanto que experimentou as iras de Jezabel, e as calamidades do dezerto, logo apeteceu a morte, que temia de antes: *Sufficit mihi Domine, tolle animam meam.* Oh tribulaçoens! muito animais para a morte.

Job. 29. v. 2.

Cap. 10. v. 1.

3. Reg. 19. v. 3.

Ibid. v. 4.

§. V.

26 EU naõ pertendo despir tanto a vida temporal de todo o gosto, que a faça austera, e insofrivel; porque tam alto grão de perfeiçaõ naõ póde ser para todos. Desejo porèm, que naõ apeteçais gostos falsos, nem vos entregueis a delicias peccaminosas. A escola de Epicùro constituhio a verdadeira felicidade nos deleites, com as circunstancias de serem licitos, e uzados com prudencia. Se com esta advertencia, e com taes condiçoens procede hum Gentio, como excederàõ os Catholicos estes lemites? Se os gostos da vida naõ forem licitos, se forem vicios peccaminosos, seraõ offensas de Deos, e saõ dignos de eterna pena: e qual he (naõ digo jà o Catholico) mas o racional, que obrando como entendido, ponha o seu gosto na offensa do seu Creador, e na culpa digna de infinita pena? Se

Epicur. in Epist. ad Manic. apud Laert. de Phil. lib. 10.

quereis obrar como homens, e como racionaes; abraçay antes todas as mortificaçoens da vida, que os goſtos ſendo peccaminoſos.

27 No Real Palacio do Egypto vivia Moyſés com os regalos, e eſtimaçoens de Principe; porque o adoptàra a Princeza por ſeu filho, quando com hum ſeguro Real lhe deu a meſma vida, que recebera da natureza. Paſſada porèm a menoridade, e chegando Moyſés a ter mais claro uzo da razaõ, deixou o Palacio, e ſe foy viver com os Hebreos deſnegando-ſe da aſcendencia de Faraò: *Moyſes grandis factus negavit ſe eſſe filium filiæ Pharaonis.* Naõ ſey ſe andaria Moyſés acertado neſte caſo. E naõ lhe eſtava melhor viver ao lado do Soberano, que na companhia de Iſraèl captivo? Parece que ſim. Pois como troca as honras, e as delicias do Paço, pelas afflicçoens do Egypto? Porque là perſentio Moyſés, que eſſas delicias eraõ peccaminoſas, e muito melhor lhe eſtavaõ as afflicçoens dos Hebreos, que os goſtos naõ ſendo licitos. Expreſſamente Saõ Paulo: *Magis eligens affligi cum populo Dei, quàm temporalis peccati habere jucunditatem.*

Ad Hebr. 11. v. 24.

Idid. v. 25.

28 Ainda temos que notar, e que admirar neſte caſo, o que para o noſſo caſo ainda faz mais. Diz o Apoſtolo, que obràra Moyſés aſſim, tanto que entrou a ter uzo de ſeu perfeito diſcurſo. Sendo de menor idade ſe tratava por filho da Princeza, mas chegado aos annos da deſcripçaõ, trocou as peccaminoſas delicias, pelas affliçoens, e anguſtias: *Grandis factus negavit ſe eſſe filium filiæ Pharaonis.* Cuidava eu, dizia Saõ Paulo, que Moyſés tomàra eſta reſoluçaõ, quando ſentio a vocaçaõ Divina, ou quando lhe inſpirou a Divina graça; mas naõ: diz que em

em Moysés houve esta maravilhosa resoluçaõ, tanto que passou os annos da menoridade: *Grandis factus*: e com mysterio; porque para hum Catholico aborrecer delicias pecaminosas, e antes escolher afflicçoens, que semelhantes deleites, bastarà que tenha uzo da razaõ: bastarà que obre como entendido; e o desempenho do effeito correrà por conta da Divina graça: *Moyses grandis factus negavit se esse filium filiæ Pharaonis.*

29 Oh quantos me estaõ ouvindo, aos quais està arguindo esta resoluçaõ de Moysés! Passastes jà a menoridade, passastes a adolescencia, e talvez passastes jà os annos da varonil idade, sem entrar ainda aos annos da descripçaõ; porque ainda obraes sem uzo do razaõ: ainda apeteceis mais os aparentes gostos da vida, que as breves, e transitorias afflicçoens do Mundo. Fieis; o buscar delicias em apetites peccaminosos, isso he para meninos sem entendimento. Abraçar mais a afflicçaõ, que o apetite, isso he de quem tem uzo da razaõ, e de quem he homem: *Grandis factus, &c.*

30 A razaõ de tudo, primeiro foy achada por Moysés, e Saõ Paulo a descobrio depois: vem a ser, porque todo o deleite peccaminoso he temporal: *Temporalis peccati jucunditatem habere*; e traz comsigo a remuneraçaõ de huma pena eterna, para a qual olhava, e atendia Moysés: *Aspeciebat enim in remuneration em.* E qual serà o homem se tem entendimento, que ache delicia, no que lhe ha de custar eterna pena? He barbaridade fieis, buscar na vida instantes de gosto, no que depois da morte encontraremos amarguras, que haõ de durar para sempre. Ibid. v. 26.

31 O mais insofrivel tormento a meu parecer,

que houve para Christo, foy aquella sede ardentissima, que padeceu no Calvario, pois o obrigou a manifestalla, como se para ella sómente, e para nem hum tormento mais, necessitarà de alivio: *Sitio.* Chegando Christo ao monte Calvario sequioso, e cançado, antes q̃ o crucificassem lhe deraõ logo a beber vinho misturado com fel: *Venerunt in locum, qui dicitur Golgotha, quod est Calvariæ locus, & dederunt ei bibere vinum cum felle mistum.* Provou Christo a bebida, e a naõ quiz levar: *Et cum gustasset noluit bibere.* Pois se Christo gostou, quando provou a bebida (que tudo isso exprime o termo, com que o Euangelista se explica) se gostou; *cum gustasset*, como naõ quiz beber? *Noluit bibere?*

Joan. 19. v. 28. Matth. 27. v. 33. v. 34.

32 Porque naquella bebida fallando propria, e ainda naturalmente, teria a sede de Christo por entaõ alivio; mas logo depois lhe havia causar grande tormento. Era vinho, e era fel: *Vinum cum felle.* Em quanto se tomasse o vinho, causaria para o gosto algum alivio muy transitorio; porèm o fel havia depois causar-lhe amargura, em quanto lhe durasse a vida. Bem, pois para nossa doutrina, naõ aceite Christo gosto taõ breve, que lhe ha de custar tanta amargura depois. Amargura de fel para sempre, disfarçada em gosto de vinho por hum instante: *Vinum cum felle*; nem ainda a mayor necessidade o approva: *Noluit bibere.*

33 Depois de crucificado Christo, o ultimo tormento, que lhe preparou o odio dos Judeos, foy aquella amargosa bebida de vinagre. Esta offertàraõ a Christo, para que a bebesse, e o Senhor a aceitou: *Cum ergo accepisset Jesus acetum.* Pois se entaõ leva Christo huma bebida tam agra, como de antes naõ recebe

Joan. 19. v. 30.

recebe a outra, quando ainda tinha mais vida? Porque huma era totalmente amargosa, e só para o tormento servia. A outra continha hum pouco de gosto, o qual se converteria em tormento, em quanto lhe durasse a vida: e ainda que Christo appetecia tormentos, naõ era bem, que aceitasse este; porque nos queria ensinar a fugir daquelles breves gostos, (como saõ todos os desta vida) que dando alguma hora de contentamento neste Mundo, depois no Inferno haõ de servir de tormento ao corpo, e alma, em quanto esta viver, que será por toda a eternidade

§. VI.

34 MAs contra esta verdade, e contra esta razaõ, lá vem o engano, e a sem razaõ, e diz quem me houve. Chegará o tempo, em que deixemos os falsos apetites do Mundo, para que naõ experimentemos os tormentos da eternidade, em quanto porèm achamos gostos nesses deleites vamo-nos a traz delles, que no fim da vida os lançaremos de nós antes que a morte chegue. Oh desgraça! Atè nisto erraõ os q̃ assim discorrem: *Cogitaverunt, & erraverunt.* Fieis, que affeiçoados, ou enganados viveis entre vicios, desenganai vos, que quanto mais vos dilatares em vossos apetites, tanto menos os podereis lançar de vòs. Haveis de gemer captivos atè a morte, e naõ vos podereis livrar dos vicios, que vos dominàraõ na vida. Depois de hum longo habito, por muito que vos empenheis em deixar os apetites, elles vos naõ deixaràõ a vòs. Proverbio foy da antiguidade, que os vicios da mocidade, nem com a velhice acabaõ: com mais, ou com menos

Prov.22. v.6. actividade vaõ sempre continuando: *Proverbium est* (diz Salamaõ) *adolescens juxta viam suam, etiam cum senuerit non recedet ab ea.* Poderis entaõ vencer algum vicio, e despirvos delle por menos habitual; mas naõ podereis vencer outro, que por mais radicado, vos naõ ha de largar atè a morte, e atè a sepultura vos ha de acompanhar.

35 Noemi là sahio de Belem, peregrina às terras de Moabites, onde viveu por espaço de dez annos, e ahi se aparentou com Orfa, e Ruth, descendentes ambas da gentilidade Moabitana. Quiz depois Noemi voltar-se para a sua patria, e despedio de sua companhia as duas filhas, que adquirio por affinidade, e repetidas vezes as botou de si: *Revertimini filiæ meæ.... Revertimini filiæ meæ, & abite.* Persuadio-as com razoens, que a deixassem, porque era jà velha, e lhe servia de angustia a companhia de ambas. Mas, que responderiaõ ellas? Que faria Orfa, e que faria Ruth?

Ruth 1. v.11.& v.12.

36 Orfa vendo a resoluçaõ da velha Noemi se apartou della. Ruth com mais tenacidade lhe respondeu assim: *Ne aversèris mihi ut relinquam te, & ab eam; quocumque enim perrexeris pergam. Quæ te terra morientem susceperit, in ea moriar, ibique locum accipiam sepulturæ.* Naõ vos canceis em me lançar de vòs, porque em nenhuma parte vos deixarey. Heivos de acompanhar atè a morte, e no mesmo lugar onde vos sepultarem, serey comvosco enterrada. Notavel resoluçaõ! He possivel, que tanto sofra Ruth os dezapegos de Noemi, que ainda quando esta se empenha em lançalla de sua companhia, ella esteja resoluta em acompanhalla atè a morte, e atè a sepul-

v.16.

a sepultura? Sim: que como Noemi tendo menos annos se affeiçoou de Ruth, agora quando já provecta querendo-a despedir bem era, que achasse tanta resistencia em Ruth, para a deixar.

37 Orfa, e Ruth eraõ duas affeiçoens, que tomou Noemi na gentelidade onde habitou, e nellas se reprenzentavaõ dous vicios. Ruth, que se interpreta fartura, e demazia, denota o vicio da intemperança. Orfa, que se retirou, porque na companhia de Noemi, se lhe impossibilitavaõ os desposorios que apetecia, reprezenta o vicio da incontinencia. De hum destes vicios se pòde apartar Noemi, com o pretexto de ser jà velha: *Jam enim senectute confecta sum.* Do outro vicio se naõ pòde apartar Noemi por toda a vida, nem ainda na morte; porque nem ainda na sepultura a quiz deixar esse vicio: *Quæ te terra morientem susceperit, in ea moriar, ibique locum accipiam sepulturæ*: para que se veja, que quando senaõ deixaõ os vicios ao principio, depois nem com os annos acabaõ, nem com a morte desejariaõ acabar. E quando muito, se por acaso se larga hum vicio na velhice, como Noemi largou a Orfa; o outro se naõ pòde deixar, nem ainda na sepultura, como Ruth, que naõ quiz deixar a Noemi, nem apartar-se della na morte, ou na sepultura: *Non averseris mihi, ut relinquam te, & ab eam, &c.*

Ruth satu rata, vel inebriata. Laurent. in Sylv. v. *Ruth.*

Ibid. v. 12.

38 Vejaõ là agora os que tem por delicia os gostos peccaminosos, naõ lhes succeda com elles, o que a Noemi aconteceu com Ruth. Noemi quiz bolar-se fóra da companhia de Ruth, e naõ pode, porque o habito de dez annos jà se naõ podia vencer. Durou por toda a vida, e quiz ir tambem para a se-

pultura. Bote cada hum a conta aos annos que tem vivido, e veja quantos empregou nos goſtos de ſeus vicios? Quantos deſtes vicios ſeraõ jà tam inveterados, que paſſem muito alêm dos dez annos? Pois que eſperaõ? Sem duvida paſſar aſſim toda a vida; chegar atè à morte; levar os vicios para a ſepultura, e elles aos viciоſos para o Inferno.

39 Mais de vagar neſte ponto, diz o viciоſo êm hum caſo deſtes; porque ainda ha que recorrer a aquelle grande aſillo, e forte ancora da Miſericordia Divina. Deos he de infinita Miſericordia, aſſim como he de infinita paſciencia; pois ſe eſta nos ſoffre tanto na vida, na morte perdoarà aquella muito mais. Se ſoffre a vida em delicias, na morte perdoarà os vicios, porque ſe na vida quer oſtentar a ſua infinita pacieneia, na morte quererà oſtentar a ſua infinita Miſericordia. Nas premiſſas naõ pòde haver duvida, porque ſaõ de Fè; mas a conſequencia he muy contingente; porque tambem he certo, que o Inferno eſtà muy cheyo, naõ obſtante ſer infinita a Paciencia, e a Mizericordia de Deos. Tendes agora mais alguma inſtancia?

40 Todas as Almas que eſtaõ no Inferno, foraõ remidas com o Sangue de JESU Chriſto, e eſtaõ là muitas, que eraõ Catholicas, e filhas da Igreja, como nòs ſomos, e naõ lhes valeu a Miſericordia Divina, nem o preço da Redempçaõ, para deixarem de ir ao Inferno; porque viveraõ em peccaminoſas delicias, ou com eſquecimento, ou com temeraria confiança daquelle Sangue que por ellas derramou Chriſto.

41 Eu tanto temo a Divina indignaçaõ, como a Paſ-

a Paciencia Divina. Tanto temo a Justiça, como a Misericordia Divina, e naõ ha fiados nesta habituar a vicios: antes me parece, que a Misericordia he a que deve fazer a justiça mais temida. No Apocalypse ouvio Saõ Joaõ, que se cantava esta letra: *Quis non timebit te Domine, quia solus pius es.* Ou como expoem Gagneio: *Omnes timebunt te Domine.* Temeràõ todos a Deos, e ninguem deixarà de o temer; porque só elle he pio, elle só he misericordioso. Parece, que naõ està bem applicada esta causal. Temer a Deos, porque he de justiça, he ajustado com a razaõ, porque o castigo he objecto do temor. Temer a Deos, porque he de piedade: *Quia solus pius es*; naõ se ajusta com a razaõ, porque a piedade naõ he motivo para o temor. Assim he, quando se naõ abuza da Misericordia; mas quando ella he occasiaõ de se centinuar nos vicios, he muito para se temer a Misericordia Divina: *Quis non timebit te Domine, quia solus pius es?* Quando Deos movido de nossas culpas, soltar os registos ao mar da sua ira para as castigar, diz Habacuc, que se lembrarà da sua Misericordia: *Cum iratus fueris, misericordiæ recordaberis*; porque essa Misericordia offendida, e calumniada pela sacrilega confidencia, que nella houve, serà o insentivo mais forte da sua ira, e do nosso castigo.

Apoc. c. 15. v. 4.

Gagnæ ibid.

Habac. 3. v. 2.

42 Pois se tambem ha que temer na Divina Misericordia, e naõ ha que confiar nella para seguirmos os vicios; e se estes sendo inveterados, haõ de permanecer atè a morte; e ultimamente se haõ de converter em tormentos por toda a eternidade, erro grande serà appetecer como delicias os falsos, e ligeiros

ligeiros goſtos dos apetites mundanos. Emende-ſe com eſta conſideraçaõ o erro, em que atè agora eſtivemos. Naõ ſigamos aquelles, que conhecendo tam grave erro, continuàraõ nelle: *Cogitaverunt, & erraverunt.*

SER-

SERMAM X.
NA TARDE DA
Terceira Dominga
DA QUARESMA.

Cogitaverunt, & erraverunt. Sap. 2.

§. I.

1 MAYOR mal de todos os males, a mayor desgraça de todas, e o mayor de todos os infortunios da natureza, he a morte: *Omnium terribilium nihil morte terribilius.* Os mais infortunios trazem comsigo este bem, que se compadecem da vida; porèm a morte emprega na vida todo o seu estrago. Com a vida se vencem as desgraças todas, mas com a morte a vida tambem acaba. Finalmente, os males todos melhoraõ com a vida; só os da morte naõ, porque he a morte aquella fera pessima que devora tudo: he o fogo voraz, que tudo reduz a cinzas: he o rayo, a que se naõ resiste: e o veneno

Arist. Æth. lib. 3.

veneno para o qual naõ produsio antidoto a natureza.

2 Comtudo nessa mesma fera, nesse mesmo fogo, nesse mesmo rayo, e nesse veneno mesmo, encerrou a Providencia incomprehensivel huma tal virtude, que pode ser a preservaçaõ de todos os males, e a conservaçaõ de todos os bens; porque atendendo para a vida espiritual, o melhor conservativo dos bens, e preservativo dos males, he a lembrança da morte. Trazey sempre diante dos olhos a morte do corpo, e vòs tereis para sempre a vida da Alma: *In omnibus operibus tuis memorare novissima tua, & in æternum non peccabis.* Eccles. 7. v. 40.

3 Esta consideraçaõ, que tanto tem de horrivel para a natureza, como de util para a salvaçaõ, mereça vossas atençoens nesta hora; porque segundo a distribuiçaõ das materias, que para esta doutrina nos deu o Livro da Sabedoria, este he o terceiro ponto, em que consideràraõ, e erràraõ os mundanos: *Cogitaverunt, & erraverunt.* Consideràraõ elles, que na morte ha de ser tudo afflicçaõ, e angustia sem refrigerio: *Non est refrigerium in fine hominis*; mas barbaramente consultàraõ, e se resolveraõ a passar a vida em delicias; como se com esta prevençaõ houvessem de achar alivio na morte: *Venite ergo, & fruamur bonis, quæ sunt.... Ubique relinquamus signa lætitiæ.* Tanto foy acertada essa consideraçaõ, como foy errada esta resoluçaõ. Considerar, que na morte serà tudo angustia sem refrigerio: *Non est refrigerium in fine hominis*; he consideraçaõ acertada. Entregar-se porèm aos deleites, e aos apetites atè que chegue a morte para alivio dessa afflicçaõ que se teme: *Venite ergo, & fruamur, bonis quæ sunt*; isso Sap. 2. v. 6. & 9.

foy

foy erro deduzido de huma consideraçaõ acertada: *Cogitaverunt, & erraverunt.*

4 Nesta tarde aprovaremos o acerto, e reprovaremos o erro. Primeiramente vos hey de mostrar quais saõ as angustias, que na morte affligem ao agonizante: em segundo lugar vos darei a saber, quais saõ os meyos infaliveis para huma morte feliz, e sem agonias. Na primeira parte seguiremos a verdade, que atè os Mundanos alcançaõ: na segunda emendaremos o seu erro, e com ambas satisfaremos as duas clausulas do nosso Thema: *Cogitaverunt, & erraverunt.*

§. II.

5 ACertadamente julgou quem disse, que naõ ha refrigerio na morte: *Et non est refrigerium in fine hominis.* Mas quem saberà dizer, quem poderà explicar as angustias de hum agonisante? Jà se disse, que precisamente ha de mentir, quem descrever as agonias da morte. Com razaõ, porque nunca chegarà a expôr inteiramente o que ellas saõ.

6 Proferio David huma vez esta conclusaõ, muitas vezes debatida para a intelligencia, porque tanto tem de universal, quanto tem de difficultosa: *Omnis homo mendax*: todo o homem he mentiroso. A experiencia parece, que abona a sentença de David, com o estado em que se acha o Mundo. Porèm da Escritura consta, que Job nem huma só vez mentio: *Non peccavit Job labiis suiis*: e de outros muitos diz o Livro do Apocalypse, que na boca delles nunca se achou a mentira: *In ore eorum non est inventum mendacium.* Pois como serà verdadeiro o Texto, em que o Rey

Psalm. 115. v. 11.

Job c. 1. 22. c. 2. 10.

Apoc. 14. v. 5.

o Rey; e o Profeta diz, que todo o homêm he mentiroso? *Omnis homo mendax.*

7 O Psalterio Romano, e o grande Padre Santo Agostinho resolvem a duvida, e interpretaõ a David fallando das agonias da morte: com grave fundamento, porque o Psalmista fallava do seu excesso: *Ego dixi in excessu meo*; e na frasi da Escritura, o excesso he morte. Nesta materia pois diz David, ha de mentir todo o que fallar, porque nenhum chegarà adequadamente a dizer as dores, e agonias, que a morte causa: *Ego dixi in excessu meo omnis homo mendax.*

Psalt. Rom. D. Aug. in hunc loc.

8 O que se naõ experimenta, nunca se relata como em si he: e daqui nasce, que para se dizer quanto a morte affligе aos agonizantes ha implicancia notoria, porque quem a experimentou, como perde a vida, jà naõ pòde relatar o que padeceu: e quem naõ morreu ainda, como naõ experimentou o que diz, naõ o chega a dizer como em si he. Desorte que, ou ha de faltar a vida, ou a experiencia. Sem vida, como se poderà dizer? Sem experiencia, como se poderà dizer bem?

9 E que farey eu, quando intento darvos a saber o que se padece na morte? Tenho por certo primeiramente, que hey de incorrer na censura de David: *Omnis homo mendax*; porque naõ chegarey a descrever a intençaõ de tanta agonia; mas para que a deformidade naõ seja grande, nem muy remota da verdade, valerme-hey da doutrina dos Santos Padres, e seguirey o que elles alcançàraõ neste ponto. O meu Saõ Bernardo reduzio as afflicçoens da morte a tres pontos, porque todas nascem do amor do que se perde; da dor que entaõ se padece, na

destruiçaõ

destruiçaõ do compesto humano; e do temor do Inferno tantas vezes merecido. Por razaõ do primeiro ponto a morte he mà, pelo segundo he peyor ainda; e he pessima pelo terceiro: *Mala in amissiones Mundi: peior in dissolutione carnis: pessima in tormentis Inferni.* O mesmo ponderou com brevidade, e ellegancia a voz de Tertulliano: *Torquentur enim amore, dolore, timore.* Nestes tres pontos fundaremos tres ponderaçoens para intelligencia do que se padece na morte. D. Bern. Ser. 41. ex parvis. Vivien sive Tertul. Pred. tom. 4. v. Mors. conc. 6. p. 2.

§. III.

10 A Primeira angustia com que o agonisante se afflige, nasce do amor do que se perde com a morte: *Torquentur enim amore.* He a morte huma separaçaõ entre a Alma, e o corpo: *Mors est animæ separatio à corpore*, diz Saõ Clemente Alexandrino; mas desta separaçaõ nasce mais outra, qual he a que a Alma faz de todas as cousas do Mundo. A Alma se aparta de tudo, porque na morte se perde tudo. Aparta-se de tudo o que amava pelas obrigaçoens da natureza, porque com a morte ficaõ separados os pays dos filhos, o esposo de sua esposa, hum irmaõ de outro; e finalmente naõ ha parentesco tam chegado, que com a morte se naõ dissolva. Aparta se a Alma tambem de tudo o que amou por inclinaçaõ voluntaria: ou esta fosse viciosa, ou fosse honesta. Aparta-se finalmente dos cabedaes, das honras, e das vaidades, que se bem solicitou com ambiçaõ grande, ainda as gozou com mayor amor. E como deixarà de angustiar muito a perda, e o apartamento do que se amava tanto? D. Clem. Alex. lib. 7. Strom. 6.

11 Agag Rey de Amalec, vencido por Saul, ao ponto

ponto de se executar nelle a sentença de morte pro-
1.Reg.c. ferida por Samuel, exclamava assim: *Siccine separat*
15.32. *amara mors?* Amargosa morte, que assim apartas! Perdia o infausto Rey os filhos, a Mãy a familia toda, o Reyno, e finalmente quanto por obrigaçaõ natural, ou por inclinaçaõ livre, foy emprego de seu amor; porq̃ se apartava na morte, de tudo o que amou na vida; e nesta perda, ou neste apartamento experimentava a mayor amargura, que a morte causa. A morte lhe destruhia a vida, e o apartava de quanto amàra dantes; e naõ se queixava Agag pela destruiçaõ da vida: queixava-se pelo apartamento do que amàra: *Siccine separat amara mors.* Tinha diante dos olhos a morte, e vendo a de mais perto, a conhecia melhor do que nòs hoje. Exclamou angustiado com a perda do que amava, mais que com a perda da propria vida, porque na morte mais insofrivel ha de ser o apartamento, e perda do que se ama, que a destruiçaõ da vida, que entaõ se acaba. Temos mais calificado exemplo.

12 Mandou Deos a Abraham, que tirasse a vida
Genes. a Isaac seu filho, a quem muito amava: *Tolle filium*
22.v.1. *tuum, quem diligis Isaac.* Com este preceito se naõ entristeceu Abraham, antes muy gostoso o foy exe-
Oleast. cutar logo: *Quasi ad epulas invitatus*, diz Oleastro,
hic. para com este termo explicar o contentamento, com que o Patriarca sacrificava o filho. Instou Sara com Abraham, para que lançasse de caza o filho Ismael:
Genes. *Ejice ancillam hanc, & filium ejus*: e foy notavel a
21.v.10. pena, e a repugnancia de Abraham, havendo de lançar de sua companhia este filho: *Durè accepit hoc*
v.11. *Abraham pro filio suo*, diz o Texto. Esta pena, e aquelle cõtentamẽto bem vemos como se estaõ implicando.

Isaac

Isaac era mais amado de Abraham, do que Ismael; pois se lhe causava pena lançar de casa a quem amava menos, como lhe naõ dà sentimento sacrificar a quem unicamente amava? *Tolle filium tuum, quem diligis?*

13 A razaõ alèm de ser natural, he manifesta. Em Isaac sacrificado, via Abraham a pena da morte, mas naõ a pena do apartamento; porque quando se dispunha para lhe dar a morte, *tolle filium tuum*; tinha a certeza de que Deos lho havia de restituir para desempenho da descendencia, que lhe promettera. Em Ismael naõ havia a pena da morte, mas havia a pena do apartamento: *Ejice filium.* Em Isaac havia morte, em quanto destruiçaõ da vida: em Ismael havia morte, em quanto separaçaõ da companhia amada: e para o amor de Abraham, naõ foy taõ sensivel a morte por destruir a vida, como por separallo do filho: *Ejice filium: durè accepit hoc Abraham.*

14 E se tanto affligе na morte o apartamento do que naturalmente, e honestamente se amava; quanto mais ha de angustiar a perda para sempre do que desordenadamente se amou na vida? Se o amor excede os limites da honestidade, he tanto mais vehemente, quanto he menos regulado pela razaõ. Na doutrina de Santo Agostinho o amor he a medida do sentimento: *Dolor est sicut amor*: e passando aquelle dos seus limites, tambem a vehemencia da pena ha- D. August.
de exceder os termos do sentimento. Pois se mais sofrivel he a pena da morte, que a perda do que honestamente se amava; com mayor razaõ serà mais sofrivel a morte; que a perda do que se amou na vida com heshonesto amor. Custarà mais perder o que assim se amava, que perder a vida.

15 Temos forte experiencia desta verdade em Samsaõ. Amou este Nazareno, com tanta vehemencia a Dalila, que chegou a manifestar-lhe o segredo oculto, em que as suas forças se conservavaõ, naõ obstante haver por tres vezes experimentado nas treiçoens della, que pela revelaçaõ daquelle mysterio se entregava à morte. Notavel desgraça, ou fraqueza do mais esforçado Capitaõ, que teve o povo de Deos! Conhecia muy bem Samsaõ, que o entregava Dalila aos Filisteos, e que estes se empenhavaõ em tirar-lhe a vida. Vio, que Dalila por tres vezes o atou, e prendeu para o entregar à morte. Pois, como se naõ aparta della para livrar a vida, antes se entrega à morte descobrindo-lhe quanto encerrava em seu peito? *Aperuit cor suum.* Porque amava Samsaõ a Dalila: *Amavit mulierem, quæ habitabat in valle Sorec, & vocabatur Dalila*: e sentiria em deixalla mayor pena, que em padecer a morte. Menos lhe custaria o morrer, que o apartar-se della.

Jud. 16. v. 18.

v. 4.

16 Bem; mas aqui temos agora mayor duvida. Samsaõ, que amava a Dalila moradora no valle de Sorec, tinha tambem jà dantes amado a outra do mesmo povo, com quem se desposou em Thamnata: pois se desta com menos causa se apartou tam picado, que por se desagravar fez guerra a toda a sua nascaõ; como daquella se naõ aparta depois, havendo para se retirar mayores causas? Se para deixar a primeira bastou huma desconfiança em Thamnata: para deixar a segunda, como naõ bastaõ as treiçoens, que tantas vezes lhe armou para se lhe dar a morte em Sorec.

17 Temos

17 Temos a resposta na Doutrina de Santo Ambrosio, e Saõ Jeronimo. O amor de Samsaõ para com a primeira, que habitava em Thamnata, foy amor casto; porque foy conjugal por Divina disposiçaõ. O amor da segunda, por quem se perdeu em Sorec, foy illicito; porque prohibia a Ley Divina, que o povo Hebreu se uniſſe ao dos Filisteos. No primeiro, como era honesto, foy menos custoso o apartamento; no segundo como faltava a licita moderaçaõ, tanto cresceu a vehemencia desordenada, que mais insofrivel se fazia para Samsaõ apartar-se de Dalila, que perder a vida. Julgou por mais violento deixalla, que padecer a morte. Oh que desgraçados seràõ todos aquelles, a quem a morte colher entregues ao perigoso amor das creaturas! Ainda o que naõ for peccaminoso, sempre serà perigoso: naõ só pelo que aparta as Almas da perfeita uniaõ com Deos; mas ainda pelo muito que as ha de angustiar, quando se perder na morte o que se amou na vida: *Torquentur enim amore.* D. Ambr. D. Hieron. apud Mezg. lib. 3. t. un. c. 4. sect. 1. n. 7. & sect. 3. n. 26.

§. IV.

18 TAmbem atormentaõ na morte as dores, que nessa hora se padecem: *Torquentur enim dolore.* A dor sendo muy intensa, deixa o corpo quasi amortecido, e insensivel. As dores da morte pelo contrario, variando a ordem da natureza, pòdem fazer, que atè o insensivel padeça, ou se compadeça. Quando o povo de Jerusalem com applausos, e vivas se empenhava em huma festival entrada para receber a Christo, que decia do Monte Oliveti, olhando o Senhor para a Cidade se des-

Luc.19. v.41. fez em lagrymas: *Videns Civitatem flevit super illam.* Lamentava Chriſto a ruina daquella Cidade, conhe-

v. 44. cendo que os inimigos a poriaõ por terra: *Ad terram proſternent te*: e dizia o Senhor, que choraria a meſ-

ma Cidade, poſto que inſenſivel, ſe conhecera a

v. 42. ruina, que elle premeditava em ſeus edificios; *quia ſi cognoviſſes, & tu*, diz o Texto; e como o naõ acabou de dizer, continuou Caietano: *Quia ſi co-*

Caiet. hic. *gnoviſſes, & tu fleres.* Tam grande ſentimento em Chriſto, e tam rara expreſſaõ delle, naõ podia ſer ſem raro, e grande myſterio.

19 A Cidade era inſenſivel; pois como poderia ſentir em alguma ſuppoſiçaõ? Ou: como ſente Chriſto por Jeruſalem, o que ella naõ poderia ſentir em caſo algum? Neſta difficuldade reſponde a Gloſſa, que Chriſto via huma couſa com os olhos, e outra com o entendimento: com os olhos via huma Cidade, que os inimigos a poriaõ por terra; com o entendimento via o eſtrago, com que a morte deſtrue

Glof.in. hunc. loc. o edificio humano, e o reduz a terra: *Ad terram proſternent te, cum caro in pulverem redigetur.* E he tam cruel eſte golpe, e eſtrago da morte, que ſe faz lamentavel atè a Chriſto, ſendo Deos; e atè ſe faria lamentavel a Jeruſalem, ſendo inſenſivel: *Videns Civitatem flevit ſuper illam: quia ſi cognoviſſes, & tu fleres.*

20 Nas agonias, que ſervem de preludio à morte, eſtà lutando o homem contra ſi meſmo com toda a força, porque eſtà em conflicto horrendo a Alma contra o meſmo corpo, a quem communica a vida. Violenta-ſe a Alma, eſtando para deixar o corpo, que atè ali animou com tam eſtreita uniaõ. Sente ſeparar-ſe daquella companhia, com a qual inſe-

parada-

paradamente nasceu, viveu, e esteve até aquella hora. E muito mais conhecendo, que vay arrebatada para huma regiaõ horrenda, cujo caminho, e habitaçaõ faz pavor à natureza toda.

21 Escreve a Mystica Doutora Santa Thereza, que quando Deos arrebata huma Alma para lhe manifestar as Celestiaes delicias, a enche tambem de hum ineffavel deleite. E com tudo, entrava a Santa nestes arrobamentos, ou extasis, a temer tanto; que de boamente quizera carecer desses gozos inexplicaveis. A razaõ he, porque a mortal fraqueza vendo-se arrebatada para huma regiaõ estranha, e desconhecida, tam violenta vay, e temerosa, que naõ basta o deleite, que jà goza, nem as delicias, que se lhe haõ de communicar para socego do seu natural temor. Pasme o entendimento nesta consideraçaõ, e tema aquella hora, em que a Alma despida de todo o gozo, serà arrebatada com violencia para huma regiaõ vastissima, e desconhecida, com mais razoens para esperar tormentos, que para merecer delicias. Obras de S Ther. tom. 1. cap. 20.

22 O corpo tambem, posto que enfraquecido, e prostrado, entra de sua parte com quanta resistencia pòde; sentindo, que pela ausencia da Alma perdida a vitalidade, ficarà hum tronco immovel, hum horrendo, e frio cadaver, fonte da corrupçaõ, origem, e alimento de bichos. A esta luta entra tambem a natureza confusa, tendo por ambas as partes igual empenho; porque sente ver destruir-se a perfeitissima organisaçaõ do homem, cuja fabrica he credito da Sabedoria Divina: *Mirabilis facta est scientia tua ex me.* Nesta luta, neste conflicto, e nesta confusaõ descarrega a Morte o seu golpe, abrin- Psalm. 138. v. 6.

do no compoſto humano tam penetrante ferida, que parte, e corta o cerebro, os olhos, a garganta, o peito, o coraçaõ, e finalmente todo o interior, e exterior do homem. Se huma dor he grande, baſta que eſteja em huma ſó parte, para que as mais todas fiquem atormentadas: mas a dor da morte he tam cruel, que para ſer mais ſenſivel, fere com igualdade todas as partes do corpo humano.

23 Sonhando vio Nabuco huma arvore, e ouvio a voz de Deos, que a mandou cortar pelo tronco, e pelos ramos: e mandou tambem, que lhe facodiſſem as folhas, e eſpalhaſſem os fructos: *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus, excutite folia, & diſpergite fructus ejus.* Neſta repreſentaçaõ queria Deos moſtrar a Nabuco a ſua ruina em quanto Rey, e tambem em quanto homem. Em quanto Rey, moſtravalhe a ruina de ſua Monarquia: em quanto homem, a ruina de ſua vida. Por iſſo com myſterio, a imagem viſta entre ſonhos foy huma arvore, na qual em ſentido moral, ſe repreſentava Nabuco, homem, vivente: *Vidi homines velut arbores ambulantes*: e na grandeza della, ſe retratava literalmente o grande Imperio dos Aſſyrios. Sigo pois a interpretaçaõ moral para o noſſo intento, e reparo aſſim. Baſtava o golpe do tronco, para que a arvore toda ſe arruinaſſe: pois porque ſe haõ de offender tambem os ramos, as folhas, e os fructos? *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus, excutite folia, & diſpergite fructus ejus?* Porque ſe moſtre, que quando com o golpe da morte, ſe arruina o homem arvore racional, nem huma parte deixa de ſer offendida. Tronco, ramos, folhas, fructos, era toda a fabrica daquella arvore, e tudo padeceu, e experimentou

Dan. 4. v. 11.

Marc. 8. v. 24.

mentou golpe; porque tambem naõ haverà no homem parte alguma, que do golpe da morte naõ seja penetrada. Tudo o que nelle he animado, serà mortalmente ferido, porque o golpe da morte he tam penetrante como a nossa Alma. Esta penetra todas as partes do corpo, que ha de animar; e o golpe da morte como se fora espirito, penetra tambem todas as partes do corpo humano para as desanimar.

24 Disse Isaias, que Christo ha de matar o peccador, com o espirito da sua boca: *Spiritu labiorum suorum interficiet impium*: e Saõ Joaõ vio, q̃ da boca de Christo sahia huma espada: *De ore ejus procedit gladius*. Parece, que Saõ Joaõ fallou com muita propriedade, e Isaias com muita impropriedade. Se da boca sahe o instrumento, que ha de matar, diga-se que da boca lhe sahe a espada; *procedit gladius*, e naõ, que lhe sahe o espirito; porque do espirito, que sahe da boca de Deos, tem a vida do homem o seu principio: *Inspiravit in faciem ejus, spiraculum vitæ*. Hora naõ confundamos a propriedade, com que sempre fallaõ as Escrituras. He espada, e he espirito o que tira a vida. He espada penetrante, com que a morte descarrega o seu golpe: *procedit gladius*; e comtudo he espirito o que mata; porque trespassa, penetra, e chega a todas as partes do corpo, como se fora espirito: *Spiritu labiorum suorum interficiet impium*. Trespassado pois assim o corpo todo com dores, oh quam atormentado se verà com ellas o agonisante! *Torquentur enim dolore*.

Isai. 11. v. 4.

Apoc. 19. v. 15.

Gen. 2. v. 7.

§. V.

25 ULtimamente ſerà o temor o que mais ha de affligir na morte: *Torquentur enim timore.* E de que naſcerà o temor dos agoniſantes? Da incerteza do ſeu fim; naõ ſabendo ſe he bom, ou màо. Da incerteza do juizo; naõ podendo alcançar, ſe teraõ ſentença de vida, ou de morte. Da incerteza do ſeu eſtado duvidando ſe eſtaõ em peccado, ou em graça. Huma hora de conſideraçaõ ſobre eſta incerteza, he efficaz, e poderoſa para anguſtiar a vida mais diſſoluta, e confiada: quanto mais a quem pela viſinhança da morte, jà eſtà deſconfiado da vida, e deſgoſtoſo de quanto nella obrou!

26 No momento ultimo da vida, eſtà em balança, eſtà emperigo, eſtà em ultimo riſco a noſſa mayor importancia; porq̃ de huma parte eſtà o Ceo, para eternamente ſe gozar de Deos na Gloria: de outra parte eſtà o Inferno, com todos os ſeus tormentos, para ſe penar em toda a eternidade, ſem remedio, e ſem eſperança delle, que he o mayor tormento. Eſta incerteza entre a ſalvaçaõ, e a condenaçaõ, eſta contingencia entre o Ceo, e o Inferno, ſe ha de determinar pelas noſſas obras, e pela ſentença do Juiz tremendo, e rectiſſimo, e tudo he para ſe temer, porque tudo he contingente.

27 Nas noſſas obras naõ ha certeza de merecimento; porque humas ſaõ certamente màs, certamente dignas de condenaçaõ eterna; e naõ nos conſta, que dellas tiveſſemos perfeita contriçaõ, e verdadeiro arrependimento. Outras (das noſſas obras)

naõ

naõ saõ notoriamente demeritorias: ao menos na vida nos parecerãõ muy ajustadas com a recta razaõ, e conformes com a Ley Divina; mas na morte, essas tambem nos parecerãõ muy disformes. Era Moysés justo, e santo, Deos o tratava tam familiarmente, que lhe fallava, como falla hum homem com o seu amigo: *Loquebatur autem Dominus ad Moisen, facie ad faciem, sicut solet loqui homo, ad amicum suum*: e na Carça de Horeb fallando Deos ao seu privado, e amigo, lhe fez esta pergunta: *Quid est quod habes in manu tua?* Que he o que tens na maõ? Respondeu Moysés: tenho Senhor huma vara: *Respondit, virga.* Entaõ lhe mandou Deos, que lançasse a vara na terra, e se tornou em serpente: *Dixitque Dominus projice eam in terram, projecitque, & versa est in colubrum.* Exod. 33. v. 11. Exod. 4. v. 2. v. 3.

28 Notavel caso! Naõ póde carecer de mysterio. Na maõ de Moysés he vara, cahindo em terra he serpente, e tam horrenda, que Moysés cheyo de pavor fugia della! *Ita ut fugeret Moyses* Ouçamos o mysterio, e cesse a admiraçaõ. Aquella vara na maõ de Moysés representava huma vida muy conforme com a Ley de Deos, e ajustada com os seus preceitos: *Virga directionis, est recta adamussim legis*: lançada em terra por disposiçaõ Divina, representava o homem, quando na morte por estatuto de Deos, cahe em terra, e para ella torna: *In terram Dei jussu projicitur dum homo moritur.* Pois eis-ahi o mysterio de se converter a vara em serpente; porque na hora, em que a morte nos derribar, e puzer por terra, atè as obras, que na vida nos pareciaõ mais conformes, e ajustadas com a Ley de Deos, nos haõ de parecer muy disformes. A vida que dantes nos parecia muy regulada pela vara da Divina rectidaõ, ha de tomar Ibid. Pintian. tom. 6. t. r. d. 1. n. 11.

na

na morte outro aſpecto, talvez muy horrendo; e muito para ſe temer: *Verſa eſt in colubrum, ita ut fugeret Moyſes.*

29 Haõ de olhar os Prelados, e os Miniſtros para as maximas, com que governàraõ, e ainda as que na vida lhes pareciaõ mais ajuſtadas à vara da Juſtiça, e da Prudencia, na morte lhes faraõ temor. Os Parocos, os Confeſſores, os Sacerdotes, e os penitentes tambem examinaràõ as conſciencias; e o que atè ali julgavaõ ſer muy conforme com a melhor doutrina, começarà a entender-ſe de outra ſorte, e lhes parecerà muy disforme. Os mercadores, os officiaes, e todos os que tratàraõ qualquer genero de negocios, entràraõ a deſconfiar, ſe o que trouxeraõ entre mãos, foy vara, ou ſerpente? Por huma parte lhes parecerà vara de rectidaõ, que os abſolve de todo o eſcrupulo; mas por outra parte ſerpente, que muito lhes remorderà as conſciencias, pois os farà incertos, e vacillantes do como ſe avaliaràõ eſtas materias no Juizo de Deos.

30 Deſte Juizo, e da ſua ſentença, ainda he mayor a incerteza; porque Deos tanto he de juſtiça, como de miſericordia: e ſe bem ſabemos, que a ſua miſericordia pòde perdoar, naõ menos conhecemos, que a ſua juſtiça pòde caſtigar. Mas como o agoniſante naõ penetra, ſe lhe terà Deos perdoado, fica em duvidas a ſua eſperança, como a do Rey de Ninive, e neſta perplexidade, tam afflicto, e temeroſo, como o meſmo Rey: *Quis ſcit ſi convertatur, & ignoſcat Deus, & revertatur à furore iræ ſuæ?* Joan. 13. v. 9.

31 Eu tenho por certo, que eſte temor do agoniſante, pela incerteza do ſeu fim, o affligirà naquella hora muito mais, que a meſma condenacaõ,

ſe

se lha intimàraõ logo com certeza. A razaõ he; porque dada a sentença da condenaçaõ, entra sim a certeza da pena merecida; mas antes da sentença afflige a condenaçaõ imaginada, afflige o remorso da consciencia, afflige o temor da pena, e a confusaõ, que o mesmo temor està fazendo na Alma: e muito mais haõ de affligir esta confusaõ, e temor, que á mesma sentença da condenaçaõ, se com certeza fora intimada logo.

32 Vio Balthazar huma maõ, que lhe appareceu escrevendo certas letras em huma parede do seu Palacio. Assombrou-se o Rey, perdeu a cor, ficou imaginativo, e desmayado: *Facies ejus commutata est, & cogitationes ejus conturbabant eum: & compages renum ejus solvebantur, & genua ejus ad invicem collidebantur.* Dan. 5. v. 6. Chegou Daniel, explicou as letras, declarando ao Rey a sentença de sua morte, que nellas estava escrita. Com isto se acabou o susto de Balthazar, entrou a despachar como dantes, e na mesma noyte morreu. Estamos em mayor confusaõ. Socega-se Balthazar ouvindo a sentença de sua condenaçaõ à morte, estando tam afflicto antes de se lhe intimar? Sim; que antes de ouvir a sentença, lutava Balthazar com a incerteza, e com o temor, de ser, ou naõ ser, de sua condenaçaõ aquella sentença; e muito mais affligе esta incerteza, e temor, que a mesma condenaçaõ. Pois se em os agonisantes haverà o mesmo temor, e a mesma incerteza, assentemos que seraõ com ella mais atormentados, do que seriaõ com a sentença da condenaçaõ, se a ouviraõ antes de expirar. Da incerteza do estado que nos espera, he preciso que nasça o temor que tanto ha de affligir os agonisantes: *Torquentur enim timore*: e

no meyo de tantas anguſtias, nem hum refrigerio póde haver na morte: *Non eſt refrigerium in fine hominis.*

§. VI.

33 TEmos viſto, quais ſaõ as principaes anguſtias da morte: deſcubramos agora com mais atençaõ, quais ſejaõ os meyos, com que eſtas agonias ſe poſſaõ ou evitar, ou ſuavizar. O remedio ſe deve applidar ſegundo a qualidade da queixa. Hum ſó remedio naõ pode ſer conveniente para todo o genero de infermidades; e como as anguſtias da morte ſe originaõ de tam diverſos principios, diverſos haõ de ſer os meyos de aliviar o agoniſante.

34 Do amor naſce a primeira afflicçaõ, pelo que ſe perde na morte. Pois para eſta afflicçaõ temos o remedio facil, alèm de ſer muy ſeguro. Naõ amemos na vida o que ſe ha de perder na morte. Naõ fallo ſó a reſpeiro daquelle amor, que he doſordenado pelo objecto, ou vicio, em que ſe elle emprega; mas tambem a reſpeito do amor honeſto. Seja o licito amor tam moderado, que naõ predomine os noſſos affectos, nem chegue a tomar poſſe dos noſſos coraçoens; porque com elle occupados, e divertidos, ſe inhabilitaõ eſtes a unir com Deos tanto na vida, como na morte.

35 Aquella amante Eſpoſa dos Canticos perſuadia a ſeu Eſpoſo Chriſto, que ſe auſentaſſe, e fugiſſe, como o Cervo ligeiro, ou como outro animal veloz, quando foge pelos montes, que cubertos de flores, eſtaõ exhalando aromas: *Fuge dilecte mi & aſſimilare capreæ, hinnuloque cervorum, ſuper montes aromatum.* E quem ſe perſuadirà, que huma Alma Santa,

Cant. 8. v. 14.

Santa, e desposada com Christo, lhe rogaria, que se ausentasse della? *Fuge dilecte mi?* O grande Padre Soõ Francisco de Sales descobrio a intelligencia desta, que naõ he pequena difficuldade. Dizem os naturaes, que os galgos perseguindo a caça no tempo da Primavera, com facilidade a perdem; porque divertido o faro com o cheiro das muitas flores, nem pòdem seguir, nem sabem distinguir o que buscaõ. Sales Pract. del Amor de Dios lib. 11. c. 3

36 Na doutrina da amante, e discreta Esposa, acontece o mesmo aos que buscando a Deos, se affeiçoaõ às creaturas. Estas lhe occupaõ de tal sorte o coraçaõ, e amor, que naõ pòdem seguir a belleza, que buscaõ do Creador; porque as confunde a formosura enganosa das creaturas, em que empregàraõ o seu amor. Naõ intentava a Esposa persuadir a Christo, que fugisse, e se retirasse della; intentava só dar-nos a saber, o que viremos nòs a experimentar, e a sentir. Atrahidos do suave cheiro, que de si exhala a Divindade, corre o nosso amor a traz della: *Trahe me, post te curremus in odorem unguentorum tuorum.* Mas se o nosso amor se diverte, empregando suas affeiçoens em os aromas do Mundo, fugirà o Creador, e o perderemos nòs: *Fuge dilecte mi, & assimilare capreæ, hinnuloque cervorum, super montes aromatum.* Cant. 1. v. 3.

37 Se duas creaturas, sendo limitadas ambas, em hum só coraçaõ naõ cabem; porque este naõ pòde amar dous objectos com perfeiçaõ: como caberà hum Deos immenso com tantas creaturas juntas? Sendo o coraçaõ tam pequena parte do corpo humano, tam dilatado he, e tam profundo, que ninguem o chega a comprehender: *Parvum est cor hominum, & inscrutabile.* He tam grande, que o Mundo intei- Jerem. 17. v. 9.

ro,

ro, e infinitos Mundos, que saõ possiveis; o naõ enchem: mas tam limitado he, que naõ cabem nelle dous amores.

38 Essa he a nobreza com que a vontade se distingue do entendimento. Póde este conhecer juntamente huma multidaõ de objectos; mais que hum, naõ póde amar a vontade. A razaõ he; porque o entendimento para conhecer, atrahe a si os objectos: e se os olhos pódem atrahir, e conhecer muitos objectos ao mesmo tempo, como naõ poderà o entendimento, sendo mais nobre? O amor porèm, he hum impulso vital, com que a vontade se arrebata, e se move para aquella parte onde empregou a affeiçaõ: ouvi a Santo Thomàs: *Vitalis motio, & impulsio designatur, prout aliquis ex amore dicitur moveri, vel impelli*; e assim como he impossivel, que hum vivente se mova, ou se deixe levar para duas partes ao mesmo tempo; assim he impossivel que huma vontade se mova, ou se deixe levar de dous amores, ou de dous objectos: do amor de Deos, e das creaturas. Farà o amor de Deos, que suba o coraçaõ atè o Ceo: e o das creaturas farà, que se naõ aparte do Mundo. Escolhey agora, em qual destes objectos empregueis o vosso amor; porque em ambos, he impossivel. Se quereis, que o impulso do vosso amor vos arrebate ao Ceo, naõ ameis o Mundo.

Divi Thom. 1.p.q. 27.art.2.

39 Amar só a Deos; porque só delle nos naõ poderà apartar a morte: e quanto mais lhe estivermos unidos por seu amor, tanto mais longe estaremos de nos apartarmos delle. As creaturas porèm, tratallas com tal desapego na vida, que nos naõ custe desapegar dellas na morte. Naõ serà bem, que faça a descripçaõ na vida, o que ha de fazer a violencia na

na morte? Se a necessidade nos ha de obrigar a despedir de tudo na morte, tomemos voluntariamente o acordo de fazer o mesmo na vida. He conselho de São Pedro Chrysologo: *Suscipe voluntarius, ad quod urgèrius invitus.* Chryfol. Serm. 101.

40 Todos procuraõ chegada a hora da morte desapegar-se do Mundo, para que se possaõ unir com Deos; porque o desapego das creaturas, he necessario precisamente, para haver uniaõ com o Creador. Mas eu naõ vi semelhante fatuidade, como he reservar para a morte esse desapego; porque jà nesse caso naõ obra a eleiçaõ voluntaria, obra a necessidade violenta. Saul achando-se em huma consternaçaõ, offereceu hum sacrificio a Deos, como elle relatou a Samuel: *Necessitate compulsus obtuli sacrificium*; e Samuel avaliou esta acçaõ por fatuidade, e estultisse: *Stulte egisti.* Pois ha de ser vituperado Saul, porque offerece a Deos hum sacrificio? sim, e muy justamente; porque Saul offereceu o sacrificio por necessidade: *Necessitate compulsus*, e o que se obra jà por necessidade, naõ he digno de louvor, he vituperavel; naõ he sacrificio, he estultisse: *Stulte egisti.* Isto mesmo dirà Deos, vendo, que na morte nos desapegamos das creaturas. Dirà que he estultisse fazer entaõ por necessidade, o que na vida se podia fazer com liberdade, e merecimento. Dirà, que he estultisse, desapegar na morte com tanta pena, e tanta afflicçaõ, quando sem anguftia podèra ser, se lhe perderamos o amor na vida. Acabe pois em vida aquelle amor, que tanto nos ha de affligir na morte: *Torquentur enim amore.* 1. Reg. 13. v. 13. & v. 12.

§. VII.

§. VII.

41 A Segunda afflicçaõ naſce, como diſſemos, do que ſe padece na morte. E que remedio haverà para naõ ſentirmos as dores da morte? Admiravel, e provado jà com a experiencia: o qual he, morrer antes que a morte chegue. Vamos à experiencia, que he a melhor prova. Se repararmos nas circunſtancias, com que os Euangeliſtas deſcrevem a Payxaõ de Chriſto, diremos, que duas vezes morreu; porque ſe bem huma ſó vez eſpirou (que foy no Calvario crucificado) tambem no Horto padeceu a morte, pois ahi ſe vio em agonia: *Factus in agonia*: e teve as meſmas anguſtias, que padeceria na morte, ainda que eſta por entaõ milagroſamente ſe lhe impedio. Iſto expreſſou bem o meſmo Chriſto, quando diſſe: *Triſtis eſt Anima mea uſque ad mortem*; porque da parte da anguſtia, do tormento, e da agonia, nada faltou naturalmente, para a execuſaõ da morte: *Ita ut efficiens videatur animam meam è corpore ejicere vitamque finire, niſi me Divina virtus ſuſtentaret*, expoem Titelman.

Luc. 22. v. 44.

Matth. 26. v. 38.

Titelm.

42 Aqui porém entra huma admiraçaõ, e ſe nos offerece hum reparo. A admiraçaõ he; que no Calvario eſpirou Chriſto, tam quieta, e ſocegadamente, que ſem dar ſinaes de agonia, inclinou a cabeça, e entregou o eſpirito: *Inclinato capite tradidit ſpiritum.* E diz Santo Athanaſio, que com a inclinaçaõ da cabeça, fizera Chriſto final à morte, para que chegaſſe: *Incliuato capite mortem vocavit.* Bem moſtrava Chriſto, chamando a morte, a ſuavidade, que ſentia em morrer por nòs. Agora o reparo. Pois ſe

Joan. 19. v. 30.

Divi Athan. q 6. ad Antioch.

se no Horto agonisou Christo, como naõ padece agonias no Calvario? No Horto naõ chegou a morte a tirar-lhe a vida, como no Calvario; pois se tendo vida no Horto, padece agonias de morte: *Factus in agonia: tristis est Anima mea usque ad mortem*; no Calvario como as naõ padece, quando morre? Por isso mesmo; que como Christo morreu em vida, jà lhe naõ restavaõ agonias para sentir na morte.

43 Quem està morto jà naõ tem que sentir; quem està vivo sim. Se a morte nos acha vivos, sentimos como vivos os seus tormentos, os quais naõ poderemos sentir, se a morte nos achar jà mortos. Bem; mas como poderemos nòs seguir o exemplo de Christo, e morrer antes da morte? Morrendo no coraçaõ, ainda que viva o mais corpo. Estando o corpo vivo, esteja o coraçaõ morto. Morto para o amor, morto para o odio, morto para a vingança, morto para a soberba; finalmente morto para os sentidos, e para a mesma vida. E tanto que formos huns vivos mortos do coraçaõ, naõ teremos que sentir na morte, porque nos naõ haõ de affligir as suas agonias.

44 Considerou David, que se lhe havia de concluir a vida com muitas agonias, e grandes dores: *Defecit in dolore vita mea, & anni mei in gemitibus*, e assentou comsigo fazer-se morto do coraçaõ: *Oblivioni datus sum, tanquam mortuus à corde.* E para que se faz David morto do coraçaõ, se nem assim ficarà izento da morte? Por que o Rey Profeta naõ receava o morrer, temia só as dores, e angustias, que a morte causa: *Defecit in dolore vita mea, & anni mei in gemitibus*: e para que naõ sentisse as agonias da morte, bem entendeu, que lhe bastava estar morto Psal 30. v.11. v.13.

do coraçaõ: *Tanquam mortuus à corde.* Assim como o coraçaõ he a fonte da vida, assim he o principio do sentimento: logo se o coraçaõ estiver morto para a vida tambem estarà morto para sentir a morte.

45 Persuade-nos muito Saõ Paulo, que nos reputemos por mortos, para o peccado; vivos porèm para Deos: *Existimate vos mortuos quidem esse peccato, viventes autem Deo.* Morrer para o peccado, he ser morto do coraçaõ; porque todos os peccados nascem do coraçaõ. Pecca qualquer dos sentidos, e fica com elles o coraçaõ delinquente: *Sensus cordis mei turbati sunt.* Do coraçaõ nasce a soberba: *Superbos mente cordis sui*: a cobiça, e avareza rendem o coraçaõ para a culpa: *Ubi thesaurus tuus, ibi est, & cor tuum*: do coraçaõ brota o fogo da concupicencia: *Concupiscentia cordis sui*: a obstinaçaõ, e a ira, saõ effeitos proprios do coraçaõ: *Induratum est cor*: a inveja he vicio do coraçaõ: *Non æmuletur cor tuum.* Finalmente o coraçaõ he a fonte de toda a culpa. Pois se quereis viver mortos para o peccado, como aconselha o Apostolo: *Mortuos quidem esse peccato*, vivey com o coraçaõ morto para o Mundo: *Tanquam mortuus à corde*: e só deste modo, deixareis de sentir as dores, que traz comsigo a morte: *Torquentur enim dolore.*

Ad Rom. 6. v. 11.

Jerem. 4. v. 19.

Luc. 1. v. 51.

Matth. 6. v. 21.

Eccl. 5. v. 3.

Exod. 7. v. 22.

Prov. 23. v. 17.

§. VIII.

46 SO' nos resta descobrir remedio contra o temor, que nos affligе na morte, que he daquelle juizo final tremendo. Parece, que para este temor naõ pòde haver remedio; e eu dissera, que he bem escusado, que o haja; porque discorro, que saõ contados, e seraõ muy poucos, os que temem este juizo.

47 O som

47 O som daquella trombeta horrenda, e espantosa, que chamarà os homens todos a Juizo, taõ atemorisado trazia a Saõ Jeronymo, que para alcançar boa sentença, desemparava a Corte de Roma, sendo Cardeal, e se retirava para Belem, onde com asperas penitencias, era hum cadaver com vida. O temor do Juizo final foy occasiaõ de Saõ Bruno renunciar o Mundo, e instituhir para si, e para seus Monges, huma vida mais propria de Anjos, que de homens.

48 Mas como estes exemplos saõ effeitos de huma Providencia extraordinaria, com q̃ Deos illustra a sua Igreja, e desperta o nosso esquecimento; recorrendo a ordinarios effeitos, o temor do Juizo he o que, a innumeraveis Almas suspende a maõ, antes que se estenda ao peccado, e lhes retira os passos do caminho da perdiçaõ. Pois como diremos, que temem o Juizo de Deos, aquelles que habituados a diversos generos de peccados, nem huma emenda poem em seus vicios, nem se apartaõ do caminho da culpa, e da condenaçaõ? Nestes direy, que nem ha temor, nem conhecimento delle: *Contritio, & infilicitas in viis eorum, non est timor Dei, ante oculos eorum.* Se houvera nelles temor de que as suas culpas vaõ arriscadas à sentença da condenaçaõ eterna, naõ haviaõ taõ afoytamente entrar, e caminhar pela estrada larga dos vicios, e cheya de peccadores. Psal. 13. v. 3.

49 Quando Esther, sem que a chamasse Assuero, entrou em o seu quarto interior para lhe fallar, reflectindo que neste caso obrava contra hum decreto do Rey, naõ pode continuar os passos, e desmayou duas vezes. Começou a duvidar a Rainha Esther, no como a juizaria o Rey esta sua resoluçaõ, e temeu o

seu juizo; por isso naõ continuou na entrada, embargou os passos, e desmayou. O temor a embaraçou, e lhe tirou o animo: *Conturbatum est cor meum, præ timore.* Pelo contrario; entra hum peccador pela estrada de hum, ou de muitos vicios: sabe que ha Juizo de Deos, e vay continuando nos seus vicios. Pois como teme o Juizo, naõ se apartando dos vicios? Sabe que por aquelle caminho se faz reo da condenaçaõ eterna, e nem por isso desmaya na carreira: vay a todo o risco precipitando-se. E isto he temor? Naõ; antes he valor, ou para dizer melhor, he temeridade. Pois se lhes falta o temor, escusaõ o remedio.

Esth. 15. v. 16.

50 Comtudo, para que naõ fique este temor nos que o tiverem, sem remedio, o applicarey brevemente. Todo aquelle que anticipar o seu juizo à morte, naõ terà que temer, quando for julgado; porque tam benignamente serà por Deos julgado, como se naõ fora. Examinemos continuamente as nossas consciencias: chamemos a juizo todas as nossas acçoens, e approvemos as que forem boas, para continuarmos nellas; condenemos, e castiguemos as que naõ forem justas, e boas; porque sendo Deos a summa rectidaõ, e justiça, naõ nos imputarà as culpas, que huma vez foraõ jà por nòs condenadas, e castigadas, e perdoadas por sua Misericordia, mediante o nosso arrependimento. Bem he verdade, que essas mesmas culpas, castigadas por nòs, e perdoadas por Deos, sempre seraõ revistas no Tribunal Divino; mas só para se ratificar o perdaõ, e naõ para se condenarem à pena; porque desta nos absolveu o nosso anticipado juizo: *Si nos metipsos dijudicaremus, non utique judicaremur.*

V. S. Fráncisc. de Sales intr. à la vid. dev. cap. 15. pag. 24. in fine.

Molina de la Oracion part. 2. tract. 1. fol. 297.

1. ad Corint. c. 11. v. 31.

51 Se

51 Se nòs levarmos este juizo adiantado, e anticipado à morte, naõ havemos temer a incerteza da sentença no Juizo de Deos; antes nos podemos certificar, que no Tribunal Divino teremos a coroa da Gloria como infallivel. Saõ Joaõ vio no Apocalypse hum cavalleiro, que quando sahia para vencer, jà hia vencedor, e levava jà a coroa do triunfo: *Data est ei corona, & exivit vincens ut vinceret.* Este vencimento he no instante da morte; porque atè entaõ peleja o nosso espirito, estando indeciza a victoria. Nesse ponto final da vida, ou se perde, ou se alcança a coroa do triunfo: *Ex triumpho in morte corona*: diz Pinciano. E quem tanto asseguron a este cavalleiro triunfar na morte, que a ella entrou vencedor jà? *Exivit vincens?* Sahindo para pelejar, com tanto risco, como levava jà a coroa da victoria? *Data est ei corona?* Apoc. 6. v. 2. Pintian. tom. 5. T. 9. D. 3. n. 12.

52 Temos a resposta no Texto. Este cavalleiro sahio montado levando huma balança a diante: *Habebat stateram in manu sua*; e depois se seguia a Morte: *Et ecce equus pallidus: & qui sedebat super eum, nomen illi Mors.* A balança significa o Juizo de Deos, e a sua Justiça, diz Saõ Clemente Alexandrino: *Statera est Justitia Dei, qua dependuntur bona, & mala, & etiam judicium*; e quem antes da morte, anda com a balança do juizo na maõ: *Habebat stateram in manu sua*; quem antes da morte peza, e examina as acçoens de sua vida, naõ tem que temer a incerteza do juizo, quando chega a morte; porque vindo esta depois, he a tempo, que a coroa da Gloria jà està certa. Morte primeiro, e depois Juizo, he muito para se temer, pela incerteza da sentença; porèm Juizo a diante, e a traz a morte: Juizo primeiro, *habebat* Apoc. 6. v. 5. v. 8. D. Clem. Alex. ad hor. ad Gent.

ſtateram, e a morte muito depois: *Equus palidus, & qui ſedebat ſuper eum nomen illi Mors*; iſſo he naõ ter que recear no Juizo de Deos, iſſo he levar o pleito vencido, e a coroa da Gloria certa: *Data eſt ei corona, & exivit vincens ut vinceret.* Abracemos eſte remedio, tam facil como efficaz. Examinemos as noſſas vidas, e as noſſas obras: examinemos as noſſas palavras, e os noſſos penſamentos. Emendemos, e caſtiguemos, o que no Juizo de Deos nos poderà acuzar, e ſeremos livres daquelle temor, que tanto affligeaos agonizantes: *Torquentur enim timore.*

§. IX.

53 OUviſtes quais ſaõ as agonias; que tiraõ todo o rifregio na morte: *Non eſt refrigerium in fine hominis.* Tendes tambem ouvido os meyos, de naõ padecer eſſas agonias. Procuray com efficacia applicar eſtes meyos à aquelle fim terrivel, do qual naõ pòde haver izençaõ. Perdey o amor a todo o vizivel, para que na morte naõ ſintaes o ſeu apartamento. Em vida morrey para o Mundo, e naõ podereis ſentir as dores da morte. Julgay todos os dias a voſſa vida, e ſerà para vòs o Juizo de Deos muy pio. E ſe alguem imagina, que com os divertimentos do Mundo, conſeguirà feliz morte, infallivelmente erra: *Cogitaverunt, & erraverunt.*

SER-

SERMAM XI.

NA TARDE DA Quarta Dominga DA QUARESMA.

Cogitaverunt, & erraverunt. Sap. 2.

§. I.

1 VIO Saõ Joaõ aquelle myſterioſo livro, fechado com ſette ſellos, e diz o Texto do Apocalypſe, que quando o quarto ſello ſe abrio, bradàra huma voz pelo Euangeliſta, para que chegaſſe, e viſſe: *Et cum aperuiſſet ſigillum quartum, audivi vocem quarti animalis dicentis, veni, & vide.* Apoc. 6. v. 7. Chegou pois o Euangeliſta; e que vio? A Morte, e o Inferno, que logo ſe lhe ſeguia: *Equus pallidus, & qui ſedebat ſuper eum, nomen illi Mors, & Infernus ſequebatur eum.* v. 8. Parece-me, que eſtà ſoando em noſſos ouvidos aquella quarta voz; porque me parece, que eſtou vendo huma reprezentaçaõ daquelle quarto ſello, ou daquelle quarto myſterio.

2 Chegamos à Quarta Dominga, ouviremos nella a voz do quarto Sermaõ, no qual tenho de vos reprezentar o Inferno depois da Morte. Na Dominga paſſada fizemos a ponderaçaõ ſobre a Morte: *Nomen illi Mors.* Segue-ſe o Inferno, para ſe ponderar neſta Dominga: *Infernus ſequabatur eum*; por ſer eſte o quarto ponto, em que, diſcurſando com acerto, errараõ os peccadores: *Non eſt qui agnitus ſit reverſus ab Inferis.*

3 Todo aquelle pois, que deſeja emendar a vida, e conſeguir o Ceo, venha, e ouça eſta quarta voz, venha, e veja o que nella ſe reprezenta; porque a ponderaçaõ do Inferno, he muy util para ſe alcançar a Gloria: *Nihil tam utile eſt, quam de gehenna Sermocinari*; dizia Saõ Joaõ Chryſoſtomo.

Chryſ. hom. 2. in Epiſt. 2. ad Theſal.

4 Enſinaõ alguns Filoſofos, que a abominaçaõ do mal naſce do amor do bem; porque o bem, que ſe ama, he a cauſa final de aborrecermos o mal. Dizem, que por iſſo abominamos a morte; porque amamos a vida: e por iſſo fugimos de qualquer mal, pelo amor, que temos a todo o bem. Mas na materia da ſalvaçaõ, começamos por muy diverſa Filoſofia; porque he muy ſobrenatural eſta materia. Os peccadores, e imperfeitos naõ fogem do mal pelo amor do bem. Antes pelo contrario; porque fogem do mal, que temem; por iſſo buſcaõ o bem, que devem amar. *Timor Dei initium dilectionis ejus.* Daqui naſce, que os Padres com Saõ Jeronymo, e Santo Agoſtinho, chamàraõ ao temor do Inferno, temor iniciativo; por ſer eſte temor o principio, com que os mundanos ſe movem a deteſtar os vicios, e ſolicitar o Ceo pelo caminho das virtudes.

Eccl. 25. v. 16.

5 Eſta foy ſem duvida a altiſſima Providencia, com

com que ordenou Deos a Moysés, que em dous montes vizinhos, hum chamado Garizim, e outro Hebàl, se escrevesse, naquelle o premio dos bons, neste o castigo dos màos: *Penes benedictionem super montem Garizim, maledictionem super montem Hebal;* Deuter. 11. v. 29. porque vistas as penas, e os castigos, com que serão atormentados os peccadores, que acabarem na obstinaçaõ; logo se buscaõ as glorias, e premios, que aos justos saõ promettidos.

6 Bem sey, que muitos ponderando nas penas do Inferno, perseveràraõ ainda em seus erros: *Cogitaverunt, & erraverunt;* porque levados de huma, quasi diabolica desesperaçaõ, passáraõ a vida em deleites, como fartando-se, antes que lhes sobreviessem as penas: *Venite ergo, & fruamur bonis, quæ sunt.* Porèm, eu espero em Deos, pelos merecimentos de Christo, melhor successo: e com sua ajuda, hey de ponderar primeiramente, que as penas do Inferno seraõ eternas, porque dellas ninguem resurgirà: *Et non est, qui agnitus sit reversus ab Inferis.* Mas daqui em segundo lugar, havemos deduzir huma resoluçaõ de emendar as vidas, para fugirmos da eternidade daquellas penas. Tiraremos assim grande fructo da mesma ponderaçaõ, em que erràraõ outros: *Cogitaverunt, & erraverunt.*

§. II.

7 TRatando Santo Agostinho do peccado original, primeira porta desta larga estrada do Inferno, dizia profundamente assim: *Hoc peccato antiquo, nihil est ad prædicandum notius, nihil est ad intelligendum dum secretius,* Nem huma cousa D. Aug. lib. de morib. Eccles. cap. 22.

ha

ha mais facil de se prègar, nem mais difficultosa de se entender, do que a culpa, que como herança nos ficou do nosso primeiro Pay. Porèm se passarmos da culpa a ponderar na pena, diremos, que o Inferno, pelo contrario, he facil de se entender, e difficultoso de se prègar. De se entender he facil; porque pede a razaõ, e a Justiça, que para os criminosos haja castigo, e lugar destinado para a execussaõ delle. Naõ fora bem ordenada a Republica, em que faltasse a pena para os delictos, e o carcere para os delinquentes. Comtudo, he o Inferno difficultoso assumpto para se prègar; porque ninguem sabe explicar com clareza, nem persuadir com efficacia as penas, que no Inferno padecem os condenados. Nem o entendimento penetra a vehemencia das penas do Inferno, para as declarar; nem cà no Mundo ha tormentos, onde os do Inferno achem comparaçaõ, para se perceberem.

8 Quanto cà se diz do Inferno, he quando muito huma sombra do que se padece nelle. Ouvis cà dizer, que no Inferno ha fogo, em que os condenados se abrasaõ: e he assim; porque assim o dizem as Escrituras: *Devoravit eos ignis.* Cuidareis porèm, que serà esse fogo do Inferno, como este, que no Mundo queima. Sem duvida vos enganaes, porque o fogo da terra comparado com o do Inferno, he como o fogo pintado à vista do natural. Assim o prègava o Martyr Saõ Sebastiaõ; porque hum Anjo lho ensinou assim. O mesmo ensinaõ Santo Agostinho, e o Doutor Extatico Dionysio Cartusiano: e mais que tudo quanto nesta materia persuadem os Santos Padres, assim o prègaraõ alguns condenados, que

Psal. 20. v. 10.

Apud Carth. de 4. novis. art. 3.

que por Divina disposiçaõ apparecerão neste Mundo, para testemunhas do que se padece no Inferno.

9 O que eu tenho por indubitavel he, que só os condenados sabem; e pòdem dizer o que o Inferno he, porque o experimentaõ: toda a mais intelligencia humana, por mais que apure a especulaçaõ, sempre alcançarà muy pouco, e dirà menos do que a materia pede: *Quidquid dixeris, minus dicis*, conclue Santo Agostinho. D. Aug. in Ps. 69.

10 Eu precisado da ordem, que sigo na materia destes Sermoens, devo discorrer neste sobre o Inferno; mas por naõ exceder o que nos aponta aquella ponderaçaõ que faziaõ os peccadores, huma só cousa hey de ponderar. Observàraõ elles com acerto, que a condenaçaõ dos reprobos serà por toda a eternidade; porque nem hum delles ha de resurgir do Inferno: *Et non est qui agnitus sit reversus ab Inferis.* Nòs tambem nesta ponderaçaõ do Inferno, atenderemos unicamente, para a eternidade de suas penas

§. III.

11 POr certo que naõ comprehenderemos pouco do Inferno, se lhe fizermos ajustado conceito da eternidade; porque nelle naõ ha mayor, nem igual tormento. Ha no Inferno fogo, que abraza sem consumir. Ha regello, que corta, sem ferir. Ha dores de morte continua, que naõ tira a vida. Saõ no Inferno atormentados os olhos com as vistas dos Demonios, tam horrendos, que apparecendo hum a Santa Catharina de Sena, dizia ella depois, que antes queria pizar todo o Mundo, coberta

coberto de ardentes brazas, do que topar com a vista do Demonio por muy breve espaço. Os ouvidos estaõ incessavelmente atordidos com trovoens, e terremotos: e muito mais com os gemidos dos padecentes, com as desesperadas vozes dos condenados, e com os furiosos gritos de infernaes algozes. O olfato padece hum fedor tam asqueroso, e intoleravel, que junta a corrupçaõ toda da natureza, o naõ poderà igualar. O gosto, segundo està dito por Jeremias, tem o seu manjar em amargura, e fel: e tem por bebida fogo liquido, e derretido enxofre, como diz David. O tacto està cheyo de todas as dores internas, e externas, que saõ possiveis em hum corpo humano.

12 Alèm de tantos corporaes tormentos, a desesperaçaõ, a inveja; a ira, o odio, e todas as mais payxoens da Alma, estaõ em ardente grào, contra os condenados mesmos, e tambem contra aquelles a quem no Mundo amàraõ, e naõ menos contra os pays, de quem receberaõ o ser; praguejando a huns, e amaldiçoando a outros: e o que mais he, contra Christo, que os remio, e contra Deos que os creou; blasfemando da sua Justiça, e proferindo opprobrios contra a sua Misericordia. O remordimento da consciencia propria, sempre os estarà acuzando, e atormentando, pois conheceràõ com evidencia, que por sua culpa, e obstinaçaõ perderaõ a Bemaventurança, que ao mesmo tempo outros estaõ gozando na gloria. E sobre tudo, quem poderà exprimir aquella pena insofrivel dos condenados, vendose irremediavelmente privados do seu ultimo fim, e do seu summo bem, que consiste na clara vista de Deos?

13 Mas

13 Mas ainda assim, todos estes males que ouvistes, e muitos outros que ha no Inferno, seriaõ leves, e sem comparaçaõ limitados, se fora possivel tirar-lhes a eternidade. Esta he de cada hum dos tormentos a principal amargura; porque nem hum delles seria tam insofrivel, se naõ fora eterno. Nem o fogo infernal, nem todos os tormentos juntos, tanto affligem hum condenado, quanto os atormenta a consideraçaõ, de que ha de ser eterna a sua infelicidade. Ouvi ao grande Carthusiano, que neste ponto excedeu a todos na ponderaçaõ, e doutrina: *Infernale incendium non affligit tam graviter infelicissimos illos, quantum affligit eos consideratio, qua attendunt, & cogitant, se in tot, & tantis tormentis perpetuo permansuros.* Dion. Cart. de 4. nov. art. 37.

14 Fingi là na vossa idèa hum monte de area tam grande, como todo o Mundo, e que passados cem mil annos, se tirava de area hum só graõ: e outro graõ de area, depois de outros cem mil annes: e assim mais em cada seculo de millenarios. E fingi tambem, que totalmente desfeito esse grande monte de area, haveria fim, para as penas dos condenados. Em tal caso, esta consideraçaõ bastaria, para muito lhes deminuhir o tormento, e dar a todo o Inferno graviſſima consolaçaõ, diz o Doutor Extatico, e diz bem; porque aos condenados o que mais atormenta, naõ he a atrocidade de suas penas, he a certeza de que os seus tormentos seraõ eternos, sem esperança alguma na Misericordia Divina, como bem reflectio Santo Agostinho: *Sine spe veniæ, & Misericordiæ, quod est miseria super miseriam.* Dion. Cart. cit. art. 38. D. Aug. tom. 3. c. 56.

15 Duvi-

Cum non posſit eſſe infinita pœna per intentionem, quia creatura non eſt capax alicujus qualitatis infinitæ requiritur quod ſit ſaltem duratione infinita Divi Thom. in ſupplem. quæſt. 99. a. 1. in corp.

15 Duvidou Origines, que as penas dos condenados hajaõ de ſer eternas; porque lhe pareceu, que huma creatura tam vil, e tam fragil como he o homem, naõ pòde ſuſtentar em ſi huma pena infinita, qual he a da eternidade; ainda que de juſtiça, qualquer peccado mortal pede naõ menor caſtigo. He certo porèm, que neſte ponto, aſſim como em outros, errou Origines. A meſma vileza da creatura, e a infinita injuria que contra Deos commette, quando mortalmente o offende, de juſtiça eſtaõ requerendo, que a pena ſeja, quando menos, infinita na duraçaõ: como bem prova Santo Thomàs, e nòs o provaremos tambem, para ſatisfaçaõ do preſente aſſumpto: *Non eſt qui agnitus ſit reverſus ab Inferis.*

D. Greg. Pap.

16 Na doutrina de Saõ Gregorio Magno, fallaõ os homens da eternidade, aſſim como hum cego pòde fallar da luz: *Cum homo de æternitate diſſerit, cæcus de luce loquitur.* He porèm certo entre os Santos Padres, e Theologos, que a eternidade he hum ſer, ſempre permanente, e invariavel, todo ſimultaneo, e ſem fim: *Interminabilis vitæ tota ſimul, & perfecta poſſeſſio*; definio Boeſio. Nas penas dos condenados ſe achaõ eſtas circunſtancias todas. Carecem de fim; porque naõ haõ de acabar. Saõ permanentes; porque os tormentos do Inferno eſtaõ ſempre em hum ſer, ſempre eſtaõ preſentes, e nunca paſſaõ. Ultimamente ſaõ ſimultaneas; porque todos os tormentos da eternidade eſtaraõ ſempre juntos, e unidos em qualquer inſtante della. Vamos com diſtincçaõ ponderando eſtas circunſtancias.

Boet de conſ. an.

§. IV.

§. IV.

17 SEm fim seraõ os tormentos dos condenados. Oh que concluſaõ, tam infallivel! Oh que concluſaõ tam terrivel! Depois que hum condenado padecer mil annos, dirà: *Nunc cæpi*: comecey agora. Porque eſtarà tam longe de dar fim aos ſeus tormentos, que eſtarà entaõ no principio delles. Paſſarà outros mil annos, e ſempre eſtarà no principio de ſuas penas, nunca lhe chegarà ao fim; porque eſſes mil annos paſſados jà, nem hum ſó inſtante deminuem na eternidade. Em fim padeceràõ os condenados para ſempre, padeceràõ eternamente, porque padeceràõ ſem fim. A razaõ mais perceptivel, e intrinſeca deſta concluſaõ ultima, he; porque nem as penas do Inferno haõ de acabar para o condenado, nem eſte ha de acabar para as penas. Padeceu Job, e padeceu Lazaro, e acabàraõ ambos de padecer. As penalidades de Job ſe acabàraõ para elle; porque o deixàraõ de atormentar. Lazaro acabou para as ſuas; porque acabou de penar, acabando a vida. Porèm os condenados à pena eterna, nem de huma, nem de outra ſorte, veraõ fim para os ſeus tormentos; porque nem huns, nem outros acabaràõ. Pſal. 76. v. 11.

18 As penas naõ acabaràõ para os condenados; porque diſpoz Deos, que as penas do Inferno durem para elles eternamente: *Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur*, diz Iſaias. *Fumus tormentorum ejus aſcendet in ſæcula ſæculorum*, ſe eſcreve no Apocalypſe. Buſcaràõ, e deſejaràõ os condenados ver o fim de ſuas penas, e nunca o poderàõ deſco- Iſai. 66. v. 24. Apocal. 14. v. 11.

descobrir; porque sempre haõ de estar no principio dellas.

19 Profetisou David, que os peccadores andaràõ em hum continuo gyro, em hum perpetuo circulo: *In circuitu impii ambulant.* Com mais propriedade para o intento, lemos no Texto Grego, e Original Hebraico: *In circuitu impii ambulabunt.* E declara o Rey Profeta, que o Inferno serà o lugar onde os peccadores se moveràõ no seu gyro, e circulo incansavel: *In circuitu impii ambulabunt secundum altitudinem tuam*; ou como outros expõem: *Secundum altitudines Satanæ.* Este Texto parece, que com outro se està contradizendo; porque segundo lemos em Saõ Mattheus, hum dos tormentos graves que no Inferno ha para os reprobos, he a prisaõ, que os tem alligados ao lugar, que se destina, para as penas de cada hum: *Ligatis manibus, & pedibus; mittite eum in tenebras exteriores.* Isso muito dantes tinha dito o mesmo David: *Pluet super peccatores laqueos.* Pois se estaõ immoveis, como andaõ em gyro? *In circuitu impii ambulabunt?* Para que neste circulo se veja a eternidade de seus tormentos.

Pſ.11.v. 9.

Genebr. apud Pintian. tom.1. T. 1. Did.12. n.10.

Mat.22. v.13.

Pſ.10. v.7.

20 Naõ fallou o Profeta neste gyro, para nelle declarar algum local movimento nos condenados; mas para explicar a qualidade das suas penas. Tomay hum circulo, determinay-lhe principio em alguma parte delle, e vereis, que quanto mais vos fores apartando desse principio, para lhe buscares o fim, tanto mais voltareis para o principio de onde vos apartastes. Esta he tambem a razaõ, e a propriedade, com que nos diz o Texto, que os condenados andaõ em hum circulo: *In circuitu impii ambulabunt*; porque quando os muitos seculos de tormentos podiaõ

diaõ perſuadir-lhes, que as ſuas penas tinhaõ já fim, entaõ as achaõ principiando. Diz Lactancio Firmiano, que a eternidade he hum perpetuo principio, e nem hum fim. Proprio, e ajuſtado conceito das penas de hum condenado! Naõ acabaõ para o condenado: eſtaõ principiando ſempre: e quando podiaõ os deſgraçados reprobos entender que lhes chegaõ ao fim, eſtaõ, e ſempre eſtaraõ no principio dellas: *In circuitu impii ambulabunt, ſecundum altitudines Satanæ.*

21 Diſſera eu, como Santo Agoſtinho já diſſe, que Deos por ſua Miſericordia, naõ condena os reprobos a toda a pena merecida por ſuas culpas; e a razaõ alèm da que deu o Santo (bem ſabida dos Theologos) he; porque nem hum condenado chegarà a padecer quanto merecem os ſeus peccados. Padecerà o condenado hum ſeculo, e muitos milhoens de ſeculos: e naõ poderà dizer, que tem já padecido toda a pena de ſeus delictos; porque como nunca ha de ter fim a ſua pena, nunca terà padecido toda a pena condigna de ſuas culpas. Terà, quando muito padecido ſó alguma parte dos ſeus tormentos. Vide ſequentem num. 24.

22 Deſejando o Real Profeta, que ſaibaõ os homens, qual ſerà o caſtigo, com que Deos ha de punir os reprobos no Inferno, diſſe, que ſobre elles choverà priſoens, fogo, enxofre, rayos, trovões, e tudo o mais com que ſe formaõ tam horrendas as tempeſtades: e logo declarou, que tanta pena junta, ſerà naõ mais que huma parte do ſeu Caliz, ou ou do ſeu caſtigo: *Pluet ſuper peccatores laqueos, ignis, & ſulphur, Spiritus præcellarum, pars calicis eorum.* Pſal. 10. v. 7.
Pois ſe para os condenados o Inferno inteiro he ſó

parte dos tormentos; *pars calicis*; qual ſerà o todo? Entre os Filoſofos he ſabido, que a parte diz ordem, e reſpeito neceſſariamente para o ſeu todo: declarando pois David parte da pena dos reprobros, porque naõ declara tambem, qual ſerà a pena toda dos condenados? A razaõ bem manifeſta, he; porque no Inferno, em nenhuma duraçaõ, pòdem ver os condenados a ſua pena toda. Sò haõ de experimentar, e padecer alguma parte della: *Pars calicis eorum.* Hum todo comprehende em ſi inteira, e completamente as partes, que lhe pertencem; e as penas todas do Inferno he impoſſivel, que em alguma duraçaõ ſe poſſaõ comprehender, ou recopilar. Por mais, que ſe padeça, ainda reſtarà infinitamente mais para ſe padecer: e nem ainda em todos aquelles ſeculos, que pòdem caber no entendimento creado, padeceràõ os condenados, mais que huma parte dos tormentos merecidos por ſeus delictos: *Pars calicis eorum*: e ao fim delles nunca chegaràõ.

Pſal.74. v.9. 23 Vio David na maõ de Deos hum Caliz: *Calix in manu Domini vini meri plenus miſto*: E ſe compararmos eſtas palavras do Pſalmiſta com outras, ou com as meſmas repetidas no Apocalypſe, acharemos, que eſte caliz he o da ira de Deos, e dos tormentos do Inferno, com que ſaõ os reprobos caſtigados. Ouvi o Texto: *Bibet de vino iræ Dei, quod miſtum eſt mero in calice iræ ipſius, & cruciabitur igne, & ſulphure.* Deſte Caliz pois, que a maõ de Deos preparou pela Divina Juſtiça, para caſtigo dos peccadores, diz aſſim David: *Inclinavit ex hoc in hoc, verumtamen fæx ejus non eſt exinanita, bibent omnes peccatores terræ.* Tomou Deos em ſua maõ hum Caliz cheyo, para o repartir por todos os peccadores

Apoc.14. v.10.

Pſal.74. v.9.

da

da terra. Deu a hum: deste passou a outro: *Inclinavit ex hoc in hoc*, e assim o irà destribuindo por todos os mais peccadores: *Bibent omnes peccatores terræ.* As fezes porèm desse caliz, naõ ficaràõ esgotadas: *Verumtamen fæx ejus non est exinanita.*

24 Este lugar ainda que com tanta propriedade explicado, me deixa, em que reparar; porque se entre os peccadores todos, que saõ sem numero, se repartio esse caliz, como de todo se naõ exhauriraõ as amarguras delle? *Fæx ejus non est exinanita?* Deos ainda no castigo dos reprobos, he pio, e misericordioso; porque sempre as suas culpas na deformidade excedem o pezo todo das penas: *Misericordia habet locum; in quantum citra condignum puniuntur*: diz Santo Thomàs. Pois com que improporçaõ, e demazia, preparou Deos tam vasto Caliz, que nem todos os peccadores juntos o chegaõ a esgotar, e exhaurir as fezes? Porque hum caliz naõ se pòde exhaurir de todo, sem que se lhe chegue ao fim; e ao caliz dos peccadores, que he o agregado de todas as penas do Inferno, nunca se verà o fim, por mais que se lhe bebaõ as fezes. *Bibent omnes peccatores terræ; verumtamen fæx ejus non est exinanita.* Admiravelmente o Veneravel Bispo Christopolitano: *Ira Dei nunquam evacuabitur pro damnatis; quia semper calix iræ Dei, habet aliquid fæcis ad puniendos injustos.*

Divi Thom. in supplem. q. 99. art. 1.

Valentia in hunc locum.

25 Parece-me esta tremenda eternidade de penas, contra a mesma natureza da eternidade. A razaõ de assim me parecer, he; porque a eternidade em si he indivisivel, e em qualquer minima parte della està a eternidade toda: *Tota simul, & perfecta possessio.* Entrando pois hum desgraçado reprobo às penas do Inferno, devia comprehender a eterni-

dade inteira em qualquer instante della; mas contra a indivisivel natureza da eternidade, nunca chegarà a vencella toda. Depois de muitos, e muitos seculos, estarà outra vez no principio de suas penas: *In circuitu impii ambulabunt.* Nunca passarà de ter penado huma limitada parte de seus tormentos: *Pars calicis eorum*; nem poderà chegar ao fim de suas penas: *Fæx ejus non exinanita*; porque essas penas da eternidade nunca haõ de ter fim, nem se haõ de acabar para o condenado: *Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur. Fumus tormentorum ejus ascendet in sæcula sæculorum.*

§. V.

26 TAmbem o condenado naõ acabarà para as penas. He o que disse expressamente Job: *Luet iniquus, quæ fecit omnia, nec tamen consumetur.* Oh, e quanto dera hum condenado, para de todo acabar, de sorte que a Alma tambem expirasse nelle, por dar fim aos tormentos da eternidade! Quanto desejarà desesperado, de sua parte acabar para as penas, jà que naõ acabaõ as penas para elle! Mandou Tiberio prender a hum Cavalheiro illustre, o qual depois de passar muitos annos na prisaõ, conhecendo que della naõ sahiria mais, rogava ao Emperador, que lhe desse a morte. Como vio, que para elle naõ havia de acabar a prisaõ, solicitou que o acabassem a elle para a prisaõ. Com mais causa, e com mais urgencia, ditosos seriaõ os malaventurados, se poderaõ as suas Almas expirar no Inferno; porque assim acabariaõ de padecer essa eternidade de penas.

Job 20. v. 18.

Suet. in ejus vit.

27 Diz

27 Diz o Livro do Apocalypse, que no fim do Mundo desejaràõ os homens morrer, e andaràõ embuſca da Morte: *Quærent homines Mortem, & non invenient eam, & deſiderabunt mori, & fugiet Mors ab eis.* Oh que tam calamitoſos dias! Se hoje ha nos homens tanto amor à vida, como entaõ haverà tanto deſpreſo della? Porque (diz o Texto) neſſes dias ultimos, ſahirà do Inferno huma praga de gafanhotos, naõ para que matem os peccadores, mas para que os perſigaõ, e atormentem por cinco mezes: *Datum eſt illis, ne occiderent eos, ſed ut cruciarent menſibus quinque.* E baſtarà eſſe pouco tempo de infernaes tormentos, para que deſejem morrer, e acabar os atormentados. Baſtaràõ huns gafanhotos do Inferno, para que ſeja a morte mais apetecida, que a vida. *Quærent homines mortem; & deſiderabunt mori.*

Apoc. 9. v. 6.

Ibid. v. 6.

28 Diſcorrey agora, quantas vezes no Inferno, vendo os condenados, que as penas ſe naõ acabaõ, e que os tormentos haõ de ſer eternos, deſejaràõ morrer? *Deſiderabunt mori.* Quantas vezes vendo-ſe atormentados, naõ por gafanhotos, mas pelos Demonios, buſcaràõ eſſes deſgraçados a morte? *Quærent homines mortem?* E que lhes acontecerà? O meſmo que no fim do Mundo ſuccederà. Naõ acharàõ a Morte; porque eſta lhes ha de fugir, para que naõ tenhaõ a felicidade de acabar para as penas: *Non invenient mortem, & fugiet mors ab eis.*

29 No Mundo (quando acabar) pòde ſer aſſim; mas no Inferno, como poderà ſer, que ſe naõ ache a Morte? No Apocalypſe lemos, que o Inferno fez ſociedade com a Morte, e que eſta fez a ſua moradia no Inferno: *Et Infernus, & Mors, miſſi ſunt in ſtagnum*

Apoc. 20. v. 14.

ſtagnum ignis. Logo facilmente ſe encontrarà a Morte no Inferno, e morrendo poderàõ acabar os condenados para os tormentes. Oh, quanto eſtimàraõ elles ſe aſſim fora! No Inferno ſim ha morte; para que nem eſſa miſeria là falte; mas he morte para atormentar, naõ he morte para matar. He morte que naõ tira a vida, tam inſofrivel; antes com os ſeus tormentos ſuſtenta os condenados, para que naõ acabem de padecer.

30 Diz David, que no Inferno eſtaõ poſtos os condenados como ovelhas, e accreſcenta, que o paſtor dellas he a Morte: *Sicut oves in Inferno poſiti ſunt, Mors depaſcet eos.* Ouçamos tambem a Santo Agoſtinho, que na vida, e na Doutrina foy outro David: *Tanquam oves in Inferno Mortem habent paſtorem.* Naõ ſey ſe neſta metafora, fallou David com propriedade. O paſtor alimenta as ſuas ovelhas, e todo o cuidado poem, em lhes augmentar a vida. A Morte, pelo contrario, he a deſtruiçaõ da vida. Pois como poderà ſer paſtor a Morte? Certamente fora a comparaçaõ impropria, ſe David fallàra do paſtor, e das ovelhas cà da terra; mas fallava do paſtor, e ovelhas infernaes: *Sicut oves in Inferno*: e là onde as ovelhas ſaõ os condenados, a Morte juſtamente lhes ſerve de paſtor; *Mors depaſcet eos*; porque no Inferno a Morte naõ quer matar: antes eſtà nutrindo com penas a duraçaõ eterna dos condenados, para os matar de ſorte que lhes naõ tire a vida: *Sine Morte occide*: diz o meſmo Santo Agoſtinho.

Pſ. 48. v. 15.

D. Aug. Conc. 2. in Pſ. 48. in init.

D. Aug. Serm. 26. ad Frat. in erem.

31 No Inferno padecem os condenados a morte, como ſe naõ fora morte: *In eis mors ſine morte*, diz o Carthuſiano Extatico. E como naõ ſerà morte, ſendo Morte? Direy a Morte no Inferno, he Morte; porque

Dion. Carth. de 4. noviſ. art. 41.

porque a tormenta, como se matára. Naõ he morte; porque naõ ha de acabar aos condenados, que està matando: *Mors sine morte.* He morte; porque mais que mortalmente affligе aos condenados; e naõ he morte; porque os conserva, quando os mata; e os alimenta, quando os consome: *Sicut oves in Inferno positi sunt, Mors depascet eos.*

32 A mesma qualidade da infernal morte, imitaõ as penas do Inferno; porque ao mesmo ponto, em que deviaõ tirar a vida immortal da Alma, lha estaõ nutrindo, e conservando; para eternamente a estarem atormentando; servindo-lhe juntamente de nutriçaõ, e tormento. Diz Deos por Jeremias, que as amarguras, e as penas, seraõ comida, e bebida, para os condenados: *Cibabo eos absynthio, & potabo eos felle.* Castigo, na verdade, com proporçaõ, e justiça! Porque se no Mundo viveraõ sequiosos de vicios; se na vida tragavaõ enormes culpas, com a mesma facilidade com que bebiaõ hum copo de agua: *Bibunt iniquitatem, quasi aquam:* no Inferno, bem he, que comaõ, e bebaõ tormentos, e se alimentem de penas: *Cibabo eos absynthio, & potabo eos felle.* Jerem. 23. v. 15. Job. c. 15. v. 16.

33 Mas ainda persiste a duvida. E poderà ser comida o que he pena; e bebida, o que he tormento? Sim. Todo o alimento conserva, ou augmenta a vida. Assim as penas do Inferno; naõ acabaõ o condenado, antes o conservaõ, para que naõ cesse de padecer; nem acabe para as penas, jà que as penas nao acabaõ para elle: *Cibabo eos absynthio, & potabo eos felle.* A pena, porque naõ acaba, atormentarà sem fim: o condenado, porque naõ ha de acabar, padecerà para sempre: e por toda a eternidade,

naõ resurgirà do Inferno: *Et non est qui agnitus sit reversus ab Inferis.*

§. VI.

34 Alèm de naõ ter fim a eternidade, he permanente, e toda simultanea. Permanente; porque nunca passa, nem tem mudança. Simultanea; porque em si compreende todas as partes imaginaveis, de que consta. Por isso naõ ha na eternidade preterito; porque o ser della he permanente: nem futuro; porque como he simultanea, o que em algum tempo ha de ser, jà existe na eternidade.

35 Desta mesma natureza saõ tambem as penas do Inferno. Saõ permanentes; porque nunca passaõ: estaõ sempre immoveis, e invariaveis em hum mesmo ser. Saõ simultaneas, todas estaõ juntas; porque nesta hora, e em qualquer instante, padece no Inferno cada hum dos condenados, naõ só todos os tormentos, que padeceu jà; mas tambem todos quantos tormentos ha de padecer ainda. Em Caim, Faraõ, Judas, e nos mais habitadores da regiaõ do Inferno, estaõ juntas, ainda hoje, todas as penas, que padecèraõ jà; porque como saõ permanentes, naõ passáraõ. Tambem estaõ padecendo as penas, que ainda tem para padecer; porque como as penas do Inferno saõ simultaneas, e estaõ juntas, as que haõ de atormentar depois necessariamente atormentaõ jà.

36 Esta verdade he tam evidente, que com a razaõ se póde mostrar, e persuadir. Notay. Se no Inferno as penas de hontem, jà naõ durassem hoje; estariaõ hoje os condenados livres das penas, que padeceraõ hontem. Da mesma sorte, se as penas de

à ma-

à manhãa naõ estiveſſem já atormentando os condenados, estariaõ dellas aliviados hoje. Mas como he impoſſivel haver alivio no Inferno, he tambem impoſſivel, que padeceraõ já, e das que haõ de padecer ainda.

37 Dizia Job, que no Inferno falta toda a ordem: *Ubi nullus ordo.* Assim como faltando a ordem tudo será hum Inferno, assim naõ he poſſivel, que haja no Inferno ordem. E reparo, que nesta ſumma, e universal deſordem, notava Job o maximo horror do Inferno: *Ubi nullus ordo, ſed ſempiternus horror inhabitat.* Oh que profundamente! Declaremos este ſentencioſo dizer. As couſas poſtas em ordem, estaõ humas depois das outras: e naõ ſe póde negar, que fallando em rigor de propriedade, a ſucceſſaõ dos tempos he verdadeira ordem, na qual por diſpoſiçaõ natural, primeiro està o preterito, depois o preſente, e ultimamente o futuro. Da meſma ſorte, a continua ſucceſſaõ das couſas, he ordem, com que no univerſo humas couſas faõ poſteriores a outras. No Inferno porèm diz Job, nem esta ſucceſſaõ continua ſe póde achar; porque já iſſo fora haver alguma ordem no Inferno. As penas là naõ tem ordem: *nullus ordo*; porque o preterito naõ paſſa, e o futuro exiſte. Estaõ no Inferno ſem alguma ordem o preterito, e o futuro, confuſos, e unidos com a preſente; porque as penas, que atormentáraõ já, e as que haõ de atormentar ainda, estaõ atormentando ſempre, ſem diſtinçaõ, e ſem ordem: *Ubi nullus ordo.* Job 10. v. 22.

38 Os males cà do Mundo, quando menos tem eſte bem, que naõ atormentaõ juntos: vem ſucceſſivos para nos affligir; porque as penas, que nesta hora atormentaõ naõ ſaõ as da hora que ſe acabou.

Paſſou

Paſſou a pena com a ſua hora. Seguindo-ſe outra hora, ſeguio-ſe tambem outra pena. Naõ aſſim as penas do Inferno; porque como là naõ paſſa huma hora, nem ſe eſpera outra, tambem as penas nem paſſaõ, nem eſtaõ por vir: eſtaõ deſordenadamente juntas, *nullus ordo*; porque ſaõ eternas, ou ſempre eternas: *Sed ſempiternus horror inhabitat.*

39 Notay agora o como fallou Job, atando maravilhoſamente o ſeu diſcurſo. Diz, que o naõ haver ordem no Inferno, provèm de ſer eterno o ſeu horroroſo tormento: *Nullus ordo, ſed ſempiternus horror.* Pois porque as penas do Inferno ſaõ eternas: *Sempiternus horror*; Por iſſo naõ ha de haver ordem no Inferno: *Nullus ordo*? Sim. No eterno tudo exiſte junto ſem ſucceſſaõ de tempo: pois ſe as penas do Inferno ſaõ eternas, bem ſe ſegue que eſtaõ juntas, ſem ordem, ou ſucceſſaõ alguma entre ſi. As que foraõ, as que ſaõ, e haõ de ſer ainda, eſtaõ permanentes ſempre, e ſimultaneas por toda a eternidade: *Nullus ordo, ſed ſempiternus horror.*

40 Oh que tam inſoportavel tormento! Padecer ſem fim, he pena infinitamente grave; mas padecer tam invariavelmente, que a preſente pena, ha de durar ſempre; a que jà ſe padeceu, fica ſempre fixa; e a futura jà ſe anticipa! Eſtar padecendo ſempre, naõ ſó o que ſe padece agora, mas tambem o que ſe padeceu jà, e o que ſe ha de padecer ainda! Desfallece o entendimento ſó com a ponderaçaõ deſta pena, reconhecendo que ſaõ ſimultaneas, e invariaveis todas as partes della; mas he preciſo, que ainda nos detenhamos neſta conſideraçaõ; porque ainda ha mais que deſcobrir, e que inveſtigar neſte agregado permanente, e ſimultaneo de eternas penas.

41 Juntos

41 Juntos, e invariaveis ao mesmo tempo estaõ todos os tormentos da eternidade: e naõ só juntos, e invariaveis a respeito do tempo; mas tambem a respeito da parte, que atormentaõ. Na Alma, que he indivisivel, assim pede a razaõ, que seja. Tambem em qualquer parte do corpo de hum condenado, estaõ, e estaraõ todas as penas juntas, para o atormentarem. Nesta vida cada huma das partes do nosso corpo, sente só as dores que ha nella. Nem os olhos sentem a dor dos braços: nem o peito as dores da lingua. Naõ assim no Inferno. Padece là qualquer parte do corpo as penas todas, com que as mais partes forem atormentadas. Padecerà a lingua as dores do olhos, do peito, das mãos, e dos pès. Os pès padecem as dores do coraçaõ, dos braços, e da cabeça. As mais partes mutuamente da mesma sorte. Parece, que ha nos condenados huma circuminsessaõ de dores; porque como simultaneas, humas estaõ nas outras, e todas em qualquer parte do condenado.

42 Do Inferno pedia o Avarento huma só pinga de agua, para molhar a lingua, e se refrigerar do incendio, em que ardia: *Mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam ut refrigeret linguam meam: quia crucior in hac flamma.* Pois se o Avarento naõ tinha em si parte, que naõ ardesse nas labaredas do Inferno: *Crucior in hac flamma*; como busca o refrigerio para huma parte sómente? Como naõ pede mais que huma pinga de agua, para tanto incendio? *Ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam.* O certo he, que o Avarento sabe o que pede. Assim soubera elle no Mundo dar a Lazaro, como do Inferno soube pedir a Abraham, Luc. 16. v. 24.

Abraham. Experimentava eſte condenado, que em qualquer parte de ſeu corpo eſtavam juntas as penas todas, que nas mais partes o atormentavaõ: e daqui inferia bem, que para extinguir as penas de todo o corpo, baſtaria extinguillas em alguma parte. Por iſſo para a pagar as chammas de todo o corpo, rogava ſó huma pinga de agua com que molhaſſe a lingua; porque na minima parte della padecia os tormentos de todo o corpo: *Intingat extremum digiti ſui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma.* Tam confuſas, e indiſtintas eraõ as penas daquelle condenado; porque eraõ penas da eternidade, com as quais ſeraõ os reprobos eternamente punidos, ſem que poſſaõ reſurgir do Inferno: *Et non eſt, qui agnitus ſit reverſus ab Inferis.*

§. VII.

43 Eſſ-aqui Fieis, o que he o Inferno, quanto à eternidade de ſuas penas. He hum arder em chammas; naõ por muitos ſeculos, mas para ſempre. He hum padecer por junto invariavelmente todas as afflicçoens do eſpirito, e todos os males do corpo? naõ por todo o tempo (que eſſe alguma vez acaba) mas para ſempre. He hum perder a viſta de Deos, ſummo bem noſſo; mas atè quando? Para ſempre. Eſta pena tam cruel, e tam horrenda, mais he diſpoſiçaõ da Miſericordia, que da Juſtiça Divina; porque o juſtiſſimo fim com que Deos inſtituhio huma eternidade de penas, para caſtigo de qualquer culpa mortal, foy (alèm da rectidaõ punitiva) para que atemoriſados os homens de tam tremendo caſtigo, ſe abſtiveſſem de cahir nas

nas culpas: *Id circo pœnarum æternitatem constituit, ut nos à peccatorum perpetratione comprimeret*: diz Saõ Gregorio Magno. Sempre o castigo foy medicina da culpa. Lembremos-nos pois da pena da eternidade, se desejamos naõ cahir nas culpas. Divi Greg. Mor. lib. 3.

44 Esta tremenda consideraçaõ da eternidade he tam efficaz para temermos o Inferno, como para melhorarmos as vidas. Praze a Deos, seja o fructo deste Sermaõ huma continua memoria das penas eternas; porque será huma estrada facil para a salvaçaõ. Entre a lembrança do Ceo, e a lembrança do Inferno ha huma differença grande. Quem se lembra do Ceo, para elle se encaminha: e quem se lembra do Inferno foge delle. Quem se esquece do Ceo, irà difficultosamente ao Ceo: e quem se esquece do Inferno, vay facilmente ao Inferno. Lembraivos pois da eternidade das penas, se naõ quereis padecer as penas da eternidade: *Ne effugiamus supplicii memoriam, ne supplicio puniamur*: dizia Saõ Joaõ Chrysostomo. Chrysost. hom. in Epist. ad Timot. c. 1.

45 A hum servo seu ordenou Christo, recomendasse às pessoas com quem tratava, que nos aposentos, onde mais ordinariamente se detinhaõ, pozessem duas letras, a saber hum O grande, e outro o pequeno: para que neste vissem a brevidade do temporal, e naquelle a infinita grandeza de eternidade. Esta era a meditaçaõ com que o Redemptor das Almas pertendia lucrallas para o Ceo, e retirallas do caminho do Inferno; porque he certo, que nem hum homem, se naõ he louco, e tem fé para crer nas penas da eternidade, se porà em risco dellas, por huma conveniencia ou gosto, breve, e temporal. *Oh æternitas! Qui te cogitat, nec pœnitet, aut* Ao Veneravel Francisco Yepes, irmaõ de S. Joaõ da Cruz. D. Aug. in Soliloq.

aut certè fidem non habet, aut si habet; cõr non habet; exclamava Santo Agoſtinho.

46 Fieis: tende ſempre na memoria eſte o pequeno, e aquelle O grande. Lembraivos de que a noſſa vida he muy breve, e lembraivos muito mais de que as penas da outra vida ſaõ para ſempre. Naõ largueis eſta conſideraçaõ, que eu vos aſſeguro a emenda de voſſas vidas. Bem he verdade, que muitos fazendo a meſma conſideraçaõ erràraõ; porque continuàraõ em ſeus vicios como dantes: *Cogitaverunt, & erraverunt*; mas he porque avaliavaõ por fabula o que ouviaõ àcerca da eternidade: *Audiendo Scripturas contemnebat, & fabulas eſſe putabat*, diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo, fallando de hum condenado. Naõ duvido, que entre nòs ſe achem muitos, os quais reputem por fabula os tormentos da eternidade: naõ lhes dando mais credito, do que merece o que os Poetas dizem àcerca do Cerbero trifauce, das tres Furias, e das mais ficçoens, com que deſcrevèraõ o Inferno de Pluto, e Proſerpina. Se os Catholicos acreditàraõ como devem, o que ſe lhes prèga da eternidade, elles foraõ Catholicos de vida, aſſim como o ſaõ de nome. Bem he verdade, que muitos crem nas penas da eternidade; mas naõ empregaõ nella a attençaõ, que a materia pede: por iſſo naõ experimentaõ em ſuas vidas melhora, nem mudança.

D. Chryſoſt. ſup. Luc. 16.

47 Expoem David, que ſe pozera a conſiderar nas penas da eternidade: *Annos æternos in mente habui*; e ſobre eſte ponto formava eſtes diſcurſos. Privarme-ha Deos para ſempre da ſua viſta? *Nunquid in æternum projiciet Deus?* Negarme-ha a ſua Miſericordia para ſempre? *Aut in finem Miſericordiam ſuam abſcin-*

Pſ. 76. v. 6.
v. 8.
v. 9.

abscindet? E diz elle, que a esta consideraçaõ se seguirá huma maravilhosa mudança; porque começou dahi em diante a melhorar a vida: *& dixi nunc cœpi, hæc mutatio dexteræ excelsi.* Porèm a experiencia nos mostra, que outros muitos atendem para a eternidade, sem que por isso mudem de vida. Pois que differença he esta? Se a memoria da eternidade produsio aquella mudança em David, como nam faz alguma melhora em tantos outros? Porque nestes a memoria da eternidade he tam ligeira, que lhes naõ pòde fazer impressaõ alguma. Chega, e passa tam apressadamente, que nem deixa vestigio, nem pòde imprimir effeito. Voraz he por sua natureza o fogo, mas nem por isso abraza, se a chamma passa com ligeireza. David muito pelo contrario; conservava em sua memoria huma continua, e permanente representaçaõ da eternidade, repetindo-a sempre no pensamento, e considerando nella: *Annos æternos in mente habui.* Ou como leamos na versaõ de Euthymio: *Annos æternos memoria repetii, & meditatus sum.* De noyte, quando acordava, nam se empregava o Santo Rey em considerar nos negocios da Coroa, e do Estado; punha-se a meditar em seu coraçaõ naquella pena eterna, naquelle tormento sem fim, aparelhado para os peccadores: *Annos æternos in mente habui, & meditatus sum nocte cum corde meo.* Esta continua meditaçaõ em David, e aquelle geral esquecimento nos mais, sam as diversas causas de tam contrarios effeitos. No esquecimento, ou só ligeira ponderaçaõ da eternidade, consiste a geral obstinaçaõ do Mundo. Na permanente lembrança de David esteve a sua mudança, e melhora. *Annos æternos in mente habui, & meditatus sum nocte cum*

v. 11.

Euthym. hic.

Ibid. v. 7.

cum corde meo. Nùnc cæpi, hæc mutatio deſteræ excelſi.

48 Conſideremos pois tambem nòs na eternidade das penas, como David, naõ perdendo da memoria eſta idèa horrenda da eterna pena: *Annos æternos memoria repetii.* Meditemos no corçaõ ſobre aquelle para ſempre do Inferno: *Medttatus ſum nocte cum corde meo.* Sò deſta ſorte ſe haõ de melhorar noſſas vidas. Sò deſta ſorte haverà em nòs mudança do mal para o bem, aſſim como em David houve mudança de bem para melhor: e diremos com David: *Nunc cæpi, hæc mutatio dexteræ excelſi*: aliàs erraremos, ainda quando conhecermos que as penas do Inferno ſaõ eternas: *Non eſt qui agnitus ſit reverſus ab Inferis. Cogitaverunt, & erravarunt.*

SER-

SERMAM XII.
NA TARDE DA
Quinta Dominga
DA QUARESMA.

Cogitaverunt, & erraverunt. Sap. 2.

§. I.

1 ENTRE os Oraculos da Gentilidade, o mais celebre foy o de Apollo Delfico. A superstiçaõ o adorava por Divino, e elle com as suas respostas grangeava as idolatrias. Foy huma vez perguntado, qual era o caminho, que guiava para a Bemaventurança? *Ad Beatitudinem, quâ viâ pervenitur?* E respondeu divinamente, disse: *Si te cognoveris.* Aquelle que se conhecer a si mesmo, caminha direitamente para a Bemaventurança. Macrob. lib. 1. in somn. Scip.

2 Este conhecimento proprio he a materia, que hoje nos offerece o livro da Sabedoria, para a nossa ponderaçaõ: *Ex nihilo nati sumus*; e este he o re- Sap. 2. v. 2.

mate dos meus Sermoens. O fim de todos elles foy, pôr no caminho do Ceo aos que me ouviam. Neste caminho estamos; pois entramos hoje pelo conhecimento proprio: *Ad Beatitudinem quâ viâ prævenitur? Si te cognoveris.* Muitos neste caminho se perdêram: *Cogitaverunt, & erraverunt*; porque conhecendo a vileza de que fomos creados: *Ex nihilo nati sumus:* se esquecêraõ de si, e se entregàraõ aos
Ibid.v.7. vicios: *Venite ergo, & fruamur bonis quæ sunt, & utamur creaturâ tanquam in juventute celeriter.* Porèm eu espero, que ajudados do auxilio, e graça Divina, acertemos hoje pelo mesmo caminho, em que errâraõ os mundanos.

3 Para este fim he preciso, que sayamos hum
Cant.1. v.7. pouco de nòs mesmos, porque em proporcionada distancia possamos ver o que somos. *Si ignoras te egredere, & abi*: diz a doutrina Mystica dos Cantares. Se te naõ conheces, procura sahir de ti mesmo, e te poderàs conhecer. Estando o objecto muy chegado aos olhos, a confusaõ das especies faz impedimento à vista. Retira-se quanto basta, e he conhecido perfeitamente. Por isso ha em nòs tanta falta de conhecimento proprio, porque sem de nòs sahirmos, immerso cada hum em si mesmo, se confunde com o que he.

4 De dous modos podemos sahir de nòs, para nos conhecermos, diz Saõ Gregorio Magno: ou abatendo o conhecimento, ou elevando a ponderaçaõ. *Duobus modis extra nos ducimur; quia aut per cogitationis lapsum, sub nos metipsos recidimus, aut per contemplationis gratiam super nos metipsos levamur.* Se abatermos o conhecimento do que somos, vimos a parar em nada: *Substantia mea tanquam nihilum*

Divi Greg. lib.2.Dial.c.3. Psal.38. v.6.

ante

ante te. Se elevarmos a ponderaçaõ, somos a obra mais sublime da maõ de Deos: *Constituisti eum super opera manuum tuarum.* Psal.8. v.7.

5 Naõ nos apartemos do nosso Texto. *Ex nihilo nati sumus.* Nestas poucas palavras duas cousas se descobrem. O que fomos, e o que somos. O que fomos, he nada: *ex nihilo*; porque de nada fomos creados. O que somos hoje, *sumus*, he muito; porque somos a mais excellente obra da Santissima Trindade. Ouvi a Ruperto Abbade: *Humana scilicet creatura illud potissimum opus est, quod eadem Beata Trinitas, magna sibi dignatione divisit.* De hum nada, e de huma grandeza nasce o melhor conceito do homem. Filo Doutissimo o definio assim: *Homo qui contrariorum est capax.* He o Homem hum sujeito, em que dous contrarios estaõ unidos. O nada, e o ser, saõ os dous contrarios mais repugnantes, que descobrio a Filosofia; mas no conceito do Homem estaõ incluidos ambos. Decendo o conhecimento, acha que hum nada, he o primeiro principio do Homem. Sobindo porèm o vè exaltado a huma quasi inexplicavel grandeza. Rup. Ab. lib. 2. in Gen. c. 1. Phil. de Opific. Mund.

6 Considerâraõ tambem os Mundanos, que de nada foraõ creados: *Ex nihilo nati sumus*: e por isso mesmo se entregâraõ aos vicios offensivos de quem os creou de nada: *Venite ergo, & fruamur bonis quæ sunt, & utamur creatura, &c.* Oh que resoluçaõ tam errada! *Cogitaverunt, & erraverunt.* Nòs havemos considerar o nada de que fomos; para glorificarmos a Deos pelo que somos. Em conclusaõ: aquelle *ex nihilo*, e este *sumus*, haõ ser as duas partes deste ultimo Sermaõ. Na primeira abateremos o conhecimento: na segunda elevaremos a ponderaçaõ.

§. II.

Cogitaverũt, & erraverũt.

7 A Meſma Igreja, que de todo o anno eſcolheu, e conſagrou eſtes quarenta dias, para a reformaçaõ das noſſas vidas deu principio à ſua doutrina, por onde a ordem, que ſegui, fez que ſe concluiſſe a minha. Porèm havereis notado, que prègando-nos a Igreja o conhecimento proprio, nos intimou, que ſomos pò, e cinza: *Pulvis es;* Gen.3. v.19. porque do pò, e da cinza ſomos creados: *Donec revertaris in terram, de qua ſumptus es.* Logo parece, que me naõ conformo com a doutrina da Igreja, quando venho a perſuadir-vos, que de nada fomos creados. Hora ſuſpendey a duvida, e reſpondey-me a outra. E de que foy creado eſſe pò? De nada. Pois eſſe foy o noſſo primeiro principio. Perſuadio a Igreja deſenganos aos noſſos olhos: e eu prègo evidencias aos voſſos entendimentos. A primeira materia viſivel, de que ſe fabricou a arquitectura humana, foy o pò. A primeira materia inviſivel, que concorreu para tam ſoberbo edeficio, como he o Homem, foy menos que pò, porque foy nada. De pò ſe fizeraõ as noſſas paredes; mas o aliceſſe de nada.

Pſal.68. v.3. 8 *Infixus ſum in limo profundi, & non eſt ſubſtantia.* Ou ſegundo a Grammatica dos Hebreos: *Infixus ſum in profundo limi.* Puz-me a examinar o profundo do limo, e naõ achey ſubſtancia; naõ achey aliceſſe: *Et non eſt baſis*, diz a verſaõ dos Sententa. Que limo he eſte, ao qual David buſcava o aliceſſe? A que limo examinava o profundo? Era o Homem; porque nos mais lugares, em que a Eſcritura falla

no

nō limo, por elle sempre entende o Homem. *Formavit Dominus Deus hominem de limo terræ*, se diz no Livro de Genesis. *Tu fecisti Adam de limo terræ*, se diz no Livro de Tobias; e naō se encontra mais em todo o Sagrado Texto a palavra, limo. Se pois, ao Homem cavares o profundo, naō lhe achareis substancia, nem alicerse algum: *Non est substantia. Non est basis*; porque o seu edificio sobre nada se fundou. As suas paredes acabaō em pò: *Donec revertaris in terram*: e principiaraō em nada: *Ex nihilo nati sumus.* Genes. 2. v. 7. Tob. 8. v. 8.

9 Tam vil como isto he o principio, que temos todos. Os que olhando hoje, para a figura humana com vaidade, considèraō nella a mais nobre substancia de todo o Munsto visivel, recordem o que foraō hontem, e acharàō, que foraō limo, que foraō terra, ou que foraō pò. Olhem, e muito mais, para o que antes de hontem eraō, e reconheceràō, que eraō nada. Oh que consideraçaō tam util, para o conhecimento humano! Attendey, senhores, para vòs: examinay quais foraō os vossos principios, e abatey a vossa soberba. *Quid superbit terra, & cinis?* Attendey para a origem de onde viestes, e ficareis corridos. *Agnosce ò homo primordia tua, ... cogita unde veneris, & erubesce*: diz Saō Bernaado. Ecclesiastic. 10. v. 9. D. Bern.

§. III.

10 AInda assim; a mim me parece, que se no Homem pòde haver jactancia, só lhe poderia nascer deste nada, que lhe deu principio. O ser de nada he a sua mayor nobreza: e a razaō he; porque se o nosso primeiro principio fora

alguma materia, mais illuſtre ainda, que a do Sol; ou ainda mais pura, que a do Ceo; hum Anjo, ou outra alguma creatura nos poderà dar o ſer, que neſſe caſo teriamos. Sendo porèm creados de nada, ſó Deos pòde ſer noſſo Author. Pode Nabuco fazer huma precioſa Eſtatua de ouro; porque teve a materia de que a fez; mas de nada, nem hum dedo poderia fazer para eſſa Eſtatua. Pode Acab fazer hum Palacio de Marfim; porèm de nada, ſeria impoſſivel, que fabricaſſe hum tegurio; porque ſó Deos he o que de nada pode extrahir creaturas: *De nihilo aliquid facere ſolus Deus poteſt*, diz Hugo Victorino, e na Theologia he commum. O nada he o noſſo principio; mas por iſſo meſmo o noſſo Author, e Creador he Deos.

Hug. Victor. de Sacr. cap. 6.

11 Eſta he a razaõ, e a propriedade, com que o Texto naõ diz, que ſomos nada; mas ſim, que ſomos de nada! *ex nihilo*; para que entremos a inveſtigar, e examinar, qual he o Author, que nos tirou deſſe nada. Quando a Eſcritura nos lembra o pò de que naſcemos, diz, que ſomos pò: *Pulvis es.* Naõ diz, que ſomos de pò. Quando nos traz à memoria o noſſo nada, naõ diz que ſomos nada; mas ſim, que ſomos de nada: *Ex nihilo.* Em ſermos pò, vemos a vileza do noſſo ſer: em ſermos feitos do nada, reconhecemos a nobreza do Author, que temos; pois ſó Deos nos podia fazer de hum principio infinitamente menos que o meſmo pò: ſó Deos nos podia crear de nada: *De nihilo aliquid facere ſolus Deus poteſt.*

Genes. 3. v. 19.

12 Sendo eſta verdade tam certa cõmo evidente, muito deſejou David, que todos a ſaibaõ: *Scitote, quoniam Dominus ipſe eſt Deus, ipſe fecit nos*

Pſal. 99. v. 3.

Eu-

Eu naõ vi doutrina, que pareça mais escusada. Ha por ventura quem ignore, que Deos he o nosso Creador, e o nosso Deos, que nos fez, e nos creou? Sim; tambem ha quem ignore: e a desgraça mayor, he, que o ignoramos todos. E se naõ, dizeime.

13 Naõ somos nòs aquelles, que por qualquer incomodo temporal, por qualquer temor mundano, faltamos aos preceitos, e à Ley de Deos, sem temor à sua Justiça, e ao seu castigo? Sim. Pois como o reconhecemos, e confessamos por Deos, se o naõ tememos? *Si Dominus ego sum, ubi est timor meus?* Malach. 1. v. 6. Naõ somos nòs aquelles, que por qualquer ponto do gosto, do interesse, ou da honra, faltamos à honra do mesmo Deos? Tambem sim. Pois se o temos por nosso Deos, onde pomos a sua honra? *Ubi est honor meus?* Ibid. He de crer, que offendendo, e aggravando nòs tanto a Deos, o reconhecemos por nosso Deos, e Author do ser que temos? Naõ.

14 Morto Jozè Viso-Rey do Egypto, reinou hum Faraò, que muito offendeu, e perseguio o povo chamado de Israel. Fallando o Texto Sagrado deste cruel Faraó, disse, que o tal naõ conhecia a Jozè, antes ignorava, que no Egypto houvesse tal Viso-Rey: *Surrexit interea Rex novus super Ægyptum, quia ignorabat Joseph.* Exod. 1. v. 8. Valente ignorancia! Nòs ainda hoje sabemos quem foy Jozé, e havia naquelles tempos quem o naõ soubesse? He Jozè conhecido em todo o Mundo, e podia naõ ser conhecido na Corte de Menfis, onde governando adquirio tanta fama, e deixou tam grande nome? Bem se vè, que naõ; mas fallou o Sagrado Texto com mysterio. Jozè foy o mayor bem feitor de todo o Egypto. Quando sette annos de esterilidade ameaçavaõ a morte a

todos os seus moradores, foy Jozè o que a todos conservou as vidas. Porèm Faraò, esquecido do que devia a Jozè, offendia aos seus descendentes. Diga se pois, que este Principe naõ conhecia a Jozè: *Ignorabat Joseph*; porque naõ he de crer, que tendo conhecimento de Jozè, e de quanto recebera delle, offendesse os filhos de Jozè: *Surregit interea Rex novus super Ægyptum, quia ignorabat Joseph.*

15 Quanto he mais o que cada hum de nòs tem recebido de Deos, do que tinhaõ os Egypcios recebido de Jozè, tanto em nòs mayores saõ as mostras, de que a Deos naõ conhecemos, quando o aggravavamos. Està o nosso ser pugnando com as nossas obras. O nosso ser diz, que o nosso Creador he Deos; mas todas as vezes que o offendemos, mostramos em obras, que o naõ conhecemos. Na observancia dos Mandamentos Divinos, e na obediencia de seus preceitos, se manifesta o conhecimento de Deos. Ouvi a Saõ Joaõ: *In hoc scimus, quoniam cognovimus eum, si mandata ejus observemus.* Quem offende a Deos, se diz, que o conhece, falta à verdade: *Qui dicit, se nosce eum, & mandata ejus non custodit mendax est.*

1. Joan. c. 2. v. 3.

Ibid. v. 4.

16 Fallando com discripçaõ, eu julgo, que se naõ faz aggravo à nossa malicia, dizendo se, que naõ conhecemos a Deos por nosso Author; antes esta he a unica escusa, que pòde haver para as nossas culpas. Reprehendendo Saõ Paulo a obstinaçaõ do povo Romano, lhes intimava, que as suas culpas careciaõ de toda a escusa; porque tendo elles conhecimento de Deos, lhe faltavaõ com o devido culto: *Ita ut sint inexcusabiles; quia cum cognovissent Deum, non sicut Deum glorificaverunt.* Entendia o

Ad Rom. 1. v. 21.

Apos-

Apostolo, que só se desculpa quem offende a Deos, confessando, que o naõ conhece: e seguia Saõ Paulo neste discurso a doutrina, que aprendeu do Divino Mestre.

17 Rogando Christo ao Eterno Padre, perdoasse aos que o crucificavaõ, dizia, que elles naõ sabiaõ o que obravaõ; porque ignoravaõ, que este a quem crucificavaõ, era o mesmo Deos, que os creou: *Pater dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt.* Assim o expoz Saõ Lucas. *Nesciebant enim quis esset ille, quem crucifigebant*; declarou Caietano. Gravissima controversia excitaõ os Padres, e Expositores sobre este ponto. E por ventura naõ sabiaõ os Judeos, que Christo era o verdadeiro Filho de Deos, promettido ao Mundo para o remir? Sim sabiaõ, respondem Origenes, Saõ Joaõ Chrysostomo, Euthymio, e outros com Nicolao de Lyra; porque das Profecias constava pelas circunstancias do tempo, e acçoens de Christo, ser elle o verdadeiro Messias, como em Jerusalem tinhaõ confessado as Turbas: e o mesmo Christo havia affirmado, que os Judeos bem o conheciaõ por Deos, gerado pelo Eterno Padre, e mandado por elle ao Mundo: *Et me scitis, & unde sim scitis, & à me ipso non veni, sed est verus qui misit me.* Pois se prègando Christo, com a noticia dos Judeos arguhia a sua incredulidade; crucificado depois, como allegava a favor delles ignorancia? *Dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt?*

Luc. 23. v. 34.

Caiet. ibid.

Orig. tract. 19. in Matth. Chrysost. hom. 40. in Imper. Euthym. in hunc loc.

Lyra in cap. 21. Matth.

Apud Joan. 7. v. 31.

Joan. 7. v. 28.

18 A razaõ (bem evidente) he; porque no primeiro caso, Christo arguhia os Judeos, no segundo orava por elles. Quando os arguhia, lhes intimava o conhecimento, que tinhaõ de sua Divindade humanada; porque com elle faziaõ a sua

culpa

culpa mais aggravante. Quando pelos meſmos oraculos pertendia deſculpar o ſeu atroz delicto: e a naõ ſer ignorancia, naõ poderia haver outra eſcuſa; porque menos mal era, ſe os Judeos naõ conhececem a Chriſto por ſeu Creador, e Deos, que conhecendo, offendello: *Demitte illis, non enim ſciunt quid faciunt.*

19 Que a creatura naõ conheça o ſeu Creador, e o ſeu Deos, he deſgraça, porque he ignorancia; mas que o conheça, e o offenda, he mayor deſgraça; porque he a mayor malicia, a mayor ingratidaõ, e a temeridade mayor de todas. Que offendeſſe a Deos quem o naõ conhecera por Creador, era cegueira, com que ſe podia deſculpar o erro. Mas reconhecello por Creador, e offendello, he contradiçaõ, que naõ cabe no entidimento. He negar com o coraçaõ, e com a obra, o meſmo que reconhece. Examine cada hum o que dentro em ſeu coraçaõ paſſa quando offende a Deos, e diga-ſe entaõ o eſtima por ſeu Creador? E concluirà que naõ; porque a razaõ natural pede, que a creatura ame ao ſeu Creador muito mais do que a ſi meſma. No coraçaõ de huma ſerva de Deos ſe acharaõ eſtas palavras eſcritas: *Diligo te Deus plus quam me, quia tu me creaſti*: Amo-vos meu Deos, mais que amim; porque vòs ſois o meu Creador. No reconhecimento de Creador ſe fundou a razaõ, para que Deos foſſe mais amado. Façamos agora huma anotomia em noſſos coraçoens, e pergunte cada hum de nòs a ſi meſmo: A quem amo eu mais? A mim, ou a Deos? A mim, reſponderey eu, para reſponder com a verdade, que teſtificaõ as minhas obras; porque a mim ſempre quero fazer o goſto, e a Deos eſtou offendendo

Spec. Exem.

dendo sempre. Pois se o coraçaõ naõ dà a primasia do amor a Deos, naõ reconhece por seu Creador a Deos.

20 Nem os Gentios negaõ, que Deos he superior a todas as creaturas, porque para este reconhecimento naõ he necessaria luz da Fè; mas com seus erros, e com seus vicios naõ amaõ a Deos sobre todas as creaturas. Que mais fazemos nòs, que o Gentio? Naõ duvido, que por termos Fè, a qual naõ tem o Gentio, somos Catholicos no entendimento; mas porque nas offensas, com que aggravamos a Deos, faltamos ao seu amor, somos Gentios no coraçaõ. O entendimento diz, que a Deos devemos amar sobre tudo, por ser nosso Creador; e no coraçaõ he Deos o que menos que tudo amamos. O entendimento confessa, que o nosso Creador he Deos; porque bem alcanço, que de nada fomos creados: *ex nihilo*; e só Deos he o que de nada pode fazer as creaturas: *De nihilo aliquid facere solus Deus potest*: mas o coraçaõ o naõ mostra, e as nossas obras o contradizem. Jà que reconhecemos em Deos o attributo de Creador, naõ lhe neguemos em nosso amor o tributo de creaturas. Formemos em nossa idèa huma balança, e nella ponhamos, de huma parte o nosso conhecimento, e de outra parte o nosso amor. Abata-se entaõ o conhecimento, e sobirà o amor. O conhecimento proprio abatido, verà que somos de nada: *ex nihilo*. Sobindo o amor, se empregarà em Deos, que nos creou de nada: *De nihilo aliquid facere solus Deus potest*.

§. IV.

21 ISto he o que se descobre abatendo o conhecimento proprio, e examinando o que fomos. Elevemos agora a ponderaçaõ, e vejamos o que somos de presente: *sumus*. Admiremos a grandeza,

deza, que ſahio daquelle nada. De preſente ſomos para Deos o empenho mayor de ſua Omnipotencia: ſomos o mayor diſvello de ſua Sabedoria, e ſomos o mayor emprego de ſeu amor. Tudo iſto ſe manifeſtou naquella eſtupenda conſulta, que entre ſi fizeraõ as tres Divinas Peſſoas, para a formaçaõ do Homem: *Faciamus hominem.* Ouvi a reflexaõ do grande Tertulliano: *Recogita totum illi Deum occupatum ac deditum, manu ſenſu opere: conſilio Sapientia Providentia: & ipſis in primis affectionibus.* E quem diſſera, que da vileza do noſſo nada, ſe extrahiria huma creatura de tanto apreço, e eſtimaçaõ para Deos!

Geneſ. 1. v. 26.

Tertul. de Reſur. Carn. c. 6.

22 Quando Alexandre Magno penetrou a India, lhe offertàraõ os Orientaes huma pedra precioſiſſima, e de eſtimaçaõ rara, pelas oppoſtas, e occultas qualidades, que a natureza depoſitou nella. Era eſta pedra leve, e pezada em extremo. Punha ſe em balança, e nenhum pezo a excedia; mas envolvida em cinza, tanto pezava, como nada. Parece, que neſta pedra quiz o Author da natureza (ou da ficçaõ) ſymbolizar o Homem: o qual ſe bem ponderado, naquelle principio antecedente às cinzas, de que he formado, foy igual ao nada; veyo a exceder em eſtimaçaõ, e nobreza à fabrica de todo o Univerſo.

Ranl. Itiner. Mort. c. 6.

23 Jà em ſua creaçaõ veyo a ſer o empenho mayor da Omnipotencia, como diziamos; porque para as mais produçoens, unicamente dezia Deos, faça-ſe, *fiat*; ſó na produçaõ do homem, mudando de eſtylo, e moſtrando empenho, diſſeraõ as tres Divinas Peſſoas, façamos: *Faciamus hominem.* Aſſentou-ſe, que ſeria o Homem o mais que podia ſer; porque ſe aſſentou, que foſſe huma imagem, e ſemelhança de Deos: *Ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram:*

Geneſ. 1.

Geneſ. 1. v. 26.

Ibid.

e nem

e nem huma creatura pòde ser mais, em chegando a ser imagem do Creador: *Nec potest creatura ad maius promoveri, quam quod suo assimuletur Creatori*: diz Santo Thomàs. Divi Thom. Opusc. 58.c.25.

24 Ficou sendo Homem o *non plus ultra* de todas as obras da Omnipotencia; porque foy o remate de todas as suas operaçoens. Formado o Homem, diz o Sagrado Texto, que completàra Deos a sua obra, *complevit Deus opus suum, quod fecerat*: e a razaõ he; porque na ordem da presente Providencia, antes de se formar o Homem, ainda restava mais sublime obra para se produsir; formado porèm este, como jà naõ restava mais digno emprego das Divinas operaçoens (segundo a disposiçaõ com que se movia Deos, para o opificio do Mundo) ficou sendo o Homem complemento de toda a obra de Deos, e huma como baliza, em que parou, e até onde só se quiz estender a Omnipotencia: *Complevit Deus opus suum.* Genes.2. v.2.

25 Disse altamente Isaias, que para fazer Deos a sua obra, sahira esta alheya do seu Author: *Ut faciat opus suum, alienum est opus ejus. Ut operetur opus suum, peregrinum est opus ejus ab eo.* Que obra de Deos he esta, tam peregrina? Perguntaõ os Expositores. Que he o Homem, responde a agudeza de Pinciano: *Opus suum, ideſt hominem.* Pois se o Homem he huma imagem, e semelhança do Creador, como pòde ser obra alheya de seu taõ Divino Author? Porque a Omnipotencia do Creador, como infinita, nem se pòde limitar, nem completar: porèm como o Homem foy a baliza, em que sistiraõ as produçoens da Omnipotencia nos seis dias da creaçaõ do Mundo: *Complevit Deus opus suum*: pareceu complemento da Omnipotencia, o que só foy termo de suas operaçoens. Isa.28.v. 21. Pintian. tom.1. T.3.D. 10. num. 2.

çoens. A excellencia da obra, pareceu, que se implicava com a grandeza de seu Author; porque formado o Homem, parecia, que de tam peregrina obra, jà naõ passava a mais a infinita virtude da Omnipotencia: *Complevit Deus opus suum. Ut faciat opus suum, alienum est opus ejus, &c. Opus suum ideſt hominem.*

26 Naõ menos foy o Homem o desvello da Sabedoria Divina. Creado o Homem no sexto dia, diz o Texto, que no settimo descansára Deos: *Requievit die septimo.* Profundissimo he o termo, com que neste lugar se explicou o Historiador Sagrado. O descançar presuppoem trabalho, ou desvello em alguma obra: e como naõ serà improprio entender-se, que em Deos houve, ou trabalho, ou desvello, para crear o Homem? Santo Agostinho resolve admiravelmente a difficuldade. *Dicitur laborasse, cogitando quid faceret.* Parece, diz o grande Padre, que se cançou Deos, delineando em seu entendimento a fabrica admiravel do Homem; porque tanto se empenhou nella a Sabedoria Divina, que parece houve mister descanço, depois que com esta obra sahio à luz. *Requievit die septimo. Dicitur laborasse, cogitando quid faceret.*

Genes. 2. v. 1.

D. Aug. de Gen. ad lit c. 8.

27 Bem ponderada a perfeiçaõ da obra, naõ devemos estranhar o encarecimento do Texto. No Homem recopilou Deos a perfeiçaõ de toda a creatura visivel. Tambem o fez quasi igual aos Anjos: *Minuisti eum paulo minus ab Angelis.* Deu-lhe Alma racional, ordenada para o fim da sobrenatural Bemaventurança, com entendimento, e vontade, para que possa ver a Deos summo bem, e gozar delle. Nos vasos quebradiços de nossos corpos (como diz o

Psal. 8. v. 6.

Apos-

Apostolo) encerrou Deos tam nobre, e tam bem ornado espirito: *Habemus autem thesaurum istum in vasis fictilibus*: empregando tanto o estudo de sua admiravel Sabedoria para este empenho, que quasi sahio delle como cançado: *Requievit die septimo. Dicitur laborasse, cogitando quid faceret* 2. ad Cor. 4. v. 7.

28 Finalmente somos para Deos o mayor emprego de seu amor; porque antes de sermos o que hoje somos, quando ainda eramos nada, jà nos amava Deos. Amou-nos desde a Eternidade, antes de todo o principio. Desde que Deos he Deos, sempre nos amou, e nos ama com aquelle mesmo Divino amor, com que ama a seu proprio Filho, e com que se ama a si mesmo. Tendo Deos nas tres Divinas Pessoas a mutua companhia, que só pòde fazer companhia a Deos, e havendo no Ceo innumeraveis Anjos, que lhe assistem, poz as suas delicias em assistir na terra em companhia dos homens: *Delitiæ meæ esse cum filiis hominum.* Oh excesso de huma incomprehensivel bondade! Prov. 8. v. 31.

29 Querendo com obras mostrar, e calificar este amor, nos deu tudo quanto a sua Omnipotencia creou. Para nòs creou os Ceos, que naõ saõ necessarios para Deos, nem para os Anjos totalmente espiritos, e incorporeos. Tambem para utilidade nossa creou os Anjos, que nos acompanhaõ, defendem, olhaõ por nòs, e por nòs oraõ. Para nòs creou o ar, o mar, e a terra: enchendo de aves o ar; de peixes o mar; e a terra de animaes, de arvores, de plantas, de flores, e de fructos; e tudo isto para os homens. Por isso na serie da creaçaõ teve o Homem o ultimo lugar; porque a causa final, sendo a primeira para mover, he a ultima para existir; e o Homem

era

era o fim proximo, para cuja utilidade creava Deos o que se comprehende em todo o Universo: *Recte novissimus conditur homo, quasi causa Mundi, propter quem facta sunt omnia*: diz S. Ambrosio. E como se de tanto amor naõ dera Deos sufficiente prova, dando-nos hum Mundo inteiro, deu-nos o seu mesmo Filho, em final de quanto nos ama: *Sic Deus dilexit Mundum, ut Filium suum Unigenitum daret.* E ainda naõ satisfeito tam grande amor, com esta dadiva por huma só vez na Encarnaçaõ, o torna a dar no Sacramento, quantas vezes o quizermos receber, e se nos deseja dar a todos na Gloria.

Divi Ambr. Enarrat. in 1. Gen. ad Horont.

Joan. 3. v. 6.

30 Tanto como isto he o que somos: e agora penetro eu a necessidade, com que a Igreja naõ cessa de nos trazer à memoria, que somos pò, e que nos havemos de tornar em pò: *Pulvis es, & in pulverem reverteris*: porque empregando-se o Homem no alto conhecimento do que he, arriscado está a se elevar tanto, que imite o erro, e o precipicio de Lucifer. Toda a perdiçaõ do primeiro Homem se originou de naõ alcançar a honra de seu proprio ser: *Homo cum in honore esset non intellexit*, diz o Psalmista: e expoem Euthymio, *non in ellixit quanta insignitus fuerit Gloria.* Pelo contrario; precipitou-se Lucifer elevado com a ponderaçaõ de sua nobilissima natureza: *Elevatum est cor tuum in decore tuo.* Mais arriscado vay o conceito sobindo, que abatendo-se. Cahio o Homem, e foy reparada a sua ruina: cahio Lucifer, e foy irreparavel a sua perda. Na ignorancia da nobreza propria, podemos cahir como homens: na jactancia della, nos poderemos precipitar como Anjos; pois com mais admiraçaõ do que elles, somos para Deos o mayor empenho da Omnipotencia, o mayor

Psal. 48. v. 21.

Euthim. hic.

Ezech. 28. v. 17.

mayor desvello de sua Sabedoria, e o mayor emprego de seu amor.

§. V.

31 E Serà possivel descobrir-se, que ainda somos alguma cousa mais, para com Deos? Sim: o que para confusaõ minha, ainda he mais que tudo. Somos o mais apurado exame de sua Pascienencia infinita. Estamos a offender a Deos, que nos fez à sua imagem, e semelhança, com tanto empenho de sua Omnipotencia, e com tanto desvello de sua Sabedoria: a Deos que nos ama tam extremosamente: a Deos, que tam liberalmente dispende, e dispendeu comnosco quanto tem, e quanto he; e elle com infinita pasciencia nos està soffrendo, e conservando o ser que temos, e só por isso ainda temos ser: *Sumus.*

32 Sey eu que em outro tempo cahiraõ mortos cincoenta mil Bethzamitas, alèm de settenta das principaes pessoas do povo Hebreu; porque se atreveraõ a pôr os olhos na Arca do Testamento: *Percussit de viris Bethsamitibus, eo quod vidissent arcam Domini, & percussit de populo septuaginta viros, & quinquaginta millia plebis.* Pois se Deos assim castigava entaõ huma curiosidade no olhar, hum levantar de olhos para a Arca, naõ he de admiraçaõ que nos soffra hoje tantos sacrilegios, tantos vicios, e tam enormes, com que o offendemos tam repetidas vezes? 1. Reg. c. 6. v. 19.

33 Oh que larga materia, para as blasfemias com que o Demonio està fazendo estremecer o mesmo Inferno! He possivel, que por hum peccado de pensamento condenasse Deos tantos milhares de Anjos a hum abismo de penas, e nos esteja conservando a nòs, que temos cahido em tantos milhares de peccados! Louvemos, e engrandeçamos a Pasci-

encia; e a Misericordia de quem está conservando o
Thren. 3. v. 22. ser que temos: *Misericordiæ Domini, quia non sumus consumpti.*

34 He infallivel, que por qualquer peccado mortal nos fazemos dignos da morte, e do Inferno, como reos de leza a Magestade Divina; mas Deos naõ obstantes as infinitas offensas, que commettemos contra elle, uza de tanta Pasciencia para comnosco, que ainda nos conserva o ser, que temos, e ainda nos continua com os beneficios, que para nossa conservaçaõ instituhio, como saõ a vida, a saude, e os cabedaes: e o que mais he, quando desses mesmos beneficios, que recebemos de Deos para conservaçaõ nossa, fazemos instrumentos para o offender. Chegando a este ponto, naõ posso comprehender, como ainda nos conserva Deos, e nos soffre ainda a sua Pasciencia.

35 Estava Moysés com Deos no Monte Sinay, e com a sua ausencia entrou o povo ingrato, e rebel-
Exod. 32. v. 1. de em pensamentos de idolatrar: *Fac nobis Deos, qui nos præcedant.* Fez-se com effeito hum idolo à semelhança de hum bezerro: *Fecit vitulum conflatilem;*
v. 4. e naõ se alterou a Pasciencia Divina. Erigio-se altar
v. 5. para o idolo: *ædificavit altare coram eo:* e se lhe pu-
Ibid. blicou huma solemne festa, para o seguinte dia: *Cras solemnitas Domini est.* E soffreu a Divina Bondade, que se desse ao idolo o culto, e adoraçaõ, que só a Deos se devia. Amanheceu o sempre infausto dia, destinado para a abominavel festa, e o povo cheyo de alegria começou a offerecer sacrificios ao seu de-
v. 6. testavel idolo: *Surgentesque mane obtulerunt holocausta, & hostias pacificas.* Eis que brotando entaõ a Pasciencia Divina os aggravos, que até aquelle ponto soffreu, disse: vay-te Moysés deste Monte, nem

mais

mais estejas comigo, parque o teu povo peccou: *Vade, & descende, peccavit populus tuus.* Estranha resoluçaõ! Pois Senhor, soffreis o mais, e naõ desculpaes o menos? O sacrificar era consequencia da idolatria: pois se vendo feito o idolo, adorado, e solemnizado, tendes soffrimento; como vos irritaes quando vedes, que lhe sacrificavaõ? *Obtulerunt holocausta, & hostias pacificas. Vade, & descende peccavit populus tuus.* v. 7.

36 Porq̃ naquelles sacrificios se offerecia ao idolo, o mesmo q̃ Deos tinha dado ao povo, para sua conservaçaõ. Faminto se achava o povo no dezerto, e Deos lhe acodia com o sustento, jà milagrosamente com o manà; jà por meyos naturaes, provendo-o dos lugares vizinhos à estrada por onde caminhavaõ. O povo porèm, desses provimentos, que recebia, para a sua conservaçaõ fazia sacrificios ao idolo. O mesmo que dispendia Deos para conservaçaõ do povo, empregava elle em affrontar, e injuriar a Deos: e semelhante aggravo, naõ era bem, que coubesse impunido no soffrimento de Deos: *Vade, & descende, peccavit populus tuus.*

37 A razaõ desta justiça, he; porque Deos pela excellencia da Divindade propria deve ser por nòs adorado, e servido sempre; mas quando em nossa conservaçaõ dispende os seus beneficios, adquire dobradas obrigaçoens, para o servirmos, e adorarmos; porque tambem de sua parte mostra novamente, e duplicadas vezes, que he Deos. Pela creaçaõ mostrou huma vez, que era Deos: e quando à custa de tantos beneficios nos conserva, segunda vez nos obriga a que o reconheçamos por Deos, pelo attributo da Providencia. Genes. 28. v. 20.

38 *Si dederit mihi Dominus panem ad vescendum,* 21.

& veſtimentùm ad induendum (dizia Jacob) *erit mihi Dominus in Deum*: e na verſaõ de Pagnino, *erit mihi Deus in Deum*. Eu terey a Deos por Deos ſe me aſſiſtir com o ſuſtento, e com o veſtido. Notavel condicional! Eſtranho voto foy eſte de Jacob; e mais facil de ſe obſervar, que de ſe entender. Se por ventura faltaſſe Deos aos deſejos, e às conveniencias de Jacob, he certo que eſte ainda o reconheceria por Deos; porque ainda quando naõ experimentaſſe, quanto deſejava, a grandeza de ſua Providencia, naõ poderia negar em ſi meſmo hum effeito de ſua Omnipotencia. Pois como nos beneficios, que recebeſſe, queria Jacob fundar o reconhecimento de que Deos era ſeu Deos? *Si dederit mihi Dominus panem ad veſtendum, & veſtimenta ad induendum, erit mihi Deus in Deum.*

39 Eu venho a entender, que o penſamento de Jacob foy outro, e muy diverſo. Sò queria expreſſar eſte Patriarca, que fazendo-lhe Deos os beneficios, que de ſua Providencia eſperava, elle novamente obrigado, dobradas vezes o confeſſaria por Deos: *Erit mihi Deus in Deum.* Multiplicaria entaõ as adoraçoens, e o culto, que dantes coſtumava dar a Deos; porque era bem, que da parte delle ſe multiplicaſſem as gratificaçoens, quando Deos pelos repetidos beneficios, de ſua parte ſe moſtrava repetidas vezes ſer Deos. *Si dederit mihi Dominus, &c. Erit mihi Deus in Deum.*

40 Para abonar eſta intelligencia tenho a authoridade do meſmo Texto, que he a melhor; e a do meſmo Deos, que he a mayor. *Ego Dominus Deus veſter, qui eduxi vos de terra Ægypti, ut eſſem Deus veſter*: dizia Deos ao povo que deſcendia de Jacob, como ſe aqui imitàra a fraſi do ſeu Progenitor. Eu

Num. 15.v.41.

ſou

sou o vosso Deos, que vos tirey do Egypto, para ser o vosso Deos. He sem a menor duvida, que quando Deos tirou aquelle povo do cativeiro, em que vivia, já era seu Deos: *Ego Dominus Deus vester, qui eduxi vos de terra Ægypti*; pois como por esta acçaõ, e por este beneficio da liberdade, pertendia Deos vir a ser novamente o Deos daquelle povo? *Ut essem Deus vester*? Pela razaõ, que está dada, assim da parte de Deos, como da parte tambem do povo. Deos em fazer tantos beneficios ao povo, novamente mostrava que era Deos: *Eduxi vos de terra Ægypti, ut essem Deus vester.* O povo recebendo tantos beneficios, novamente devia mostrar, que honrava, e que estimava a Deos por seu Deos, como votava Jacob: *Erit mihi Deus in Deum.* E porque a esta nova obrigaçaõ, a este novo reconhecimento faltou o povo, quando do que recebia de Deos, fez victimas, para sacrificar ao seu idolo, por isso naõ era justo, que no soffrimento de Deos coubesse tam atroz injuria: *Vade, & descende, peccavit populus tuus.*

41 Dizey-me agora Senhores; E quantas vezes dispendem os homens com os idolos de seus vicios: quantas vezes empregaõ em offender, e injuriar a Deos, os bens da natureza, e da fortuna, que Deos lhes administrou para a sua conservaçaõ? Pois tantas saõ as vezes, que apuramos a Pasciencia Divina; e tantas saõ as vezes, que com grande confusaõ minha admiro, nos esteja Deos conservando, e nós ainda offendendo-o.

42 Vendo Jozè, que a mulher de Putifar seu senhor, o incitava para o adulterio, se defendeu dizendo-lhe: bem sabeis, que meu senhor me fez entrega de tudo quanto tem; e vós sois a unica prenda, que elle para si reservou: *Ecce dominus meus omnibus* Gen. 38. v. 8. 9.

nibus mihi traditis, ignorat quod habeat in domo suo, nec quidquam est, quod in mea non sit potestate vel non tradiderit mihi, præter te, quæ uxor ejus es. Pois como (dizia o Castissimo Varaõ) como offenderey eu a meu senhor, usando, nem afronta sua, do q̃ elle me naõ deu, porque naõ podia? *Quomodo ergo possum hoc malum facere?* Se era cousa indigna, que Jozè em aggravo de Putifar uzasse do q̃ lhe elle naõ dera; ou do que elle reservou só para si; quanto mais indigno, e quanto mais abominavel em nòs serà, que offendamos a Deos, valendo-nos para isso, do mesmo que elle nos tem dado, com tanto amor, e com tanta liberalidade, que nada quiz lhe ficasse reservado? *Quomodo ergo possum?* Perguntou Jozè; e perguntàra eu: Como podemos nòs, do mesmo que recebemos de Deos, para utilidade, e conservaçaõ nossa, fazer instrumentos, para a sua offensa, e para a sua injuria? *Quomodo ergo possumus?*

§. VI.

43 NAõ he isto o que neste ponto eu admiro mais; ainda nelle ha muito mais que admirar. Notay. Deos he causa universal de todos os effeitos creados, com tanta dependencia da parte destes, que nem hum pensamento se pòde em nòs formar, nem huma palavra podemos nòs proferir, nem huma acçaõ podemos finalmente obrar, sem que para ella igualmente concorra Deos comnosco; porque todas as obras da creatura dependem do concurso do Creador: *Omnia opera nostra operatus es nobis, Domine.* Daqui se vè, que quando commettemos algum peccado, fazemos que Deos concorra para a mesma acçaõ, em que nòs o aggravamos, e o offendemos. Faz o blasfemo, que Deos concorra, para a material acçaõ da sua blasfemia: faz o perjuro,

Isa. 26. v. 12.

Capreol. Medin. Caietan. Ledesm. Alvar. & communiter Thomis.

rõ; que Deos concorra, para a acçaõ do seu juramento falso: faz o vingativo, que Deos concorra, para a acçaõ das suas vinganças: e finalmente, somos tam temerariamente sacrilegos, que em qualquer peccado nos servimos de Deos, para o offendermos. Isto he o deque se queyxava, e lementava Deos por Izaias: *Servire me fecisti in peccatis tuis*: e com razaõ se queyxava; porque parece, que chegamos a pôr huma mancha na bondade, e Innocencia Divina, quando a fazemos concorrer para huma acçaõ, que o mesmo Deos abomina; e da qual o mesmo Deos ha de ficar aggravado. Isa. 43. v. 24.

44 Passou Aman hum decreto, para que em todo o Reyno de Persia se extinguisse a naçaõ Judayca. Foy expedido o fatal decreto em nome de Assuero, e sellado com o proprio anel, em que este Rey tinha aberto o sello de suas armas: *Ex nomine Regis Assueri, & litteræ assignatæ ipsius annulo missæ sunt.* Conheceu-se depois, que aquella maquina de Aman se encaminhava a huma conspiraçaõ contra o mesmo Assuero. Revoga o Rey o decreto, e passando outro, para se castigar Aman, lhe dava por culpa, que com a sua crueldade, puzera huma macula na piedade Real; *Pietatem nostram, sua crudelitate commaculans.* Esth. 3. v. 12. Cap. 16. Cap. 16. v. 10.

45 Parece, que naõ dizia bem o Rey; porque se a crueldade era de Aman, *sua crudelitate*; como se manchava, e maculava a piedade do Rey? *Pietatem nostram commaculans*! Porque para a tyrannia de Aman, tambem se fazia cooperar o braço, e o concurso de Assuero, em cujo nome se passou o decreto, e com cujo anel foy sellado. Para a vingança de Aman, e exstinçaõ de tantas vidas, concorria Aman, e o seu odio, como cauza particular: e esta fazia,

que concorreſſe tambem o Rey, como cauza primeyra, e geral das diſpoziçoens do ſeu Reyno. E o mais he, que concorria Aſſuero contra ſi meſmo tambem; porque eſta acçaõ de Aman, là ſe dirigia a huma offenſa, e conſpiraçaõ contra Aſſuero. E concorrendo o Rey para tantos homicidios injuſtos, e para a ſua meſma offenſa, precizamente rezultava huma mancha na piedade Real: *Pietatem noſtram ſua crudelitate commaculans.*

46 Nós tambem para as offenſas de Deos, e para os noſſos vicios, fazemos, que o meſmo Deos como cauſa prima, concorra no que obramos: *Servire me feciſtis in peccatis tuis.* Pois quem naõ diria (ſe lhe faltàra a Fè, ou acatamento) que com as noſſas culpas fazemos, que Deos tambem fique manchado, e ao que parece, culpado, na culpa, que ſó he noſſa? *Pietatem noſtram ſua crudelitate commaculans.* E que ainda nos conſerve Deos? Sim, que ſe niſto apareſſe a noſſa crueldade: *crudelitate ſua*, tambem reſplandece a Divina Piedade: *pietatem noſtram*, quando aſſim offendido, e aggravado eſtà Deos conſervando o que ſomos: *ſumus.*

47 Eſta he a conſideraçaõ mais heroica, e a ponderaçaõ mais nobre, que ſe pòde deſcobrir, e que nos pòde mover, para que total, e reſolutamente nos abſtenhamos de mais offender a Deos. Nem o ſer a noſſa vida tam breve, como ouviſtes no Sermaõ da primeira Dominga: *Exiguum eſt tempus vitæ noſtræ*; nem o ſer tam cheya de afflicçoens a noſſa vida, como no Sermaõ da ſegunda Dominga vos moſtrey: *Cum tædio eſt tempus vitæ noſtræ*; nem as agonias da morte, que ponderey no terceiro Sermaõ: *Non eſt refrigerium in fine hominis*; nem a eternidade das penas do Inferno, que vos propuz no quarto Sermaõ:

Non

Non est agnitus sit reversus ab Inferis, tanta efficacia tem para nos apartar de offender a Deos; quanta tem a consideraçaõ de que offendemos a quem depois de nos crear de nada, e nos dar tam nobre ser, que temos: *Ex nihilo nati sumus*: ainda nos está; quando aggravado, conservando a nòs, que dos beneficios recebidos de Deos, fazemos armas, para o offendermos: a nòs, que vertemos o concurso, e cooperaçaõ Divina, contra o mesmo Deos, para o aggravarmos, e afrontarmos. Em quanto nesta materia ponderarmos como he justo, serão acertadas, e bem dirigidas as nossas obras. Nos mais pontos, como se fundaõ em motivos humildes, e rasteiros, ainda que muito consideremos, poderemos errar, como errâraõ outros: *Cogitaverunt, & erraverunt.* Temos evidente prova no Sagrado Texto.

48 Caminhava Saulo para Damasco abrazado em zelo da Ley, e cheyo de ira contra os Discipulos de Christo, e filhos da nova Igreja; quando ouvio huma voz, que por elle bradava: *Saule, Saule.* Entrou Saulo cheyo de confusaõ a saber, que o chamava, e Christo lhe respondeu: *Ego sum JESUS, quem tu persequeris*: eu sou JESUS, a quem tu offendes, e sem temor persegues. Eis-aqui Saulo prostrado, e convertido logo. Maravilhoso caso! E tam estupendo, que sempre será a mais forte, e a mais evidente prova do quanto póde a Divina Graça. Mas noto, e reparo, que para esta conversaõ fez Christo naõ mais, que huma confrontaçaõ ente si mesmo, e o mesmo Saulo. Eu sou JESUS, dizia Christo: *Ego sum JESUS*; tu es o meu contrario, e perseguidor, que me offendes, *quem tu persequeris*. Este foy o meyo efficaz para que Saulo se tornasse Paulo, de perseguidor Apostolo. Act. 9. v. 4. v. 5.

49 E como naõ uſa Chriſto de outros meyos, e de outros argumentos para converter a Saulo? Para converter a todos os homens lhe lembra Deos a breve duraçaõ da vida: *Dixiſti convertimini filii hominum,* Pſal. 89. v. 3. & 4. *quia mille anni ante oculos tuos tanquam dies heſterna.* Jonas converteu a Cidade mayor do Mundo, intimando a ſeus moradores, que a Morte os ameaçava: *Ninive ſubvertetur.* Jon. 3. v. 4. Quando Chriſto prègava particularmente ao mais obſtinado coraçaõ humano, o combatia com a pena da condenaçaõ eterna: *Væ homini illi per quem Filius hominis tradetur.* Matth. 26. v. 24. Pois ſe o meſmo Chriſto ſolicitava com tanta efficacia a converſaõ de Saulo, como deixando aſſumptos tam fortes, e tam eſcolhidos, lhe propoem ſómente, que elle he JESUS, e Saulo ſeu perſeguidor? Porque ſem duvida, eſte era o meyo mais efficaz, para o intento de Chriſto, e para a converſaõ de Saulo. Ouvi a razaõ.

50 JESUS he quem nos dà o mais eſtimavel ſer, que temos, e o que conſerva a noſſa melhor vida: *JESUS dicitur, quia ſalutem canſat,* diz Sylveira, *ipſamque datam conſervat vitam.* Sylv. tom. 1. in Euang. lib. 2. c. 3. q. 8. Entrou pois Saulo a diſcorrer aſſim: JESUS me deu, e conſerva o ſer, que tenho; e eu emprego o que tenho, e o que ſou em aggravallo. JESUS he verdadeiro Deos, e como tal, concorre comigo, para qualquer acçaõ, que eu obro; logo quando perſigo aos Catholicos, verto contra Deos a ſua meſma cooperaçaõ. Pois alto, que por eſte caminho vou errado. Naõ quero mais offender a eſte Senhor; antes o quero amar, e ſervir, ſegundo a ſua vontade: *Domine quid me vis facere.* Act. 9. v. 6.

51 Suppondo Fieis, que cada hum de vòs he hum Saulo, perſeguidor de JESUS, com innumeraveis injurias, e repetidos aggravos, que contra elle

elle commettemos cada hora: e entendey, que como a Saulo vos falla este Senhor, e diz: *Ego sum JESUS, quem tu persequeris*: Eu sou JESUS, e vòs sois o que me perlegis. JESUS he Deos, e he Homem. Em quanto Deos, he o nosso Creador: em quanto Deos Homem, he o nosso Conservador; porque os seus merecimentos saõ os que suspendem o nosso castigo. Pois havemos perseguir, havemos offender a quem nos creou, e nos està conservando? Em quanto Deos, nos deu a vida, que temos: em quanto Deos Homem, deu por nòs a vida, que tinha. Pois havemos ingratamente perseguir, e offender, a quem deu por nòs a sua vida, alèm de nos dar a nossa? Naõ pòde haver mayor ingratidaõ, assim como naõ pòde haver mayor impiedade. Se para a vossa conversaõ, e emenda, naõ foraõ efficazes os motivos propostos nas precedentes Domingas; este como tam heroico, e tam ajustado à razaõ, convença o entendimento, para que detestando os erros, em que atè agora viveu, caminhe com acerto para a eterna Gloria.

SER-

SERMAM XIII.
DA
SOLEDADE
Da Virgem Santissima N. Senhora.
SENTIDAS QUEIXAS
DA MÃY DE DEOS
na ausencia de seu Amado Filho.

Na Igreja da Santa Cruz do Rio de Janeiro.
Anno de 1716.

Ut quid Domine recessisti longe? Psal. 10.

§. I.

1 PAROZ-SE o Sol, appareceu a Lua: e porque o Divino Sol JESUS, enlutado em sombras, teve o seu Occaso em hum mar de Sangue; tambem a Lua cheya de Graça Maria, de tristes, e escuras nuvens sahio cuberta. Ao final do primeiro suspiro, sahido do peito de MARIA angustiada; ao primeiro toque dapena, com que o coraçaõ

raçaõ da Mãy de Deos eſtà ferido, abriraõ as nuvens todos os regiſtos às lagrimas: e poſto que os ſuſpiros ſe afogavaõ neſte mar de pranto, naõ pode ter o coraçaõ dezafogo.

2 Eſgotaõ-ſe as nuvens no Ceo, depois de largos chuveyros derramados; mas aquellas nuvens de lagrymas, naõ ſe puderaõ exhaurir com nenhum diluvio, para dezafago da pena. Conſiſtio a diſparidade, em que ſó diſtilla a nuvem as aguas, que bebeu no mar; e quanto delle ſe auſenta, ha de ſeſſar, como fonte a quem o mar faltou. Mas aquellas duas immenſas nuvens de infinitas lagrymas, para que naõ ceſſem, comſigo levàraõ todo hum mar de penas, para o coraçaõ de MARIA, onde tem a origem: *Velut mare contritio tua.* Thren. 2.v.13.

3 Nem ao mar pòdem faltar aguas, nem ondas. Sahe huma onda, e là ſe desfaz nas prayas: forma ſe outra, que em huma penha ſe quebra. Porèm no mar ſempre ficaõ as meſmas ondas; porque eſſa quebrada na penha, eſſa nas prayas desfeita, ao meſmo mar ſe recolhem. As aguas com que nos rios ſe eſtà ſangrando o Occeano nem huma diminuiçaõ lhe fazem. Como ſahiraõ, aſſim tornàraõ para o novo alento: *Ad locum unde flumina exeunt revertuntur.* Tambem as lagrymas de MARIA ſolitaria, ſahindo dos olhos, nas faces encontravaõ as margens, onde ſe detinhaõ, para naõ paſſar: *Lachrymæ ejus in maxillis ejus.* Eraõ impetuoſas ondas, que para o mar do peito, retrocediaõ quebradas. Eraõ rios, que naſcidos de hum mar de penas, a elle ſe recolhiaõ com infinito gyro. Por iſſo diz o enternecido Profeta que dos olhos da Senhora, ſem fim eſtavaõ ſempre ſahindo as lagrymas: *Ego plorans, & oculus meus deducens aquas.* Nem diſſe, que chorou, pondo-lhe termo Eccleſ.1. v.7. Thren. 1.v.2. v.16.

às

às lagrymas; nem disse, que derramàra lagrymas; dando-lhe fim ao pranto. Disse, que estavaõ as lagrymas sahindo sempre; *deducens aquas*: e a Senhora sem fim chorando: *ego plorans*; porque nem cessando as lagrymas, nem punhaõ fim ao seu curso, nem lemite ao pranto: *Ego plorans, & oculus meus deducens aquas.* Naõ cessavaõ as lagrymas; porque naõ acabava a pena: continuava o pranto, porque se naõ deminuhia a dor.

4 A causa de tanto pranto, e de tantas lagrymas em MARIA Santissima Divina Lua, foy o eclipse do Sol Divino: a ausencia do amado Filho: *Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas, quia longe factus est à me consolator.* E se destas lagrymas he origem tam doloroso dezemparo, como me arrojarey eu a proferir vozes nesta incomparavel Soledade? Nem huma discripçaõ, soube discorrer em Soledade alheya. Mais natural he na soledade, a compayxaõ, que a eloquencia: porque a agudeza da pena, ha de suspender a ponderaçaõ. Sentimento na Soledade, he irremidiavel effeito da magoa; o descrevella, he impossivel emprego da comprehensaõ alheya.

5 Aquelle Profeta, que melhor ponderou a Soledade da Mãy de Deos, fallou assim. Naõ acho a que comparar a dor de vossa Soledade; porque he grande como todo o mar; *Cui comparabo te? Vel cui assimilabo te?... Magna est enim velut mare contritio tua.* Pois se a dor dessa Soledade, era como o mar: *Velut mare contritio tua*; como lhe naõ achava o Profeta comparaçaõ? *Cui comparabo te?* E senaõ tem a que a comparar; *Cui assimilabo te?* Como a igualou ao mar na grandeza? *Magna est enim velut mare?* Porventura que se contradiz o Profeta? Nos termos, em que fallou, parece que sim; e foy myste-

Thren. 2.v.13.

rio,

terio; onde aprendemos, que em tam ſublime, e tam unica Soledade, ſe ha de implicar, quem a pertender explicar: *Cui comparabo? Magna eſt, velut mare.*

6 Como ha de ponderar huma Soledade, quem a naõ padece, ſe ainda o peito que a ſente, naõ tem capacidade, para a expremir? E a razaõ he, quando menos; porque os ſoluços continuos, quebrandoſe na garganta, impedem na lingua a formaçaõ das palavras, com que o entendimento interpreta o que paſſa no coraçaõ. Na Cruz ſe vio Chriſto, naõ ſó em dezemparo, mas em Soledade tambem: *Torcular calcavi ſolus, & de gentibus non eſt vir mecum*: e diz Saõ Paulo, que entaõ ſe ouvira a Chriſto hum grande clamor, com lagrymas: *Cum clamore valido, & lachrymis.* Naõ ſe diſtinguiaõ vozes, e ſó ſe ouvia hum clamor grande, e hum brado: *Cum clamore valido*: porque a pena da Soledade, e o impeto com que corriaõ as lagrymas, haviaõ de impedir a diſtinçaõ das palavras: nem eſtas ſe podiaõ articular bem entre clamores da pena, e lagrymas da Soledade: *Cum clamore valido, & lachrymis.* Iſa.63.v. 3. A Hebr. c.5.v.7.

7 O mais que ſe ſabe daquella Soledade da Cruz, he huma queixa formada pelo meſmo Chriſto, contra ſeu Eterno Padre, que o dezemparou: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me?* A eſta imitaçaõ, na Soledade preſente; para que os diſcuſos levem alguma propriedade, ſó ſe ouviraõ nelles, humas ſaudoſas queixas, formadas pela meſma Senhora, que padece, contra o amado Filho, que a dezemparou: *Ut quid Domine receſſiſti longe?* O thema nos dà o aſſumpto, e as palavras delle o dividem. Vos Senhora, ditay os penſamentos, e dirigi as ponderaçoens, para que naõ ſejaõ alheyas da voſ- Matth. 27.v.46.

ſa

ſa pena. Os periodos haõ de ſer meus: anime-os o ſentimento voſſo. As palavras ſeraõ minhas, e as queixas voſſas. Por parte da voſſa pena, intento diſcorrer hoje, e por iſſo mais neceſſito do voſſo auxilio. Day-mo Senhora, que ſuppoſto ſem formoſura eſtaes, *egreſſus eſt à filia Sion omnis decor ejus*; ainda aſſim tendes muita graça.

Thren. 1. v. 6.

AVE MARIA.

§. II.

Ut quid Domine receſſiſti longe?

8 SE he eſta (atè agora querido, e delicioſo Filho meu) aquella hora do apartamento, muitas vezes repetida, para a magoa: *Tempus putationis advenit*; naõ duvido cheguem a ferir voſſo coraçaõ, os ternos ſuſpiros, e ſaudoſas queixas deſta ſolitaria Pomba: *Vox turturis audita eſt.* Là pois deſſe retiro, onde cuido ſe ouviràõ minhas queixas, dizey-me Senhor; porque razaõ me deſemparaſtes, e me deixaſtes? A que fim, naõ attendendo para a minha Soledade, vos retiraſtes para tam longe: *Ut quid Domine receſſiſti longe?*

Cant. 2. v. 12.

Ibid.

9 As minhas queixas naõ vos offendaõ, meu Deos; porque ainda que o queixarme de hum Deos, pareça temeridade, ou ſe julgue ſer delirio; a ſoledade o permitte, e o deſculpa. Quem jà mais ſe vio ſolitario, que ſe naõ ouviſſe queixoſo? Solitaria ſe conſiderou Raquel, com a morte dos Innocentes ſeus filhos; e ainda que ſepultada jà, tam alto era o brado de ſuas queixas, que rompendo eſtas a ſepultura em Belem, em Ramâ chegàraõ a ſer ouvidas: *Vox in Ramâ audita eſt, ploratus, & ululatus multus, Rachel plorans filios ſuos.* Anna mãy de Tobias, na

Matth. 11. v. 18.

tardança

tardança do filho peregrino, se queixou de si mesma; porque se vio solitaria: *Heu me fili mi; ut quid te missimus peregrinari?* David, em cujo coraçaõ dilatado, se retratou o vosso, na soledade, em que o poz, a morte de Absalaõ, proferio, queixas atè alli nunca ouvidas; porque na insofrivel pena da soledade, desejou trocar a sua vida, pela morte de Absalaõ: *Quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te, Absalom fili mi?* E tambem vòs, Senhor, naõ ha muitas horas, que vendo vos na Soledade da Cruz, de vosso Eterno Pay formastes internecidas queixas: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Naõ vos queixastes dos ministros impios, que à morte condenàraõ vossa Innocencia. Nem dos algozes, que sacrilegamente executàraõ em vòs tanta crueldade; que supposto jà tinhas exhalado na Cruz a vida, ainda eras emprego de seu insaciavel odio. Queixastevos sim de Deos, e unicamente vos queixastes delle; porque vos deixou solitario: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Houve a queixa onde se naõ podia escuzar. Sem queixa se podiaõ soffrer todos os mais tormentos; mas na pena da Soledade, do mesmo Deos vos queixastes. Pois se queixas de hum Deos; com o vosso exemplo ficaõ desculpadas; naõ serà estranhavel, que conservando-vos o respeito de meu Senhor, e meu Deos, de vòs me queixe, vendo que me deixastes em Soledade: *Ut quid Domine recessisti longe?* Naõ busco outra formalidade, para as minhas queixas; porque estas quatro palavras, mysteriosamente proferidas pelo vosso Real Profeta, saõ adequadamente expressivas da minha queixa. Porque cauza, Senhor, vos retiraste de mim para tam longe? *Ut quid Domine recessisti longe?* Tob. 10. v. 4. 2 Reg. c. 18. v. 33.

§. III.

10 POrque razaõ? Porque cauſa? *Ut quid?* Aſſim pergunto; porque diſcorrendo pelo tormento da minha Soledade, lhe naõ acho cauſa: *Hæc paſſa ſum abſque iniquitate.* Pela innocencia, vos devo render as graças. Mas ſendo tam grande de voſſa parte o amor, e faltando de minha parte a cauſa, preciſamente pelo que padeço ha de creſcer a queixa: *Ut quid?*

Job 16. v. 11.

11 Quem conhece a cauſa de padecer, na razaõ de ſua pena, deſcobre a conformidade para o ſoffrimento. Mas padecer ſem cauſa, he inſofrivel tormento, naõ ſó para quem padece, mas tambem, para o que pondera a ſem razaõ da pena. Eſta doutrina aprendi, quando ao pè da Cruz aſſiſtia. Neſſe theatro mayor de minhas, e voſſas dores, padecias vòs, e tambem Dimas o meſmo tormento; porque ambos affrontoſamente crucificados; vòs innocente, elle criminoſo. E reparava eu entaõ, que Dimas ſó ſe queixava do voſſo, e naõ do ſeu patibulo. *Et nec quidem juſtè nam digna factis recipimus; hic vero nihil mali geſſit.* Pois porque ſe conpadeceria elle mais do voſſo, que do ſeu tormento, ſendo eſte proprio; e ambos do meſmo genero? Porque Dimas, para o ſeu tormento, bem conhecia razaõ; para o voſſo, naõ achava cauſa; e o padecer ſem cauſa, tormento he inſofrivel, ainda que ſeja eſtranho. A dor que he grande, faz naõ ſentir outras dores, que ſaõ menores. Naõ ſe moſtrava Dimas ſentido de ſuas dores crucificado; porque era para elle mayor a pena, de vos ver ſem cauſa padecendo. A razaõ com que Dimas foy condenado, lhe adminiſtrava conformidade no ſofrimento: *Nos quidem juſtè, nam digna factis recipimus.* A ſem razaõ com que vòs padecias

Luc. 23. v. 40.

deciás, lhe tirava o ſofrimento, e lhe encendia a queixa: *Hic vero nihil mali geſſit.*

12 Se aſſim diſcorria Dimas em cauſa alheya, como em ſentimento proprio, naõ diſcurſarey eu com igualdade na queixa? Se o meu amor naõ deu cauſa a eſte voſſo retiro, com que razaõ o atormentaes, deixandome em Soledade, neſta voſſa auſencia? Sentença he Divina, que pela eſpoſa, ſe deve deixar a companhia dos Pays: *Relinquet homo patrem ſuum, & matrem, & adhærebit uxori ſuæ.* Como eſpoſo me buſcaſtes vòs, *tanquam ſponſus*; deixando o Padre para encarnar em mim: *Exivi à Patre, & veni in Mundum.* Pois com que razaõ, eſquecido da obrigaçaõ de Eſpoſo, deixaes a Eſpoſa, que com tanto diſvello pertendeſtes, e buſcaſtes com tanto amor? Se experimentàras o menor deſmayo no meu amor, juſto fora, e deminuto ainda, para o meu delicto, eſte inſeportavel caſtigo. Mas ſe o meu coraçaõ he fragoa inextinguivel de voſſo amor; porque razaõ martyrizaes eſta Alma, com voſſa auſencia? *Ut quid?* Genes. 2. v. 24. Pſal. 18. v. 6. Joan. 16. v. 28.

13 Se decretado eſtava eſte apartamento, pela morte, que padeceſtes; como na auſencia de voſſa Alma, me naõ deixaſtes o corpo? Porque razaõ conſentis, que o voſſo corpo ſe tire de meus braços, quando a Alma ſe retirou? Se intentaſtes cumprir o decreto, de ſer o voſſo Corpo ſepultado; porque naõ elegeſtes em meu coraçaõ a ſepultura? Se eſcolheis o coraçaõ da terra; porque deixaes o coraçaõ da Máy? E ſe na terra quereis que vos ſepultem; porque razaõ me naõ levaés comvoſco para a ſepultura? Porque razaõ me deixaes? Porque cauſa vos retiraes de mim? *Ut quid?* Porque cauſa, ou para que fim? *Ut quid.*

14 A huns effeitos, que ſaõ preciſos, pela neceſſidade

ceſſidade da cauſa, que os produſio; outros que ſe fazem convenientes, pelo fim a que ſe dirigem. Mas neſta voſſa auſencia; aſſim como naõ acho cauſa, que a preciſaſſe, aſſim lhe naõ deſcubro fim, que a fizeſſe neceſſaria. Antes ſe buſcarmos a origem de voſſo apartamento, no fim que vos trouxe ao Mundo, ainda creſcerà mais a razaõ da minha queixa. Sey, que o fim de vos fazeres homem, e padeceres por todos, foy a redempçaõ do Mundo: *Venit filius hominis quærere, & ſalvum facere quod perierat.* Pois ſe no Calvario com a voſſa morte ſe conſummou a redempçaõ do homem: *Conſummatum eſt*, qual pode ſer o fim deſta voſſa auſencia? *Ut quid?* Se eu para o voſſo retito achàra cauſa; nelle tivera a ſatisfaçaõ de minhas queixas. Se alcançàra, que no fim deſte apartamento havia utilidade, conſolàra com eſſa conveniencia a minha pena. Mas padecer tam grave tormento ſem cauſa que o peſſa; e ſem fim algum, que de neceſſidade o requeira! Oh dor irremediavel!

Luc. 19. v. 10.

Joan. 19. v. 30.

15 De todos os voſſos tormentos, hum houve tam atroz, que antes de executado, e tambem jà depois de padecido, ſempre vos atormentou, ſem que occorreſſe accidente baſtante, para em alguma hora voſſa vida, aliviar a pena de tam inſofrivel martyrio. Era o tormento crueliſſimo dos açoutes: *Ego in flagella paratus ſum: & dolor meus in conſpectu meo ſemper.* Supportaſtes os mais tormentos ſem queixa. Antes achavas alivio no padecer, ſequioſo de mayores penas: *Sitio.* Pois como nos açoutes, tanta dor, e tanta queixa? *Dolor meus in conſpectu meo ſemper?* Agora entendo a razaõ: e he, como cuido; porque nos mais tormentos, ſuppoſto naõ havia cauſa de voſſa parte, que os mereceſſe; da parte do odio havia fim, que os pediſſe. Queria o odio dos Judeos ſaciar a ſua furia;

Pſal. 37. v. 18.

Joan. 19. v. 28.

furia: quèria a inveja satisfazer a sua payxaõ maligna: e para este fim inventava exquesitos generos de martyrios contra vòs. Inventava huma coroa de espinhos, que ttespassáraõ vossa cabeça; o fel, que vos offendeu a lingua; os cravos, que vos tresspassáraõ os pès, e mãos; a lança, que vos abrio o peito; e inventava mais outros tormentos, e todos dirigidos, a fim de triunfar contra vòs a impiedade. Mas o tormento dos açoutes, alèm de naõ ter causa da vossa parte; tambem da parte do odio, naõ havia fim que o pediſſe. Julgou Pilatos (naõ por odio seu, mas por aplacar a furia de vossos inimigos) que seria conveniente condenarvos ao tormento dos açoutes: *Emendatum, ego illum dimittam corripiam ergo illum, & dimittam.* Pertendia aquelle Minisstro, que condoidos os vossos accusadores, à vista de tal castigo, desistissem de vos solicitar a morte; e por este fim, mandou se executasse em vòs o crueliſſimo tormento dos açoutes: *Corripiam, & dimittam.* Mas he certo, que nem hum meyo, chegaria a ser efficaz, para se abrandar a furia Judaica; porq̃ com isso se empenhava mais em crucificarvos: *Ad illi instabant vocibus magnis postulantes, ut crucifigeretur.* Alèm de ser injusto aquelle castigo, ficou tambem sendo inutil. Injusto; porque naõ dèstes para elle causa. Inutil; porque com elle se naõ alcançou, o intentado fim de que os Judeos cessassem de vos maquinar a morte. Pois tormento sem causa, que o merecesse; e juntamente sem fim, que o pediſſe: tormento, onde o odio naõ he author; e a compaixaõ naõ acha utilidade, justamente se vos faz intoleravel: *Dolor meus inconspectu meo semper.*

Luc. 23. v. 16. & 22. D. Chrysost. D. Aug Bed. & communis exposit. in hunc locum.

Luc. 23. v. 23.

16 Tal he tambem o tormento de minha Soledade insofrivel. Alèm de ser injusto, he inutil. In-

justo; porque sem causa de delicto, sou atormentada, com esta vossa ausencia. Inutil; porque nem com a minha Soledade se recupera a vossa vida: nem o Mundo, que jà està remido, carece de minhas penas, para se resgatar da culpa. Se pois semelhante martyrio, foy em vòs tam encarecida a pena, como serà em mim dispensavel a queixa? He possivel, Senhor, que sem causa me deixaes? Ao menos dayme a saber, para que fim, Senhor, me tendes em Soledade vossa? *Ut quid Domine?* No fim para que padeço; mostrayme a utilidade da minha pena; e consolarey o meu sofrimento. Mas padecer esta vossa ausencia sem ver a necessidade, que o pede? Para que Sanhor? *Ut quid Domine.*

§. IV.

17 SEnhor, vos intituley; e naõ vos nomeey Filho; *Domine.* Nem estranheis, que faltando-vos com o doce nome de Filho, só vos trate com o reverente nome de Senhor: *Domine;* porque se quando na Cruz vos queixastes de vosso Eterno Padre, só lhe davas o titulo de Deos, e naõ de Pay, havendo-vos desemparado: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me;* tambem quando de vòs me vejo desemparada, serà justo vos naõ trate jà por Filho nas minhas queixas; mas sim por Deos, e Senhor: *Ut quid Domine.* Antes poderà ser, se descubra algum fundamento; por onde mais propriamente vos falte eu com o nome de Filho, quando morto vos perdi; do que em vòs se achava, para faltares com o titulo de Pay a hum Deos tam inseparavel por natureza de vòs Filho, como de si mesmo.

Matth. 27.v.46.

18 A razaõ he, porque na Cruz, onde vos queixavas do Padre, só vos desemparou, em quanto Deos: naõ em quanto Pay. Assim se entende da

vossa

voſſa queixa: *Deus meus, Deus meus; ut quid dereliquiſti me?* Em quanto Pay, vos eſtà gerando, por toda a eternidade, como a ſeu Filho: e ainda na Cruz em quanto Pay, vos naõ deſemparou em quanto Filho; porque naõ obſtante os opprobrios, com que a deshumana fereza vos tratava, ainda voſſo Eterno Padre, continuava com o meſmo acto de Geraçaõ Divina, communicando-vos o ſer de Filho na Cruz. Tudo diz David: *Aſtiterunt Reges terræ, & Principes convenerunt in unum, adverſus Dominum, & adverſus Chriſtum ejus. Dominus dixit ad me, Filius meus es tu, ego hodie genui te.* Por iſſo vos naõ deſemparou, em quanto Pay. Deſemparou-vos ſómente em quanto Deos; porque o Eterno Padre, ſó he voſſo Deos, depois que vos fizeſtes homem: *De ventre matris meæ Deus meus es tu.* Antes que de mim recebeſſes a humanidade, nem o Padre era voſſo Deos, nem vòs eras Deos do Padre; porque ſois ambos hum Deos ſómente. Fizeſte-vos homem, e ficou o Padre ſendo voſſo Deos, por vos dar *ad extra* o ſer de homem. E porque deixou de vos aſſiſtir na Cruz com aquellas eſpeciaes conſolaçoens, que confortavaõ voſſa humanidade, para padecer tam inſoportaveis tormentos, por iſſo em quanto voſſo Deos vos deſemparou, e por iſſo vos queixaſtes delle, ſó em quanto Deos: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me?*

Pſal.21. v.11.

Pſal.21. v.11.

D. Chryſoſt. D. Hieron. D. Paſchaſ. D. Thom. Suar. in 3.p tom 2 d 38. ſect.2.

19 Eu porèm para ter mais pena experimentey o contrario. Sois meu Deos, e ſois tambem meu Filho. E naõ querendo vòs em quanto Deos, deſemparar eſta creatura voſſa; quizeſtes em quanto Filho meu, deſemparar eſta deſconſolada Mãy. Por iſſo vos naõ nomeyo Filho, como atè agora; por iſſo neſtas minhas queixas ſó vos intitulo Deos, e Senhor: *Ut quid Domine.*

Commun. Doctrina apud Veg. in Theolog. Marian. p. 2. pa-lest. 24. Cert. 11. n. 1579. Vide Paul. à Cõcept. tom. 4. tract. 19. d. 4. dub. 4. fol. mihi 669.

20 Vòs em quanto Deos me deſtes o ſer, que tenho. Em quanto Filho meu, eu vos dey o ſer de meu Filho, pelo ſer que me reſultou de voſſa Mãy. E ſuppoſto, que me naõ deſempareſtes em quanto meu Deos; porque me naõ tiraſtes o ſer, que tenho de creatura voſſa; comtudo, deſemparaſteme, em quanto Filho, porque com a voſſa morte perdi eſſe Filho; e perdi tambem o ſer de Mãy, que me reſultava para tal Filho. Se fuy Mãy porque gerey aquella uniaõ, que vinculou o corpo, e Alma, que a voſſa Peſſoa tomou a ſi na Encarnaçaõ; agora, que por voſſa morte ſe deſtruhio eſſa uniaõ, tambem acabou toda a razaõ do ſer Mãy. E he evidente, que ſe eu podèra eſcolher; antes acabàra de ſer creatura, que deyxaſſe de ſer Mãy voſſa. Antes naõ tivera eu o ſer, que me deſtes como Deos, para exiſtir, do que perdeſſe o ſer que vos dey, como a Filho meu. O que em menos ſe eſtima, tambem ſe ſente menos, quando ſe perde. E eu em mais eſtimo o ſer de Filho, que vos dey; e em menos o ſer de creatura, que me deſtes. Eſtimo-vos como a meu Deos, com toda a Fè de meu eſpirito, ſobre tudo, quanto pòde haver; que tudo he menos, que vòs. Eſtimo-vos como a ſummo bem meu com toda a eſperança de minha Alma. Eſtimo-vos como ao mais amavel objecto com todo o amor de meu coraçaõ. Todas as creaturas juntas, ſaõ menos amaveis, que vòs ſó. Logo naõ he encarecifacrificio de meu amor, ſentir mais a voſſa perda, do que podèra ſentir a minha, ſe de todo me aniquilàras. Façamos troca. Tiray-me o ſer que me deſtes em quanto Deos: e fique livre o ſer que vos dey, como a Filho meu; porque melhor me eſtà deixar eu, de ſer o que ſou, do que ver acabado o ſer que vos dey. Menos ſentirey acabando de ſer creatura, do que acabando de ſer Mãy voſſa.

21 Per-

21 Perdendo eu o ſer, que tenho, padeceria huma morte, tam breve como hum inſtante. Perdendo-vos tambem a vòs, venho a perder infinitas vidas. E a razaõ he; porque a morte naõ gaſta mais que hum inſtante, para tirar huma vida. Em infinitos inſtantes, tira infinitas vidas. Logo nos infinitos inſtantes, que ſaõ paſſados, de quando vos perdi, (vida deſta Alma) tenho perdido infinitas vidas, e eſtou padecendo infinitas mortes. Infinitos ſaõ os inſtantes, que em caha hum minuto ſe comprehendem: e tantas ſaõ as mortes; que em cada minuto ſinto, ſem que chegue a perder a vida; porque ſe o deſempararesme em quanto Filho, he morte para eſta Máy, que o acaba tambem de ſer; o naõ me deſemparares em quanto Deos, como creatura a quem conſervaes, he dilatareſ-me a vida. E ajuntando-ſe em mim a morte, e a vida, ambas ao meſmo tempo: a morte de Máy, e a vida de creatura; vivo morrendo, por infinitos inſtantes: e vivendo morro por infinitas vezes; porque eſtou morrendo em cada hum inſtante, em que eſtou vivendo.

22 Naõ ſe avalie por encarecimento, o que ſe abona com as Divinas letras. Lá me profetizou Simeaõ, que huma eſpada de dor, me treſpaſſaria eſta Alma: *Tuam ipſius Animam doloris gladius pertranſibit.* Improprios pareciaõ os termos deſta Profecia, porque qualquer golpe, tanto que toca na Alma, he de morte; pois ſe eſta eſpada me feria na Alma, *tuam ipſius Animam*, como ſó era eſpada de dor, e naõ de morte? *Doloris gladius.* A dor atormenta a vida, a morte porèm, tira eſſa vida. Pois como ſó he dor, que atormenta; *Doloris gladius*; huma eſpada, que leva em ſeus fios a vida, quando toca na Alma? *Tuam ipſius Animam*? Só com a minha pena ſe podia explicar

Luc. 2. v. 35.

explicar eſte vaticinio. Eſta eſpada he a da ſeparaçaõ de meu Filho: e tal he eſta auſencia, que me dà a morte; porque me treſpaſſa a Alma: *Tuam ipſius Animam pertranſibit.* Mas de tal maneira me dà a morte, que me naõ tira a vida; porque ainda vivo, para ſucceſſivamente eſtar padecendo as meſmas dores da morta: *Doloris gladius.*

23 Entre a dor, e a morte, ha eſta differença notoria; que a morte dura hum inſtante ſómente. Todo o ſeu ſer, he hum naõ ſer: a ſua duraçaõ, he hum expirar, he hum acabar. Porèm a dor, perſevera eſpaço, e continua. Neſte deſemparo pois de Filho em quanto Filho, a morte para me atormentar, tomou as propriedades de dor; para durar, em quanto me eſtà matando: e a dor ſe reveſtio das tyrannias da morte, para permanecer, em quanto me tira a vida. De ſorte que, neſte deſemparo de Filho em que me vejo, he tal a dor, que me tira a vida, pois me treſpaſſa a Alma: *Tuam ipſius Animam pertranſibit*: e he tal a morte, que contra a compaſſiva violencia das outras mortes, me naõ acaba; porque em matarme continua, como ſe fora huma dor: *Doloris gladius.* Aquella eſpada, ou auſencia de meu Filho, he morte, e he dor em mim. He morte, porque me levou a vida: e he dor, porque ſenaõ acaba. Morte, pelo effeito: dor, pela duraçaõ. Uniraõ-ſe a morte, e a vida em mim: a morte de Mãy, e a vida de creatura. Originou-ſe eſta cruel uniaõ, de que hum Filho, que perdi, me deſemparа em quanto Filho, para que eu acabe, e feneça em quanto Mãy; e naõ me quer deſemparar em quanto Deos, para de todo acabar, e fenecer eſta creatura; antes me eſtà conſervando a vida de creatura, para que fique eu padecendo repetidas mortes de Mãy, neſte

ſeu

seu apartamento naõ em quanto Deos, mas em quanto Filho. E he com tam justificada causa, entre tam continuadas mortes, bem me posso queixar, sem vos nomear jà Filho, porque me deixastes em Soledade, retirando-vos de mim: *Ut quid Domine recessisti?*

§. V.

24 EM verdade Senhor, me deixastes, e vos retirastes de mim: *Recessisti?* E este he o total ponto de minhas queixas, que mais se calefacaõ, com o exemplo das vossas queixas, proferidas no patibulo da Cruz. O motivo de vossas queixas entaõ, era unicamente porque o Padre vos desemparava: *Ut quid dereliquisti me*; mas naõ, porque vos desacompanhasse. Fundava-se a vossa queixa, em que vos naõ consolasse o Padre, padecendo vòs tantos tormentos na Cruz. Mas em verdade, nunca o Padre vos deixou; nunca se apartou de vòs. Porque como em vòs, e no Padre he a natureza a mesma, necessariamente està o Padre em vòs, e vòs no Padre: *Ego in Patre, & Pater in me est.* Nem o Padre se pòde apartar de vòs; nem vòs do Padre sois separavel. Por isso ainda quando o Padre deixa de vos consolar, vos naõ deixa; porque ainda fica comvosco. Porèm a minha queixa, para que mais atormente, consiste em que, naõ só me desemparastes, se naõ tambem me deixastes: *Recessisti.* Entre tantas penas, aqui me acho destituida de alivio, e de companhia: angustiada como vòs tambem estivestes na Cruz, e solitaria como eu sómente: *Destituta, & sola.* E se vòs por destituido de consolaçaõ, vos queixastes do Eterno Padre: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Como me naõ queixarei eu de vòs, vendo que me deixaes, alèm de me desemparares?

Joan. 10. v. 11.

Isa. 49. v. 21.

rares: faltando-me com a consolaçaõ; e negando-me a companhia: *Recessisti?*

25 Contente padecera eu todos os mais tormentos, que padecestes na Cruz, sem exceptuar a morte; e naõ soffrera esta ausencia, que avalio ainda por mais cruel. Bem sey, que foy precisa a vossa morte, para que a Redempçaõ do Mundo, fosse mais copiosa, e mais abundante. Porèm se depois de morto, deixastes os braços da Cruz, pelos meus braços; para que os deixastes depois, e a mim tambem pela sepultura? Consolava-me a vossa companhia, ainda que morto vos visse; porque ainda que vos via no Occaso, sempre vos considerava Sol. E se nesta vista havia para mim alivio; como de mim, e de meus olhos vos retirastes? *Recessisti?* Atè o tempo de vossa morte, fuy o exemplo da constancia, e conformidade; mas ao tempo desta Soledade por vossa ausencia, estou necessariamente queixosa; porque naõ he razaõ me privem de vossa companhia, depois de me roubarem a vossa vida. Aquella morte foy injustiça; mas esta Soledade he inclemencia.

26 Quando as Mãys professoras do antigo Testamento circuncidavaõ seus filhos, contra o estatuto de Antioco, ordenava elle, que os matassem; mas naõ permittia, que mortos os roubassem as suas Mãys; antes queria, que lhe deixassem em casa ao arbitrio de cada huma: *Suspendebat pueros à cervicibus, per domos eorum.* Pois se o delicto era das Mãys, para que matavaõ os filhos? Já vejo, que a morte destes era o castigo daquellas. Porèm se nas Mãys se originou a morte dos Filhos, como os deixavaõ ainda na companhia dellas? como os naõ davaõ à sepultura, já que lhes tiràraõ as vidas? Porque isso fora dar mayor pena, do que poderia merecer o delicto.

1.Machab. 1.v.6.

Andou

Andou Antioco injuſto na morte dos filhos; e comtudo naõ chegou nelle a inclemencia a privar as Mãys, dos filhos, que condenou à morte. Em algum delicto das Mãys, poderia caber a morte dos filhos, poſto que innocentes; mas privallas dos filhos depois de mortos, naõ cabe em algum delicto, e excede a todo o ſoffrimento da pena. Caſtige-ſe embora o filho pelo delicto da Mãy; mas naõ ſe martyriſe a Mãy, com a auſencia do filho morto: *Suſpendebant pueros à cervicibus per domos eorum.* A cauſa era de Deos; e elle acodio pela juſtiça das Mãys. Permittio para merecimento dellas, que as martyriſaſſem nos filhos vivos; e naõ conſentio, que as tyranniſaſſem privando-as dos filhos mortos. Com razaõ, e clemencia neſta parte; porque ver hum filho morto, grande pena he, para huma Mãy, que o ama; porèm he ſofrivel pena. Mas ficar auſente do filho, que vio morrer; roubarem-lho da viſta, depois de lhe roubarem a vida; ainda he tormento mais inſofrivel.

27 Quem naõ conhece os primores do materno amor: quem naõ penetra os pontos daquelle vinculo, com que o amor, e a natureza atàraõ entre ſi huma amoroſa Mãy, e hum filho amado, cuida, que faz obſequio à Mãy, retirando-lhe dos olhos o filho morto. Mas he erro notorio, querer aliviar a ſaudade, em que a Mãy eſtà, pela morte do filho, que vivia, com outra mayor ſoledade, pelo retiro do filho morto, e roubado aos olhos da Mãy.

28 Vendo Agar, que lhe morria o filho Iſmael, enternecida o deixou, e ſolitaria ſe retirava, pará onde o naõ viſſe, tanto que morreſſe: *Abjecit puerum ſubter unam arborem, quæ ibi erat, & abiit.... Dixit enim, non videbo morientem puerum.* Mas he Divina Genef. 21. v. 15. & 16.

ſenten-

ſentença; que a Mãy errava na ſoledade: *Errabat in ſolitudine.* Oh quam fecundo, e myſterioſo he, aquelle termo, com que a Eſcritura diz, que andava errada a Mãy de Iſmael! *Errabat.* Errada nos caminhos, ſem acerto: e tambem errada na ſoledade: *Errabat in ſolitudine.* Errada nos caminhos: *Errabat;* porque deixou o filho, e tomou a eſtrada: *Abjecit puerum: & abiit.* Porèm errada, e muito mais errada na ſoledade do filho: *Errabat in ſolitudine;* porque em morrendo o filho, o naõ queria ver; *non videbo morientem puerum.* Oh que erro tam ſem deſculpa! Retirou-ſe delle, para que o naõ viſſe: *Abjecit puerum.* Oh eſcandalo do amor de Mãy, na ſoledade do filho! Naõ deixes Agar o filho, que he tyrannia. Naõ te auſentes delle, que he erro. Torna atraz, buſca teu filho, ainda que naõ viva; porque ſe naõ aliviares a pena da morte, aliviaràs a pena da ſoledade.

29 O Ceo que conheceu o erro daquella Mãy, o reprehendeu, e remediou. Hum Anjo bradou do Ceo por Agar, dizendo-lhe: *Quia hic agis Agar?* Que he o que fazes Agar? Agora mais que dantes vás errada, quando de teu filho te apartas na morte: *Surge tolle puerum.* Torna a traz, e toma o filho nos braços. Oh compayxaõ do Ceo! Oh felicidade, para a ſolitaria Mãy? Quem me dera ouvir dos Ceos ſemelhantes vozes! Oh ſe me fora permittido ir buſcar o meu Filho, que morto ſe retirou, e auſentou de mim? Oh ſe o pudera eu ter em meus braços! Se em meu peito coubera a inveja, ſó a tivera de Agar, quando na ſoledade do filho o pode ter comſigo. Mas ſe naõ cabe a inveja, porque naõ caberà a queixa pelo ſentimento. Queixarme-hey, Senhor, com razaõ; porque uſando vòs de tanta compayxaõ com Agar,

Ibid. v. 17. & 18.

Agar, uſais de tanta tyrannia comigo. Para Agar ſolicitaſtes a companhia do filho: *Surge tolle puerum*: e a mim me privaes da voſſa companhia; porque morto vos retiraſtes de mim: *Receſſiſti.*

30 Bem alcanço eu, que naõ ſe conſola o entendimento com a companhia de hum morto. Mas quando a pena, e o ſentimento ſaõ exceſſivos, naõ provaõ bem os diſcurſos do entendimento: mais efficacia tem neſſe caſo o enleyo da viſta para conſolar á magoa. E a razaõ he; porque como o entendimento perde na afflicçaõ o acordo, ficaõ os olhos, com as aparencias, em que ſe emprega, dando ſem contradiçaõ alentos ao coraçaõ. Mas eu em minha Soledade, tam deſtituida eſtou de alivio, que nem a viſta poſſo empregar em vòs, objecto unico dos meus olhos, para conſolar a minha pena. Auſentou-ſe o voſſo eſpirito: e nem a companhia de voſſo Corpo me deixaſtes. Atè eſte ſe retirou de mim, para que me falte a conſolaçaõ de o ver.

31 Quando Jeremias lamentou, e ponderou a minha Soledade, diſſe por grande expreſſivo de minha dor, que eu chorava de noite: *Plorans ploravit in nocte*: mas he certo, que o meu pranto naõ foy ſó de noite, pois nem de dia ceſſaõ as minhas lagrymas. E qual ſeria a propriedade, com que falou o Profeta, quando chamou noite ao eſpaço todo, em que ſolitaria choro? *Ploravit in nocte*? A noite com a ſua eſcuridade, faz naõ ver, nem diviſar os objectos; e porque em minha Soledade, naõ vejo a meu Filho; pois atè o corpo retirado eſtà de minha viſta; por iſſo he noite o eſpaço de minhas lagrymas. A falta deſta amoroſa viſta, he a cauſa de minha Soledade; e por iſſo huma noite caliginoſa, vem a ſer a fonte de minhas lagrymas. Tudo para mim he noite, naõ vendo

Thren. 1. v. 2.

Pſal.37. v.11. vendo a luz dos meus olhos: *Lumen oculorum meorum, & ipſum non eſt mecum.* Faltame a luz do meu claro Sol; fiquei em profunda noite chorosa: *Plorans ploravit in nocte.* Posto o Sol, chora a noite naquelle orvalho, que sobre a terra destilla. Pelo occaso do melhor Sol, que alumiou a terra, destillaõ os meus olhos o orvalho de suas lagrymas, encaminhadas a vós Deos, e Senhor meu: *Ad Deum ſtillat oculus meus*; porque o vosso retiro he a causa dellas, e de minhas queixas, pois por isso me queixo, por isso choro; porque vos ausentastes, e retirastes de mim: *Receſſiſti.*

Job 16. v.37.

§. VI.

32 AInda se justifica mais a causa de minhas queixas, ponderando-se o rigor desta ausencia, e a circunstancia insofrivel deste apartamento. Naõ só vos apartastes deixando-me; mas tambem foy a vossa ausencia, para muito longe: *Receſſiſti longe.* Se o vosso apartamento fora para menor distancia, à custa de minhas diligencias, buscàra o alivio de minhas queixas. Mas ordenou aquella Providencia inscrutavel, que fosse para tam longe o vosso retiro; para que nem de meus olhos possa enxugar as lagrymas, nem descobrir consolaçaõ para minhas queixas: *Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas, quia longe factus eſt à me conſolator.* Oh ausente, e suspirado Senhor meu! Quem me dera, batendo as azas, largar hum vôo, atè parar nesse invejado, e ditoso longe, onde vos poz o retiro: *Receſſiſti longe?* Para esta hora suspirey pôr humas azas de pomba, com as quaes voasse para descançar: *Quis dabit mihi pennas ſicut columbæ, volabo, & requieſcam.* A solitaria pombinha, saudosa na ausencia do consorte, abrindo as azas, para desafogo

Thren. 1.v.16.

Pſal.54. v.7.

safogo de sua penâ; encaminha o vôo para hum deserto, onde largando huma arvore, busca outra, e de raminho em raminho, regista as folhas, e rompe o bosque por toda a parte, até que descobrindo o ninho, descança na companhia. Oh se podèra eu cheya de pennas voar, até esse retiro, onde vos poz esta ausencia! Mas vejo que o chegar a elle he impossivel; porque estaes Senhor, em hum longe, onde implica chegar, quem vive; pois vos retiraste là para esses dominios da morte. Morrèra de boamente, para vos ir buscar nesse longe, se naõ fora impossivel, exercer diligencias em vos buscar, naõ tendo jà ser, estando morta. Esta he a summa tyrannia desta minha Saledade, e o tormento summo deste retiro vosso: o apartares-vos para hum longe, onde he impossivel chegar. Queixa foy para vosso grande soffrimento, ver, que para menor distancia se retiràraõ vossos amigos: *Qui juxta me erant, de longe steterunt.* E como deixarei eu de queixar-me, vendo que para tam longe vos retiraste de mim? *Ut quid Domine recessisti longe?* Psal. 37. v. 12.

33 Tres cousas considero em vòs, Corpo, Alma, e Divindade. Sey, que desta naõ posso estar ausente, porque a immensidade a poz em toda a parte. Outra he a causa de que nasce a minha Soledade. Aquella Alma, que desceo ao Limbo, e muito mais aquelle Corpo, que por sepultado naõ vejo, he o insentivo de meus suspiros. Os olhos saõ os directivos do amor, e os arbitros da saudade. Esta se aplaca na vista do que se ama: e pelo contrario, tanto que os olhos naõ representaõ o que o coraçaõ deseja, a saudade cresce, e com ella se augmenta a pena. A falta daquella fermosura, e belleza, muito mayor, que a do Sol, com que em vòs se recreavaõ meus

olhos; he toda a origem de minhas penas; e principal cauſa de minhas queixas. Que importa, naõ eſtar de voſſa Divindade auſente, ſe para tam longe ſe retirou de mim a voſſa humanidade? He a Divindade, adoraçaõ de minha Alma; a humanidade porèm, ſeria o unico alivio de minha ſaudade.

34 Naquelle Dialogo de noſſos amores, compoſto por voſſa Divina Sabedoria, repreſentando-ſe as queixas, que neſta hora profiro em voſſa auſencia, perguntavaõ as filhas de Jeruſalem, qual era
Cant. 5. v. 9. para mim a parte mais amavel no meu amado? *Qualis eſt dilectus tuus ex dilecto?* Queriaõ ſaber a parte, onde mais ſe empregava o meu amor, para ſaberem, o que me cauſaria mais ſaudade neſta auſencia. Vòs que conheceis muy bem a qualidade, com que excitaes meu amor, e feris meu coraçaõ, reſpondeſtes, que para mim, a parte mais amada no meu Eſpoſo, era o encarnado do roſto, e gentileza do corpo: *Di-*
v. 10. *lectus meus candidus, & rubicundus, electus ex millibus.* He porèm certo, que a Divindade, he infinitamente mais amavel, que a voſſa rara fermoſura corporal. Pois eu, que ſempre vos amey ſem erro, em que moſtraria, ter por mais amada, a voſſa corporal belleza, que a Divindade? *Qualis eſt dilectus tuus ex dilecto? Dilectus meus candidus, & rubicundus?*

35 O certo he, que fallavas neſta hora do noſſo apartamento. Fallavas neſta hora, em que vos buſco, ſem vos poder achar: neſta hora, em que naõ
Ibid. v. 5. reſpondeis às minhas queixas: *Quæſivi, & non inveni illum: vocavi, & non reſpondit mihi.* Neſta hora pois, de tudo quanto em vòs adoro, parece que o meu amor, dà preferencias para a ſaudade, a aquella ſepultada belleza, que naõ vejo: *Dilectus ex dilecto; candidus, & rubicundus;* Porque ainda que aſſiſ-

tida

tida estou de vossa Divindade, nem por isso tem o meu amor alivio, em quanto me considero longe de vossa belleza sepultada, consolaçaõ unica de minhas lagrymas.

36 Aquelle candido, e rubicundo; aquelle branco, e vermelho; o branco, em que os desmayos da morte vos puzeraõ, e o vermelho do sangue que cobre todo esse lastimavel Corpo, he o continuado suspiro de minha saudade, he o eterno desejo de meu ardente amor: *Dilectus ex dilecto; candidus & rubicundus.* Oh se eu pudera ter esse branco, por alvo de minha vista! Oh se eu pudèra enxugar com minhas lagrymas o vermelho desse sangue! Mas ah, que o meu desejo se impossibilita, com o vosso retiro, para tam longe: *Recessisti longe.*

37 E como para longe, se taõ perto vos tenho sepultado? O sepulcro naõ he o thesouro, que assegura a minha riqueza toda? Naõ he o hemisferio, onde se poz o meu Sol? Naõ he o deposito daquelle estrago da morte, que choro ausente? Certo he, que sim. Pois como me naõ consolo vendo-me delle tam perto? Como me queixo de que para tam longe se retirou: *Recessisti longe?* Ah que este perto apura fortemente esse longe por novo estilo.

38 Na Geometria do amor, naõ se mede o longe pela distancia. Onde ha amor medem-se os longes pela vista: e a distancia do amado fica sendo muita, quando o naõ alcança a vista. Là se queixava Job, dizendo, que Deos apartàra delle para tam longe os seus parentes, e amigos: *Fratres meos longe fecit à me, & noti mei quasi alieni recesserunt à me.* Mas como, se Job fallava entaõ com os mesmos, que eraõ seus parentes, e com os mesmos, que forao seus amigos? Se estes ouviaõ a Job, como estavaõ longe delle? Por- Job 19. v. 13.

Ibid.v. 15. que ſuppoſto o ouviaõ, naõ o queriaõ ver: *Quaſi peregrinus fui, in oculis eorum.* Bem perto eſtavaõ de Job, pois o ouviaõ: e comtudo eſtavaõ delle muy longe; porque ſe eraõ amigos, a diſtancia havia ſer medida pela viſta: *Fratres meos longe fecit à me: quaſi peregrinus fui in oculis eorum.*

39 O retiro da viſta poz a diſtancia onde a naõ havia. No meſmo perto inſtituhio longes, para que com mais força atormente a auſencia, quando ſe eſperava o logro da preſença. Eſtar longe, e por eſſa razaõ naõ ver; pòde ſer limitada pena; porque na meſma diſtancia tem o linitivo. Eſtar perto, e naõ ver o que ſe ama, he tormento grande; porque he verter a cauſa do alivio, em occaſiaõ de mais pena. Em quanto a Magdalena eſteve em caza, retirada do ſepulcro de Lazaro, admittia conſolaçaõ, e nem huma ſó lagryma conſta, que choraſſe na ſoledade, e auſencia de ſeu irmaõ. Comtudo, tanto que entendèraõ, que ella buſcava o ſepulcro, ajuizàraõ os circunſtantes, qee nem poderia divertir a pena, nem reprimir as lagrymas: *Vadit ad monumentum ut ploret*

Joan.11. v.21. *ibi.* Chegou-ſe com effeito ao ſepulcro, e naõ ſó ella, ſe naõ tambem os que a conſolavaõ choràraõ todos. Vòs meſmo o teſtemunhaſtes: *Vidit eam plorantem, &*

v.33. *Judæos qui venerant cum ea plorantes.* Pois ſe na diſtancia naõ chorava a Magdalena a auſencia; como choràraõ todos, quando à viſta da ſepultura, tinhaõ a Lazaro jà mais perto? Porque a pena de o naõ ver, tinha conformidade no longe; e no perto, quanto mais concorriaõ as circunſtancias de o ter à viſta, tanto mais creſcia a pena de o naõ ver. Por iſſo a que naõ chorava em caza, em chegando ao ſepulcro ſe desfez em lagrymas: *Vadit ad monumentum, ut ploret ibi.*

40 Eſte

40 Este longe no perto sinto eu tambem. Crueliſſimo longe! Diminuido para a diſtancia; mas para a pena creſcido longe! Que importa eſtar eu taõ perto do Sepulcro, ſe eſtou tam longe de vòs? Entre mim, e o Sepulcro, naõ ha diſtancia; mas entre mim, e vòs ſepultado, naõ podia o apartamento ſer para mais longe; porque eſtando vòs tam impoſſibilitado para a minha viſta, para muito longe vos retiraſtes: *Receſſiſti longe.* Bem ſey, que perto vos tenho, ſe medirmos eſte apartamento pela diſtancia; mas attendendo para a pena de vos naõ ver neſte perto; para muito longe vem a ſer o voſſo retiro: *Receſſiſti longe.* E para que, ou porque razaõ Senhor; vos retiraſtes para tam longe? *Ut quid Domine receſſiſti longe.*

§. VII.

41 CLementiſſimo Deos, Pelago immenſo de Bondade, de Amor, e Miſericordia: Oh ſe fora vontade voſſa, trocar o longe deſta auſencia, pelo perto, em que o Sepulcro eſtà! Se baſta eſſa pedra para fazer de hum perto, longe; entre agora o voſſo poder, e faça do longe, hum perto. Obray por voſſa Mãy, o que jà fizeſtes por Magdalena, e Martha. Se là abriſtes huma ſepultura, para dar vida a Lazaro, e conſolaçaõ às irmãs; abri tambem eſſa, em que ſepultado eſtaes, e manifeſto a meus olhos, dareis conſolaçaõ, e vida, a eſta voſſa Mãy, triſte, e morta, em quanto vos naõ vè. Querendo-vos conſolar o ingratiſſimo povo, que tam mal vos paga, lhe prometeſtes, quando o vias afflicto, que abririas os ſeus ſepulcros: *Ecce ego aperiam tumulos veſtros.* E como agora naõ abris hum Sepulchro ſó, para conſolar eſta voſſa Mãy tam afflicta? Eſech. 37. v. 12.

42 Se por morto naõ ouvis, nem deferis às minhas queixas: Ouveme tu ò Marmore vivo, e animado,

animado. Marmore, que vives com a minha vida, dè q̃ eſtaes de poſſe. Marmore animado, com a minha Alma, q̃ encerrada tens. Se em ti reſponde o ecco de minhas queixas, como naõ correſpondes com algum alivio às minhas ponas? Na morte do Creador eſtallàraõ de ſentimento as pedras do Calvario. Pois como te naõ partes com dor, tendo dentro em teu ſeyo morto jà o teu Creador? Oh pedra endurecida, e tambem ingrata! Nem te obrigaõ endurecida as minhas laſtimas, nem a obrigaçaõ de creatura te move ingrata, a moſtrar o minimo ſentimento, quando morto vès teu Creador. Tu es a unica pedra, que naõ eſtallas com dor. Bem juſto fora, que em caſtigo de tua obſtinaçaõ, conſpiraſſe agora contra ti todo o impeto de minhas lagrymas. Se eſtas igualaõ ao mar, naõ ſerias tu a primeira penha, que com ſuas aguas ſe viſſe arruiuada. Mas para que me queixo do ſepultado, nem do Sepulcro, ſe as minhas queixas, nem tem remedio, nem me daõ alivio? *Si locuta fuero, non requieſcet dolor meus.* Reprima a dor ſuas queixas na auſencia do que naõ vè, e ſó empregue os olhos no retrato do que perdeu, para engano da ſaudade, em que o Original a deixou.

Job. 16. v. 7.

§. VIII.

43 Este he o Retrato de meu amado Filho; quanto mais desfigurado mais proprio. Pouco ſe apurou nelle o pincel; porque o retratou ſó para longe: e bem moſtra, o quam longe eſta de me conſolar: *Longe factus eſt à me conſolator.* Naõ tem mais tintas, que o ſangue. Eſte lhe ſerve de cores, e tambem de ſombras; porque depois do Occaſo do Sol, naõ podiaõ ficar mais que ſombras. O ſangue he natural principio de vida; mas aqui ſe moſtra haver ſido fim de huma vida ſobrenatural. E ſe de mim

Quo ſenſu vita Chriſti dicatur ſupernaturalis, facile intelligitur ex Divi Thm. 3. p. q. 33. art. 4. per tot.

mim sahio este sangue, como me naõ tira a vida privando-me de todo o alento, que me dava dantes.

44 Em nem huma hora vos fuy ingrata; mas taõ desfigurado vos vejo, doce Filho meu, que vos desconheço neste Retrato vosso. Nestes olhos me revia eu; mas agora sem luz estou para os ver; porque no eclipse destes dous Soes, perdi a luz dos meus olhos: *Lumen oculorum meorum, & ipsum non est mecum.* Psal. 37. v. 11. Quando se imaginou, que as rosas de tam encarnadas faces, se trocariaõ em roxos lirios, com sacrilegas bofetadas de humas violentas mãos! Reparo nesta boca Divina, e pasmo, vendo emmudecida a boca do Divino Verbo, e sem voz, a que era voz de Deos. Mas aqui vejo aberta no peito huma amorosa boca, por ella fallarey ao vosso coraçaõ: *Loquar ad cor ejus.* Os. 2. v. 14. Oh amor do meu coraçaõ: vida da minha Alma: e alento da minha vida; se me deixaes sem coraçaõ, sem Alma, e sem alento, porque me naõ deixaes sem vida? De mim recebestes a vida que perdestes; aceitay esta que ainda tenho, e vivirey melhor. Eu sou a que alguma vez feri vosso coraçaõ: *Vulnerasti cor meum*: tomay amorosa vingança, e aceitay-me a vida em satisfaçaõ. Cant. 4. v. 9. Mas como aceitarà huma vida alheya, quem foy da propria vida tam prodigo? Oh mãos atadas, depois que em beneficios vos dezatastes! Estas saõ as mãos, que fabricàraõ os Ceos: *Opera manuum tuarum sunt Cœli*: pois desfaçaõ rgora estas prisoens, porque com amorosos abraços me desejo ver preza de tam delicioso braços. Aqui agora a pena me parte o coraçaõ, vendo estas plantas de parte a parte feridas, e trespassadas com violentos cravos. Desejaõ os Serafins servir de Throno a estes pès. E que ainda houvessem mãos, que se lhe atravessem. Psal. 101. v. 16.

45 Day-me permissaõ meu lamentado Filho para mudar

mudar a vista; sem de vòs apartar os olhos. Consolou Agar a sua pena, quando pelas costas entendeu que vos tinha visto: *Vidi posteriora videntis me.* Quando Moysés apeteceu ver a vossa Gloria, lhe concedias para satisfaçaõ de seu desejo, certa vista de vossas costas: *Videbis posteriora mea*; deixay-me ver, se no que entaõ era Gloria acho alivio de minhas penas. Oh estrago da crueldade! Reliquias do odio, e despojo da tyrannia! He possivel que assim ferissem os homens esta humanidade Santissima? Competiu o estrago com a perfeiçaõ: a violencia com a ternura! Cresce em meu coraçaõ a magoa com esta vista; pois a vista de tanta crueldade, e de tanta lastima, naõ pòde o materno affecto limitar as angustias, com que enternecido o amor cada vez se agoniza mais: e assim me he preciso buscar novamente vossa dolorosa face. Ay que se renovaõ as minhas queixas! Cada vez se me representa mais vivamente o estado em que vos vi; quando de mim vos retiraste para tam longe. Deixay, que para alivio meu, fique esta prenda comigo. Fique para vossa affligida Máy este final de vossa piedade, jà que neste mesmo Retrato vosso deixaste para o Mundo todo, hum estimavel penhor de vossa Misericordia, &c.

Genes. 16.v.13.

Exod. 33.v.23.

IN-

INDICE

DOS LUGARES DA SAGRADA ESCRITURA.

Com os primeiros numeros ſe apontaõ os Sermoens: com os ſegundos ſe apontaõ os paragrafos de cada Sermaõ.

Ex Libro Geneſis.

Cap. I. V. 1. IN principio creavit Deus Cælum, & terram. S. IV. n. 12. & S. IX. n. 1.

v. 5. Appellavitque lucem diem: factumque eſt veſpere, & mane dies unus. S. I. n. 45 & S. VIII. n. 11.

v. 14. Dividant diem ac noctem. S. I. n. 45.

v. 16. Luminare maius, ut præeſſet diei. Ibid. & S. IV. n. 13.

v. 26. Faciamus hominem ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram. S. X. n. 21. & 23.

Cap. 2. v. 2. Complevit Deus opus ſuum quod fecerat. Requievit die ſeptimo S. V. n. 2. & S. XII. n. 26. & 45.

v. 6. Fons aſcendebat de terra irrigans univerſam ſuperficiem terræ. S. IV. n. 20.

v. 10. Fluvius egrediebatur de loco voluptatis, ad irrigandum paradiſum, qui inde dividitur in quatuor capita. Ibid.

v. 17. De ligno autem ſcientiæ, boni & mali, ne comedas. S. VII. n. 37.

v. 18. Faciamus ei adjutorum ſimile ſibi. S. IV. n. 52.

v. 24. Relinquet homo patrem ſuum,& matrem, & adhærebit uxori ſuæ. S. XIII. n. 12.
Cap. 3.v.9. Vocavitque Dominus Deus Adam, & dixit ei, ubi es? S. V. n. 27.
v. 15. Ipſa conteret caput tuum. S. VI n. 22.
v. 17. Maledicta terra in opere tuo. S. IX. n. 2.
v. 18. Spinas, & tribulos germinabit tibi. ibid.
v. 19. Donec revertaris in terram de qua ſumptus es. S. XII. n. 7.
v. 19. Pulvis es, & in pulverem reverteris. Ib. n.12. & 30.
Cap.4. v.5. Iratuſque eſt Cain vehementer, & concidit vultus ejus. S. V. n. 29.
v. 6. Dixitque Dominus ad eum, quare iratus es, & cur concidit facies tua? Ibid.
v. 13. Maior eſt iniquitas mea, quam ut veniam merear. Ibid.
Cap.12.v.2. Faciamque te in gentem magnam, & benedicam tibi, & magnificabo nomen tuum, eriſque benedictus. S. I. n. 28.
Ca.13.v.10. Sicut paradiſus Domini, & ſicut Ægyptus, venientibus in ſepor. S. II. n. 14.
Ca.16.v.13. Vidi poſteriora videntis me. S. XIII.n.45.
Ca.21.v.10. Ejice ancilam hanc,& filium ejus. S. X. n. 12.
v. 11. Dure accepit Abraham pro filio ſuo. ibid.
v. 14. Errabat in ſolitudine. S. XIII. n. 28.
v. 15. Abjecit puerum ſubter unam arborem, quæ ibi erat. Ibid.
v. 16. Et abiit dixit enim, non videbo morientem puerum. Ibid.
v. 17. Quid hic agis Agar. Ibid. n. 29.
v. 18. Surge tolle puerum. Ibid.
Ca.22.v.2. Tolle filium tuum Unigenitum, quem diligis Iſaac. S. X. n. 12.
v. 4. Die autem tertio elevatis oculis vidit locum procul. S. VI. n. 30.
Ca.28.v.20. Si dederit mihi Dominus panem ad veſcendum, & veſtimentum ad induendum. S. XII.n. 38.
v. 21. Erit mihi Dominus in Deum. Ibid.

Cap.29.

Ca.29.v.10. Quam cum vidisset Jacob. S. IX n. 19.
v. 11. Elevata voce flevit. Ibid.
Ca.32.v.2. Castra Dei sunt hæc. S. VII. n. 34.
v. 24. Vir luctabatur cum eo usque mane. S. VI. n. 14.
v. 25. Tetigit nervum femoris ejus, & statim emarcuit. Ibid.
v. 26. Dimitte me jam enim ascendit aurora. Ibid.
Ca.37.v.7. Quasi consurgere manipulum meum, & stare, vestros autem manipulos circunstantes adorare manipulum meum. S. VII. n. 12.
v. 9. Quasi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me. Ibid.
Ca.39. v.8. Ecce Dominus meus, omnibus mihi traditis, ignorat quod habet in domo sua. S.XII.n.42.
v. 9. Nec quidquam est, quod in mea non sit potestate, vel non tradiderit mihi, præter te, quod uxor ejus es. ibid.
Ca.41.v.40. Ad oris tui imperium, cunctus populus obediet, uno tantum regni solio te præcedam. S. II. n.1. & 2.
Ca.50.v.5. En morior in sepulchro meo, quod fodi mihi in terra chanaan sepelies me. S. III. n. 25.
v. 19. Nolite timere. Ibid.
v. 21. Nolite timere, ego pascam vos. Ibid.
v. 24. Asportate ossa mea vobiscum. Ibid. n. 12.

Ex Libro Exodi.

Cap.1. v.8. SUrrexit interea Rex novus super Ægyptum, qui ignorabat Joseph. S. XII. n. 14.
Cap.3. v.2. Videbat quod rubus arderet, & non comburaretur. S. VI. n. 41.
v. 54. Ego sum qui sum. S. VII. n. 2.
Cap.4.v.2. Quid est quod habes in manu tua? Respondit, virga. S. X. n. 27.
v. 3. Dixitque Dominus, projice eam in terram; projecit, & conversa est in colubrum. Ibid.

v. 3. Ita ut fugeret Moyſes. Ibid. n. 28.
Ca.7. v.22. Induratum eſt cor. Ibid. n. 45.
Ca.14.v.16. Eleva virgam tuam, & extende manum tuam ſuper mare, & divide illud ut gradiantur filij Iſrael in medio mari per ſiccum. S VI. n. 26.
Cap.32.v.1. Fac nobis Deos, qui nos præcedant. S. XII. n. 35.
v. 4. Fecit vitulum conflatilem. Ibid.
v. 5. Ædificavit altare coram eo. Ibid.
v. 5. Cras ſolemnitas Domini eſt. Ibid.
v. 6. Surgenteſque mane obtulerunt holocauſta, & hoſtias pacificas. Ibid.
v. 7. Vade deſcende peccavit populus tuus. Ibid.
Ca.33.v.11. Loquebatur autem Dominus ad Moyſem, facie ad faciem, ſicut ſolet loqui homo ad amicum ſuum. S. X. n. 27.
v. 23. Videbis poſteriora mea. S. XIII. n. 45.
Ca.34.v.14. Dominus zelotes nomen ejus, Deus eſt æmulator. S. V. n. 26.

Ex Libro Numeris.

Ca.15.v.41. EGo Dominus Deus veſter qui eduxi vos de terra Ægypti, ut eſſem Deus veſter. S. XII. n. 40.
Ca.16.v.33. Deſcenderuntque vivi in infernum. S. VIII. n. 35.
Cap.17.v.5. Quem exhis elegero, germinabit virga ejus. S. I. n. 48.
v. 7. Quas cum poſuiſſet Moyſes coram Domino in tabernaculo teſtimonij. S. VI. n. 35.
v. 8. Sequenti die regreſſus invenit germinaſſe virgam Aaron. Ibid.

Ex Libro Deuteronomij.

Ca.11.v.29. POnes benedictionem ſuper montem Garizim; maledictionem ſuper montem Hebal. S. XI. n. 5.

Ex

Ex Libro Josuê.

Cap. 3. v. 16. STe terunt aquæ descendentes in loco unc, & ad instar montis intumescentes. S. III. n. 16.

Ibid. Quæ autem inferiores erant in mare solitudinis (quod nunc vocatur mortuum) descenderunt. S. VI. n. 25.

Cap. 4. v. 6. Quando interrogaverint vos filij vestri eras, quid sibi volunt lapides isti? S. VIII. n. 23.

v. 7. Respondebitis eis descenderunt aquæ Jordanis, &c. Ibid.

Ex Libro Judicum.

Cap. 5. v. 8. NOva bella elegit Dominus. S. II. n. 9.

Ca. 10. v. 18. Qui primus ex nobis contra filios Ammon cæperit dimicare, erit Dux populi Galaad. S. VII. n. 35.

Cap. 11. v. 5. Perrexerunt maiores natu de Galaad, ut tollerent in auxilium sui Jephet de terra Tob. Ibid.

v. 6. Dixeruntque ad eum, veni, & esto Princeps noster, & pugna contra filios Ammon. Ibid.

Ca. 16. v. 18. Aperuit cor suum. S. X. n. 15.

v. 4. Amavit mulierem, quæ habitabat in valle sorec, & vocabatur Dalila. Ibid.

Ex Libro Ruth.

Cap. 1. v. 11. REvertimini filiæ meæ. S. IX. n. 35.

v. 12. Revertimini filiæ meæ, & abite, jam enim senectute confecta sum. Ibid. 35. & 37.

v. 16. Ne aversaris mihi, ut relinquam te, & ab eam; quocumque enim perrexeris pergam. Ibid. 36. & 37.

v. 17. Quæ te terram morientem susceperit in

ea moriar, ibique locum accipiam sepulturæ. Ibid.

Ex Libro primo Regum.

Cap. 2. v. 30. QUicumque glorificaverit me, glorificabo eum. S. VII. n. 46.
Cap. 6. v. 19. Percussit de viris Bethsamitibus, eo quod vidissent arcam Domini; & percussit de populo septuaginta viros, & quinquaginta millia plebis. S. XII. n. 32.
Ca. 13. v. 12. Necessitate compulsus obtuli holocaustum. S. X. n. 40.
v. 13. Stulte egisti. Ibid.
Ca. 15. v. 32. Siccine separat amara mors? Ibid. n. 11.
Cap. 17. v. 5. Cassis ærea super caput ejus. S. VI. n. 20.
v. 24. Fugerunt à facie ejus. S. II. n. 25.
v. 40. Elegit sibi quinque limpidissimos lapides. S. VI. n. 20.
v. 49. Tulitque unum lapidem, & funda jecit, & circunducens percussit Philisthæum in fronte, & infixus est lapis in fronte ejus. Ibid. n. 22.
Cap. 20. v. 3. Uno tantum gradu, ego, & mors dividimur. S. VIII. n. 28.

Ex Libro secundo Regum.

Ca. 18. v. 33. QUis mihi tribuat, ut ego moriar pro te Absalom fili mi. S. XIII. n. 9.

Ex Libro tertio Regum.

Cap. 19. v. 3. TImuit ergo Elias, & surgens abiit. S. IX. n. 25.
v. 4. Sufficit mihi Domine, tolle animam meam. Ibid.

Ex Libro quarto Regum.

Cap. 2. v. 15. REquievit Spiritus Eliæ super Eliseum. S. IV. n. 31.

Cap.4.v.33. Oravit ad Dominum. S. III. n. 35.
Ca.13.v.21. Projecerunt cadaver in sepulchro Elisei, quod cum tetigisset ossa Elisei revixit homo. Ibid. n. 34.

Ex Libro primo Paralipomenon.

Ca.29.v.15. DIes nostri quasi umbra super terram. S. VIII. n. 10.

Ex Libro secundo Paralipomenon.

Cap.6.v.30. TU solus nosti corda filiorum hominum. S. VII. n. 24.
Cap.9.v.23. Omnesque Reges terrarum desiderabant videre faciem Salomonis. S. IX. n. 13.
Cap.31.v.1. Fregerunt simulachra, succiderunt que lucos, demoliti sunt excelsa, & altaria destruxerunt. S. II. n. 39.
Cap.34.v.1. Octo annorum erat Josias, cum regnare cæpisset. Ibid. n. 41.
v. 3. Octavo anno regni sui, cum adhuc esset puer, cæpit quærere Deum David patris sui. Ibid. n. 40.
v. 3. Mundavit Judam & Jerusalem ab excelsis, & Lucis, simulachrisque, & sculptilibus. Ibid. n. 39.

Ex Libro primo Esdræ.

Cap.3.v.12. FLebant voce magna, & multi voci ferantes in lætitia. S. IX. n. 17.
v. 13. Nec poterat quisquam agnoscere vocem clamoris lætantium, & vocem fletus. Ibidem.

Ex Libro Tobiæ.

Cap.8. v.8. TU fecisti Adam de Lin o terræ. S. XII. n. 8.
Cap.10.v.4. Heu me fili mi ut quid misimus te peregrinari. S.XIII.n. 9.

Cap.12.v.15. Ex Text. Hebr. Ex Principibus, qui miniſtramus ante ſolium gloriæ. S. VII. n. 9.

Ex Libro Eſther.

Cap.3.v.12. EX nomine Regis Aſſueri, & Litteræ aſſignatæ illius annulo miſſæ ſunt. S. XII. n. 44.
Cap. 6.v.8. Regium diadema ſuper caput ſuum. S. II. n. 1.
Ca.15.v.16. Conturbatum eſt cor meum præ timore. S. X. n. 49.
Ca.16.v.10. Pietatem noſtram ſua crudelitate commaculans. S.X.n.44.&ſeq.

Ex libro Job.

Cap.1.v.22. NOn peccavit Job labiis ſuis. S. X. n. 6.
&cap.2 v.10.
Cap.10.v.1. Tædet animam meam vitæ meæ. S. IX. n. 25.
v. 22. Ubi .... nullus ordo, ſed ſempiternus horror inhabitat. S. XI. n. 37. & ſeq.
Cap.14.v.2. Quaſi flos egreditur, & conteritur, & fugit velut umbra. S.VIII.n 9.&10.
Ca.15.v.16. Bibit quaſi aquam iniquitatem. S. XI. n.32.
Ca.16 v.18. Hæc paſſa ſum abſque iniquitate. S.XIII. n 10.
v. 21. Ad Deum ſtillat oculus meus. Ibid. n.31.
Ca.19.v.13. Fratres meos longe fecit à me,& noti mei quaſi alieni receſſerunt à me. Ibid.n.38.
Ca.20.v.18. Luet quæ fecit omnia, nec tamen conſumetur. S.XI.n.26.
Ca.29. v.2. Quis mihi tribuat ut ſim juxta menſes priſtinos. S. IX. n.25.
Ca.38 .v.22. Nunquid ingreſſus es theſauros nivis,aut theſauros grandinis aſpexiſti. S.III.n.39.
v.24. Quæ preparavi in tempus hoſtis. Ibid.
v. 7. Cum me Laudarent ſimul aſtra matutina, & jubilarent omnes filij Dei. S. VII.n.9.

Ex Libro Psalmorum.

Psal. 2. v. 2. Astiterunt Reges terræ, & Principes convenerunt in unum, adversus Dominum, & adversus Christum ejus. S. XIII. n. 18.
v. 7. Hodie genuite. S. VIII. n. 26.
Psal. 8. v. 6. Minuisti eum paulo minus ab Angelis. S. XII. n. 27.
v. 7. Constituisti eum super opera manuum tuarum. Ibid. n. 4.
Psal. 10. v. 1. Secund. Hebr. Ut quid Domine recessisti longe? S. XIII. n. 7. &
v. 7. Pluet super peccatoris laqueos, ignis, & sulphur, spiritus procellarum, pars calicis eorum. (seq. S. XI. n. 19. &
Psal. 11. v. 9. Incirouitu impii ambulant, secundum altitudinem tuam. (seq. Ibid.
Psal. 13. v. 3. Contritio, & infelicitas in viis eorum, non est timor Dei ante oculos eorum. S. X. n. 48.
Psal. 16. v. 8. Custodi me ut pupilam oculi. S. V. n. 12.
Psal. 18. v. 1. Cæli enarrant gloriam Dei. S. IX. n. 1.
v. 6. Tanquam sponsus. S. XIII. n. 12.
Ps. 20. v. 10. Devorabit eos ignis. S. XI. n. 8.
Ps. 21. v. 11. De ventre Matris meæ Deus meus es tu. S. XIII. n. 18.
Ps. 28. v. 7. Vox Domini intercidentis flammam ignis S. VII. n. 19.
Ps. 37. v. 11. Lumen oculorum meorum, & ipsum non est mecum. S. XIII. n. 31. 44.
v. 12. Qui juxta me erant de longe steterunt. Ibid. n. 32.
v. 18. Ego in flagella paratus sum, & dolor meus in conspectu meo semper. Ibid. n. 15.
Ps. 38. v. 6. Substantia mea tanquam nihilum ante te. S. XII. n. 4.
Ps. 48. v. 15. Sicut oves in inferno positi sunt, mors de pascet eos. S. XI. n. 30.
v. 21. Homo cum in honore esset non intellexit. S. XII. n. 30.
Ps. 50. v. 8. Incerta, & occulta sapientiæ tuæ manifestasti mihi. S. VIII. n. 16.
Ps. 54. v. 7. Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, volabo, & requiescam. S. XIII. n. 32.

Ps. 58.

Ps. 68. v.3. In fixus sum in limo profundi, & non est substantia. S.XII.n.8.
Ps.70. v.6. De vētre matris meæ tues protector meus. S.I.n.22.
v.7. In te cantatio mea semper, tanquam prodigium factus sum multis. Ibid.
Ps.74. v.9. Calix in manu Domini vini meri plenus mixto. Inclinavit ex hoc in hoc, verumtamen fæx ejus non est exinanita, bibent omnes peccatores terræ. S.XI.n.23.24.
Ps.76. v.6. Annos æternos in mente habui. Ibid.n.47.
v.7. Et meditatus sum nocte cum corde meo. Ibid.
v.8. Numquid in æternum projiciet Deus. Ibid.
v.9. Aut in finē misericordiā suam abscindet? Ibid.
v.11. Nunc cœpi hæc mutatio dexteræ excelsi. Ibid. n.17. 47.
Ps.88. v.28. Primo genitum ponam illum excelsum præ Regibus terræ. S.VII.n.11.
Ps.89. v.3. Dixi, convertimini filii hominum. S.XII.n.49.
v.4. Quia mille anni ante oculos tuos, tanquam dies hesterna, quæ preteriit. Ibid.& S. VIII.
v.5. Et custodia in nocte, quæ pro nihilo habentur, eorum anni erunt. (n.16.18. Ibid.
Ps.90. v.11. Angelis suis mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis. S.II.n.32.
v.12. In manibus portabunt te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum. Ibid.
Ps.94. v.8. Hodie si vocem ejus audieritis nolite obdurare corda vestra. S.VIII.n.33.
Ps.96. v.1. Dominus regnavit exultet terra. S.VII.n.40.
v.7. Adorate eum omnes Angeli ejus. Ibid. 37.40.41.
v.8. Audivit, & lætata est Sion. Ibid.
Ps.99. v.3. Scitote quoniam Dominus ipse est Deus, ipse fecit nos, & non ipsi nos. S.XII.n.12.
Ps.101. v.26. Opera manuum tuarum sunt cæli. S. XIII.n. 44.
Ps.102. v.15 Dies ejus tanquam flos agri. S VIII.n 9.
Ps 104. v 37. Non erat in tribubus eorum infirmus. S.III.n.16.
Ps.113. v.3. Mare vidit, & fugit. S.VI.n.27.
v.4. Montes exultaverunt ut arietes. S.III.n.16.
v.16. Cælum Cæli Domino, terram autem dedit filiis hominum. S.IX.n.1. P.115.

P.115.v.11. Ego dixi in excessu meo omnis homo mendax. S.X.n.6.7.

Ps.138.v.6. Mirabilis facta est scientia tua ex me. Ibid. n. 22. & (S.VII.n.3.

Ex Libro Proverbiorum.

Ca.7.v.14. VIctimas pro salute veri, hodie reddidi vota mea. S.VIII.n.28.

v.15. Id circo egressa sum in occursum tuum. Ibid.

v.18. Veni inebriemur uberibus, & fruamur cõcupitis amplexibus donec eluceſſat dies Ibid.

Ca.8.v.31. Deliciæ meæ esse cum filiis hominum. S.XII.n.28.

Ca.14.v.13. Risus dolore miscebitur, & extrema gaudii luctus occupat. S.IX.n.18.

Ca.22.v.6. Pro verbium est, adolescens juxta viam suam, etiam cum senuerit, non recedet ab ea. Ibid.n.34.

Ca.23.v.17. Non æmuletur cor tuum. S.X.n.45.

Ex Libro Ecclesiastes.

Cap. 1.v.7. AD loca unde exeunt flumina revertuntur. S.XIII.n.3.

v.8. Cunctæ res difficiles non potest eas homo explicare sermone. S.IV.n.1.

Cap.2.v.10. Omnia quæ desideraverunt oculi mei non negavi eis, nec prohibui cor meum, quin omni voluptate frueretur. S.IX. n.13.

v.11. Vidi in omnibus vanitatem, & afflictionẽ. Ibid.

v.25. Quis ita devorabit, & deliciis affluet, ut ego. Ibid.n.13.

Ex Libro Canticorum.

Cap. 1.v.3. TRahe me post te curremus in odorem unguentorum tuorum. S.V.n.19.X.16.

v.7. Si ignoras te.... egredere, & abi. S.XII.n.3.

Cap.2.

Cap.2.v.13. Surge amica mea, speciosa mea, & veni. S.I.n.13.
v.14. Columba mea in foraminibus petræ, in caverna maceriæ. Ostende, mihi faciem tuam, sonet vox tua in auribus meis, vox enim tua dulcis, & facies tua decora. Ibid.
Cap.3. v.6. Quæ est ista quæ ascendit per desertum, sicut virgula fumi ex aromatibus mirrhæ, & thuris. S.IV.n.3.4.8.
Cap.4. v.7. Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te. S.VI.n.28.
v.9. Vulnerasti cor meum. S.XIII.n.44.
Cap.5. v.6. Quæ sivi, & non in veni illum, vocavi, & non respondit mihi. Ibid.n.35.
v. 9. Qualis est dilectus tuus ex dilecto? Ibid. n. 34.
v 10. Dilectus meus candidus, & rubicundus. Ibid.
Cap. 6.v.3. Pulchra es amica mea, suavis, & decora sicut Jerusalem, terribilis ut castrorum acies ordinata. S.VI.n.28.
v. 9. Quæ est ista, quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol? S.IV.n.5.VI.n.16.
Cap.8. v.5. Quæ est ista, quæ ascendit de deserto deliciis affluens innixa super dilectum suum. S. IV. n. 6.
v. 10. Ex quo facta sum coram eo tanquam pacem reperiens. S. VI. n. 9.

Ex Libro Sapientiæ.

Cap.2. v.1. EXiguum & cum tædio est tempus vitæ nostræ, & non est refrigerium in fine hominis: & non est qui agnitus sit reversus ab inferis. S. VIII. n. 2.
v. 2. Quia ex nihilo nati sumus. Ibid.
v. 5. Umbræ enim transitus est tempus nostrum. Ibid. n. 10.
v. 6. Venite ergo, & fruamur bonis, quæ sunt, & utamur creatura, tanquam in juventute celeriter. Ibid. n. 2.

v. 7. Vino pretioso, & unguantis nos impleamus, & non pertranseat nos flos temporis. Ibid. n. 3.

Cap. 5. v. 6. Ergo erravimus. Ibid. n. 4.

Cap. 7. v. 26. Candor lucis æternæ, & speculum sine macula Dei majestatis. S. VI. n. 10.

Ca. 16. v. 22. Nix autem, & glacies sustinebant vim ignis, & non tabescebant. S. III. n. 40.

Ex Libro Ecclesiastici.

Cap. 1. v. 8. UNus est altissimus creator Omnipotens. S. VI. n. 12.

v. 9. Ipse creavit illam in Spiritu Sancto. Ibid.

Cap. 5. v. 3. Concupiscentiam cordis tui. S. X. n. 45.

v. 4. Peccavi, & quid mihi accidit triste? S. V. n. 19.

Cap. 7. v. 4. In omnibus operibus tuis memorare novissima tua, & in æternum non peccabis. S. X. n. 2.

v. 9. Quid superbit terra, & cinis? S. XII. n. 9.

Ca. 14. v. 12. Memor esto quoniam mors non tardat. S. VIII. n. 27.

Cap. 17. v. 1. Deus creavit de terra hominem, & secundum imaginem suam fecit illum. S. VII. n. 3.

Ca. 23. v. 28. Occuli Domini multo plus lucidiores sunt super solem, circumpicientes omnes vias hominum, & profundum abyssi, & hominum corda intuentes in absconditus partes. S. VIII n. 19.

Ca. 25. n. 16. Timor Dei initium dilectionis ejus. S. XI. n. 4.

Cap. 40. v. 1. Jungum grave super filios Adam à die exitus de ventre matris eorum, usque in diem sepulturæ. S. IX. n. 5.

Ca. 48. v. 15. In morte mirabilia operatus est. S. III. n. 34.

Cap. 49. v. 1. Memoria Josiæ in compositionem odoris. S. II. n. 39.

v. 2. In omni ore, quasi mal indulcabitur ejus memoria, & ut musica in convivio vini. Ibid.

Ex Prophetia Isaiæ.

Cap.2. v.2. ERit in novissimis diebus præparatus mons, domus Domini, in vertice montium. S.IV.n 23.
Ca.11.v.4. Spiritu labiorum suorum interficiet impium. S.X.n.24.
Ca.26 v.12. Omnia opera nostra operatus es nobis. S.XII. n.43.
Ca.28.v.21. Ut faciat opus suum, alienum opus ejus. Ut operetur opus suum, peregrinum est opus ejus ab eo. Ibid.n.25.
Ca.38.v.10. Ego dixi in dimidio dierum meorum. S.VIII.n.14.
v. 12. Dum ad huc ordiret succidit me, de mane usque ad vesperam finies me. Ibid.n.14.
Ca.40. v.4. Omnis mons est collis humiliabitur. S.IV.n.24.
v.6. Omnis gloria ejus quasi flos agri. S.VIII.n.9.
Ca.43.v.24. Servire me fecisti in peccatis tuis. S.XII.n.43.
Ca.49. v.1. Dominus ab utero vocavit me, de ventre matris meæ recordatus est nominis mei. S.I.n.27.
v.18. Leva in circuitu oculos tuos,& vide, omnes isti congregati sunt venerunt tibi. Ibid.n.28.
v.19. Deserta tua,& solitudines tuæ,& terra ruinæ tuæ, nunc angusta erunt præ habitatoribus. Ibid.n.29.
v.20. Ad huc dicent in auribus tuis filii sterilitatis tuæ, angustus est mihi locus, fac spatium mihi ubi habitem. Ibid.
v.21. Et dices in corde, quis genuit mihi istos? Ibid.
v.23. Et erunt Reges nutritii tui,& Reginæ nutrices tuæ: vultu in terram demisso adorabunt te. Ibid.n.31.
Ca.50.v.11. Ecce vos omnes accendentes ignem, accincti flammis, ambulate in lumine ignis vestri, & in flammis quas succendistis. S.VIII.n.19.
Ca.60.v.19. Erit tibi Dominus in lucem sempiternam. S.VII.n.18.
Ca.63. v.3. Torcular calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum. S.XIII.n.6.

Ca.66.v.24. Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur. S.XI.n.18.

Ex Prophetia Jeremiæ.

Cap. 1.v.5. ANtequam exires de vulva sanctificavi te,& Prophetam in gentibus dedi te. S.I.n.37.
v.6. Puer ego sum. Ibid.n.39.
v. 10. Constitui te hodie super gentes, & super regna,ut evellas, & destruas, & dispердas, & dissipes,& ædifices, & plantes. Ibid.n.38.
v. 18. Ego quippe dedi te hodie in civitatē munitam, & in columnam ferream. Ibid.n.37.
Ca.4. v.19. Sensus cordis mei turbati sunt. S.X.n 45.
Ca. 17.v.9. Parvum est cor omnium, & inscrutabile. Ibid.n.37.
Ca.23.v.15. Cibabo eos ab synthio,& potabo eos felle.S.XI.n.32.

Ex Threnis Jeremiæ.

Cap. 1.v.2. PLorans ploravit in nocte. S.XIII.n.31.
v.2. Lacrymæ ejus in maxillis ejus. Ibid.n.3.
v. 6. Egressus est a filia sion omnis decor ejus.Ibid.n.7.
v.16. Ego plorans, & oculus meus deducens aquas, quia longe factus est à me consolator. Ibid.n.3.& 32.

Ex Prophetia Ezechielis.

Ca.28.v.17. ELevatum est cor tuum in decore tuo.S.XII.n.30.
Ca.37.v.11. Ossa hæc universa domus Israel est.S.III.n 21.
v.12. Ecce ego aperiam tumulos vestros, & educam vos de sepulchris vestris populo meus. Ibid.& S.XIII.

Ex Prophetia Danielis.

Ca.3. v.24. AMbulabant in medio flammæ Laudantes Deum. S.VII.n.20.
v. 47.

v.47. Effundebatur flamma ſuper fornacem cubitis quadraginta novem. Ibid.

v. 48. Et erupis,& incendit quos reperit juxta fornacem de chalcæis. Ibid.

v. 92. Similis filio Dei. Ibid.n.21.22.

v. 95. Benedictus Deus eorum, ſidrach ſcilicet, Miſach, & Abdenago, qui miſit Angelum ſuum, & eruit ſervos ſuos. Ibid. n. 21.

Cap.4.v.11. Succidite arborem, & præcidite ramos ejus, excutite folia ejus, & diſpergite fructus ejus. S. X. n. 23.

Cap.5.v.6. Facies Regis commutata eſt, & cogitationes ejus conturbabant eum, & compages renum ejus ſolvebantur, & genua ejus adinvicem collidebantur. Ibid. n. 32.

v. 11, Scientia, & ſapientia inventa ſunt in eo. S. IX. n. 11.

v. 29. Indutus eſt Daniel purpura. S. II. n. 1.

v. 29. Quod haberet poteſtatem tertius in Regno ſuo. Ibid.

Ca.10.v.13. Princeps autem Regni Perſarum reſtitit mihi vinginti & uno diabus. S.III. n. 21.

v. 13. De Principibus primis. S. II. n. 1.

Ex Prophetia Oſee.

Cap.2.v.14. LOquar ad cor ejus. S. XIII.n. 44.

Cap.7. v.8. Ephraim in populis ipſe commiſcebatur. S. V. n. 10.

v. 12. Et factus eſt Ephraim quaſi columba ſeducta. Ibid.

Ex Prophetia Habacu.

Cap.1.v.13. MUndi ſunt oculi tui, ne videas malum, & reſpicere ad iniquitatem ne poteris. S. VIII. n. 19.

Cap.3. v.2. Cum iratus fueris miſericordiæ recordaberis. S. IX. n. 41.

v. 10. Viderunt te, & doluerunt montes, gurgas aquarum tranſiit. S.III. n. 45.

Ex

Ex Prophetia Jonæ.

Cap.3. v.4. NInive subvertetur. S.XII.n.49.
v.9. Quis scit si convertatur, & ignoscat Deus & revertatur a furore iræ suæ. S.X.n.30.

Ex Prophetia Malachiæ.

Cap.1. v.6. UBi est honor meus? Ubi est timor meus? S.V. n. 27. & S.XII. n. 13.

Ex Libro 1, Machabeorum.

Ca.1.v.64. SUspendebant pueros à cervicibus per domos eorum. S.XIII n.26.
Ca.2.v.22. Non audiemus verba Regis Antiochi. S.V.n.15.
v.28. Fugit ipse, & Filij ejus in montes, & reliquerunt quæcumque habebant in civitate. Ibid.
Cap.3. v.3. Et dilatavit gloriam populo suo. S.VII.n.31.
v.17. Quomodo poterimus pauci pugnare contra multitudinem tantam, & tam fortem? Ibid.

Ex Libro 2. Machabeorum.

Ca.1.v.22. SOl refulsit, qui prius erat in nubilo. S.III.n.3.
Ca 9.v.11. Cæpit ex gravi superbia deductus, ad agnitionem sui venire, divina admonitus plaga. S.IX.n.25.

Ex Divo Matthæo.

Cap.1. v.1. LIber generationis Jesu Christi, filij David, filii Abraham. S.VI.n.4.
Ca.2.v.18. Vox in Ramà audita est, ploratus, & ululatus multus, Rachel, plorans filios suos. S.XIII.n.9.
Cap.4.v.2. Cum jejunasset quadraginta diebus, & quadraginta noctibus, postea esuriit. S.II.n.30.
v.3. Et accedens tentator dixit ei, si Filius Dei es. Ibid. n. 29.30.
v.4. Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei. Ibid.n.25.

Ca.6. v.21. Ubi enim est thesaurus tuus, ibi est, & cor tuum. S.X.n.45.
Cap.7. v.8. Omnis qui quærit invenit. S.VIII.n.38.
Cap.8.v.9. Ego homo sum sub potestate constitutus, habens sub me milites. S.VII.n.11.
Ca.11.v.11. Qui autem minor est in regno Cælorum, maior est illo. Ibid.n.8.
Ca.16.v.18. Super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam. S.III.n.26.
v.18. Portæ inferi non prævalebũt adversus eam. S.II.n.2.
Ca.18.v.4. Hic est maior in regno Cælorum. S.VII.n.4.
Ca.19.v.27. Reliquimus omnia, & secuti sumus te, quid ergo erit nobis? S.I n.1.& 5.
v.28. Cum sederit filius hominis in sede maiestatis suæ, sedebitis, & vos super sedes duodecim judicantes. Ibid n.2. .XI.
v.29. Et omnis qui reliquerit....centuplum accipiet, & vitam æternam possidebit. n.2. VII n.28. S.I.n.2.
Ca.20.v.6. Circa undecimam vero exiit, & invenit alios stantes, & dicit illis, quid hic statis tota die otiosi? S.VIII.n.31.
v.7. Ite, & vos in vineam meam. Ibid.
v.21. Dic ut sedeant hi duo filij mei, unus ad dextrã, & unus ad sinistrã in regno tuo. S.VII.n.28.
v.22. Nescitis quid petatis. Ibid.
v.22. potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum? Ibid.n.29.
Ca.22.v.13. Ligatis manibus, & pedibus ejus, mittite eum in tenebras exteriores. S.XI.n.19.
Ca.26.v.24. Væ homini illi, per quem filius hominis tradetur. S.XII.n.49.
v.38. Tristis est anima mea usque ad mortem. S.X.n.41.
Ca.27.v.33. Venerunt in locum, qui dicitur Golgotha, quod est calvariæ locus. S.IX.n.31.
v.34. Et dederunt ei vinum bibere, cum felle mistum, & cum gustasset noluit bibere. Ibid.
v.46. Deus meus, Deus meus, ut quid de reliquisti me? (& n.17. S.XIII.n.7.n.9.

v.52. Corpora sanctorum, qui dormierant surrexerunt. S.III n.6.

Ca.28. v.2. Terramotus factus est magnus. Ibid.

Ex Divo Marco.

Ca.8.v. 24. VIdeo homines velut arbores ambulantes. S.X.n.23.

Ca.15.v.37. Jesus autem emissa voce magna expiravit. S.I.n.16.

v. 39. Videns autem Centurio....quia sic clamans expirasset, ait: vere hic homo filius Dei erat. Ibid.

Ca.16. v.2. Orto jam sole. S.III.n.6.

Ex Divo Luca.

Ca. 1.v.28. AVe gratia plena. S.IV.n.29.

v.34. Virum non cognosco. Ibid.n 43.

v.35. Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi, ideoque & quod nascetur ex te sanctum, vocabitur filius Dei. Ib.41.42.47.

v.41. Exultavit infans in utero. S.I.n.15.

v.51. Superbos mente cordis sui. S X.n.45.

Ca.2.v.13. Facta est cum Angelo multitudo militiæ cælestis, Laudantium Deum, & dicentium, &c. (V.n.34. S VI n.18.& S.

v.35. Tuam ipsius animam pertransibit gladius. S XIII.n.22.

Ca.11.v.10. Qui quærit in venit. S.VIII.n.38.

Ca.15.v.17. In se reversus dixit, quanti mercenarij in domo patris mei abundant panibus.... hic fame pereo. S.II.n.20.21.

v.18. Surgam, & ibo ad patrem meum....Pater peccavi in cælum, & coram te. Ibid.

v.19. Non sum dignus vocari filius tuus. Ibid.

Ca.16.v.24 Mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma. S.XI.n.42.

Ca.17.v.10. Cum feceritis omnia, quæ præcepta sunt vobis, dicite servi inutiles sumus. S.I.n.1.

Ca.19.v.10. Venit filius hominis quærere, & salvum

facere quod perierat. S.XIII.n.14.
v.41. Videns civitatem flevit super illam. S.X.n.18.
v.42. Quia si cognivisses, & tu. Ibid.
v.44. Ad terram prosternent te. Ibid.
Ca.22.v.43. Factus in agonia. Ibid.n.41.
Ca.23.v.16. Emendatum ego illum dimittam. S.XIII.n.15.
v.22. Corripiam ego illum, & dimittam. Ibid.
v.23. At illi instabant vocibus magnis postulantes ut crucifigeretur. Ibid.
v.34. Pater dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt. S.XII.n.17.
v.41. Et nos quidem juste, nam digna factis recipimus, hic vero nihil male gessit. S.XIII.n.11.
Ca.24.v.41. Illis non credentibus, & mirantibus præ gaudio. S.III.n.32.

Ex D. Joanne.

Cap. 1. v.4. IN ipso vita erat. S.VII.n.2.
Cap.3.v.16. Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret. S.XIII.n.15.
Cap. 4.v.6. Jesus ergo fatigatus ex itinere sedebat. S V.n.20.
Cap.5.v.20. Pater enim diligit Filium, & omnia demonstrat ei. S.VII.n.25.
v.22. Neque enim Pater judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio. Ibid.& n.17.
v.23. Ut omnes honorificent Filium, sicut honorificant Patrem. Ibid.n.17.
Cap.7.v.28. Et me scitis, & unde sim scitis, & à me ipso non veni, sed est verus, qui misit me. S.XII.n.17.
v.34. Quæretis me, & non invenietis. S.VIII.n.38.
Cap.8.v.21. Quæretis me, & in peccato vestro moriemini. Ibid.
Cap.11.v.4. Pro gloria Dei, ut glorificetur Filius Dei. S.V.n.2.
v.5. Diligebat autem Jesus....& Lazarum. Ibid.n.2.
v.11. Lazarus amicus noster dormit, sed vado ut à somno excitem eum. Ib.& S.IX.n.8.
v.14. Lazarus mortuus est. S.V.n.7.IX.n.8.

v.15. Et gaudeo propter vos ut credatis. Ibid.
v.16. Dixit ergo Thomas, qui dicitur Didymus ad condiscipulos, eamus, & nos, ut moriamur cum eo. S.V.n.7.
v.35. Lacrymatus est. S.IX.n.8.
v.36. Ecce quomodo amabat eum. Ibid.
v. 31. Vadit ad monumentum ut ploret ibi. S.XIII. n.39.
v.33. Vidit eam plorantem, & Judæos, qui venerant cum ea plorantes. Ibid.
Ca.12.v.11. Multi propter illum abibant ex Judæis, & credebant in Jesum. S.V.n.1.
v.35. Ambulate dum lucem habetis. S.VIII.n.32.
v.45. Qui videt me, videt eum qui misit me. S.IV.n.26.
Ca.14.v.9. Qui videt me videt, & Patrem. Ibid.& n.28.
v.10. Non creditis, quia ego in Patre, & Pater in me est. Ibid.n.26.& S.
v.10. Pater autem in me manens ipse facit opera. (XIII.n.24. S IV.n.28.
v.12. Alioquin propter opera ipsa credite. Ibid.
Ca.16.v.21. Jam non meminit pressuræ, propter gaudium, quia natus est homo in mundum. S.IX.n.9.
v.28. Exivi a Patre, & veni in mundum. S.XIII.n.12.
Ca.17.v.1. Clarifica Filium tuum, ut Filius tuus clarificet te. S.IV.n.35.
Ca.19.v.28. Sitio. S.IX. n. 31. & (S.XIII.n.15.
v. 30. Cum ergo accepisset Jesus acetum. S.IX.n.33.
v. 30. Consummatum est. S.XIII. n.15.
v.30. Inclinato capite tradidit spiritum. S.X.n.41.
Ca. 20.v.1. Mane cum adhuc tenebræ essent. S.I.n 45.
v. 11. Maria stabat ad monumentum foris plorans. S.III.n.43.
v. 13. Quia tulerunt Dominum meum. Ibid.

Ex Libro Actuum Apostolorum.

Cap 9. v.4. SAule saule. S.XII. n.48.
v.5. SEgo sum Jesu, quem tu persequeris. Ibid. n.51.
v.6. Domine, quid me vis facere? Ibid.n.50.

Ex

Ex Epiſtola D. Pauli ad Romanos.

Ca. 1. v. 20. INviſibilia enim ipſius à creatura mundi, per ea quæ facta ſunt, intellecta conſpiciuntur, ſempiterna quoque ejus virtus, & divinitas. S. VII. n. 1.

v. 21. Itaut ſint inexcuſabiles, quia cum cognoviſſent Deum, non ſicut Deum glorificaverunt. S. XII. n. 16.

Ca. 6. v. 11. Exiſtimate vos, mortuos quidem eſſe peccato, viventes autem Deo. S. X. n. 45.

Ex Epiſtolis ad Corinthios.

1. Ca. 10. v. 13. FIdelis autem Deus, qui non patietur vos tentari ſupra id quod poteſtis. S. II. n. 44.

Ca. 11. v. 31. Si nos met ipſos dijudicaremus, non utique judicaremur. S. X. n. 50.

2. Ca. 4. v. 7. Habemus autem theſaurum iſtum in vaſis fictilibus. S. XII. n. 27.

Cap. 7. v. 4. Superabundo gaudio in omni tribulatione. S. IX. n. 22.

Ex Epiſtola ad Galatas.

Ca. 6. v. 14. MIhi mundus crucifixus eſt, & ego mundo. S. II. n. 10.

Ex Epiſtola ad Colloſſenſes.

Ca. 1. v. 15. IMago Dei inviſibilis. S. IV. n. 38.

v. 24. Gaudeo in paſſionibus. S. IX. n. 22.

Ex Epiſtola ad Hebræos.

Cap. 1. v. 3. SPlendor gloriæ, & figura ſubſtantiæ ejus. S. VI. n. 11.

v. 6. Cum iterum introducit primogenitum in

obrem

orbem terræ dicit, & adorent eum omnes Angeli ejus. S.VII.n.37.

Cap.5. v.7. Cum clamore valido, & lacrymis. S.XIII.n.6.

Ca.11.v.22. Fide Joseph moriens de profectione filiorum Israel memoratus est, & de ossibus suis mandavit. S.III.n.13.

v.24. Moyses grandis factus, negavit se esse filium filiæ Pharaonis. S.IX.n.27.

v.25. Magis eligens affligi cum populo Dei, quam temporalis peccati habere jucũditatem. Ibid.n.27.30.

v.26. Aspiciebat enim in remunerationem. Ibid.n.30.

v.35. Fide acceperunt mulieres de resurrectione mortuos suos. S.III n.35.

Ca.12.v.2. Proposito sibi gaudio sustinuit crucem. S.IX.n.33.

Ex Epistol. 1. D.Petri.

Ca.1. v.24. GLoria ejus tanquam flos fæni. S.VIII.n.9.

Ca. 4.v.13. Communicantes Christi passionibus gaudete. S.IX.n.23.

Ex Epist. 1. D. Joannis.

Cap.2.v.3. IN hoc scimus, quoniam cognovimus eum, si mandata ejus observemus. S.XII.n.15.

v.4. Qui dicit se nosse eum, & mandata ejus non custodit, mendax est. Ibid.

Ex Libro Apocalypsis.

Ca.3.v.21. QUi vicerit dabo ei sedere mecum in throno meo, sicut ego vici, & sedi cum Patre meo in throno ejus. S.II.n.6.

Ca.5. v.12. Dignus est agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & divinitatem,.....& honorem, & gloriam. S.V n.26.

Cap.6. v.2. Equus albus, & qui sedebat super illum habebat arcum, & data est ei corona, & exivit vincens ut vinceret. S.II n. 36. 37. S.III. n. 29.& S.X.n.51.

v.5. Equus niger, & qui sedebat super illum habebat stateram in manu sua. S.VII.n.44.&
v.7. Et cum aperuisset sigillum quartum, audivi vocem quarti animalis dicentes, veni, & vide. S.X.n.52. S.XI.n.1.
v.8. Et ecce equus pallidus, & qui sedebat super eum, nomen illi mors, & infernus sequebatur eum. S.VII. n.44.& S.X.n.52.& S. XI.n.1.2.
v.9. Vide sub altare animas interfectorum propter verbum Dei, & propter testimonium, quod habebant. S. III. n. 29.& S.X.n.51.
v. 10. Et clamabant voce magna. Ibid.
Cap.7.v.11. Omnes Angeli stabant in circuitu throni S.II.n.5.
Cap. 9. v.5. Datum est illis ne occiderent eos, sed ut cruciarent mensibus quinque. S.XI.n.27.
v.6. Quærent homines mortem, & non invenient eam, & desiderabunt mori, & fugiet mors ab eis. Ibid.
Cap.12.v.1. Mulier amicta sole. S.IV.n.5.
v.7. Michael, & Angeli ejus præliabantur cum Dracone. S.VII.n.33.36.
Cap.14.v.5. In ore eorum non est inventum mendacium. S.X.n.6.
v.10. Bibet de vino iræ Dei, quod mistum est mero, in calice iræ ipsius, & cruciabitur igne, & sulphure. S.XI.n.23.
v.11. Fumus tormentorum eorum ascendet in sæcula sæculorum. Ibid.n.18.
Cap.15.v.4. Quis non timebit te Domine, ... quia pius es? S.IX. n.41.
Cap.20.v.2. Apprehendit draconem serpentem antiquum, qui est Diabolus, & Satanas, & ligavit eum per annos mille. S.VII. n.30.
v.3. Et misit eum in abyssum, & clausit. Ibid.
v.14. Et infernus, & mors missi sunt in stagnum ignis. S.XI.n.29.

FINIS.

IN-

INDICE

Das cousas mais dignas de serem notadas neste Segundo Tomo.

A letra S. indica o Sermão: o seguinte num. aponta o paragrafo.

A

Aarão.

A Vara de Aaraõ, que floreceu de repente, figurava a Conceyçaõ de Maria Santissima. S. VI. num 35.

Descendencia de Aaraõ escolhida para o Summo Sacerdocio. S. I. num. 48.

Abiron.

Abiron, e Dathan tragados pela terra chegàraõ ao Inferno vivos. S. VIII. n. 35.

Abraham.

Nelle se reprezentou o Mysterio da Conceyçaõ da Mãy de Deos. S. VI. n. 29. & seq.

Abstinencia.

A de Christo no Dezerto foy para o Demonio forte indicio de sua Divindade. S. II. num. 30.

A S. Bento tentou a carne, quando esta mais mortificada estava pela abstinencia. Ibid. num. 27.

A' viſta da Abſtinencia de S. Bento prezumio o Demonio, que ſeria o Filho de Deos. Ibid.num.28.

Vide *S. Bento.*

Agar.

Errou naõ querendo ver o filho, quando morria. S.XIII. n. 28.
Hum Anjo lhe fallou, e a ſoccorreu. Ibid.num.29.

Alexandre Magno.

Na India lhe offertàraõ huma pedra admiravel pelas qualidades, que tinha. S. XII. n.22.

Aman.

No decreto, que paſſou em nome de Aſſuero, lhe maculava a innocencia. S.XII.n.44. & 45.

Amor.

O das creaturas, ainda que licito, nos aparta da uniaõ com Deos. S.X. n. 34. & ſeq.
O de Deos arrebata os coraçoens atè o Ceo; o das creaturas os abate para a terra. Ibid.num.38.
Só Deos deve ſer amado. Ibid.num.39.
Deve a Creatura amar a Deos, mais que a ſi meſma. S. XII. n.19.
Na Geometria do amor naõ ſe mede o longe pela diſtancia; mas ſim pela viſta, ou falta della. S.XIII.n.38 & ſeq.
Moſtrou Chriſto o ſeu amor para com Lazaro, chorando na morte delle. S. IX.num. 8.

V. *Coraçaõ.* V. *Creaturas.*

Anjos.

Os mais Soberanos eſtaõ de pè diante do Throno de Deos. S. II. num. 5.
Os Anjos vendo a S. Bento entre as eſpinhas, ſe admiràraõ; e tirando, as que ficàraõ cravadas em ſeu corpo, lhe ſaràraõ as feridas. S. II. num. 35.
O Anjo defenſor do Reyno dos Perſas rogava a Deos, para que o povo de Iſrael naõ ſahiſſe do cativeyro: e porque razaõ? S.III.n.21.& ſeq.
Os Anjos aſſiſtem a Chriſto Sacramentado. S. VII.num. 1.
Saõ imagens de Deos, e ſe nomeaõ filhos de Deos. Ibid. num. 3.
O menor dos Anjos he mayor, que o mayor dos Santos. Ibid. num. 8.
Tanta he a grandeza, e excellencia dos Anjos, que pa-

ra a explicar uza a Eſcritura de muy altas, e nobres comparaçoens. Ibid. num. 9.
Foraõ creados no Ceo Empyreo. Ibid. num. 30.
Sobre a materia em que peccáraõ os Anjos, ſaõ muytas as opinioens. Ibid. num. 37.
O mais recebido he haverem peccado em Soberba, naõ querendo adorar a Chriſto Deos, e Homem. Ibid.
Examina-ſe, qual foy o myſterio, em que Chriſto ſe porpunha para ſer pelos Anjos adorado. Ibid. num. 38.
Conclue-ſe haver ſido o Myſterio do Sacramento. Ibid. num. 39.

S. Anna.

Para os Anjos, e para os Homens he S. Anna objecto de admiraçoens. S. IV. n. 2. & ſeq.
Foy a vara de Aaraõ, que floreceo depois de ſeca. Ibid. num. 4.
Sobindo aos Ceos, poz em admiraçaõ os Anjos. Ibid. num. 3.
Sobio ao Ceo como Aurora, como Lua, e como Sol. Ibid. num. 5.
O ſeu ventre foy concha da melhor perola. Ibid. & ſeq.
Sobio ao Ceo recoſtada em ſeu Neto Santiſſimo. Ibid. num. 6.
Foy vara de compoziçaõ aromatica. Ibid. num. 4.
Naſceo trazendo o nome de Anna eſcrito no peito. Ibid. num. 7.
He ſymbolizada no Ceo. Ib. n. 11. & ſeq.
Em S. Anna tiveraõ principio os Divinos Myſterios. Ibid num. 12.
As ſuas virtudes occultas ſaõ mayores, que as manifeſtas. S IV. n. 14.
Foy S. Anna exemplar imitado por Maria Santiſſima. Ibid. num. 16.
Foy a terra do Paraizo regada com a fonte, que era Maria Santiſſima. Ibid. num. 21.
A S. Anna ſe humilhava Maria Santiſſima. Ibid.
Foy S. Anna a Caza de Deos preparada ſobre os montes da Santidada. Ibid. num. 23.
Para ſe conhecer S. Anna ſe deve conhecer primeiro ſua Santiſſima Filha. Ib. n. 25. & ſeq.
Em S. Anna reſplandecem as virtudes de ſua Filha. S. IV. num. 29.
Todos os Santos ſe reconhecem inferiores a S. Anna. Ibid.
He Senhora dos Anjos, e dos homens. Ibid.
Parece, que o eſpirito de S. Anna eſtava em Maria Santiſſima. Ibid. num. 30.
A mayor gloria de S. Anna he para Maria Santiſſima a mayor gloria: como tambem a mayor gloria da Mãy

de Deos he para S. Anna a mayor gloria. Ibid.num.34.
S. Anna he original, e Maria Santiſſima ſeu retrato. Ibid.num.36.
Tem por gloria ver huma Filha Santiſſima; porque na Santidade deſta ſe retrata. Ibid.
Foy S. Anna huma imagem do Eterno Padre. Ib.n.39.&ſeq.
Já no ventre de S. Anna foy Maria Santiſſima Imagem de Deos. Ibid.num.40.
Devia S. Anna ſer ao Eterno Padre muy ſemelhante para dar a Maria Santiſſima taõ virtuoza educaçaõ. S.IV.n. 51. & ſeq.
Em Santa Anna eſtaõ recopiladas as virtudes dos mais Santos. Ibid.num.54.
Aſſegura a Salvaçaõ, quem eſcolhe a S. Anna por Patrona. Ibid.
Naõ pode o Filho de Deos negar por interceſſaõ de S. Anna, o que por interceſſaõ de Maria Santiſſima coſtuma conceder. Ibid.

Antéo.

Quando vencido por Hercules, entaõ cobrava mais forças para peleijar contra elle. S.II.num.13.

Apartamento.

Muito ſe affligem os agonizantes, conſiderando, que ſe apartaõ de quanto amavaõ, e logravaõ d'antes. S.X n.10.&ſeq.
Agag ſentenciado à morte ſentia ſó o apartamento. Ibid. num. 2.
Mais affligeo apartamento, que a morte. Ibid. & ſeq.

Arrianos.

Quam grandemente ſe eſtendeu a heregia delles. S. I. num.41.

Arrependimento.

Naõ ha para o arrependimento mais que hum dia. S. VIII. n. 33.
Nem todo o tempo da vida he tempo de arrependimento. Ibid. num. 34.
Havendo huns, que atè a morte ſe podem arrepender, outros ainda em vida naõ tem lugar para o arrependimento. Ibid. & ſeq.
Ainda que tiveramos a certeza de muy larga vida, naõ deveramos dilatar o arrependimento. Ibid.num. 31.

Aſſóres.

Os da Noruega ſaõ os mais velozes em voar; e porque? S.VIII. n.23.

B

Balthazar.

QUando vio huma maõ, que escrevia na parede; temeu sem saber o que; ouvindo porèm a sentença de sua morte escrita por essa maõ, cobrou socego. S. X. num. 32.

Baziliſco.

Mata, e he morto com a sua vista. S. II. num. 8.

Bem.

O amor do bem he cauza final de se fugir do mal. S. XI. num. 4.

Beneficios.

Duas vezes se mostra Deos ser Deos, quando nos faz beneficios. S. XII. num. 37.

V. *Paciencia.* V. *Peccador.*

S. Bento

Foy assombrozo em deixar, e seguir a Christo S I. n. 2. & seq.
Grandezas, que deixou S. Bento. Ibid. num. 3.
S. Bento foy imagem perfeitissima de Christo. Ibid. num. 4.
Deixou, e seguio a Christo, julgando-se indigno de premio. Ibid. num. 5.
Excede a S. Pedro no deyxar, e no seguir. Ibid.
Nem excitado por Deos, lhe pedia premios. Ibid. num. 6.
Principiou pelo grào mais alto da Santidade. Ibid.
Como desempenhou Christo com S. Bento a promessa de o premiar. Ibid. num. 7.
Offereceu Deos a S. Bento, quanto pode caber no dezejo humano, e quanto se pode esperar da Omnipotencia. Ibid. n. 6. & 7.
Premiou Deos a S. Bento, mais que cem vezes em dobro. Ibid. num. 8.
Taõ especiaes mercés fez Deos a S Bento, que se naõ pode resolver facilmente, qual dellas fosse o premio de seus merecimentos. Ibid. num. 9.
Nasceu S. Bento jà Santificado, e nunca perdeu a graça, com nasceu. Ibid. num. 11.
Foy alimentado aos peitos da Mãy de Deos, e vio

nesta vida a Divina Essencia. Ibid.
A graça, que o Santificou antes de nascer, foy o premio do seu deixar, e seguir a Christo. Ibid. num. 10.
Em S. Bento primeiro foy a graça, que o nascimento. Ibid. num. 11.
No ventre conheceu S. Bento, que Deos o Santificára. S. I. num. 12.
Cantou no materno ventre. Ibid.
Este canto foy melodia, em que se desatou a graça. Ib. n. 12. & 13.
No ventre foy S. Bento mais admiravel, que o Baptista. Ibid. num. 15.
Pareceu mais que homem, pareceu Divino. Ibid. & seq.
Hymnos, e louvores a Deos continha a letra, que S. Bento cantou no ventre. Ibid. num. 19.
Já no ventre teve uzo da razaõ, e conhecimento de Deos. Ibid.
O cantar S. Bento no ventre foy prodigio, e foy passmo para a natureza humana, e Angelica. Ib. n. 21. & 22.
Conheceu a Deos, antes que se pudesse conhecer a si. Ibd. num. 22.
A S. Bento, antes de nascer, revelou Deos todo o progresso de sua Religiaõ, a gloria de seus filhos, e que o faria Pay de huma Religiaõ a mais celebre de todo o Mundo. Ibid. num. 23.
S. Bento foy a setta escolhida de Deos, escondida na sua aljava. S. I. num. 27.
O Rey Totila vendo a S. Bento se postrou por terra. Ibid. num 32.
O fim, com que Deos mandou ao Mundo S. Bento, pedia, que lhe fosse revelada a gloria, para que foy destinado. Ib. n. 35. & seq.
Para reparar as ruinas da Igreja veyo S. Bento ao Mundo. Ibid. num. 36.
Foy fortissimo dissipador de todos os vicios. Ibid. num. 39.
Sendo menino reformou com sua prègaçaõ o povo de Efide. Ibid.
Converteu o de Cassino à Fé. Ibid.
Enche o Ceo de tantos justos, quantos saõ os seus filhos. Ibid. num. 40.
Sobio ao Ceo por hum novo caminho, que principiava na sua cella, e acabava no Ceo. Ibid.
Neste caminho se reprezentava a Religiaõ de S Bento. Ibid.
Foy invictissimo destruidor de heregias. Ibid. num. 41.
Movido das oraçoens, e lagrimas de varios Santos, mandou Deos ao Mundo S. Bento para remedio da sua

ſua Igreja. Ibid.
S. Bento reedificou a Igreja por meyo de ſeus filhos, e parece, que lhe deu principio. Ibid. num. 44.
Quando a Igreja mais opprimida eſtava das heregias veyo ao Mundo S. Bento. Ibid. num. 46.
Vivendo S. Bento, foraõ quatro Monges ſeus elevados ao Summo Pontificado. Ibid. num. 47.
Para os ſeus devotos he S. Bento ſeguro porto de ſalvaçaõ. Ibid. num. 50.
S. Getrudes vio a S. Bento no Ceo em hum trono com hum cetro na maõ: e com que myſterio? S. II. n. 3. 6. 7.
Premiou Chriſto a S. Bento, dandolhe no Ceo o ſeu meſmo Trono. Ibid.
Nenhum Santo com mais gloria que S. Bento, venceu os tres innimigos da Alma. Ib. n. 7. & ſeq.
Doze annos tinha S. Bento, quando venceu o Mundo. Ibid. num. 8.
O Mundo para S. Bento eſteve morto. Ibid. & ſeq.
De treze annos ſe enterrou S. Bento na cova de Sublaco. Ib. n. 9. & ſeq.
Deixou S. Bento o Mundo para nunca mais o ver. Ibid. num. 12.
Vencido o Mundo por S. Bento, entaõ lhe fez mayor guerra. Ib. n. 13. & ſeq.
O Mundo lembrado combatia a S. Bento mais fortemente, que poſſuido, e logrado. Ibid. num. 17.
Quam fortemente foy tentado S. Bento para ſahir do dezerto com a memoria, do que deſprezou no Mundo, e com a viſta, do que pedecia eu Sublaco. S. II. n. 19. 20.
O Mundo vencido por S. Bento fugia delle. Ibid. num. 23.
Tratava S. Bento o ſeu corpo, como ſe naõ fora ſeu. Ibid. num. 24.
Só duas refeiçoens tomava em cada ſemana. Ibid. num. 25.
Largo tempo ſe alimentou no dezerto com raizes ſecas, e depois tambem eſtas lhe faltàraõ. Ibid.
De nenhum Padre do Ermo ſe lé, que tiveſſe tanta abſtinencia, como teve S. Bento ſendo minino. Ibid.
Foy S. Bento imagem perfeitiſſima de Chriſto. Ibid. num. 31.
Dous Anjos o acompanhàraõ indo para o dezerto. Ibid. num. 32.
De que ſorte reſiſtio S. Bento a tentaçaõ da carne. Ibid. num. 33.
Para de todo a vencer ſe arrojou a huma çarça de eſ-

pinhos. Ibid.
Nella ſe revolveu muitas horas, e regeitou todo o corpo. Ibid.
Venceu a carne ſendo menino, com mais gloria, que os mais Santos. Ib.n.38.&ſeq.
Vencida a carne, ſe naõ atreveu a tentallo mais. Ibid. num.42.
Vio S. Bento a Eſſencia Divina, e nella todas as creaturas. S.II. num.45.
Teve eſpecial graça, e promeſſa de Deos, para delle alcançar, quanto lhe pedir. Ibid.num.46.
Teve dominio ſobre todos os elementos. S III. num. 4.
Na vida imitou a Chriſto vivo, e na ſua Trasladaçaõ imitou a Chriſto reſuſcitado. Ibid. n. 6. 7.
Reliquias de S. Bento ſaõ penhores certos de ſeus milagres. Ibid num.11.
Comparaõ-ſe as Reliquias de S. Bento com as de Jozè nos prodigios. Ib.n.12.&ſeq.
Depois de morto appareceu em huma embarcaçaõ ligeira, e deſtruhio huma armada de Infieis, que havia ſaqueado Roma. Ibid.num.18.
Deu ſaude ao Papa Urbano II. e ao Emperador S. Henrique. Ibid.num.16.
Quando a Igreja padecia alguma perſeguiçaõ, decia S. Pedro do Ceo a Monte Caſſino, e com S. Bento conſultàra, o como ſeria ſoccorrida a Igreja. Ibid.num.24.
Em vida reſuſcitou muitos mortos. Ibid. num.32.
Ao contacto de ſuas Reliquias, reſuſcitou hum morto. Ibid.n.32.36.
Em ſua Regra retratou S. Bento a ſua vida. Ibid.num.46.
Na obſervancia della conſiſte a imitaçaõ de S. Bento. Ibid.

Vide *Anjos. Abſtinencia. Carne. Continencia. Coroa. Demonio. Heregias. Igreja S. Pedro. Religiaõ. Treno. Trasladaçaõ. Valor. Victoria.*

C

Cadeiras.

DUas cadeiras de Theogia, que S. Bento inſtituhio em Roma, eraõ dous rayos da Seita Arriana. S. I. num.42.

Calviniſtas.
Perſeguidos por S. Bento na feſta de ſua Trasladaçaõ. S.III.num.17.
Canto.
Cantou S. Bento no ventre materno. S. I. num.12.
Eſte canto foy melodia, em que ſe deſatou a graça. Ibid. n.12.13.
Cantar, onde a todos fálta naturalmente a voz, he ſinal de Divindade. Ib.n.16.&ſeq.
V. *S. Bento.*
Carne.
Como peleja contra o eſpirito? S.II. num. 24.
He vencida com a continencia, e com a abſtinencia. Ibid.
Para vencer as tentaçoens da carne cortou S. Nicetas a lingoa com os dentes: e S. Martiniano entrou em huma fogeira. Ibid.num.38.
V. *S. Bento.*
Caſſino.
Monte Caſſino, terra de ruina de S. Bento. S.I. n.29. 30.
Seus moradores por S. Bento foraõ convertidos à Fé. Ibid. num.39.
Tremeu dezaſete vezes, quando ſe deſcobriraõ as Reliquias de S. Bento. S. III. n. 3. 8.
Cauza deſtas agitaçoens de S. Bento. Ib.n.9. & ſeq.
Ceo.
No Ceo ſe retrata S. Anna. S.IV.num.11.
He a primeira obra, que Deos creou. Ibid. num.12.
No Ceo ha mais fermoſura occulta, que manifeſta. Ibid num.14.
Em ſua grandeza ſe moſtra a immenſidade do Creador. S.VII.num.2.
He o Palacio da Mageſtada Divina. S. IX.num.1.
Serve de gloria para Deos. Ibid.
Difficultozamente irà ao Ceo, quem ſe eſquece delle. S. XI. n. 44.
Chriſto.
Chorou Chriſto, vendo a Jeruſalèm. S.X. num.18.
Padecendo agonias no Horto, naõ as padeceu no Calvario; e porque razaõ? Ib.n.41.&ſeq.
Naõ ſe queixando Chriſto, dos que o crucificavaõ, ſe queixou de ſeu Eterno Padre, e porque? S. XIII. n. 9.
Para Chriſto o tormento mais cruel foy o dos açoites; e porque. Ibid. num.15.
Na morte nomeava ao Padre por Deos, e naõ por Pay;

e porque? Ib.n.17.& ſeq.
Ainda na Cruz continuava o Padre no meſmo acto de geraçaõ eterna para com Chriſto em quanto Deos. Ibid.
No ventre começou a ter o Eterno Padre por ſeu Deos. Ibid.num.18.
Na Cruz naõ deixou o Padre a Chriſto; porque he inſeparavel do Filho. Ibid.num.24.
Diſſe Chriſto, que o Padre o deixou; mas em que ſentido? Ibid.

V. *Conceyçam.*

Coluna.

A Religiaõ de S. Bento he a Coluna, em que ſe ſuſtenta a Igreja. S.I. n 36.& S. II.n25.
Jeremias foy coluna da Synagoga, e S. Bento foy coluna da Igreja. S.I.n.37.& ſeq.

Conceyçam da Virgem Maria.

A Conceiçaõ da Mãy de Deos ſe lè no livro da geraçaõ de Chriſto. S. VI. num.3.
Chriſto, David, e Abraham, figuras da Conceiçaõ de Maria. Ib.n. 4.& ſeq.
Na Conceiçaõ de Chriſto ſe retrata a de Maria Santiſſima. Ibid. num. 9.
Em ſua Conceiçaõ foy Maria Santiſſima eſpelho da Divindade. Ibid.num.10.
Sendo Maria Santiſſima em ſua Conceiçaõ eſpelho da Divindade, devia nella ter paz, e uniaõ com Deos. Ibid.
A Conceiçaõ da Senhora he obra do Eſpirito Santo; e porque? Ibid.num.12.
Na Conceiçaõ da Senhora teve Deos paz com ella, e com toda a natureza humana ajuſtou paz. Ibid. num.13.
No Ceo celebràraõ os Anjos eſta Conceiçaõ. Ibid. num.18.
A Conceiçaõ de Maria reprezentada em David triunfante. Ib.n.19.& ſeq.
Maria Santiſſima em ſua Conceiçaõ, venceu o Demonio. Ibid.
A fermoſura da Conceiçaõ da Senhora he comparada a hum exercito; e porque? Ibid. num.28.
Em Abraham ſe reprezentou o Myſterio da Conceiçaõ da Senhora. Ib.n.29.& ſeq.

A

A Conceyçaõ da Mãy de Deos se reprezentou na Carça de Horeb. Ib. n. 41. & seq.

Vide *Maria.* Vide *Natureza humana.* Vide *Paz.*

Confiança.

Confiança em Deos, e confiança propria. S.V. per totum.

Da Confiança propria nace naõ se fugir das occazioens da culpa. Ibid. num. 5.

Vencido foy Samsam; porque em si confiou demaziadamente. Ibid.

Naõ só com muita confiança devemos buscar a Deos para nos perdoar; mas confiar, que elle nos buscarà para o perdaõ. Ibid. num. 17.

Conformidade.

Quem deu cauza para padecer, nella acha motivo para conformidade. S. XIII. n. 11.

Conhecimento.

Pelo conhecimento proprio se caminha para a Bemaventurança. S. XII. num. 1.

Devemos sahir de nòs para alcançarmos o conhecimento proprio. Ibid. num. 3.

De dous modos pode cada hum sahir de si para este conhecimento. Ibid. num. 4.

Mais se arrisca o homem elevando o conhecimento, que abatendo-o. Ibid. num. 30.

O conhecimento de Deos se mostra na obediencia a seus preceitos. Ibid. num. 15.

Falta o conhecimento de Deos, a quem o offende. Ib. n. 16. & seq.

Quem a Deos offende só tem desculpa na falta de conhecimento. Ibid.

Continencia.

Foy S. Bento combatido de hum pensamento contra a continencia. S. II. num. 26.

Neste combate contra a continencia esteve aballado a deixar o dezerto, e voltarse para Roma. Ibid.

A lembrança de huma mulher, que vira em Roma, havia jà quatro annos, lhe fez esta guerra contra a continencia. Ibid.

Coraçaõ.

Em hum coraçaõ naõ cabem juntos dous amores, ou amor de duas creaturas: e muito menos cabem o amor de Deos, e o das creaturas. S.X. num.37.
Os peccados de todos os ſentidos naſcem do coraçaõ. Ibid. num.45.

Coroa.

Levar a coroa depois da victoria he commum aos Santos; mas conſeguilla antes do vencimento he ſingular de S. Bento. S.II. num.37.

Creatura.

De tal ſorte devemos tratar as creaturas na vida, que nos naõ cuſte apartar dellas na morte. S.X.num.39.
He precizo o deſapego das creaturas para haver uniaõ com Deos. Ibid.num.40.
He fatuidade guardar para a morte o deſapego das creaturas. Ibid.
Deve a creatura amar a Deos, mais que a ſi meſma. S. XII. n. 19.

Vide *Coraçaõ.* Vide *Deos.*

D

Dathan.

DAthan, e Abiron ainda vivos ſe ſepultáraõ no Inferno. S.VIII.n.35.

David.

No triunfo de David contra o Gigante ſe reprezentou o triunfo da Cõceiçaõ da Senhora cõtra o Demonio. S.VI. n. 19. &
Na pedra, com que David derribou o Gigante, ſe reprezentou o Myſterio da Conceiçaõ. ſeq. Ibid.n.21.22.

Delicias.

Vide *Vida humana.* V. *Salamaõ.* V. *Serm. IX. per totum.*

Demonio.

Foy o que moveu a carne para tentar a S. Bento. S. II.num.27.
Em figura de ave voando perto de S. Bento, lhe lançou hum halito peſtifero, e com elle o incitou para a tentaçaõ. Ibid.
Vendo a rara abſtinencia de S. Bento, entrou a duvidar, ſe ſeria Chriſto. Ibid.num.28.

Tendo

Tendo o Demonio varios principios para entender, que Christo era Filho de Deos, entrou mais fortemente a considerallo, vendo a sua abstinencia no dezerto. Ibid. num. 29.
Victoriozo S. Bento da tentaçaõ, naõ se atreveu mais o Demonio atentallo. Ibid. num 42.
Foy o Demonio vencido por Maria Santissima em sua Conceiçaõ. S. VI. n. 19 & seq.
De huns quer o Demonio tirar a confiança em Deos: e a outros quer introduzir a confiança propria. S. V. num. 5.
O Demonio està hoje prezo, e pouco menos que impossibilitado para pelejar com os homens. S. VII. n. 30.
Padece no Inferno eterna fome em pena de naõ haver comido espiritualmente o paõ do Sacramento. Ibid. num. 45.
Tenta-nos com a esperança de larga vida. S. VIII. n. 27 &
Engana aos peccadores com a esperança da vida, e com a segurança, de que em toda ella se podem arrepender. seq. Ibid. num. 34.

Deos.

Por mais que o peccador se apresse em buscar a Deos, pedindolhe o perdaõ, se anticipa Deos para lhe perdoar. S. V. num. 19.
No dia setimo descançou Deos, porque jà tinha creado, a quem perdoar peccados. Ibid. num. 20.
Mostra Deos, que naõ estaria em Bemaventurança perfeita, naõ havendo peccados, que perdoasse. Ibid. num. 22.
O peccado foy para Deos necessario; e porque? Ibid. & seq.
Busca Deos a sua honra, de quem lha tirou, e he zelozo della. Ibid. num. 25.
No Ceo glorifica Deos aos seus servos, segundo estes o glorificaraõ na terra. S. VII. n. 46.
Acha a Deos, quem de prezente o busca; mas naõ o acharà, quem o quizer buscar de futuro. S. VIII. n. 38.
He fatuidade quererse unir com Deos na morte, quem na vida se naõ apartou das creaturas. S. X. num. 40.
He cauza universal, que com as creaturas concorre para todas as suas acçoens. S. XII. n. 43.

Vide *Amor de Deos.* V. *Confiança em Deos.* V. *Creaturas.* V. *Peccado.* V. *Peccador.* V. *Perdaõ.* V. *Divindade.*

Deſconfiança.

Da deſconfiança da Mizericordia Divina naſce a obſtinaçaõ no peccado. S. V. num. 5.
Acabou Judas miſeravelmente; porque deſconfiou da Mizericordia Divina. Ibid.
Deſconfiança propria he proveitozo meyo para fugir das culpas. Ibid. num. 8.

Dezerto.

Os dezertos de S. Bento hoje illuſtremente povoados. S.I. n. 29. 30.

Deixar.

Vide *S. Bento.* V. *Premio.*

Dia.

Naõ ſe reputa ſer dia, em quanto as ſombras naõ eſtaõ de todo conſumidas, e a luz apartada dellas. S.I. num. 45.
O primeiro dia ſe diz na Eſcritura hum, e naõ ſe diz primeeiro; e porque razaõ? S.VIII.n.11.&
Trinta e nove annos de vida julgava Ezequias por hum ſeq.
ſó dia. Ibid. num. 14.
Mil annos de vida reputa Deos por hum nada, porque ſaõ como o dia de hontem. Ibid.num 16.
No dia de hoje naõ ſe pode prometter o de amanhaã. Ibid.num.22.
Toda a vida paſſada he hum dia, como o de hontem, e toda e vida futura ſerá outro dia, como o de amanhaã Ibid. & ſeq.
Toda a eternidade naõ he mais que hum dia, e tambem aſſim a noſſa vida. Ibid. num.26.
Para o arrependimento naõ ha mais que hum dia, que he o de hoje. Ibid. num.33.
O dia de amanhaã vem tarde para o arrependimento. Ibid. num.34.

Diſtancia.

Naõ mede o amor ſuas diſtancias pelo longe: mede-as pela viſta, ou falta della. S.XIII. n. 38.
Naõ ver o que eſtà perto, he para o amor mais grave pena, que naõ ver, o que lhe fica muy diſtante, Ibid.

Divindade.

Nas creaturas ſe moſtra a Divindade do Creador. S VII. n.6. &
A Divindade foy a idèa, em que o Mundo ſe deliniou Ibid. ſeq.
O expreſſivo da Divindade he o proprio ſer. Ibid. num. 2.
Quanto mais ſe empenhà o entendimento em compre-

hender a Divindade, tanto menos a conhece. Ibid. num. 6.
Segredos do coraçaõ humano eſtaõ reſervados para a Divindade. Ibid. num. 24.

E

Elias. Elizeo.

RAzaõ, porque ſe conheceu haver ficado o eſpirito de Elias em Elizeo. S.IV. n.31. & ſeq.
Em quanto Elias nas Cortes humilhava os Reys, fugia da morte; tanto que ſe vio perſeguido de Jazabel, dezejou morrer. S. IX. n. 25.

Entendimento.

Juntos no entendimento cabem muitos objectos para o conhecimento; dous naõ cabem em huma vontade para o amor. S. X. num. 38.

Eternidade.

Fallamos della, com hum cego póde falar da luz. S. XI. n. 16.
Suas propriedades. Ibid. & n. 20.
O ſerem eternas as penas do Inferno mais he diſpoziçaõ da mezericordia, que da juſtiça Divina. Ibid. num. 43.
Com a eternidade deſtas penas quiz Deos, que os homens ſe abſtiveſſem de o offender. Ibid.
Quem da eternidade ſe lembra, foge de ſuas penas. Ibid. num. 44.
Quem lembrado da eternidade naõ ſe arrepende das culpas, ou naõ tem Fé, ou naõ tem entendimento. Ibid. num. 45.
Muitos avaliaõ por fabula, o que ouvem da eternidade. Ibid. num. 46.
Os que nella conſideraõ com attençaõ, emendaõ certamente as vidas. Ibid. & ſeq.

Vide *Inferno.*

Etna.

Naõ ha neſte monte flores, mais que em huma cova delle. S. IX. num. 2.

Euchariſtia.

Peccáraõ os Anjos, naõ querendo adorar a Chriſto Sacramentado. S. VII. n. 39. & ſeq.
Em monte Siam foy inſtituida a Euchariſtia. Ibid. num. 41.
Foy S. Miguel Defenſor deſte Sacramento. Ibid. num. 39.
No Inferno padece o Demonio eterna fome, em pena

de

de naõ haver comido eſpiritualmente o paõ Euchariſtico. Ibid. num.45.
Neſte Sacramento tem Deos a ſua gloria. Ibid. num.46.

F

S. Felix Pap. e Mart.

FOy perſeguido por naõ haver approvado o Concilio de Arimino celebrado pelos Biſpos Arrianos. S. I. num.46.

Felicidades.

Tanta paciencia he neceſſaria para tolerar, as felicidades, como para ſoffrer as adverſidades. S. IX. n. 20.

Vide *Delicias. Vida humana.*

Filho.

O fim do natureza nas geraçoens he aſſemelhar os filhos aos pays. Ibid. num.27.
O Filho de Deos he imagem natural do Padre. Ibid. num.27.
Naõ póde ſer conhecido, ſem que ſe conheça tambem o Padre: e porque razaõ? Ibid. num.26.
O que para o Filho he gloria, tambem he gloria para o Padre, e eſte ſe glorifica, quando ſe glorifica o Filho. Ibid.n.34. 35.
Para o Filho de Deos naſcer de Maria Santiſſima, devia eſta ſer huma imagem de Deos Padre. Ibid. num.41.
Filha do Eterno Padre he Maria Santiſſima. Ibid.num.43.
Razaõ de differença, porque naõ o Eſpirito Santo, mas ſó o Filho he Imagem do Eterno Padre. Ibid. num.48.
Moſtra o Padre o muito que ao Filho ama, em lhe communicar quanto ſabe. S. VII. n. 25.

Flores.

No monte Etna ha flores ſó em huma cova. S. IX. num.2.

Fogo.

Duas qualidades tem o fogo: huma de arder, outra de luzir. S. VII. n. 19.
No Ceo reſplandece o fogo ſem queimar. Ibid.
No Inferno arde, e queima ſem luzir. Ibid.
A voz de Deos ſepara no fogo eſtas duas qualidades. Ibid.
No fogo da fornalha de Babylonia andavaõ os meninos

no meyo da luz, sem que os abrazasse a chama. Ibid. num. 20.
Sahindo porèm o fogo abrazou os Caldeos. Ibid.

Fortuna.

He mais adversa, quando he mais liberal. S. IX. num. 11.
Salamaõ o mais lizongeado da fortuna, e o mais cheyo de afflições. Ibid. num. 13.

S. Francisco.

Vizitando este Patriarca a Sagrada Carça, em cujos espinhos se atrojou S. Bento, destes brotàraõ rozas. S. II. num. 35.

G

Gostos.

NEnhum gosto he perfeito nesta vida. S. IX. num. 14.
Em todo o gosto mayor parte ha de pena: que de contentamento. Ibid. num. 18.
Todos appetecem gostos, e nem todos os buscaõ, onde se podem achar. Ibid. num. 21.
Nas tribulaçoens estaõ os verdadeiros gostos. Ib. n. 22. &seq.
Gostos peccaminozos naõ se devem appetecer. Ibid. num. 26.
Antes se devem abraçar as mortificaçoens, que os gostos peccaminozos. Ib. n. 26. &seq.
Naõ se devem admittir gostos breves, que haõ de cauzar eterna pena. Ib. n. 30. &seq.

Vide *Delicias. Salamaõ. Vida humana.* V. *Sermaõ IX. per totum.*

Graça.

He perfeita amizade com Deos, e participaçaõ da Natureza Divina. S. I. num. 10.
Sempre com a graça confere Deos ineffaveis prerogativas aos Justos. Ibid.
A primeira graça, que Deos confere aos justos he antes de todo o merecimento. Ibid. num. 11.

Vide. *S. Bento.*

Com que industria se pode a graça anticipar à culpa na Conceiçaõ de Maria Santissima. S. VI. n. 39.

Grandeza.

As couzas grandes se naõ explicaõ cabalmente com palavras. S. IV. num. 1.

Guerra.

Para peleijar juntos nella estaõ promptos, os que tem valor; mas para ser o primeiro em accommeter nenhum se arroja. S. VII. n. 35.

H

Heregia.

FOy S. Bento fortissimo dessipador de heregias. S. I. num. 41.
A dos Arrianos quando se dilatou pelo Mundo. Ibid. num. 41.
Duas cadeiras de Theologia, que S. Bento instituio em Roma, eraõ dous rayos de heregia Arriana. Ibid. num. 42.
Quando as heregias dos Nestorianos, Pelagianos, e Arrianos mais combatiaõ a Igreja, veyo S Bento ao Mundo. Ibid. num. 46.
Emperadores, e Reys, que perseguiaõ, e opprimiaõ os Papas, e Bispos, que se oppunhaõ às heregias. Ibid. num. 46.

Homem.

Em sua fabrica se ostenta admiravel a Sabedoria Divina. S. VII. n. 3 & seq.
He imagem, e semelhança de Deos. Ibid. num. 3.
Seu principio he nada. S. XII. n. 5. 7.
Foy nada, e he muito; he a obra mais excellente de Deos. & seq. Ibid. num. 5.
He sugeito de dous contrarios. Ibid.
O ser de nada deve ser a sua mayor jactancia. Ibid. num 10.
Só Deos pode ser o seu Creador. Ibid. num. 11.
Peccando mostra o homem, que naõ conhece a Deos por seu Creador. Ibid. num. 12.
Empenhos grandes de Deos com os homens. S. XII. n. 21. &
Mais se empenhou Deos na sua produçaõ, que na de todo o Mundo. seq. Ibid. num. 23.
He o *non plusultra* da Omnipotencia. Ibid. num. 24.
He a obra especial de Deos. Ibid.
He o divelo de sua Sabedoria Divina. Ibid. num. 26.
Esta parece, que cançou em delinear a fabrica do homem. Ibid.
No homem se recopilaõ as perfeiçoens de todas as creaturas. Ibid.

Para

Para o homem creou Deos todo o Univerſo. Ibid.num.29
E a elle ſe dà o meſmo Deos por varios modos. Ibid.

Honrra.

Faraò honrrou a Jozè, e o fez participante do ſeu cetro; mas naõ o admittio ao ſeu throno. S.II. num.1.2.
Aſſuero honrrou a Mardoqueo, e lhe poz a ſua Coroa; mas naõ o aſſentou no ſeu throno. Ibid.
Balthazar honrrou a Daniel, e lhe veſtio a purpura; mas naõ lhe deu aſſento em ſeu throno. Ibid.
He muy cuſtoza couza conſervar a honrra. S. IX. n. 10

I

Jacob.

CHorou, quando a primeira vez vio a Raquel. S. IX. n. 19.

Jeremias.

Foy a coluna daSynagoga,e S.Bento a coluna daIgreja.S.I.n.37.&ſeq.

Igreja.

Para reparar as ruinas da Igreja veyo S.Bento ao Mundo.S.I.num.36.
Na vinda de S. Bento ao Mundo moſtrou Deos a providencia, com que attende para a ſua Igreja. Ibid.
Jeremias foy a coluna da Synagoga, e S. Bento a coluna da Igreja. Ib.n.37.&ſeq.
Se no Mundo faltàra a Ordem de S. Bento, nelle naõ houvera Igreja. Ib.n.42.&ſeq.
A Ordem de S. Bento reedificou a Igreja; e podemos dizer, que eſta Religiaõ deu principio à Igreja. Ibid.num.44.
Quando a Igreja mais opprimida eſtava dos Palagianos, Neſtorianos, e Arrianos veyo ao Mundo S.Bento. Ibid. num.46.

Imagem.

Maria Santiſſima foy Imagem de Deos. S.IV. n.38.&
Para nella ſe conceber o Filho de Deos, devia ſer Maria Santiſſima huma Imagem do Eterno Padre. ſeq.
Jà no ventre de S. Anna foy Maria Santiſſima Imagem de Deos. Ibid. n.41 42.
S. Anna foy Imagem do Eterno Padre. Ibid.num.40.
Principalmente por haver concebido, ſendo eſteril. Ibid.num.39.
Razaõ porque ſó o Verbo, e naõ o Eſpirito Santo, ha de ſer Imagem do Eterno Padre. Ib.n.45.&ſeq.
Ibid.num.48.

Inferno.

Sua conſideraçaõ he muy util para ſe conſeguir o Ceo. S. XI. n. 3. 5.
He facil de ſe entender, que o ha, e difficil de ſe prègar Ibid. num. 7.
Quanto ſe diz no Mundo à cerca do Inferno, he quando muito huma ſombra delle. Ibid. num. 8.
Em comparaçaõ do ſeu fogo, o do Mundo he como pintado. Ibid.
O que delle teſtemunhàraõ alguns condenados. Ibid.
Por muito, que ſe diga delle, ſempre ſe diz menos, Ibid. num. 9.
A eternidade delle he a mayor de todas as ſuas penas. Ibid.
Se de ſuas penas tiraſſem a eternidade, nenhuma fora taõ atròz. Ibid. num. 13.
Naõ ha nelle eſperança de mizericordia. Ibid. num. 14.
Com razaõ concludente ſe prova, que as penas do Inferno ſaõ eternas. Ibid. num. 15.
Depois de muitos mil annos de tormentos eſtaõ ſempre os condenados no principio de ſuas penas. Ib. n. 17. &ſeq.
Nem as ſuas penas acabaõ para os condenados, nem para ellas acabaõ eſtes. Ib. n. 18. &ſeq.
Andaõ os condenados no Inferno em hum perpetuo gyro; e porque, ou como? Ib. n. 19. &ſeq. (&. n. 26. &ſeq.
Huma das penas do Inferno he a prizaõ immovel, com que eſtaõ alligados os reprobos. Ibid. num. 19.
Naõ padeſſem os condenados no Inferno todas as penas condignas às ſuas culpas. Ib. n. 21. &ſeq.
Caliz do Inferno nunca ſe eſgota. Ib. n. 23. &ſeq.
Bem quizeram os condenados no Inferno acabar de todo; mas a morte fugirà delles. Ibid. num. 28.
Os condenados no Inferno ſaõ ovelhas, e a morte he o paſtor. Ibid. num. 30.
A morte, e as penas do Inferno alimentaõ os condenados, para que naõ acabem de penar. Ib. n. 30. &ſeq.
As penas do Inferno ſaõ permanentes, invariaveis, e ſimultaneas. Ib. n. 34. &ſeq.
Naõ paſſaõ humas, nem eſtaõ outras por vir; todas eſtaõ prezentes. Ib. n. 35. &ſeq.
Nas penas do Inferno naõ ha ordem; e porque. Ib. n. 37. &ſeq.
Naõ ſó ſaõ as penas no Inferno ſimultaneas a reſpeito do tem-

tempo; mas tambem a respeito da parte atormentada; porque em cada huma estaõ todas as penas de todo o corpo, e de toda a alma. Ibid. num. 41.

O avarento pedia do Inferno só alivio para a lingua; porque nella estavaõ as penas de todo o corpo. Ibid. num. 42.

Está o Inferno cheyo de almas, que foraõ remidas com o Sangue de Christo; mas naõ se approveitàraõ do preço desse sangue S. IX. n. 40.

Vide *Eternidade.*

Inimigos.

Assenta Christo em seu Throno no Ceo, aos que vencem os tres inimigos d'alma. S. II. num. 6.

Nenhum Santo com mais gloria, que S. Bento, venceu os tres inimigos d'alma. Ib. n. 7. & seq.

Inveja.

Os mais bem dotados da natureza saõ os mais invejados. S. IX. n. 11.

Jordaõ.

A providencia do Jordaõ porque parecia Paraizo, aos que lhe davaõ as costas, e vinhaõ para Segor. S. II. num. 14.

Jozé.

Quam cedo se esqueceu o Egypto, do que lhe devia; e em que esteve este esquecimento. S. XII. n. 14.

Juizo, e sentença final.

Quanto na morte afflige pela incerteza. S. X. num. 30.

Mais afflige a sua incerteza, que a mesma condenaçaõ, se logo fora intimada. Ibid. num. 31.

Vòz da trombeta, ha de chamar os mortos para o juizo, quàm horrenda seja para a consideraçaõ. Ibid. num. 47.

Naõ teme o juizo final, quem naõ foge do peccar. Ib. n. 48. & seq.

Quem anticipa o seu juizo à morte, naõ tem, que temer na morte o seu juizo. Ib. n. 50. & seq.

Morte antes do juizo he muito para ser temida. Ibid. num. 54.

Julgador.

Instituio o Eterno Padre a Christo julgador do Mundo, para que todos os homens o honrrem como a verdadeiro Deos. S. VII. n. 17.

Juſtiça.

A mizericordia he, a que deve fazer a juſtiça Divina mais temida. S. IX. n. 41.

L

Lagrimas.

QUal foy o myſterio, das que Chriſto derramou por Lazaro? S IX. num. 8.
A noſſa vida mais cheya de lagrimas, que de goſtos. Ib. n 7, & ſeq.
Saõ as lagrimas o primeiro teſtemunho do naſcimento humano. Ibid. num. 9.
Ha lagrimas naſcidas de triſteza, e dor; aſſim como ha outras naſcidas de ſentimento. Ib. n. 15. & ſeq.

Vide *Maria Santiſſima.*

Lazaro.

Reſuſcitado era Pregador, e Sermaõ tambem. S. V. num. 1.
Na morte delle ſe glorificou Chriſto, e tambem quando o reſuſcitou. Ibid. num. 2.
Lazaro morto reprezentava o peccador adormecido na culpa. Ibid. num. 3.
Lazaro reſuſcitado reprezentava o peccador reſuſcitado da culpa para a graça. Ibid. & num. 4.
Na morte de Lazaro apprende o juſto a naõ confiar em ſi; e na ſua reſurreiçaõ apprende o peccador a confiarem Deos. Ibid. & num. 4.
Com a ſua morte quiz Chriſto confirmar a Fé dos Apoſtolos. Ibid. num. 7.
Na ſua morte ſe alegrou Chriſto, e na reſurreiçaõ chorou; e porque? S. IX. num. 8.

Liberio.

O Papa S. Liberio foy deſterrado, e o mãdava hum Emperador Arriano depôr do Pontificado, por naõ convir nos ſeus erros. S. I. num. 46.

Livro.

O livro da geraçaõ de Chriſto he Maria Santiſſima. S. VI. num. 3.
No livro da geraçaõ de Chriſto ſe lè a Conceiçaõ de Maria. Ibid.

Loyres.

O rio Loyres, estando enregelado, se desfez para dar navegaçaõ à nào, em que estavaõ os ossos de S. Bento. S III. num. 3.

Luz.

Naõ parece haver dia, quando a luz naõ tem de todo consumido as sombras, nem de todo está dellas apartada. S.I. num. 45.
Huma luz milagroza descobrio os ossos de S. Bento para serem trasladados. S.III. num. 3.

M

Magdalena.

NAõ consta, que na morte de Christo chorasse; diz porèm que chorou, quando o naõ achou no Sepulchro; e porque? S. III. n. 43.

Magestade.

Cetro, Coroa, e Purpura saõ as insignias da Magestade, e o que nellas se reprezenta. S.II. num. 2.
Nos seus thronos combatem os digostos, e afflìçoens mais fortemente. S.IX n. 12. & seq.

Mal. Males.

Foge do mal, quem ama o bem. S.XI. num. 4.

Vide *Morte.*

Maria Santissima.

Os seus mysterios saõ mais para admirados, que para discursados. S. VI. num. 1.
He livro da geraçaõ de Christo. Ibid. num. 3.
O que se escreve de Christo, tambem se applica a sua Mãy Santissima. Ibid.
Em sua Conceiçaõ foy Aurora. S.VI. num. 15.
Foy predestinada, e escolhida como Christo. Ibid. n. 16. 17.
Foy reprezentada na pedra, com que David matou o Gigante. Ibid. n. 21. 22.
Venceu ao Demonio na Conceiçaõ, antes de obrar acçaõ alguma. Ibid. num. 24.
Bastou, que o Demonio empregasse na Senhora a vista para ficar vencido. Ibid. & seq.

Em sua Conceiçaõ foy arca do Testamento. Ibid.num.27.
He a mais perfeita entre as creaturas. S. IV. n. 17.
Teve por exemplar a sua Mãy S. Anna. Ib n.16.&seq.
Depois de Christo he o exemplar mais digno de se imitar. Ibid. num.18.
Era a fonte do Paraizo, que regava a terra de S. Anna. Ibid. num.21.
Christo se humilhava como reverente filho a sua Mãy Santissima. Ibid. num.22.
Excellencias, e virtudes de Maria Santissima descubertas, e achadas em sua Nãy S. Anna. Ibid.num.29.
O que foy para Maria Santissima mayor gloria, tambem o serà para S. Anna: e tambem serà para S. Anna, o que para Maria Santissima for mayor gloria. S. IV. n. 34.
He Maria Santissima viva imagem de Deos. Ib.n.38.& seq.
He filha do Eterno Padre. Ibid. num.43.
Na Conceyçaõ de Maria Santissima mais obrou o amor, e caridade em seus Pays, que o deleyte da natureza. Ibid. num.44.
A sua Conceyçaõ foy assemelhada a temporal Conceyçaõ do Divino Verbo. Ibid.
He Maria Santissima consanguinea da Santissima Trindade. Ibid. num 48.
Houve em seu coraçaõ hum mar de penas; S. XIII. n 2.
As suas lagrimas paravaõ nas faces. Ibid. num. 3.
As suas lagrimas naõ tinhaõ fim. Ibid.
A cauza dellas era a auzencia do Filho JESUS. Ibid. num. 4.
Em seu ventre começou Christo a ter o Eterno Padre por seu Deos. Ibid. num. 18.
Christo em quanto Deos naõ dezemparou a Maria Santissima; mas sim em quanto seu Filho a deixou. Ib.n.19.&seq.
Maria Santissima he verdadeira Mãy de Deos; e porque? Ibid.num.20.
Em quanto Christo esteve morto, a Virgem Maria deixou de ser sua Mãy. Ibid.
Antes quizera Maria Santissima deixar o ser, que tinha, que deixar de ser Mãy de Deos. Ibid.
Com a morte de Christo perdeu infinitas vidas. Ibid. num.25.
Nella pela morte de Christo se ajuntàraõ a morte de

Mãy

Mãy, e a vida de creatura. Ibid.
Huma eſpada de dor lhe feria a Alma: e como? Ib.n.22.&ſeq.
Na auzencia de Chriſto eſtava todo o motivo de ſua pena na ſoledade. Ibid.num.24.
Era para a Senhora mayor tormento a falta do Filho, do que lhe podia ſer a morte. Ib.n.25 &ſeq.
Como chorava, porque naõ via o Filho, ſe diz, que de noite chorava. Ibid. num.31.
Creſcia a pena de ſua Soledade, quanto creſcia a diſtancia, em que conſiderava auzente o Filho. Ibid.num.32.
Foy impoſſivel, que a Senhora remediaſſe a pena da auzencia do Filho pelo longe da meſma auzencia. Ibid.
O que ſó lhe podia conſolar a pena da Soledade: ſeria a viſta, e a prezença corporal de Chriſto; e ſó a falta deſta era, o que mais ſentia. Ib.n.33.&ſeq.

Vide *Conceiçaõ.* V. *Paz.*

S. Maria Magdalena de Pazis.

Dezejava naõ morrer para padecer mais. S.IX.num.25.

Mathathias.

Por naõ ouvir, o que dezia Antiocho, ſe deſterrou com toda a ſua familia. S.V. num.15.
Era Secerdote do Teſtamento velho, e nella ſe figuravaõ os do novo Teſtamento. Ibid.num.16.

Mãy.

As que circuncidavaõ os filhos contra o decreto de Antiocho, eraõ caſtigados com a morte dos meſmos filhos. S. XIII. n.26.
Matar os filhos, e naõ deixar ſeus cadaveres às Mãys, para eſtas he dobrada pena. Ibid. & ſeq.
Agar ſendo Mãy, errou, naõ querendo ver o filho eſpirar. Ibid.num.28.

Mayorias.

Naõ ſe devem medir pela eminencia, a que chegaõ; mas ſim pelas inferioridades, que excedem. S. VII. n.11.
As do Ceo medem-ſe pelos merecimentos da graça. Ibid.num.27.

Mentira.

Hade mentir, quem explicar as anguſtias da morte. S. X. num. 6.

Merecimento.

Taõ eſpeciaes mercès fez Deos a S. Bento, que ſe naõ pode reſolver facilmente, qual dellas foy o premio de ſeus altos merecimentos. S. I. num. 9.
Nos mais Santos ſe empenhaõ os merecimentos em conſeguir o premio, quando em S. Bento contendem os premios, a qual delles ſerá a remuneraçaõ de ſeus altos merecimentos. Ibid.

S. Miguel.

He S. Miguel entre todas as creaturas a mais nobre, e a mais ſemelhante a Deos; e por iſſo o mayor no Reyno do Ceo. S. VII. num. 4.
O nome de Miguel he pergunta, e repoſta de ſi meſmo. Ibid. num. 5.
Todas as creaturas ſaõ inferiores a S Miguel Ibid.
A nobreza deſte Archanjo naõ tem a que mais ſubir. Ibid.
Nelle ſe reprezenta a Mageſtade, e Attributos de Deos. Ibid.
Quando mais nos empenhamos a engrandecer a S. Miguel, entaõ mais excede ao noſſo conceito. Ibid. n. 6. 7.
He o mayor entre todos os Anjos. Ibid. num. 9.
Sò a Deos he inferior. Ibid. num. 10.
A rara grandeza de S. Miguel naõ eſtà tanto na nobreza, a que chega por natureza: quanto no exceſſo, que leva a tantos Principes da gloria. Ib. n. 10. &ſeq.
He mayor pelos dotes da graça, que pelas excellencias da natureza. Ibid. a n. 14.
He S. Miguel no juizo particular o julgador das almas, e por iſſo ſe pinta com eſpada, e balança. Ibid. num. 15.
Por eſte officio de julgador das almas parece igualarſe a Deos. Ibid. num. 16.
S. Miguel era o Anjo, que Nabucho vio na fornalha de Babylonia. Ibid. num. 22.
Parece, que eſtima Deos a S. Miguel, como ſe fora elle o ſeu Unigenito Filho. Ibid. num. 25.
Para S. Miguel julgar as noſſas Almas, lhe revela Deos tudo, quanto ſabe pertencente ao proceſſo de noſſas vidas. Ibid. n. 25. 26.
S. Miguel mereceu, pelejando contra o exercito mais poderozo, e mais feròz. Ibid. num. 30.

Foy

Foy o primeyro, que pelejou contra o Demonio; ainda que com elle pelejassem os mais Anjos. Ibid. num. 34.
S. Miguel defendeu a honrra, e adoraçaõ de Christo no Sacramento. Ib.n.39.& 49.
Descreve-se o triunfo de S. Miguel no Apocalypse, e como nelle hia o Demonio vencido. Ibid. num. 44.

Misericordia Divina.

Fiado nella ninguem multiplique as culpas. S.V.num. 29.
He, a que deve fazer a justiça Divina mais temida. S.IX.num.41.

Monges.

Saõ o throno de Deos na terra. S.II. num 43.

Morte.

Entre ella, e a vida só ha em meyo huma linha. S.VIII n. 29.
Os de Thracia festejavaõ a morte dos filhos. S.IX. num.7.
He o mayor de todos os males. S. X. num. 1.
He preservativo especial de todos os males, e conservativo de todos os bens. Ibid. num. 2.
Nella naõ ha refrigerio, tudo he angustia. Ib.n.3. & seq.
Ninguem póde cabalmente dizer, o que hum agonizante padece. Ibid. num. 5.
Affligе nella muito o amor, do que se perde. Ib.n.10.&seq.
Naõ affligе tanto por tirar a vida, como por ser apartamento. Ib.n.11.&seq.
O que desordenadamente se amou na vida, affligе desordenamente, quando se perde na morte. Ibid. num.14.
Muito atormentaõ as dores, que a morte cauza. Ibid. num.18.
Na morte está o homem lutando contra si mesmo. Ibid. num.20.
Violencia, que nella faz a Alma para se apartar do corpo. Ibid.
Resistencia, que na morte faz o corpo, para que a Alma o naõ deixe. Ibid.num.22.
Golpe, com que a morte corta a vida, quam grande, e penetrante seja. Ibid.
Todas as partes do corpo se penetraõ com este golpe. Ibid. & seq.
O golpe da morte he como hum espirito, que penetra o corpo todo para o desanimar. Ibid. n.23.24.
Na morte se affligem os agonizantes com o temor, do que se lhes seguirà, e pela incerteza de seu fim. Ibid.num.25.
Nella está em ultimo risco a nossa mayor importancia. Ibid.num.26.

Na

Na morte ainda as obras, que na vida nos pareciaõ boas, nos haõ de parecer diſformes. Ibid. num. 27.
Suas agonias como ſe poderàõ ſuavizar? Ib. n. 33. & ſeq.
Naõ deve amarſe na vida, o que ſe ha de perder na morte. Ibid.
Serà bom, que faça a diſcriçaõ na vida, o que hade fazer a neceſſidade na morte. Ibid. num. 39.
He fatuidade querer na morte deſapegarſe das creaturas, e unirſe com Deos, quem o naõ fez na vida. Ibid. num. 40.
Morrer, antes que a Morte chegue, he o melhor meyo para ſe naõ ſentir a morte. Ib. n. 41. & ſeq.
Em vida devemos ſer mortos do coraçaõ, ainda que do mais corpo ſejamos vivos: e para que fim? Ib. n. 43. & ſeq.
Naõ tem na morte, que temer o juizo, quem o anticipa à morte. Ibid num 50.
Morte primeiro antes do juizo he muito para ſe temer. Ibid. num. 52.
No fim do Mundo buſcaràõ os homens a morte, e eſta fugirà delles. S. XI. num. 27.
Gaſta hum ſó inſtante em tirar a vida. S. XIII. n. 21.
Vide *Apartamento.*

Moyſes.

O que em ſua maõ era vara, cahindo em terra era ſerpente: e porque? S. X. n. 27. & ſeq.

Mundo.

O Mundo he como o Baſiliſco, que mata, e he morto com a ſua viſta. S. II. num. 8.
Só vence o Mundo, quem para o Mundo morre. Ibid. n. 9. 10.
Mais forte guerra nos faz o Mundo, quando lhe damos as coſtas, que quando o temos à viſta. Ibid. num. 13.
Vide *S. Bento.* V. *S. Paulo.*

N

Naboth.

POr conſervar huma herdade, perdeu a honrra, e a vida. S. IX. num. 10.

Nabuco.

Manda lançar tres meninos em huma fornalha ardente. S. VII. n. 20.

Vio dentro da fornalha hum Anjo, que livrou aos tres meninos, e diſſe, que era ſemelhante ao Filho de Deos eſte Anjo. Ibid. num. 21.

Naſcimento.

Os de Thracia lamentavaõ os filhos em o naſcimento. S. IX. num. 7.

Natureza humana.

Ficou ſuſpenſa na Conceyçaõ de Maria, naõ ſe atrevendo a communicarlhe a culpa Original. S. VI. n. 32. &
Para naõ infundir a culpa Original à Mãy de Deos, ſeq.
retrocedia a natureza humana temeroza. Ib. n. 34 & ſeq.

Neceſſidade.

Naõ aceyta Deos, o que por neceſſidade ſe lhe offerece. S. X. num. 40.

Neve.

Hum monte de neve cobria a ſepultura de S. Bento, antes que ſe trasladaſſem as ſuas reliquias. S. III. num. 3.
Trasladadas as reliquias, ſe desfez a neve. Ib. n. 3. & 41.
Theſouros de neve eraõ as reliquias de S. Bento eſcondidas em hum monte de neve, que as cobria. Ib. n. 38. & ſeq.
Com eſta neve derretida em lagrimas chorava Caſſino as reliquias, que delle hiaõ trasladadas. Ibid. num. 42.

Noemi.

Porque ſe naõ pode apartar de Ruth por mais que a lançava de ſua companhia. S. IX. num. 35.

O

A Letra O he ſymbolo da eternidade. S. XI. n. 45. & 46.
Com hum O grande, e com hum o pequeno enſinou Chriſto a hum ſeu ſervo a memoria continua do eterno, e do temporal. Ibid.

Occaziaõ.

A occaziaõ de peccar deve-ſe fugir, aliás haſe de cahir nella. S. V. n. 8. & ſeq.
As que parecem mais leves, e de menos riſco, ſaõ as mais perigozas; porque ſaõ as mais enganozas. Ib. n. 11. & ſeq.
V. *Peccar.*

Olhos.

Defendidos pela natureza do ambiente inviſivel, e dos atomos indiviſiveis. Ibid.num.12.
Como a menina dos olhos pedia David, que o defendeſſe Deos. Ibid.
Muy facilmente ſe enganaõ, com o que vem. S.VIII. n. 17.
Os Divinos olhos parece, que ſe naõ atrevem a ver o peccado pela ſua ſumma fealdade. Ibid.num.19.

Origines.

Negou, que as penas do Inferno ſejaõ eternas. S.XI.num.15.

Orpha.

Orpha, e Ruth repreſentavaõ dous vicios da gentilidade, onde habitou Noemi. S.IX num 37.
Apartouſe de Noemi, ainda que Ruth ſe naõ apartaſſe; e porque? Ibid. num. 36.

P

Paciencia. Padecer.

NAõ he menos neceſſaria a paciencia para ſoffrer as felicidades, que para tolerar as adverſidades.S.IX.num.20.
A paciencia de Deos em ſoffrer os homens he infinita, e aſſombroza. S.XII.n.31.&
He mais admiravel a paciencia de Deos, quando ſoffre, aos que peccaõ, abuzando dos beneficios Divinos. Ibid. ſeq.

Vide *Conformidade.*

Palavras.

Saõ finaes, com que o entendimento explica os ſeus conceitos. S.IV. num.1.
Com ellas ſe naõ explicaõ as excellencias de objectos ſuperiores. Ibid.

Paraizo.

Só nelle ha delicias depois do peccado de Adaõ. S.IX. num.2.

S. Paulo.

O admiravel rapto de S Paulo durou tres dias. S. I. num.24.
Teve eſte rapto, logo que Chriſto lhe appareceu, e o converteu. Ibid.
Neſte rapto vio logo todo o progreſſo de ſua vida, a dignidade de Apoſtolo, para a qual eſtava deſtinado,

os frutos da ſua prègaçaõ, e a corca do martyrio, que lhe eſtava preparada. Ibid.
Morreu S. Paulo para o Mundo, porque lhe deu as coſtas. S. II. num. 11.
Morreu o Mundo para S. Paulo; porque tambem o Mundo deu as coſtas ao Apoſtolo. Ibid.

Paz.

A terra celebrou a paz, que Chriſto lhe trouxe, quando naceu, e o Ceo celebrou a paz, que Maria Santiſſima conſeguio para os homens, quando ſe concebeu. S. VI. num. 18.
V. *Conceyçaõ.*

Peccado. Peccador. Peccar.

O Peccador deve confiar em Deos. S. V. n. 3. & 4.
Quando o riſco de peccar he grave, fogem facilmente os que temem a Deos, quando naõ he grave, arriſca-ſe facilmente o juſto. Ibid. num. 13.
A David, que era Santo, huma viſta ao longe baſtou para o fazer peccar. Ibid.
Os mayores peccados naceraõ de leves principios. Ib. n. 44. & 15.
Nunca o peccador buſca a Deos para o perdaõ, ſempre Deos para lhe perdoar o buſque primeyro. Ibid. num. 19.
Deſcanſou Deos no dia ſettimo, achando peccados, que perdoar. Ib. n. 21 & ſeq.
Foy o peccado neceſſario para Deos; e porque? Ibid. num. 22.
Se eſtes faltàraõ, parece, que naõ eſtaria Deos em perfeita Bemaventurança. Ibid. & ſeq.
O peccado, quanto em ſi, he deſtructivo da Divindade. Ibid. num. 25.
O peccador pelo arrependimento da culpa reſtitue a Deos a honra, e Divindade, que lhe tirou com ella. Ibid. num. 26.
Fiado na Mizericordia Divina, ninguem multiplique as culpas. Ibid. num. 29.
He tanta a enormidade do peccado, que parece o naõ podem ver os Divinos olhos. S. VIII. n. 19.
Todos os peccadores querem ſer Catholicos reformadiſſimos para o futuro, e de preſente nenhum. Ibid. num. 38.
Os habitos inveterados de peccar, nem na morte, nem na ſepultura querem deyxar o peccador. Ib. n. 34. & ſeq.

O peccado Original he facil de ſe pregar, e difficil de ſe entender. S. XI. num. 7.
O peccador, ainda que Catholico no entendimento he Gentio no coraçaõ. S. XII. n. 14.
Foy reparado o peccado do homem, e o dos Anjos naõ: e porque? Ibid. num. 30.
Por qualquer peccado mortal nos fazemos dignos da morte, e da condenaçaõ eterna. Ibid. num. 34.
Faz o peccador, que com elle concorra Deos para a acçaõ, em que o offende. Ibid. num. 43.
Parece, que nẽſte modo impoem huma macula na meſma innocencia Divina. Ib. n 43. &ſeq.
A conſideraçaõ, de que peccando vertemos contra Deos ſeus beneficios, e a ſua meſma cooperaçaõ, he o mais heroico motivo para naõ peccar. Ib. n. 47. &ſeq.

V. *Lazaro. Occaziaõ de peccar. Conhecimento de Deos. Paraizo. Goſtos.*

Pedir.

Vide. *S. Bento.*

S. Pedro.

Em deixar tudo, e ſeguir a Chriſto, obrou como Apoſtolo; mas em requerer premios naõ moſtrou a perfeyçaõ de diſcipulo. S. I. num. 1.
Foy por S. Bento excedido no deyxar, e no ſeguir a Chriſto. Ibid. num. 5.
Fas diligencia, para que as reliquias de S. Bento naõ ſejaõ trasladadas de Italia para França. S. III. num. 19.
Niſto obrou S. Pedro como bom Principe. Ibid. num. 20.
Quando a Igreja padecia alguma perſeguiçaõ decia S. Pedro do Ceo a Monte Caſſino a conſultar o remedio della com S. Bento. Ibid. num. 14.
Antes que S. Pedro entraſſe em Roma a primeyra vez, deſcançou do caminho em Monte Caſſino; e porque? Ibid.
S. Pedro, apparecendo a huns peregrinos, lhes diſſe, que fugindo aos vicios de Roma, hia com S. Bento deſcançar em Caſſino. Ibid. num. 14.
S. Pedro he o fundamento da Igreja, e S. Bento o ſeu Defençor. Ibid.

Penas

Penas do Inferno.

V. *Inferno.* V. *Eternidade.*

Perdaõ.

Para nos perdoar se naõ move Deos de sua Mizericordia sómente, tambem se move do zelo de conservar o respeyto de sua Divindade. S. V. n. 24 & seq.

V. *Deos.*

Pharaõ.

Ingrato, e desconhecido aos beneficios de Jozè. S. XII. n. 24.

Predestinaçaõ.

Os seus segredos ninguem os penetra. S. VIII. n. 34.

Premio.

S. Pedro em requerer premios naõ mostrou a perfeyçaõ de discipulo. S. I. num. 1.

Premio, que promette Christo, a quem para o seguir deyxa tudo. Iibd. num. 2.

V. *S. Bento.*

Prodigios.

Reserva Deos alguns prodigios para os fazer em certos tempos; porque a natureza pasma à vista delles. S. I. num. 20.

V. *S. Bento.*

Prodigo.

Mais he para admirar a deliberaçaõ, com que o prodigo voltou para a caza de seu Pay, do que a resoluçaõ, com que della se apartou. S. II. n. 20.

Profetas.

Costumaõ reprezentar os lugares revestidos com affectos dos mysterios, que nelles se haviaõ de celebrar. S. VII. n. 43.

Providencia.

A providencia Divina sempre ordena suas acçoens para certos fins. S. I. num. 36.

Na vinda de S. Bento ao mundo mostrou Deos a providencia, com que attende para a sua Igreja. Ibid.

Meyo que deparou a providencia Divina para alimentar a S. Bento no dezerto. S. II. num. 25.

R

Rapto.

Vide *S. Paulo.*

Religiaõ de S. Bento.

A S. Bento revelou Deos antes de naſcer as glorias, e progreſſos da ſua Religiaõ. 8. I. num. 23.
Com eſpecialidade lhe moſtrou Deos, que a ſua Religiaõ ſe dilataria por todo o Mundo, e que encheria de merecimentos o Mundo, e o Ceo de Santos. Ib. n. 25. uſque ad 34.
Tambem lhe revelou o empenho, que teriaõ os Principes em honrar a ſua Religiaõ, e profeſſar nella. Ibid.
A multidaõ de Moſteiros, que profeſſariaõ a Regra de S. Bento, lhe foy revelada ao Santo Patriarca, ainda antes de naſcer. Ibid.
A Religiaõ de S. Bento ſe eſtende por todas as quatro partes do Mundo. Ibid. num. 28.
Multidaõ de Moſteyros da Religiaõ de S. Bento. Ibid. num. 30.
No Ceo parece, que ſe admira S. Bento, vendo a multidaõ de filhos, que em ſua Religiaõ tem no Mundo. Ibid.
Calculaçaõ, que alguns Authores fizeraõ do patrimonio da Religiaõ de S. Bento. Ibid. num. 33.
Emperadores, Reys, Emperatrizes, e Rainhas, que profeſſaraõ a Regra de S. Bento. Ibid.
Para reparar as ruinas da Igreja veyo a Religiaõ de S. Bento ao Mundo. Ibid. num. 36.
A Religiaõ de S. Bento he a coluna, em que ſe ſuſtenta a Igreja. Ib. n. 36. & S.
A ſua Religiaõ ſe reprezentava na eſcada, que novamente ſe abrio da terra ao Ceo, para ſobir por ella a Religiaõ de S. Bento. II. n. 25. S. I. num. 40.
Se ella faltára no Mundo, jà neſte naõ houvera a Igreja Ib. n. 42. & ſeq.
A Religiaõ de S. Bento reedificou a Igreja, e podemos tambem dizer, que deu principio à Igreja. Ibid. num. 44.
Deu à Igreja taõ illuſtres filhos, que naõ carecem de hiſtoria para conſervarem a ſua memoria; Ibid. num 47.

Foy

Foy como a descendencia de Aaraõ escolhida para o Summo Sacerdocio da Igreja. Ibid. num. 48.

Resurreyçaõ.

Na de Christo aconteceraõ varios prodigios, e quaes foraõ? S. III. num. 6.

Christo resuscitou como Sol. Ibid.

Resuscitar mortos, quem ainda está vivo, naõ admira tanto, como resuscitallos, quem está já morto. Ib. n. 33. & seq.

Riquezas.

Saõ penozas, e perigozas. S. IX. n. 10.

Ruth.

Ruth, e Orpha reprezentavaõ dous vicios da gentilidade, onde vivera Noemi. S. IX. n. 37.

Ruth se naõ quiz apartar de Noemi, ainda que esta a lançava de sua companhia; e porque? Ibid. num. 36.

Ruina.

A dos Anjos naõ teve reparaçaõ; a dos homens foy reparada: e porque? S. XII. n. 30.

S

Salamaõ.

FOy o Rey mais lizongeado da fortuna. S. IX. n. 13.

Ninguem como elle taõ sabio, taõ rico, e taõ magnifico. Ibid.

Todos os Reys da terra o dezejavaõ ver. Ibid.

Ninguem logrou tantas delicias como elle. Ibid.

Em tudo achava affliçoens, atè nas delicias. Ibid. & seq.

Samsaõ.

Largando facilmente a primeira espoza, naõ pode deixar a segunda; e porque? S. X. n. 15. & seq.

Seguir.

Vide *S. Bento.*

Sentimento.

Quando a perda he grande, tambem o insensivel mostra sentimento. S. III. n. 44. & seq.

Sendo grande naõ discorre nelle bem o entendimento S. XIII. n. 30.

Sol.

Os Persas veneravaõ o Sol em huma cova. S. III. num 1.

Como

Como Sol reſplandeceu S. Bento na vida, e tambem como Sol reſplandeceu na morte. Ibid.
Em ſua trasladaçaõ foy S. Bento Sol. Ibid. & ſeq.
Como o retratavaõ os moradores de Thracia. Ibid. num. 5.

Soledade. Solitario.

Naõ ſabe a diſcriçaõ diſcorrer em Soledade alhea. S. XIII. n. 4.
Ainda o peito, que a ſente, naõ tem capacidade para a exprimir. Ibid. num. 6.
Na ſoledade da Cruz ſe queixou Chriſto do Padre, porque o deſemparou. Ibid. num. 7.
Ninguem ſe vio ſolitario, que ſe naõ ouviſſe queixozo. Ibid. num. 9.

Sublaco.

Sublaco foy o dezerto de S. Bento. S.I. num. 29.

Superioridade.

Naõ he grande, a que tem inferiores humildes; he ſim grande, e nobre, a que tem inferiores illuſtres. S. VII. n. 12.

T

Temor do Inferno.

DElle principia nos imperfeitos o amor de Deos. S. XI. num. 4.
Vide *Inferno.*

Tentaçaõ.

Ninguem he tentado ſobre as forças, que tem para reſiſtir. S.II. num. 44.
Vide *S. Bento.* V. *Demonio.* V. *Carne.*

Terra.

Creou Deos a terra para os homens. S.IX. num. 1.
Manifeſta aos noſſos olhos a ſua fermozura. Ibid.
Foy por Deos amaldiçoada depois de peccar Adam. Ibid. num. 2.
Pela meſma culpa ſe lhe converteraõ as delicias em trabalhos. Ibid.

Theologia.

Duas cadeiras de Theologia, que S. Bento inſtituio em Roma, eraõ dous rayos dos Arrianos. S.I. num. 42.

S Thereza.

Appetecia, ou padecer, ou morrer. S. IX. n. 24.
Sentia grande temor nos arrobamentos, e raptos; e porque

porque ? S.X.num.21.

Theſouros.

Os Colonas achàraõ grandes thezouros entre os Sepulchros de Corintho. Ibid. num. 3.
Nos aliceſſes da Igreja de S. Pedro achou o Papa Paulo III. grandes thezouros. Ibid.

S. Thomè.

Moſtrando-ſe o mais conſtante pela fè de Chriſto depois faltou a ella na reſurreyçaõ. S. V. num.7.

Thracia.

Seus naturaes lamentavaõ o nacimento dos filhos, e lhes feſtejavaõ a morte. S.IX.nmm.7.

Throno.

Nunca os Soberanos fizeraõ a ſeus ſubditos participantes do ſeu throno. S. II. num. 1.
Aos que o ſervem dà Chriſto em premio o ſeu meſmo throno da gloria. Ibid. num. 2.
Premiou Chriſto a S. Bento, dandolhe em premio o ſeu meſmo throno da Gloria : e porque merecimento ? Ibid. n. 3 6.7.
Os Anjos mais ſuperiores eſtaõ de pé diante do throno de Deos Ibid. num. 5.
Os Monges ſaõ os thronos de Deos na terra. S. II.num.46.

V. *Honras.* V. *S. Bento.*

Tormento.

V. *Conformidade.*

Totila.

Totila Rey vendo a S. Bento, ſe proſtrou por terra, e ainda que por tres vezes o S. Patriarca o mandou erguer, ſe naõ atreveu. Ibid. num.32.

Trasladaçaõ.

Varios prodigios, e milagres, que obràraõ as reliquias de S. Bento quando ſe trasladàraõ. S. III. n.15.&
Comparaõ-ſe as reliquias de S. Bento às de Jozé nas trasladaçoens de ambas. ſeq. Ib.n.12.&ſeq.
Perſeguiçaõ, que fez S. Bento aos Calviniſtas em França na feſta de ſua Trasladaçaõ. Ibid.num.17.
Procura S. Pedro, que ſe naõ trasladem as reliquias

de

de S. Bento. Ibid. num. 19.
Empenha-ſe o Papa S. Vitaliano em impedir eſta trasladaçaõ, e milagrozamente ſe fruſtraõ ſuas diligencias. Ibid.
Mais he para admirar, que reſuſcitaſſem os mortos, quando ſe trasladavaõ as reliquias de S. Bento, do que haverem reſuſcitado, que Chriſto reſuſcitou. Ib. n. 28. &ſeq.
Com que milagres provàraõ os Floriacenſes a identidade das reliquias de S. Bento. Ibid. num. 32.
Foy S. Bento Sol em ſua trasladaçaõ. Ib. n. 1. &ſeq.
Na Trasladaçaõ dos oſſos de S. Bento, o Rio Loyres, que eſtava enregelado, ſe desfez; as arvores ſe veſtiraõ de folhas, e flores no Inverno; e reſuſcitàraõ alguns mortos. Ibid. num. 4.
Em ſua Trasladaçaõ foy S. Bento imitador de Chriſto em ſua reſurreyçaõ. Ibid. num. 6. 7.
Na Trasladaçaõ de S. Bento dezaſette vezes tremeu Caſſino. E porque cauza? Ib. n. 9. 10. & ſeq.

V

Valor.

VAlor com que S. Bento ſe arrojou às eſpinhas. S. II. num. 37.

Vencido.

Baſtalhe a lembrança, de que foy vencido para lhe tirar as forças. S. VII. n. 30.

Vencimento.

Vencer a hum poderozo campeador he mayor gloria, que vencer a quem alguma vez foy vencido. Ibid. & n. 31.

Vide *Triunfo.* V. *Victoria.* V. *Conceyçaõ.*

Ventre.

O materno ventre he carcere, em que nos prende a primeira culpa. S. I. num. 13.

Vide *S. Bento.*

Verbo.

Naõ ſe conhece o Divino Verbo, ſem que juntamente ſe conheça o Eterno Padre, e a razaõ mais propria deſta verdade. S. IV. num. 26.

Victoria.

Antes que S. Bento ſe arrojaſſe aos eſpinhos da Carça, jà o Ceo lhe tinha celebrado o triunfo pela victoria, que conſeguio contra a carne. S.II. n.35.36.

Vida.

A vida vegetativa, e ſenſitiva he argumento para ſe conhecer a Deos vivo, e fonte da vida. S.VII. num.3.
A vida humana he muy breve. S.VIII.n.7.&per totum.
Tanta he a ſua duraçaõ, como a de huma flor. Ib.n.8.& ſeq.
Naõ paſſa de hum dia. Ib.n.10.&ſeq.
Tambem ſe compara pela brevidade à ſombra. Ibid.
Trinta e nove annos de vida julgava Ezequias por hum dia. Ibid. num.14.
Mil annos de vida diante dos Divinos olhos he nada; porque naõ he mais que hum dia, que jà paſſou. Ibid.num.16.
O conhecimento de ſer breve a noſſa vida he a mais efficaz conſideraçaõ, para que a façamos boa. Ib.n.18.&ſeq.
Toda a vida paſſada he hum ſó dia, como o de hontem; toda a vida, que ſe eſpera, ſerà hum ſó dia como o de amanhãa. Ib.n.22.&ſeq.
Para o Demonio nos tentar, e vencer, o primeiro empenho he perſuadirnos, que nos reſta ainda largo tempo de vida para a emenda. Ib.n.27.&ſeq.
Entre a vida, e a morte ha em meyo huma ſó linha. Ibid.num.29.
Toda a vida, que nos reſta, ha de ſer para penitencia, da que paſſou. Ib.n.30.&ſeq.
Aindaque nos reſtem muitos annos de vida para viver, naõ ſabemos, ſe nos reſtaõ para nos arrependermos. Ib.n.32.&ſeq.
O tempo da noſſa vida eſtá repartido entre dous attributos Divinos para emprego de ambos. Ibid. num.36.
Aindaque nos fora revelado, que nos reſtava huma larga vida, naõ diviamos retardar o noſſo arrependimento. Ibid.num.32.
A vida humana he chea de mizerias, e calamidades. S.IX. num.4.
A meſma vida he martyrio, e pena, para quem vive. Ib.n.4.& ſeq.
Para ſe conhecer a mizeria de noſſa vida baſta a luz da razaõ; nem ſe requer a da Fé. Ib n.7.& ſeq.
Erra, quem neſta vida buſca mais, do que tribula-

çoens,

çoens, e anguſtias. Ibid.num.21.
Das tribulaçoens da vida naſce o conhecimento proprio. Ibid.num.25.
Fazem eſtas naõ temer a morte. Ibid.
Faça a diſciplinaõ na vida, o que ha de fazer a neceſſidade na morte. S.X. num.39.
Vide *Arrependimento.*

Vontade.

Naõ cabem em huma vontade dous objectos para o amor, cabendo em hum entendimento muitos objectos para o conhecimento; e porque? S.X.num.38.

Voz.

A voz de Deos ſepara a chama do fogo. S. VII. n. 19.

X

Xavier

FOy inſaciavel de padecer tribulaçoens. S.IX.num.24.
Propondolhe Deos, o que por ſeu amor havia de padecer, pedia mais. Ibid.

Z

Zelo.

DEos he muy zelozo de ſua honrra. S.V. num. 25.

FINIS.

ERRATAS DESTE SEGUNDO TOMO.

ERR.	CORR.
SERMAM I.	
Num.25. eſtenſaõ	-- extenſaõ.
num.44.*Romanam Eccleſiam præfru-*	-- *Romanam Eccleſiam cui præfuerunt &*
erunt	-- *fundamentis reædificaverunt.*
num.44.S.Bernardino	-- S.Bernardo.
num.50.amparaynos	-- emparaynos.
SERMAM II.	
Num.25.Dezamparo	-- Dezemparo.
num.32.para cair	-- para ſair.
num.46. para conſeguirdes de Deos,	-- para conſeguires de Deos, quanto lhe
quanto lhe pedirdes	-- pedires.
SERMAM III.	
Num.9.convertida	-- controvertida.
num.26.podia Caſſino	-- perdia Caſſino,
num.30.quando foy	-- quando fez
num.44.*Sylvaque*	-- *Sylvæque.*
SERMAM IV.	
Num.8.*propuerint*	-- *proruperint.*
num.11.como o meſmo.	-- como com o meſmo.
SERMAM V.	
Num.12.Anatomaticos	-- Anatomicos.
SERMAM VI.	
Num.31.Ainda que o animozo Pay	-- o Pay, ainda que animozo.
SERMAM VII.	
Num.18.infactivel	-- indefectivel.
num.24.*tu ſolus noſtri*	-- *tu ſolus noſti.*
SERMAM VIII.	
Num.36.*cui percat*	-- *cui parcat.*
SERMAM IX.	
Num.1.que a levanta	-- que a levantaõ.
num.5.a quem eſtaõ ſogeytos,	--a que eſtaõ ſugeytos
num.9.*vo rudis anima*	-- *ſuo rudis anima.*
num.13.Salomaõ	-- Salamaõ.
num.23.*propoſito ſibi gaudeo*	-- *propoſito ſibi gaudio.*
num.25.oiro das virtudes	-- ouro das virtudes.
SERMAM X.	
Num.14.naturalmẽte, e honeſtamẽte	-- natural, e honeſtamente.
num.28.*victa*	-- *vita.*
num.39.*urgerius*	-- *urgeris.*
SERMAM XI.	
Num.7.*intelligendum dum*	-- *intelligendum.*
num.36.impoſſivel,que padeſſeraõ	-- impoſſivel , que os condenados ſe
	-- achem aliviados das penas que pa-
	-- deſſeraõ.
SERMAM XII.	
Num.1.reſpoſtas	-- repoſtas.
ibid.reſpondeo	-- reſpondendo.

71-98
R.B. Rosenthal
17 Sept. 70

num.19.e diga-se -- e diga se
num.38.a grandeza -- da grandeza.
num.42.nem -- em

SERMAM XIII.

Num.14.A huns -- Ha huns.
num.15.vossa vida -- da vossa vida.
num.23.E he com tam -- E com tam.
num.38.tam longe -- muy longe.
num.41.querendo-vos -- querendo vòs.
num.42.estaes. -- estàs.

Na folha do titulo, e outros lugares antes do Sermaõ primeiro. a palavra SARAFINS, se deve correger SERAFINS. No titulo do Sermam quinto a palavra SESTA, corr. SEXTA. No titulo antes dos sinco Sermoens nas Tardes das Domingas da Quaresma, a palavra Discursos, corr. Discursados.

CA 730
P645v
v. 2